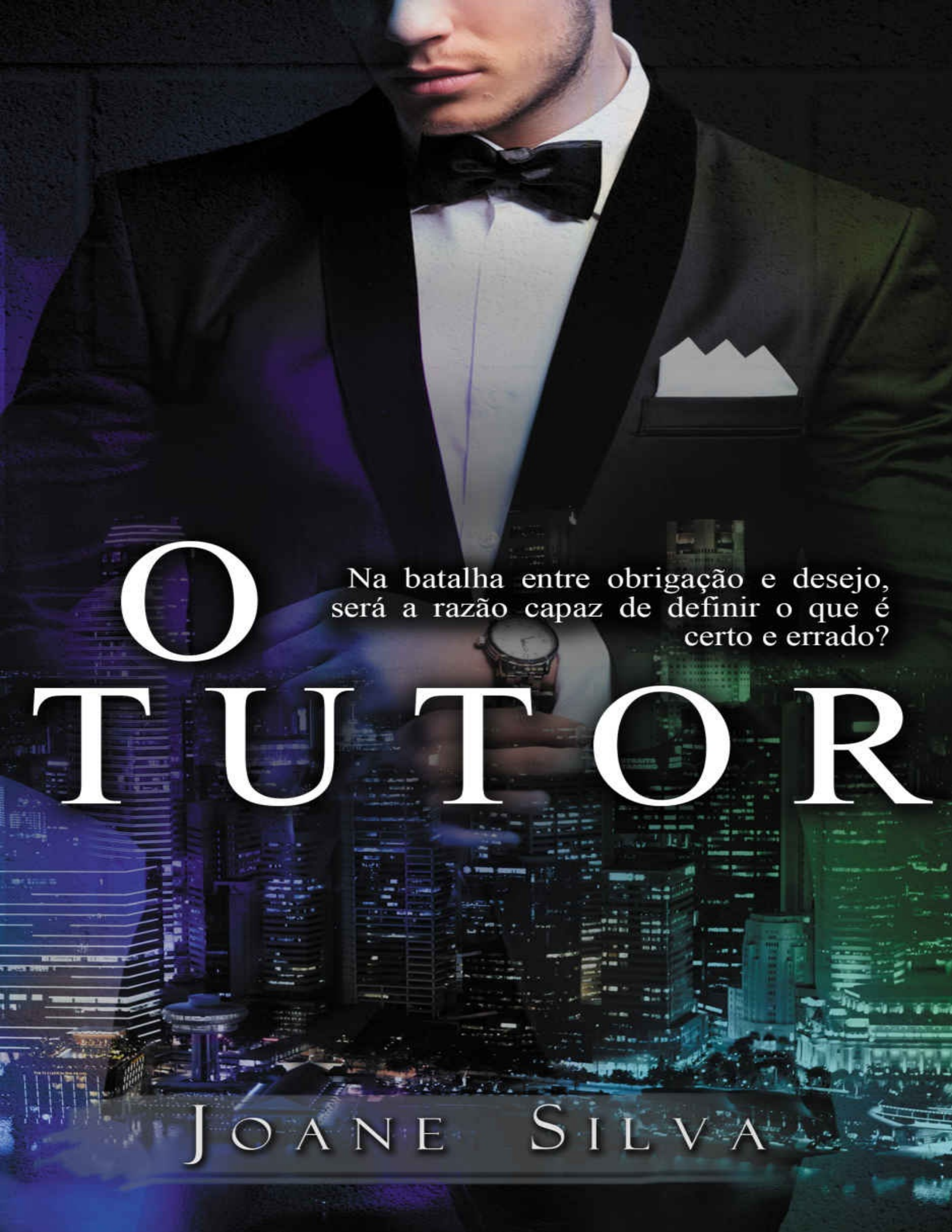


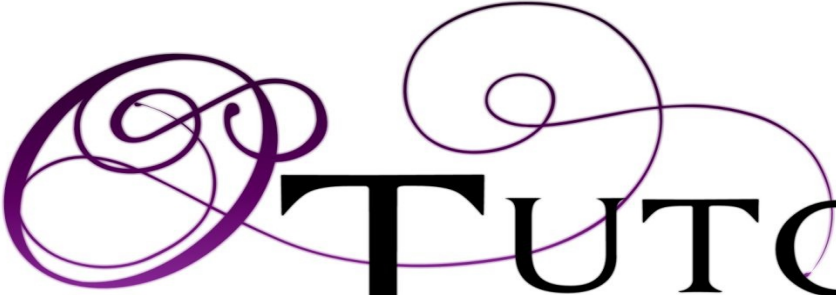


Na batalha entre obrigação e desejo,
será a razão capaz de definir o que é
certo e errado?

O TUTOR

JOANE SILVA





TUTOR

NA BATALHA ENTRE OBRIGAÇÃO E DESEJO,
SERA A RAZÃO CAPAZ DE DEFINIR O QUE É
CERTO E ERRADO?

Joane Silva

Sinopse

Marina sempre viveu uma vida perfeita, cercada de luxos e mimos. Até que, aos seus 17 anos, uma tragédia muda o rumo de sua vida: a perda de seu pai, único parente vivo e pessoa que ela mais ama, deixando-a desamparada e sozinha no mundo. E, para completar o pesadelo em que passa a viver, a garota se vê obrigada a viver sob a tutela de Erick Estevan, melhor amigo de seu pai, de quem guarda antigas e profundas mágoas.

Erick vê seu mundo inteiro virar do avesso com a chegada da filha de seu falecido melhor amigo aos seus cuidados. Tendo sua vida inteira planejada, a adição inesperada não seria um problema, se não fosse o doentio desejo que sente pela garota que viu crescer.

Marina é agora uma linda e proibida mulher, que assombra seus pensamentos e desperta sentimentos que o homem tanto luta para suprimir.

Na batalha entre obrigação e desejo, será a razão capaz de definir o que é certo e errado?

Copyright © **2018 Joane Silva**
1ª Edição

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Agradecimentos

Palavras nunca serão suficientes para expressar a alegria de ver um projeto como esse tomar as proporções que tomou e chegar até aqui.

Na árdua caminhada, é necessário saber que existem pessoas que acreditam e torcem pelo meu êxito e realização de um sonho e foram essas pessoas que me fizeram crer que seria possível. Para esses seres humanos deixo aqui o meu agradecimento e minha eterna gratidão.

Ao autor e consumidor da minha fé, pois, sem a sua presença nada disso seria possível.

Minhas irmãs, Ana Paula e Polliana, que sempre me deram forças e acreditam nos meus sonhos.

Meus sobrinhos, Victor e Artur, razões dos meus melhores sorrisos.

Meus queridos pais, Ana e Paulo, por tudo. Aqui não cabe citar a importância de vocês na minha vida e na luta pelos meus objetivos, faltariam linhas.

Com carinho, Joane Silva.

Sumário

Prólogo
Meu
Responsabilidade
Presente
Pego de surpresa
Sangrando
Perdas
O Tutor
Mudanças
Papai
Seus braços
Entrega
Intrusos
Acertos
No lugar do outro
Pratos limpos
Castigo
Um só
Cuidado
Fogo
Implicância
Bônus – Ângela
Academia
Rapidinha
A recepção
Leoa
Burburinho
Surpresa
Tudo que preciso
Compromisso
Chantagem
Tic-Tac
Distante
Sem saída
Sozinha
Saída
Água fria

Pazes
Descoberta
Plano
Cena
Por telefone
Por trás
Futuro
Pesadelo
Confidências
Trunfo
Fúria
Oficial
Noivos
Não durma
Resista
Por você
De volta
Matando a saudade
Relembrando
Caindo a ficha
Passado
Frustrado
O grande dia
Fugidinha
Eu e você
Para sempre
Epílogo

Prólogo

— Era isso que você queria, não era? – digo, ao imprensá-la contra a porta da nossa casa. — Você vai me pagar muito caro por ter deixado aquele merdinha te tocar, porra... – falo, cada vez mais irritado e excitado ao sentir o calor de sua boceta pressionando meu pau dolorido de tesão.

— Era isso sim, tio – sussurra no meu ouvido, aproveitando para chupar o lóbulo da minha orelha. — Queria te ver provando do mesmo veneno que eu. Eu nunca suportei te ver rodeado de putas. A vontade que eu tenho é de arrancar os cabelos delas com minhas próprias mãos, para que saibam que você é meu, só meu – assevera, com convicção, enquanto eu chupo seu pescoço avidamente. Meu Deus, o que essa menina tem para me tirar tanto dos eixos? Perto dela, me sinto como um garoto de vinte anos e não como um de homem de *quase* quarenta.

— Quero deixar uma coisa bem clara aqui, menina: nunca mais, tá entendendo? Nunca mais repita coisas como essa. Se eu sonhar que deixou algum desses moleques te tocar, eu acabo com ele e com você também – digo, ao dar um tapa na banda esquerda de sua bunda, fazendo com que ela dê um gritinho de susto. — Você é minha e só eu posso beijar essa boquinha safada. Só eu posso comer essa bocetinha quente – encerro, completamente dominado pelo tesão.

— Sim, sim – grita, ao me sentir bombear o pau no seu sexo, que de tão molhado, molou meu jeans escuro.

— O que quer que eu faça primeiro, *hum*? – pergunto, ao levar minha mão para baixo do seu vestido e afastar sua pequena calcinha para o lado, dando-me acesso à sua intimidade pulsante. — Me diz o que você prefere, meu amor. Quer meu pau aqui – coloco apenas a ponta do meu dedo indicador dentro da sua bocetinha. — Ou você prefere começar por aqui? – levo minha mão à sua bunda, acariciando de maneira cadenciada seu buraquinho apertado.

Meu

Marina

— Amiga! — pulo de alegria e saio puxando Ângela pelo braço, tirando-a do jardim da mansão que, no momento, encontra-se rodeada de adolescentes bêbados e felizes. Hoje estamos comemorando meu aniversário de 16 anos, e igualmente aos anos anteriores, meu pai permitiu que eu oferecesse uma festa para meus colegas do colégio. E aqui estamos nós. Para onde quer que se olhe é possível vislumbrar pessoas comendo, bebendo e se divertindo. Tudo sendo bancado por mim; a menina mais rica e popular do colégio. Longe de mim querer ser convencida, mas sei o poder que tenho, seja por minha beleza, seja por minha personalidade carismática e dominante, coisa que nem sempre traz bons frutos. Não foram poucas as ocasiões em que fui alvo de meninos maliciosos e garotas invejosas que se sentiam ameaçadas por minha mera presença em uma conversa. Mas não se engane com tudo isso, apesar do que possa parecer e de às vezes eu mesma demonstrar isso, eu não sou essa menina fútil e vazia que todos pensam. Não dou a mínima para a opinião desse povo ao meu respeito, aliás, tem somente uma pessoa que me importa e é justamente ela quem, inesperadamente, acabou de chegar para deixar minha festa mais interessante. — Não estou acreditando! Olha só quem acaba de chegar. O gostoso do Erick — digo, empolgada ao avistar seu carro adentrar a garagem.

— Marina, por favor! Qual o seu problema? Eu sei que ele é um cara lindo, sexy, gostoso e que basta um único olhar pra notar isso. Mas você já está me assustando com essa sua fixação por esse cara. Caia na real, amiga — percebo que ela já está brava. Sei que tenho enchido sua cabeça de tanto falar da minha paixão, mas, o que posso fazer se o Erick é meu sonho molhado desde que soube diferenciar o que é um pau de uma perereca? Além disso, para quem iria contar, senão para minha melhor amiga? Não é como se eu fosse sair por aí falando para qualquer um que tenho uma tara por um cara que tem idade pra ser meu pai e que, além disso, é o melhor amigo do próprio. — Sei que te falei milhões de vezes os motivos pelos quais isso nunca dará certo, mas vamos lá de novo, porque parece que minha linda melhor amiga é surda — reviro os olhos ao ouvi-la recomendar a ladainha de sempre. Eu já ouvi tanto os seus argumentos que até decorei.

— Pra começar, ele é tão mais velho que tem idade pra ser seu pai.

— O fato de ele ser mais velho não importa, não tenho qualquer

preconceito quanto a isso. Olha só pra ele, me diz se não é um tesão — argumento, o observando sair do carro.

— Não me interrompa — brinca ela. — Continuando: Ele é o melhor amigo do seu pai, pelo menos isso tem que ter alguma importância pra você. E, pelo que me falou, ele frequenta essa casa desde que a senhorita ainda usava fraldas — nisso ela tem razão. Mas procuro jogar esse pensamento para o fundo da minha mente. Não quero lembrar o tempo em que ele me enxergava e me tratava como sua bonequinha. — O que me lembra o mais importante disso tudo: VOCÊ NÃO TEM CHANCE COM ELE, MARINA — jogou os fatos na minha cara. Nada que me abale, até porque isso nunca me impediu antes. — Quando não está te ignorando, está te tratando friamente, e eu sei que isso te machuca. Será que não é melhor parar com essa loucura? Temo que um dia isso possa te machucar de verdade.

Por um momento, sinto o peso de suas últimas palavras. Não sei o que será de mim se ele realmente não me quiser. Não sei o que fazer sem sua presença em minha vida. Temo o dia em que ele vai se aquietar e querer formar uma família, e, se for para levar em conta a sua idade, o temido momento não está longe de chegar. É uma pena eu não permitir que isso aconteça.

— Obrigada pelos conselhos, querida, mas estou careca de ouvir motivos. Nada me importa além dele. O Erick vai ser meu e não vou deixar ninguém atravessar o caminho até ele. Sei que pensa que é loucura, mas sinto que ele tem sentimentos por mim, eu sinto como seu corpo reage à minha presença, apesar de ele negar.

— Marina só não quero...

— Chega disso, Ângela — interrompo o reinício do discurso. — Olha, lá vem ele — olho em sua direção, sentindo um frio na barriga.

Se prepare, Erick, hoje você não me escapa. Vai ser meu.

Sinto minhas mãos suadas e meu corpo trêmulo ao vê-lo parar a minha frente.

Responsabilidade

Erick

— Minha princesa, feliz aniversário — abraço a linda garota que vi crescer. Parece que foi ontem que vi ela vindo com seus passos cambaleantes em minha direção a cada vez que eu aparecia na porta de sua casa.

— Você sabe que não gosto de festas, né? Só vim hoje porque seu pai me intimou, diz ele que tem um assunto urgente a ser tratado comigo — justifico, observando sua reação decepcionada ao notar que não foi o motivo do meu comparecimento no dia do seu aniversário. — Ei! Não fica assim, amanhã você terá o seu presente, é nosso dia especial, lembra? — tento tirar a expressão triste do seu rostinho de boneca, minha boneca.

— Que alívio Erick, achei que você tinha esquecido disso — ela me abraça de supetão, e sinto meu corpo retesar quando ela beija a canto da minha boca.

— Quantas vezes eu falei pra você parar com isso, menina? — seguro seus braços, afastando-a de imediato. Não gosto nada da inédita reação do meu corpo ao seu toque malicioso. Um ano atrás, quando senti que os sentimentos de Marina por mim estavam se transformando, decidi não dar muita importância, até porque uma menina de quinze anos e com os hormônios em ebulição, não ofereceria nenhum perigo para um homem vivido e experiente como eu. No entanto, já fazem alguns meses que essa crescente fixação da menina vem me causado preocupações, o que é uma pena, já que a cada dia que passa sinto como se estivesse pisando em ovos ao estar do seu lado. O medo de que qualquer ato meu possa parecer um sinal positivo aos seus avanços tem me posto mais irritado e sendo muitas das vezes estúpido com a bonequinha.

A pior parte nisso tudo é o fato de eu não ser totalmente imune à sua presença. Sinto nojo de mim mesmo ao me pegar olhando-a enquanto toma sol à beira da piscina, ou quando reajo tão grosseiramente às suas investidas. Que tipo de homem eu sou? Sinto-me mal apenas em desconfiar que possa sentir tesão por uma menina de dezesseis anos, que praticamente vi crescer. Sem esquecer-se de acrescentar o mais grave dessa história toda: ela é filha do meu sócio e melhor amigo, ou seja, isso tem que acabar!

Tenho que destruir essa ilusão da minha menina, ela não pode pensar que está apaixonada por mim ou ter a esperança de que algum dia essa estranha relação entre nós se transforme em um caso amoroso. Preciso me afastar dela. É isso, vou falar com João o que anda se passando entre a gente e pedir que ele de

alguma forma nos afaste, sem que eu tenha que lhe magoar — isso eu não suportaria.

— Isso o quê? — diz, fazendo um biquinho inocente com sua boquinha rosada. — Nem um abraço de parabéns eu posso te dar? Qual o seu problema? — faz cara de ofendida em sua indagação, como se eu não conhecesse sua tática de sedução, tão sutil quanto uma manada de elefantes em uma loja de cristais. Não que sua imaturidade para o flerte ajude em algo na minha situação, pelo contrário, sua inexperiência apenas me deixa mais possessivo com ela. Não consigo imaginar qualquer um desses moleques cheios de hormônios com as patas em cima dela.

— O problema, boneca, é que nós dois sabemos que isso não foi apenas um abraço, pelo contrário, de inocente ele não teve nada — digo, dando uma batidinha com o dedo indicador em seu narizinho arrebitado.

— Onde vamos amanhã, Tio? — faz a pergunta provocante. Nada que já não tenha feito antes; ela primeiro provoca e depois me ataca lembrando nossa diferença de idade ao me chamar de tio. — Nada de restaurante caro. Quero que seja algo especial de verdade, um lugar só nosso — pede, enquanto passa a mão em meu peito por cima da camisa social.

— Não se preocupe com isso, meu anjo, apenas fique bem linda que eu cuido do resto — nisso estou sendo sincero, pretendo ter um dia agradável ao lado dela, afinal, não sei como serão as coisas entre nós daqui para frente. Preciso me manter firme e fazê-la entender que esse lance nosso, seja lá o que isso for, não pode continuar.

— Tá bom — diz, com uma animação contagiante. — Não vejo a hora de ser logo amanhã.

— Ok, princesa, agora deixa eu falar com aquele velho ranzinza — brinco, referindo-me ao seu pai, meu sócio e amigo mais próximo. O que me leva a perguntar a razão de ele me chamar na sua casa em pleno domingo à tarde.

Ao entrar, encontro João sentado em volta de uma pilha de papéis. Essa é a vida dele desde que sua esposa o abandonou quando Marina ainda era um bebê. Argumentando ser ainda muito nova pra ficar presa dentro de casa, a megera foi embora sem nem olhar pra trás, e desde então nunca mais se ouviu falar na criatura. Espero que assim continue; eu e João fizemos nossa princesa acreditar que a mãe morreu quando ela era recém-nascida, e nisso ela acreditou até completar idade suficiente para querer saber o motivo da morte da mãe. Sem saída, meu amigo acabou por confessar o abandono. Como era ainda muito nova, Marina não sentiu tanto a perda quanto sofreria se fosse mais velha, ela simplesmente aceitou e nunca mais tocou no assunto.

— Será que nem no aniversário de sua filha você deixa os negócios de

lado, cara? — pergunto, sem, no entanto, esperar pela resposta. — Acho que nosso escritório traz lucros mais que suficientes para permitir que você desfrute um domingo com Marina.

— Acho comovente essa sua preocupação com minha filha, Erick, sei que você gosta muito dela, mas acho que não preciso te lembrar que *eu* sou o pai, né? — se ele soubesse a realidade da minha relação com sua filha, não estaria enciumado com a ideia de que queira tomar seu lugar de pai.

— Eu sei, meu amigo, até porque não tenho idade para ser pai dela — brinco, descontraindo o ambiente. É claro que tenho idade pra isso, tenho trinta e quatro anos, seis a menos que ele.

— Sem gracinhas, Erick, o assunto aqui é sério — olho em seus olhos e começo a me preocupar com o que vejo neles.

— O que seria tão sério que fez você me tirar de casa em pleno fim de semana? — indago, já aguardando a bomba.

— Você sabe que desde que a Cristina nos abandonou, a única pessoa que eu e minha filha temos é você.

Isso é verdade; João não confia em muitas pessoas, não depois do que sua esposa fez. Eu, no entanto, sou o mais próximo de família que eles têm e sei que ele confia em mim.

— Sei, sim, meu amigo. Mas diga logo o porquê disso aqui.

— Não é nada demais — diz ele. — Eu apenas estive pensando em algo, e percebi que minha filha não pode ficar desamparada, caso algo me aconteça antes dos seus vinte e um anos.

— Nunca pensou porque você tem a saúde de ferro e vai viver por mais uns sessenta anos.

— Pode ser, Erick, mas eu não posso arriscar assim com a vida dela, entende? — compreendo sua preocupação, sei que apesar de viver trabalhando, meu amigo ama muito sua filha.

— Claro que te entendo, e onde eu entro nisso tudo? — tenho medo da resposta.

— Eu quero que você me prometa que irá cuidar dela, no caso de algo me acontecer e por um acaso eu vier a lhe faltar. Preciso saber que minha menina não estará sozinha, faz isso por mim, Erick? — olho para ele, sem acreditar no que acabei de ouvir.

— Pare de falar besteiras, homem, nada vai te acontecer. Você mesmo cuidará dela, até que se torne independente.

— Quero que me prometa só isso, do resto eu cuido — vejo seu olhar suplicante. O que está acontecendo com ele?

— Eu prometo, João, cuidarei dela com a minha própria vida, se um dia

ela precisar. E vamos mudar essa conversa, porque não tem nenhum sentido, você tem saúde pra dar e vender. Vá, saia daí. Vamos nos divertir um pouco com aqueles garotos lá fora.

Inferno, subi disposto a contar-lhe como andam as coisas entre eu e sua filha e acabei com uma promessa de cuidar da própria. Espero que isso nunca aconteça.

Pelo visto, eu mesmo terei que tomar minhas providências.

Presente

Marina

— É hoje, Brasil! — pulo da cama logo cedo. É hoje que Erick vai conhecer a verdadeira Marina. Não que eu espere que ele vá beijar minha boca e declarar amor eterno. Posso ter acabado de completar dezesseis anos, mas a falta de noção característica da maioria dos adolescentes não faz parte da minha personalidade. Tenho consciência da minha idade e do fato de ele ser um homem maduro, de trinta e quatro anos.

Preciso fazê-lo entender que os sinais mandados durante esses meses não são uma ilusão ou apenas joguinhos de uma adolescente deslumbrada pela ideia de se relacionar com um homem mais velho. Quero apenas deixá-lo consciente da veracidade do que sinto, que me dê a esperança de um dia, quando a barreira da diferença de idade não tiver um peso tão grande, possamos nos relacionar da forma que sonho desde meus quinze anos. Não quero que ele me veja como uma menina boba, a filha do seu melhor amigo, e sim como a mulher que será a mãe dos seus filhos, um dia.

Já que madruguei, dedico as primeiras horas da manhã para ficar linda para o encontro. E como necessito ser notada por ele, visto-me com roupas mais ousadas e pouco recomendadas para uma adolescente. No rosto, a maquiagem escolhida em nada lembra o rosto da criança que ele insiste em enxergar. Tenho certeza de que seria facilmente confundida com uma mulher de, no mínimo, vinte anos.

Que bom! É isso que eu quero.

Preciso que ele vislumbre minha imagem aos dezoito; que entenda que não serei para sempre uma adolescente.



— Erick — algum tempo depois, desço as escadas, correndo ao seu encontro. — Estava em cólicas te esperando — digo, ao lhe tascar um beijo no pescoço.

— Oi, princesa, eu prometi que vinha, não foi? — isso é verdade. Esse tem sido nosso ritual desde que me entendo por gente.

Como não é lá muito chegado à festas como as minhas, ele deixa para comemarmos meu aniversário no dia seguinte.

Sempre atencioso, prepara uma surpresa diferente todos os anos; além dos presentes especiais, que guardo como um tesouro em meu quarto.

— Espero que esteja preparada para o passeio, minha linda. Tenho certeza de que será inesquecível — fala num tom presunçoso. O que não deixa de ser verdade, já que, provavelmente, seja ele a segunda pessoa que mais me conhece. A primeira é papai.



Depois de uma longa viagem, chegamos a uma linda reserva florestal. Há árvores enormes por todos os lados; a grama verde e bem aparada dá uma aparência cuidada ao local e, ao ficarmos em silêncio, é possível ouvir o barulho da cachoeira ao fundo.

— Que lugar lindo, Erick — lhe abraço, emocionada. — Isso aqui é o paraíso, muito obrigada por me apresentar.

— Por nada, princesa, você já deveria saber que te conheço o suficiente pra saber que prefere vir aqui a ter que ir a um restaurante sofisticado.

— Tem razão — abro os braços e inspiro o ar puro do local. — É disso que eu gosto. A simplicidade da natureza; a grama úmida sob meus pés, o barulho da cascata — fecho os olhos, sentindo o vento balançar meus cabelos.

— Então venha, meu amor — me puxa. — Olha aquilo ali — aponta para um local um pouco mais adiante.

Quando avisto a surpresa, entendo o porquê de amá-lo tanto. Ali, sobre a grama fresca, repousa uma toalha xadrez em tons de azul e branco. Sobre ela, estão diversos tipos de alimentos, que vão desde pequenos pedaços de bolos acompanhados de jarras de sucos, até diversos tipos de doces. Ali tinha comida para um batalhão. No entanto, o que mais chama a minha atenção no cenário são os vasilhinhos de girassóis que enfeitam o local. Até nisso ele prestou atenção.

— Você não existe. De todas as surpresas que já fez, essa está sendo a mais linda. Obrigada — digo, deslumbrada com sua iniciativa, pois sei que não gastaria seu precioso tempo preparando isso para alguém que não fosse importante em sua vida.

— Espero que goste do nosso café da manhã. Como não sei do que gosta, trouxe um pouco de tudo — justifica-se.

— Está perfeito, vamos? — seguro sua mão, indo em direção ao nosso piquenique. Hoje, sinto-me mais feliz do que me lembro de ter estado um dia.

E assim continuo durante as várias horas que se seguem. Depois de comermos, vamos explorar o paraíso. Sentamos em cima de uma pedra e

passamos um tempo conversando sobre nossas vidas. Descubro com um imenso alívio que ele está solteiro. Não que eu acredite que isso seja uma verdade absoluta. Sei que tem seus casinhos sem compromisso. Erick é um homem viril e que provavelmente não vive sem sexo. Também lhe conto que pretendo ser fotógrafa e que provavelmente iniciarei um curso profissionalizante em alguns dias. Coisa que tanto ele quanto papai entenderam muito bem. Afinal de contas, é difícil imaginar-me trancada durante horas em um escritório de advocacia, assim como eles fazem. Eu respeito muito a profissão e o império que construíram, apenas não quero o mesmo para mim.

Durante todo esse tempo, o sinto relaxar como nunca antes. Nesses momentos, sinto como se nossas diferenças não existissem, como se falássemos de igual para igual e não como um homem e uma adolescente.

Já no final do dia, por volta das 18h, voltamos de mãos dadas para onde fizemos nosso piquenique.

— Nossa, estou exausta — digo, sentando com as pernas cruzadas em cima da toalha xadrez. — Mais uma vez, obrigada, Erick. Esse com certeza será lembrado como um dos melhores dias da minha vida.

— Isso não foi nada perto do que eu seria capaz de fazer por você, princesa. E tenha calma que a verdadeira surpresa ainda não acabou — diz, discando em seu celular.

— Pode trazer, Jorge — pede misteriosamente para o motorista.

— Trazer? O que você está aprontando?

— Calma, menina. Deixa de ser curiosa. Olha lá, seu presente está vindo — olha na direção de Jorge, que se aproxima com uma caixa pequena nas mãos.

— Aqui está, chefe — entrega a caixa.

— Obrigado, Jorge, já pode ir. Deixa que conduzo o carro agora na volta. O homem entrega as chaves e sai na direção oposta.

— Espero que goste — entrega-me a caixa, que não pesa quase nada.

— Que coisa fofa, Erick! — digo, ao tirá-lo da caixa apertada. — Meu Deus, que amor — beijo a cabecinha do filhote de gatinho. O animalzinho é pequeno e tem a pelagem branquinha como a neve. Os olhos são azuis como o céu em dia limpo.

— Gostou? Quis te presentear com algo que ainda não tinha e que tivesse um valor especial para nós dois, minha linda — olha intensamente em meus olhos ao acariciar a cabecinha do nosso filho.

— Tá, mas não pense que serei mãe solteira, não. Você também terá responsabilidades com ele, já que será o pai.

— Pai? — diz, surpreso

— Sim. Pai — digo, divertida. — Tá vendo, Floquinho de Neve? Sou a

mamãe e esse homem com cara de mau é seu papai.

Levanto o olhar e ele retribui de forma intensa. O clima que se instalou entre nós é quase palpável. Não conseguindo conter os sentimentos sufocantes, aproximo-me mais um pouco e falo sem pensar:

— Eu te amo, Erick...

Pego de surpresa

Erick

— Eu te amo, Erick — diz ela, bem próxima, olhando em meus olhos. Fico momentaneamente lhe encarando, sem saber como reagir. Apesar de saber desde o início das ilusões que ela vem tendo sobre nós dois, ouvi-la dizer assim, tão diretamente, me assusta como o diabo.

— Eu também te amo, princesa — digo, passando a mão em seu rostinho de menina. — Você é como se fosse minha família. Seu pai é um irmão e você é praticamente minha sobrinha – minto.

— Não sou sua parenta, tá me entendendo? — diz, enfurecida, tirando bruscamente minhas mãos do seu rosto. — Não sou uma criança e muito menos sua sobrinha. Sou mulher formada, será que você não percebe isso? — fala, emotiva, em mais uma rápida mudança de humor – característica marcante de uma imaturidade nada incomum em meninas da sua idade.

— Pra mim, você sempre vai ser aquela garotinha que vi crescer — reforço. Mas já não a vejo assim há um bom tempo. Até mais tempo do que seria o recomendado. Para ser bem sincero, Marina tem deixando meu sangue quente apenas por respirar ao meu lado, fato que não tem me deixado dormir à noite. Sinto-me sujo a cada pensamento impuro que tenho a seu respeito.

— Garotinha? Então que tal isso? — pergunta, ao abrir os botões de sua camisa, que outrora ostentava um decote pouco indiscreto. — Isso te parece adulto o suficiente? — termina de abrir os botões e abre as duas partes da blusa. No mesmo instante, sinto o fôlego me faltar. Diante dos meus olhos está a constatação final de que ela realmente cresceu. Escondido sob o sutiã de renda preta, estão seus lindos seios, que têm o tamanho ideal para segurá-los em minhas mãos. Eles ostentam algumas pequenas sardas que fazem minha boca salivar por vontade de beijar e lambe cada sinal ali exposto.

Foco, Erick! Foco!

— Qual é o seu problema? Ficou louca? É assim que você age nas festinhas, com seus amiguinhos? Mostrando o corpo como uma vadia? — digo, e sinto o forte tapa da sua pequena mão no meu rosto.

Ao ver seus olhos marejados me encarando, percebo que exagerei em minhas palavras.

A única justificativa que tenho para essa atitude exagerada é o fato de o ciúme me corroer por dentro, somente por imaginá-la fazendo isso com outros. Não quero que ninguém ponha os olhos compridos nela. Sei que isso não é certo,

uma vez que não tenho a intenção de reivindicá-la. Porém, essa é uma coisa que não consigo controlar.

— Nunca mais me ofenda dessa maneira. Você não tem ideia do que está falando. Não entende que eu te amo? Me magoa muito ouvi-lo falar assim. Eu sou uma mulher e quero ser a *sua* mulher — coloca as duas mãozinhas em meu peito, indo direto ao ponto.

— Não, Marina, você não me ama. Isso aí é apenas coisa da idade, daqui a algumas semanas estará apaixonada por um garotão e nem lembrará desse velho aqui — sinto uma dor apenas em imaginar isso acontecendo, não quero pensar nela com outro.

— Isso nunca, pra mim só existe você. O que sinto não vai passar. Sei que não podemos ter nada agora, mas queria que promettesse me esperar. Que quando eu for maior, nós poderemos ficar juntos como um casal — pede, com os olhos em expectativa.

— Já disse que não. Para com isso, menina. A idade é o de menos, até porque você vai envelhecer. O que eu não quero é trair a confiança do meu amigo. Jamais me perdoaria se perdesse a confiança do seu pai — digo, tirando suas mãos do meu peito.

— Esquece isso, Erick, ninguém precisa saber, só a gente — diz, com o rosto tão próximo que sinto seu hálito doce em meu rosto.

— Marina, eu... — seguro seus ombros, na tentativa de afastar seu calor sedutor.

— Não pense, Erick, apenas sinta — segura minha cabeça e cola sua boca na minha.

É nesse momento que sinto minha vida sair de foco. De repente, sem ao menos esperar, vejo-me com os lábios colocados na garota que vi crescer, minha menina. E que Deus me perdoe, mas que boquinha gostosa.

Se a sensação de ter seus doces lábios juntos aos meus é indescritível, imagina como seria tê-la por inteiro sobre meu corpo. Sinto ela meio insegura ao movimentar a boca desajeitadamente, o que faz meu pau subir a meio mastro, somente pela certeza de que nem ao menos sua boca pertenceu a outro homem. Sou o primeiro, e que Deus me ajude, mas quero ser o primeiro em tudo. Ensiná-la a me dar e receber prazer.

Já ao ponto de perder completamente o controle, em vias de arrastá-la rumo ao local mais reservado do parque, decido tomar as rédeas da situação. Separo sutilmente nossas bocas e, olhando em seus olhos anuviados de desejo, digo:

— É assim que se faz, bebê — colo novamente nossas bocas e vou entreabrindo seus lábios macios com a ponta da minha língua, até tê-la

completamente dentro, e assim, com movimentos lentos e calculados, consigo-a totalmente entregue. Timidamente, Marina começa a imitar meus movimentos, passando a sugar minha língua para dentro de sua boca.

E nisso, não sei se passaram-se segundos, minutos ou horas. Quando dou por mim, nós dois estamos nos agarrando no meio do parque como dois loucos, em uma confusão de dentes e línguas que seria descrito como atentado violento ao pudor por uma pessoa mais conservadora que nos visse assim. O filhote? Não sei onde foi parar. Só sei que nos braços dela não está, já que tem suas mãos ocupadas, tentando arranhar minhas costas com suas unhas afiadas. A parte mais alegre na minha anatomia encontra-se sufocada entre nossos corpos, tão juntos quanto é humanamente possível.

Minha nossa, preciso entrar nela, preciso marcá-la como minha, penso, ao soltar sua boca e dar pequenos beijos e lambidas em seu pescoço perfumado.

— Vamos sair daqui, Erick, preciso de você — diz, rouca de tesão. — Me faça sua, sei que você quer isso.

Quero, quero muito isso. É tudo o que eu mais quero nesse momento.

Espera um pouco, eu estou mesmo caindo na armadilha de uma adolescente? Ela está claramente tentando me seduzir; e eu, fraco como sou, quase me deixei sucumbir ao desejo, esquecendo todas as razões para isso ser errado.

— Não, Marina, para com isso. Não podemos continuar. Me perdoe se dei essa impressão — digo, virando-me de costas. Ela não pode perceber o quanto está sendo difícil falar isso.

— Para de mentir pra mim e pra você mesmo. Eu sei o que senti nesse beijo e em seu corpo, Erick. Vi que me deseja tanto quanto eu te quero.

— Não, foi apenas um momento de fraqueza que não vai mais se repetir.

— Mentira, você está mentindo — abraça-me por trás, deitando sua cabeça em minhas costas. Tremo, com medo de ela sentir as batidas frenéticas do meu coração, entregando meus verdadeiros sentimentos.

— Para com isso, menina, não quero te magoar — solto suas mãos da minha cintura e viro-me para encarar seu rosto. — Você precisa de um rapaz da sua idade e não de um homem que não pode te dar o que você procura — Deus! Como me dói dizer isso. Meu coração parte ao ver seus olhos marejados.

— Não acredito em você, seu corpo não mente — fala, maliciosamente, olhando minha ereção. — Me leva daqui, sim? Quero que seja meu primeiro e último homem — agarra-me novamente e tenta me beijar outra vez.

— Já chega — seguro seus pulsos firmemente. — Eu quis fazer isso da melhor forma, mas você não me dá outra escolha — sofro com o que virá a seguir. — Eu não te quero, tá me ouvindo? Acha mesmo que eu me prenderia a

uma pirralha mimada como você? Eu posso ter a mulher que eu quiser e não me contentaria com a filha do meu amigo, que ainda fede a leite — jorro, cruelmente. — E sabe do que mais? Eu nunca gostei realmente de você. Sempre tive pena da pobre menininha rejeitada pela mãe, você me cansa — despejo, até ser interrompido por um novo tapa no rosto.

Em seus olhos, vejo uma dor que não sei se um dia conseguirei esquecer. Eles se esvaem em lágrimas, quando pouco a pouco vão mudando para uma frieza que me assusta.

— Entendi — diz, pausadamente, ao limpar o rosto. — Finalmente me fez enxergar. E não se preocupe, nunca mais será obrigado a olhar pra uma pessoa que tanto detesta.

— Como assim, nunca mais? — vira-se de costas, indo em direção à entrada do parque, mas não sem antes pegar o filhote na grama.

— Marina, volte já aqui, porra! — grito, mas sem sucesso.

— Jorge, vá atrás dela, por favor — ligo imediatamente. — Não a perca de vista.

Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Sangrando

Marina

"Eu não te quero, tá me ouvindo? Acha mesmo que eu me prenderia a uma pirralha mimada como você? Eu posso ter a mulher que eu quiser e não me contentaria com a filha do meu amigo, que ainda fede a leite..."

"Eu nunca gostei realmente de você. Sempre tive pena da pobre menininha rejeitada pela mãe, você me cansa..."

Coloco as mãos nos meus ouvidos, na fracassada tentativa de calar a voz cruel de Erick ao me falar todas essas coisas. Meu Deus, como pude ser tão burra? Me iludi ao ponto de não notar que, além de não me querer como mulher, ele nunca gostou de mim. Sempre me viu como a pobre menina sem mãe.

Corro, e continuo correndo até sentir uma mão me segurar pelo ombro. Olho para trás, com a tola esperança de ele ter vindo atrás de mim.

— Senhorita Marina, o chefe pediu pra levá-la pra casa. Entra no carro, por favor – pede, com um olhar suplicante, e eu vejo Floquinho nos seus braços.

— Não, eu não vou entrar nessa porcaria. E faça um favor pra mim? Manda ele ir se foder. Que nunca mais me procure. Acabou! – sentencio duramente, antes de ver um táxi se aproximando. Dou sinal ao taxista, pego meu filhote e embarco, deixando para trás esse capítulo da minha vida.



— Que filho da puta – esbraveja Ângela, depois de ouvir tudo o que Erick me falou.

— A culpa é minha, amiga. Eu que não devia ter me iludido dessa forma. Burra, burra, burra – é assim que me sinto. Meu coração está sangrando com as coisas duras que ouvi dele. Esse homem não é o mesmo que conheço e aprendi a amar quando nem mesmo sabia andar. Lembro-me das tardes de domingo, quando, no auge da minha inocência, saía correndo ao seu encontro. Quando ele amorosamente me dava toda a atenção possível. Tinha uma paciência invejável com a criança pegajosa que devo ter sido.

E tudo isso para quê? Para depois de tantos anos descobrir, da forma mais cruel, que nada disso foi me dado espontaneamente, que cada carinho dado a mim foi fruto de um sentimento de pena. Choro ainda mais ao relembrar.

— Para já com isso, Marina. Sei que deve estar doendo muito, mas você

não pode ficar chorando por esse homem escroto. Homem não, moleque! Como ele pôde lhe dizer tanta crueldade?

— Não fala assim, Ângela, ele simplesmente teve a coragem de abrir o coração e falar o que pensa. Imagina o quão difícil deve ter sido aguentar uma pessoa como eu durante todos esses anos – deprecio-me como só uma pessoa que acabou de ser rejeitada é capaz de fazer.

— Cala essa boca, Marina – levanta furiosa da minha cama, onde estávamos deitadas desde que lhe liguei chorando e pedi para ela vir me ver. – Para de se colocar pra baixo. Você é linda, amiga. Será que não percebe isso? Olha como ficam os caras do colégio quando estão na sua frente. Se ele não consegue ver a mulher maravilhosa que está perdendo, o problema é dele, tá me ouvindo? – ouvir minha amiga é sempre um conforto. Dona de uma beleza natural, Ângela tem a seu favor o fascínio que me acusa exercer sobre os garotos do colégio. E se tem uma pessoa que merece ter o melhor dessa vida, essa pessoa é a Ângela.

— Obrigada, querida – sento-me, na tentativa de secar as lágrimas que insistem em continuar descendo. – Não sei o que faria sem você. Muito obrigada, te amo – dou-lhe um abraço emocionado.

— Para de ser boba – afasta nossos corpos a fim de secar meu rosto. – Bora, vamos sair desse quarto e curtir uma balada. É disso que você precisa. Vamos ficar bem gostosas e pegar uns gatinhos, quem sabe não é hoje que você tira a teia de aranha dessa periquita – solto um risinho ao ouvi-la. Só Ângela mesmo para me fazer sorrir em um momento como esse.

— Tá bom, sua doida, me deixa escolher um look aqui – estou dirigindo-me ao closet quando ouço alguém bater na porta do meu quarto.

— Pode entrar – grito, distraída.

— Sou eu, senhorita – escuto a voz de Márcia, minha antiga babá e agora governanta da casa.

— Oi, Bá, aconteceu alguma coisa com papai? Ele tá bem? – pergunto, preocupada.

— Não, minha menina, seu pai tá bem – diz, apreensiva.

— Então o que houve, Bá?

— O senhor Erick está lá embaixo pedindo pra falar com a senhorita.

Agora entendi sua apreensão. Márcia certamente deve ter visto meu desespero ao chegar.

— E agora, Ângela, o que eu faço? – pergunto, incerta do que quero.

— Não, não se atreva a descer aquelas escadas, Marina – se apressa em dizer. Afinal, acabei de encher sua cabeça com minha desilusão.

Eu queria ser forte como ela, pena que não sou. A verdade é que,

enquanto estou aqui lhe questionando sobre como devo agir, meu tolo coração tomou a dianteira e decidiu por mim. E mais uma vez meu lado racional levou a pior nessa disputa.

— Desculpa, amiga, mas eu tenho que descer e falar com ele – digo, culpada, pois sei que ela não aprova minha atitude, não depois de ter dito tudo que aconteceu entre nós dois. – Essa é a última vez, prometo!

— Vai logo, Marina, sei que não vai adiantar eu falar pra não ir.

— Volto num instante e a gente sai – dou um beijinho no seu rosto.

Saio correndo pelo corredor que dá acesso a escada, diminuindo o ritmo ao alcançar os primeiros lances. Não quero que ele pense que estou ansiosa pra vê-lo.

— O que quer aqui, Erick? Acho que já falamos tudo o que tinha pra falar, não? – digo, assim que alcanço o último degrau. Assustado, Erick vira de frente e me encara firmemente.

— Vim saber se você está bem. Me desculpa, Marina, não foi minha intenção magoar você – ele só pode ser bipolar, não é possível que depois de tudo que falou ele ainda tenha a cara de pau de vir pedir desculpas, como se fosse fácil esquecer o que ouvi.

— Se era só isso, já pode ir embora – aponto o dedo na direção da porta.

— Não! Antes você precisa me ouvir – assevera, em tom de desespero e agarrando meus braços com uma força desnecessária. – Você precisa entender...

— Larga meu braço, Erick, você tá me machucando – peço.

— Desculpa, linda, nem sei o que tá acontecendo – pede, com um olhar meio perdido, e apesar de ter ficado muito magoada com suas palavras, seu estado faz com que eu me questione se eu não peguei muito pesado na forma como revelei meus sentimentos. Talvez ele ainda não estivesse preparado, assim como eu também não estava pronta para sua rejeição.

— Acho melhor você ir pra casa, você não está bem, cara. É melhor deixarmos tudo como está – digo, sem conseguir olhar nos seus olhos.

— Não. Você precisa entender – diz, tentando novamente me tocar. – Me perdoa, nada daquilo é verdade. Eu te amo, minha princesa. Você nunca foi um peso pra mim. A sua presença na minha vida foi um presente, trouxe a luz que faltava ao meu dia a dia tão corrido e muitas vezes solitário – olha-me, magoado ao ver eu me afastar de seu toque.

Nunca imaginei que um dia o veria tão vulnerável como o vejo agora.

— Você me magoou muito, Erick. Abri meus sentimentos e você zombou deles.

— Eu sei. Me envergonho da forma como agi, precisava fazer você entender.

— Entender? – interrompo, confusa.

— Sim, entender que uma relação amorosa entre nós dois nunca irá acontecer. Entender que isso que você sente não é algum tipo de amor ou paixão. Creio que apenas confundiu o afeto que sempre nos uniu com uma atração física – diz, sem conseguir olhar dentro dos meus olhos.

— Chega! – falo mais alto do que deveria. – Sei que você acha que minha idade governa meus sentimentos e pensamentos, mas está completamente enganado. Eu sei o que sinto, você não vai me convencer do contrário.

— Marina, por favor! Seja um pouco mais razoável – passa a mão rudemente pelos cabelos, numa clara demonstração de nervosismo. Ele sempre faz isso em situações extremas.

— Seja razoável você – perco de vez o controle. – E já que não estamos nos entendendo quanto a isso, acho que é melhor nos mantermos afastados por um tempo.

— Marina, por Deus, não faz isso... – dá um passo à frente ao mesmo tempo em que dou um para trás.

— Preciso disso, Erick, juro que não estou com raiva de você. Já entendi tudo que você falou. Mas no momento, quero que entenda meu lado – uma lágrima solitária cai do meu olho. Finalmente entendi que estava vivendo uma ilusão.

— Marina...

— Saia, por favor – indico a porta.

— Tudo bem, mas não vou me afastar. Estarei por perto, como sempre estive – fala com convicção, e sei que essa não é uma promessa vã, pois mesmo que não seja da forma que eu quero, ele sempre estará presente.

— Tudo bem, faça o que quiser – viro-lhe as costas para não vê-lo ir embora. Não posso fraquejar e implorar por seu amor mais uma vez.

— Adeus, meu anjo – ouço seus passos cada vez mais distantes.

Após ouvir o bater da porta, jogo-me no enorme sofá da sala, deixando as lágrimas presas rolarem. Lágrimas amargas da perda de um amor impossível, da perda de uma amizade.

Permito-me chorar e sofrer por ele pela última vez. Porque depois que elas secarem, seguirei em frente, esquecendo que um dia nutri um sentimento além de amizade por Erick Estevan.

Perdas

Marina

Um ano e seis meses depois...

— Ah, papai, quanta saudade – digo, enquanto toco a foto emoldurada no seu túmulo. — O que será de mim sem o senhor? – choro copiosamente. Passaram-se trinta dias e a dor que sinto hoje é a mesma que senti no dia em que papai deu seu último suspiro. Depois de ter vivido todos esses anos sem a presença de uma mãe, tranquei em minha cabeça a possibilidade de um dia também ficar sem meu querido paizinho. E aqui estou eu, de joelhos perante um túmulo frio e chorando sua perda.

Em seus quarenta e um anos de vida, papai sempre teve uma saúde de ferro, não dando em nenhum momento sinais de que poderia um dia sofrer de alguma doença mais grave, até o dia que em que foi parar na emergência por causa de um súbito desmaio, e de lá nunca mais saiu.

Diagnosticado com câncer no pâncreas, meu pai passou quase um ano lutando contra a morte, perdendo a luta no momento em que suas forças se esgotaram e seu corpo, já cansado demais pra lutar, decidiu descansar.

— Te amo, papai – deixo uma única flor azul em cima da bela lápide. — Virei sempre lhe visitar, tá? – passo a mão carinhosamente sobre sua foto ao levantar-me.

— Ele estará olhando por você, tenha certeza – essa voz... — Agora vamos para casa, anjo, você não está bem. Precisa descansar um pouco – diz com a voz embargada.

— Erick? – viro-me, surpresa em vê-lo aqui. Sei que ele também está sofrendo muito pela morte do amigo. A ligação que um tinham com o outro era como a de irmãos de sangue ou até maior. Talvez a minha surpresa se deva ao fato de não ter conseguido evitar esse encontro, assim como tenho conseguido fazer durante todos os meses que se passaram desde a nossa última conversa.

Em todas as ocasiões em que estive em minha casa, seja em reuniões de negócios ou nas visitas informais que costumava fazer a papai, evitei o máximo estar presente. E nas vezes em que isso não foi possível, nos portávamos como dois estranhos, eu principalmente. Não foram raras as ocasiões em que ele tentou se reaproximar, seja com mais pedidos de desculpas, seja tentando reaver a amizade e cumplicidade que um dia tivemos. Um dia ele finalmente se cansou e passou a retribuir o mesmo tratamento com o qual vinha sendo tratado. E assim

tem sido nossa relação desde então; ele olhando-me distante, quando achava que eu não estava percebendo, e eu tratando-o apenas com a educação que a boa etiqueta pede.

Vendo-o aqui, nesse momento tão sofrido das nossas vidas, é que tenho a real dimensão do quanto nosso afastamento me faz mal, do quanto a sua perda ainda me corrói as entranhas. Deve ser esse o motivo de eu ter evitado tanto sua tentativa de aproximação, não posso e não quero mais passar pela dor que foi perdê-lo. Meu pai me deixou recentemente, mas o Erick, a segunda pessoa que mais amei na vida, essa eu perdi há um bom tempo. E espero que assim as coisas continuem. Sofri demais para sufocar esse amor dentro do peito e não permitirei que ele reabra essa velha ferida.

E pensando bem, a única coisa que ainda me traz algum alento nessa vida é o fato de não precisar mais ter que conviver com Erick, uma vez que a única ligação que tínhamos era o papai. Pra mim, já foi o suficiente ter que vê-lo durante todo esse mês desde a morte dele. Mas acho que isso acabou. Hoje será lido o testamento e ele se livrará da responsabilidade de ter que cuidar dos bens do amigo e de mim também.

Esse capítulo da minha vida se encerra aqui.

— Eu mesmo, vamos, meu anjo – com a mão estendida, chama-me pelo apelido carinhoso, como nos velhos tempos.

Tem alguma coisa muito estranha nessa história. Não era para ele estar curtindo sua liberdade depois de ter feito seu dever de sócio e melhor amigo? O que ele ainda faz aqui, me chamando para sair com ele? Só pode ser louco!

— Como assim *vamos*? Você ficou louco? – perco a paciência de vez. — Eu vou pra minha casa e você vai pro seu apartamento.

— Não, Marina, acho que você está enganada. Eu e você vamos para nossa casa – diz, ironicamente.

— O que foi que você disse?

Erick

Quando João me chamou em seu escritório e me fez prometer cuidar de Marina, caso um dia algo lhe acontecesse, eu aceitei sem muito relutar. Afinal, além de não conseguir negar um pedido dele, também não pensei que um dia teria de cumprir essa promessa. Seria absurdo pensar que um homem tão jovem e bem desposto nos deixaria tão precocemente, antes mesmo de sua filha completar a maior idade e ter total autonomia para responder por todos os seus atos.

No entanto, aqui estamos nós. Uma menina de dezessete anos, órfã de pai

e mãe e tendo eu, que mal sei cuidar de um cachorro, como seu responsável pelos próximos meses O testamento do meu amigo ainda não foi lido, mas não preciso ser um gênio para saber que, com a promessa feita por mim, ele deve ter se achado no direito de garantir que eu a cumpra em uma das cláusulas do testamento. Não que eu já não tivesse esperando por isso, eu e ele sempre tivemos relação de irmãos, e como não tinha mais em quem confiar, resolveu deixar sob meus cuidados o seu bem mais precioso. Aliás, *nosso* bem mais precioso.

Depois de ter magoado tanto a minha menina, ela simplesmente não deixou que eu me aproximasse mais dela, e olha que não foi por falta de tentativa. Eu, com todo o meu orgulho, passei meses tentando me desculpar e quem sabe resgatar o carinho e a proximidade que sempre tivemos um com o outro. Tentei e tentei mais um pouco, até o dia em que cansei de ser esnobado e deixei que as coisas ficassem como estavam. Agora que nos olhamos como dois estranhos, seremos obrigados a manter uma convivência forçada, pelo menos para ela, que não quer me ver em sua frente nem pintado de ouro. Eu, apesar de apavorado com a ideia e devastado por ter conseguido isso às custas da morte do meu amigo, agradeço aos céus por ter essa chance. Chega desse distanciamento, preciso recuperar sua amizade e tê-la de volta em minha vida, nem que para isso tenha que obrigá-la a me ouvir.

— Não disse nada. Vamos, o testamenteiro já deve estar a caminho e nós precisamos saber da última vontade do seu pai – dou-lhe a mão na intenção de levá-la em meu carro.

— Esquece, não vou a lugar nenhum com você – faz birra. Pelo visto não amadureceu nada, continua a mesma impetuosa e emburrada de sempre. Mas para seu azar, eu sou tão teimoso quanto ela é imatura.

— Tem duas opções: ou você entra naquele carro com as próprias pernas, ou te levo carregada – não sairei daqui sem ela. – Então, qual é sua resposta? – indago.

– A resposta é: – se aproxima até estar bem perto do meu rosto – vai se foder! – diz, dando-me as costas.

Garota louca.

— Eu avisei – seguro suas pernas, jogando-a bruscamente em meus ombros. No mesmo instante me arrependo ao perceber onde minha mão direita está apoiada.

Céus, que bundinha macia. Espalmo minha mão com gosto em seu belo traseiro. Não conseguindo resistir à tentação, dou uma palmada de força mediana na bunda macia e em seguida passo a mão carinhosamente no local que certamente deve estar ardido. Que delícia deve ser surrar essa bundinha redonda

e empinada enquanto meto por trás em sua bocetinha.

Acho que não foi uma boa ideia tocá-la dessa forma. Agora, a imagem dela de quatro sobre uma cama enorme, tomando meu pau até o talo em seu rabinho, não sai da minha mente suja.

Caralho! Todo esse tempo de afastamento por opção dela, mas que acabei me acostumando depois, em nada adiantou para me fazer tirar essa fixação da cabeça. Achei que já estaria preparado para estar junto dela sem sentir nenhum tipo de atração física ou constrangimento com alguma de suas investidas. No entanto, aqui estou, com o pau duro feito pedra e a cabeça cheia de pensamentos luxuriosos com a garota. Que tipo de doente sou? Meu amigo e pai dela acaba de falecer e eu aqui, quase diante de sua lápide, desejando sua filha, que por sinal ficará sob minha tutela.

— Me solte agora, seu brutamonte – grita, balançando as pernas freneticamente ao dar murros de mão fechada nas minhas costas. – Me solta, porra!

Continuo andando em direção ao carro e ignorando suas ordens e sua boca suja. Ao chegar ao lado da porta do carona, solto-a com cuidado, descendo-a lentamente pela parte da frente do meu corpo.

Outra má ideia.

Ao encostar seu corpo no meu de forma tão apertada, noto o quanto ela mudou nesse pouco tempo: pernas mais grossas e bem torneadas, cinturinha mais fina, e finalmente minha parte preferida, os belos e avantajados seios, que deixam minhas mãos coçando para tocá-los. O rosto eu não preciso nem falar, o que sempre foi belo se tornou deslumbrante. Com o cabelo mais moderno e curto, seu rosto ganhou um destaque especial pela maquiagem mais pesada e escura que provavelmente usava, antes de borrá-la com as lágrimas derramadas diante do túmulo do pai. De menina passou a ser uma mulher em poucos meses. Nem parece que passou tão pouco tempo, e que apesar de parecer mais velha, ela ainda não tem dezoito anos.

— Seu idiota! – acerta a mão em meu rosto. Chego a arregalar os olhos com a surpresa do seu ato. – Nunca mais me toque dessa forma e sem minha permissão.

Sinto a fúria subir rapidamente por minhas veias, e quando dou por mim, já perdi completamente o controle da situação.

— Escuta aqui, garota – encaro seu rosto de perto, quase tocando nossos narizes. – Atreva-se a me agredir mais uma vez e eu acabo com você, tá entendendo? – ameaço, furioso. – Acho que sua ficha anda não caiu, mas as coisas mudaram por aqui e logo você vai aprender que não deve me desafiar.

— Você só pode estar louco, do que você está falando? – questiona,

vermelha de raiva.

— Entra no carro e vai descobrir.

Percebendo que a coisa é mais séria do que imagina, Marina entra no carro sem questionar e começo a dirigir rumo à reunião que mudará nossas vidas para sempre.

O Tutor

Marina

— Isso só pode ser uma brincadeira de mal gosto, não é mesmo? – pergunto, estarecida com o que acabei de escutar. Papai não pode ter feito isso comigo.

— Não, senhorita, aqui está o documento que comprova o desejo do seu pai – o senhor Nonato, advogado de confiança e responsável pelas questões burocráticas e gestão dos escritórios de advocacia pertencentes a papai e Erick, me entrega uma única folha, na qual mesmo sem ter muita noção do ramo jurídico, consigo perceber a gravidade do que tem escrito ali.

Seu João fez Erick assinar esse documento em que se compromete a cuidar de mim e de todos os meus bens até os meus dezoito anos de idade. Até aí não teria nenhum problema, já que em poucos meses completo a maioridade. O problema está na condição imposta para que isso aconteça. Não posso crer no que estou vendo.

— Você sabia disso? – indago a Erick, que está estatelado a minha frente, sem abrir a boca para nada.

— Sabia em partes, lembro de ter prometido e assinado essa procuração na qual me comprometia a ser seu tutor até que completasse a maioridade – diz, desconfortável ao notar meu olhar furioso em sua direção. — O que foi? Acha mesmo que eu negaria um pedido desses vindo do meu melhor amigo, ainda mais quando não havia nenhum indício de que um dia seria obrigado a cumprir essa promessa? – apesar de tudo, sinto uma dor no peito ao ouvi-lo se referir a mim como uma obrigação.

— Pois sinta-se livre desse fardo, não preciso de você pra nada. Tem alguma forma de mudar isso, Doutor? – diga que sim. Diga que sim, peço mentalmente por esse milagre. Eu não tenho estruturas para lidar com Erick, não depois de tudo.

— Não, vocês não podem passar por cima do desejo do João, além disso, Marina é menor e não tem autonomia para agir por si só.

— Eu não quero fugir da minha promessa e nem da minha palavra dada através desse documento, Doutor. Marina vai ter que aceitar a vontade do seu pai e se virar pra achar um marido até os vinte e um anos, senão, terá que se conformar com minha presença até lá – diz, sarcástico ao mencionar a condição imposta por papai. Erick será legalmente meu tutor até eu completar meus dezoito anos. No entanto, existe a condição de eu só poder desfrutar da herança

depois dos vinte e um, a menos que eu consiga essa autonomia antes do tempo, mas isso só será possível através do casamento. Ou seja, preciso me casar o quanto antes.

Erick

— Pois se depender de mim, sua responsabilidade não durará mais que alguns meses, não vou aceitar sua interferência na minha vida – ela estava furiosa com toda essa loucura. Eu entendo sua fúria, afinal, ela não teve o tempo que eu tive para me acostumar com as mudanças que acontecerão em nossa rotina. – Se for preciso, eu me caso com o primeiro mendigo que aparecer na minha frente, mas você não vai ficar no lugar do meu pai. Não vai! – pai? Ela acha mesmo que é isso que eu pretendo ser para ela. Será que ela não percebeu que sinto tudo menos amor fraterno? As batidas frenéticas do meu coração e as reações do meu pau em sua presença se rebelam imediatamente contra sua afirmação equivocada.

— Você não se atreveria, menina, eu já falei e vou repetir: teste meus limites e eu acabo com você – encaro seu rosto, que de furioso mudou para uma expressão de desafio. Ficamos numa batalha visual até que o pigarro do advogado desperta novamente nossa atenção.

— Desculpa interromper essa... conversa de vocês, mas precisamos concluir a reunião – diz, olhando-nos com curiosidade.

— Desculpa, Doutor, pode continuar.

— Acho que já ficou tudo esclarecido. A senhorita ficará sob sua tutoria até os dezoito anos. No que tange a todas as propriedades e sua parte do escritório – aponta para Marina – será gerenciada por Erick até que complete vinte e um, ao menos que se case antes disso, nesse caso, seus bens serão de sua inteira responsabilidade.

— Isso não será um problema, Doutor, já tenho um namorado e estou esperando apenas completar a maioridade pra casar com ele.

Como é que é? Namorado? Casar?

Não, isso não pode ser verdade, minha princesa não pode estar falando sério. Sei que é hipocrisia de minha parte exigir alguma coisa dela, quando eu mesmo tive minha cota de casos e transas durante todo esse período, não é razoável pensar ou até mesmo exigir que ela, sendo tão jovem, tenha ficado me esperando quando eu mesmo lhe afastei para longe. Meu lado racional pensa assim, o lado que sabe os motivos de não podermos ficar juntos, mas meu lado ciumento e possessivo, o lado que é louco por ela, que sente tesão só em sentir seu cheiro, não aceita outro cara tocando sua pele, beijando seu corpo macio.

Não, eu não aceito isso! *Ela é minha, só minha*, diz meu lado apaixonado, irresponsável e inconsequente, que a cada minuto que passa toma conta do meu corpo e pensamentos.

— Isso é tudo, espero que as coisas deem certo pra vocês – aproxima-se, estendendo a mão em despedida. Aperto sua mão e despeço-me com um breve aceno.

— Adeus, senhorita – aperta a mão dela e sai da sala, deixando-nos a sós.

Ainda atordoada, Marina deixa o documento que mudou nossas vidas em cima da mesa e fixa o olhar em meu rosto.

Passam-se mais alguns minutos, nos quais nos encaramos em mais uma batalha de vontades, até que ela decide acabar com o silêncio hostil.

— Se era só isso, já pode se retirar. Preciso descansar um pouco, estou exausta – acho que a minha boneca ainda não entendeu como as coisas vão funcionar por aqui.

— Tudo bem, descanse. Tenho muitas coisas pra arrumar, ver o que trazer e onde me instalar – revelo, e vejo o choque em seu rosto.

— Instalar? Você enlouqueceu? – agora ela perdeu o controle.

— Marina, qual a parte de *sou o seu tutor* você não entendeu? – indago.
— Nós vamos morar juntos e isso não entra em discussão. Você escolhe onde, se aqui na mansão ou no meu apartamento.

Mudanças

Marina

— Eu não vou morar com você – falo, pausadamente, ainda que queira gritar. Preciso me controlar, mesmo que minha vontade seja sair quebrando tudo que está a minha volta. Era só o que me faltava, o Erick começar a agir como se fosse meu pai. – Aceito que você seja meu tutor legal, mesmo que por pouco tempo. Mas daí a morarmos juntos é um pouco de exagero. Acho que sou grandinha o suficiente pra não precisar de babá – dou meu ponto, na esperança de fazê-lo compreender.

— Marina, por favor, seja razoável – pede, aparentando um cansaço não só físico como também psicológico. Será que ele não vê que isso será o melhor para nós dois? Não quero ser um fardo para ele, isso me magoaria além do que talvez eu possa suportar.

— Seja razoável você, Erick, você não tem a obrigação de virar, literalmente, minha babá. Posso muito bem viver aqui com os empregados, não vou estar sozinha. Além disso, sua namorada não vai gostar de saber que está vivendo com outra mulher – jogo um verde para descobrir se tem alguém em sua vida. Não sou tão ingênua para achar que ele não teve ou tem outras mulheres em sua cama. Mesmo que me doa pensar nisso, sei que ele é um homem lindo, bem sucedido, e deve ter uma longa lista de conquistas. A única coisa que me consola é o fato de ele nunca ter aparecido com nenhuma namorada, seja aqui em casa ou em público. Acho que não aguentaria vê-lo dar para outra o que sempre se recusou a me dar.

— Eu não vou deixar você com os empregados, Marina, isso seria um absurdo. Seu pai pediu pra eu cuidar de você, não os empregados – nisso eu tenho que concordar. Por mais que esteja irritada com ele, não posso negar sua lealdade ao meu pai. – E com relação a namoradas, você pode ficar despreocupada, eu não tenho uma, e mesmo que tivesse, não seria um problema, minha prioridade é você – diz, e sinto meu coração bater acelerado com sua afirmação. Ainda não decidi se fiquei mais feliz com a confirmação de que ele não tem nenhuma namorada ou com o fato de eu ser sua prioridade.

— Acha mesmo necessário vivermos juntos? – pergunto, decidida a conversarmos civilizadamente, como dois adultos. – Não quero atrapalhar sua vida desse jeito – desabafo meu maior medo.

— Vem, sente-se aqui, Marina – acomoda-se na ponta do sofá e bate no assento ao seu lado. Sento com o corpo inclinado em sua direção e sinto todos os

pelos do meu corpo se arrepiarem com a proximidade que há tanto tempo deixou de ser natural e costumeira. – Por favor, me deixa fazer o que precisa ser feito, princesa. Jamais me perdoarei se decepcionar seu pai. Preciso fazer a coisa certa, por você e por ele – suplica, ao erguer a mão e acariciar de forma terna o lado esquerdo do meu rosto. Como é bom sentir seu toque; ver seu olhar preso de forma tão intensa ao meu. Simplesmente não posso lhe negar nada, não quando ele me pede dessa forma. Acho que sou capaz de fazer qualquer coisa quando ele me pede tão ternamente.

— *Tu-tudo* bem – gaguejo, desconcertada, inclinando o rosto para sentir melhor seu carinho. Quem vê a cena de fora poderia nos comparar com um cachorrinho recebendo carinho do seu dono. Mas isso não me importa. Tudo que eu queria, ainda que inconscientemente, era essa conexão e cumplicidade que estamos tendo agora. E pela intensidade com que está me olhando, posso notar que ele também almeja isso. – Podemos morar juntos, mas se você não se incomodar, eu prefiro que fiquemos aqui mesmo, na mansão. A casa é grande, tem os empregados e todas as lembranças de papai, prefiro manter isso, pode ser? – digo, ao afastar o resto, quebrando a tensão que paira entre nós dois. Se quero que as coisas deem certo, preciso me controlar para não parecer uma boba a sua volta.

— Claro, princesa. Preciso apenas fazer minhas malas, fechar meu apartamento e venho pra cá o mais rápido possível – sinto um frio na barriga só em imaginar como serão os próximos meses.

— Que dia você vem? – pergunto, na esperança de ter pelo menos mais um fim de semana sozinha, antes de ter que lidar com ele e com toda essa confusão de sentimentos.

— Hoje à noite. Não vou pro escritório, portanto, tenho o dia todo pra organizar as coisas – diz, levantando-se do sofá.

Mas que porra! Pelo visto o fim de semana não vai rolar.

— Não precisa ter pressa, Erick. Resolva suas coisas com calma, eu vou ficar bem – tento falar num tom que aparenta gentileza e não uma tentativa de postergar sua vinda. Preciso de um tempo para levantar minhas defesas, que estão praticamente inexistentes com apenas algumas horas de reencontro. Preciso me policiar, senão ainda hoje estarei lhe atacando. Nada diferente do que costumava fazer há alguns meses.

Isso não pode acontecer, minha cota de humilhação por ele já foi o suficiente.

— Não se preocupe, minha linda, sei que está preocupada, mas tá tudo sob controle. Ainda hoje dormiremos sob o mesmo teto – pisca, no caminho da porta de saída. Ele está me provocando?

— E outra coisa, Marina: peça pra governanta preparar o quarto de hóspedes que eu costumava usar, é nele que vou ficar – diz, antes de sair. Puta que pariu, ele só pode estar de brincadeira. O quarto que ele se refere é localizado exatamente em frente ao meu.

— É, Floquinho, parece que vai ser mais difícil do que eu imaginei. Seu pai está disposto a infernizar a minha vida – me jogo no sofá, segurando minha gatinha, que acabou de entrar. – Mas deixa estar, esse é um jogo que dois podem jogar.

Erick

Depois de empacotar a última caixa com meus pertences, faço uma inspeção visual pela ampla sala do meu duplex; aqui, onde vivi desde o dia em que conquistei minha independência ao sair da casa dos meus pais. Onde passaram tantos amigos leais ou mulheres que nem ao menos consigo lembrar os nomes ou rostos. Um local que apesar de tudo, não me traz nenhum tipo de sentimento mais profundo de apego ou nostalgia. Aqui, tudo é distante e impessoal, apesar de ser o lugar onde eu deitava meu corpo cansando depois de um dia de trabalho.

Sei que deveria estar apreensivo com tamanha mudança, que a responsabilidade contraída me fizesse adiar o máximo possível a minha ida para a mansão. No entanto, o único sentimento que me cerca é o de ansiedade. Ansiedade por saber que irei viver na casa onde sempre senti como sendo meu verdadeiro lar. O local onde tenho minhas melhores lembranças, onde viveram e vivem as pessoas que eu mais amo na vida.

Longe de mim querer colocar em xeque o sentimento entre meus pais e João e Marina, até porque não tem como comparar. Entenda, eu amo minha família; um amor que somente um filho amado e compreendido poderia dedicar a seus pais. Mas o amor, a ligação que eu tinha com João e depois passei a ter com Marina, vai além do que a compreensão possa explicar, e talvez seja esse o motivo da minha alegria e ansiedade. Sinto-me como se estivesse indo para o meu verdadeiro lar, o lugar ao qual eu sempre pertenci, junto da minha menina bonita.

Continuo divagando por mais alguns minutos, até ter meus pensamentos interrompidos pelo toque da campainha, e provavelmente deve ser pessoal da transportadora, que veio me auxiliar com a mudança.

— Oi, senhor Erick, beleza? – cumprimenta-me o rapaz, assim que abro a porta. — O caminhão já está estacionado ali embaixo.

— Que bom – digo, ao apertar sua mão. — As caixas são aquelas ali.

Vou na frente com meu carro e vocês me seguem, tudo bem? – indago, ao sair rumo à garagem.



Já passa da meia-noite quando termino de arrumar meus pertences em um dos quartos de hóspedes. Contando com uma cama de casal king size, no enorme quarto havia apenas um guarda-roupa, onde já se encontram todas as minhas roupas e sapatos, bem como uma mesinha de centro onde empilhei alguns dos meus livros de trabalho. Para ser sincero, o ambiente está quase impessoal, precisa ainda de muitas coisas para que fique do jeito que eu gosto. Mas, nada que com o tempo não possa ser resolvido. O importante é que eu estou aqui.

Sorrio para mim mesmo por ter escolhido a suíte que fica em frente ao quarto de Marina em detrimento das outras espalhadas por toda a mansão. Aliás, até hoje não entendo o porquê de o meu amigo preferir morar numa casa tão grande, quando aqui só viviam ele e a filha. Mas pensando bem, não seria preciso ser nenhum gênio para imaginar o motivo de ele ter feito essa escolha. No mínimo, isso deve ter sido coisa daquela vadia do caralho. Ela sempre foi fútil, e sentia prazer em ostentar a riqueza do marido. Marido esse que nunca olhou com olhar de superioridade para a mais humilde das criaturas – qualidade essa adquirida por sua filha, que não tem um pingaço do sangue ruim da mãe correndo nas veias. Mas chega de perder tempo pensando nessa mulher que desapareceu há tanto tempo, e espero, pelo bem dela, que não volte nunca mais.

— E aí, garotão, feliz com seu novo lar? – acaricio a cabeça peluda do meu Golden Retriever, que acabou de adentrar o quarto. Com seus cinco anos de vida, Thor tem sido meu amigo e fiel companheiro de todas as horas. Com uma pelagem marrom escura e redondo como uma rolha, meu amigão tem a personalidade de um gatinho manso, não sendo capaz de fazer mal nem a uma mosca. E por falar em gatinho, o que será que foi feito do filhote que dei de presente a Marina?

Marina. Onde essa garota se meteu? Ainda não a vi depois que cheguei. Das duas uma: ou ela saiu, ou está trancada dentro do maldito quarto, fingindo que não notou minha presença. Para falar a verdade, eu até prefiro a segunda hipótese. Sinto-me melhor com a ideia de ela estar trancafiada na porra do quarto do que ela estando em algum lugar desconhecido por mim e em companhias mais desconhecidas ainda.

— Ah, Marina, acho bom você não brincar com o fogo, porque vai

acabar se queimando – digo em voz alta, ainda fazendo carinho em Thor, que abana o rabo peludo a cada passada de mão em suas grandes orelhas. Esse preguiçoso adora ser mimado.

— Pela sua respiração, já vi que gostou daqui, não é garoto? – a língua de fora e a respiração denunciavam o fato de ele provavelmente ter passado todo esse tempo correndo pelos corredores.

Porra! Isso vai dar problema.

— Só toma cuidado que a nossa menina é um pouco brava. E nós não queremos deixá-la nervosa já no primeiro dia – termino de adverti-lo e sorrio ao imaginar que devo estar parecendo um louco por tentar adverti-lo, como se ele realmente entendesse o que eu quero dizer.

— Isso só pode ser fome, Thor – levanto da cama que até então estava sentado, rumando em direção à porta. – Vamos lá na cozinha ver se tem alguma coisa para a gente comer – termino de falar e ele logo vem atrás de mim.

Abro a porta e quase caio para trás com a cena que acabo de ver. Sinto de imediato todo sangue que corre pelas minhas veias ir para uma parte específica da minha anatomia.

Não haveria nada demais na coincidência de presenciar Marina sair do quarto no mesmo instante em que eu saio do meu, afinal, isso acontece o tempo todo com pessoas que moram juntas. O problema aqui está na maldita roupa que ela veste, se é que isso pode ser chamada de roupa. Com os cabelos castanhos soltos emoldurando seu lindo rosto, isento de qualquer maquiagem, Marina usa uma camisola preta de seda que mal cobre metade de suas coxas. Com alças finas e levemente soltas, a peça deixa pouco a imaginação, e daqui posso ver todos os contornos deliciosos do seu corpinho jovem e bem cuidado. Corpo esse feito para ser amado e adorado pelo sortudo que tiver o privilégio de receber esse presente. E pronto, se era um balde de água fria que eu queria, acabei de consegui-lo apenas com esse pensamento.

Não! Ainda não nasceu o homem que merece tamanho presente. Nem mesmo eu. Ela é um anjo.

— Erick – diz, com as bochechas coradas de constrangimento, só não sei se é pela roupa ou por ter notado meu olhar cobiçoso percorrer seu corpo. Preciso me controlar, porra! – Eu não... – interrompe o que ia dizer, no mesmo instante em que vejo seu semblante mudar de constrangido para furioso. — O que esse monstro tá fazendo aqui? – pergunta, olhando do meu cachorro para a gatinha branca que até então eu não tinha percebido encostada em sua perna.

É... parece que começamos com o pé esquerdo.

Papai

Marina

— Responde, Erick – peço, indignada ao ver o enorme Golden Retriever encarar Floquinho com olhar curioso. Ele é muito sem noção por ter a brilhante ideia de trazer um cachorro desse porte para dentro de casa. Já até imagino a guerrilha que vai ser instaurada aqui dentro. Imaginem só: um cão e um gato ocupando os mesmos metros quadrados. — Não sei se você lembra, mas uns meses eu ganhei esse filhote de você, e como pode ver, ele ainda está comigo.

— Claro que lembro – se atém em confirmar.

— Também suponho que saiba que cães e gatos não são considerados os melhores amigos do mundo – explico, assim como faria com uma criança. — Erick, ele vai matar minha filha, por favor, arrume um lugar pra ele ficar – imploro, sem conseguir desviar o olhar dos dois bichinhos, que no momento se encaram com extrema hostilidade.

— Nossa – afirma ele, e eu não consigo entender do que ele está falando.

— Nossa? – pergunto, confusa.

— Nossa filha, pelo menos foi isso que você disse quando o ganhou – não acredito que Erick se lembra disso. Como eu era infantil.

— Disse mesmo, mas isso foi antes de abandoná-la por todos esses meses – é, pelo visto a maturidade continua não sendo meu forte. — Floquinho é só minha. E como tenho a responsabilidade de zelar por seu bem-estar, quero ele fora. Agora! – olho mais uma vez para eles e já percebo uma mudança no clima. O olhar de hostilidade rapidamente transformou-se em curiosidade.

— O nome dele é Thor – agacha e começa a acariciar a cabecinha do cachorro. – E não se preocupe, ele não vai judiar dela. Você vai cuidar da irmãzinha, não é, amigão? – como é linda a forma que ele trata o bichinho.

Que inferno!

O cara acabou de chegar e eu já estou toda derretida por ele.

Assim fica difícil.

— Agora vai brincar por aí, sei que você tá doido pra conhecer a casa nova – dá um tapinha de leve nas costas de Thor, que como quem tivesse entendido a permissão, sai correndo rumo à área de serviço. E para minha surpresa, vejo a vendida da Floquinho correr atrás do Thor. A traidora está simplesmente se juntando ao inimigo.

— Tá vendo, não precisa se preocupar com nada, eles se tornarão amigos. Espero poder dizer o mesmo de nós dois – diz, ao percorrer

descaradamente o olhar por todo o meu corpo, que neste momento veste nada menos que uma minúscula camisola de seda. — Acha isso possível, princesa? — aproxima-se subitamente, encurralando-me contra a porta recém-fechada.

Está ficando difícil respirar!

— *N-Não* sei – gaguejo, nervosa com sua abordagem. Seu olhar quente e sua respiração em meu rosto rouba-me a capacidade de falar, quem dirá de ter pensamentos coerentes. Quando o sinto assim, tão perto e ao alcance de minhas mãos, tudo o que eu mais quero é me jogar em seus braços, provar do seus beijos e deixar que possua cada pedaço do meu corpo. Dar a ele tudo o que não tive coragem e nem vontade de entregar a outro.

Eu tentei de tudo para esquecer essa obsessão que tenho nutrido a tanto tempo e, no entanto, nada foi o suficiente para apagar essa chama que queima dentro de mim.

— Não sabe? – indaga, com o corpo a um palmo de distância do meu e no rosto um olhar quente que não sai da minha boca. — Pois eu tenho pra mim que nos daremos muito bem. Melhor do que você imagina... – eu não acredito que ele está novamente me provocando e eu, como sempre, caindo. Acho de uma crueldade sem tamanho fazer esse tipo de jogo se ele não pretende ir até o fim.

Ah, mas se é guerra que ele quer, é guerra que ele vai ter.

— Será? – pergunto, sedutora, aproximando perigosamente minha boca da sua.

Mais um centímetro e o beijo sai. Vamos ver se ele sabe lidar com isso.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza, papai – dou o tiro de misericórdia e saio andando rumo à cozinha, como se nada tivesse acontecido, e como era de se esperar, Erick vem atrás como um touro enfurecido.

Erick

Papai?

Dessa vez ela foi longe demais!

Me irrita e saio disparado atrás dela. Tudo bem que merecia isso, afinal, fui eu quem começou com essas provocações idiotas. Mas chamar de pai foi além dos limites.

— Marina, volta aqui agora, sua peste – grito, sem controle, ao alcançá-la e segura-la pelo braço. — Do que foi que me chamou? Acho que não ouvi direito – rosno, e da maneira mais provocante possível, ela aproxima o rosto do meu e repete:

— Papai.

— Acho que você tá um pouco confusa, meu bem – digo, sem afastar-me

um centímetro sequer da nossa perigosa proximidade. — Eu não sou seu pai, seu tio e nem nada que seja pelo menos próximo a algum tipo de parentesco — esclareço, para que não fiquem dúvidas. — Entenda uma coisa: apesar de ser bons anos mais velho, sou um homem maduro e ativo sexualmente. Ativo até demais — falo, e vejo seu semblante mudar. Seu rosto assume uma máscara de frieza que só pode ser interpretada como ciúmes. Isso, meu amor, é isso que eu quero de você. Porque da minha parte não tem um único fio de sentimento paternal por você. — Estou falando isso pra que fique tudo bem claro entre a gente. Não fique achando que sua maneira de se vestir — olho seu corpo de maneira maliciosa — e suas provocações vão passar batidas, porque te garanto que não vão. Saiba que eu posso e vou revidar, e que talvez você não esteja preparada para as minhas reações — digo, olhando em seus olhos, para que fique claro que em pé estamos.

— Entendi, agora dá pra me soltar, por favor? — puxa o braço e vai para a cozinha. — Vou preparar algo pra comer, quer alguma coisa? — pergunta, mudando drasticamente de assunto. É, parece que deixei minha gatinha chateada. Mas é bom que fique mesmo, prefiro deixar tudo esclarecido.

— Quero, sim. Na verdade, estava justamente indo procurar algo pra comer, estou faminto — digo, e ela vira para trás, me olhando desconcertada por ter notado o duplo sentido da frase.

Rio internamente com esse fato. Se prepara, bebê, isso é só o começo.

Já na ampla e mobiliada cozinha, Marina prepara sanduíches naturais e, andando de um canto a outro, ela faz nosso lanche, sem deixar de me ignorar como se estivesse sozinha no ambiente. Mas isso não significa que tenha deixado passar a oportunidade de atazanar meu juízo e meu pau a cada vez que propositalmente se abaixa para pegar algo na geladeira. A safada faz questão de pegar um ingrediente por vez, e a cada abaixada, eu consigo visualizar suas coxas torneadas e uma minúscula calcinha, que está deliciosamente enfiada dentro da sua bunda. Como não sou bobo nem nada parecido, aproveito para dar uma boa conferida, até porque o fato de não poder tocar não me impede de apreciar o banquete.

— Erick? — saio do transe com ela chamado meu nome. — Te chamei três vezes e você não escutou. Onde você estava? — pergunta, divertida.

Ah, gatinha, é melhor você nem imaginar por onde andavam meus pensamentos.

— Desculpa, estava pensando em trabalho — minto.

— Fiz um suco de morango pra acompanhar, espero que goste — diz, colocando a jarra e o prato com os sanduíches em cima da bancada de mármore estilo cozinha americana, e depois de pegar os copos, ela senta ao meu lado.

— Obrigada, meu amor – agradeço, sincero, ao dar a primeira mordida.
— Tá uma delícia. Cuidado, senão eu fico mal acostumado – brinco.

— Fica nada. Sei que deve comer comidas muito melhores que isso – dá de ombros de maneira charmosa.

Eu estou tão vendido por essa menina que até os mais simples gesto me encanta. Não que exista algum dia em que eu não tenha estado vendido por ela. A única diferença é que agora, depois de tanto tempo separados, parece que está tudo mais intenso; o que já era grande tomou proporções inexplicáveis. Estou ficando cansado de negar, de reprimir o que não pode mais ser reprimido, de negar o que nós dois queremos há tanto tempo. Por mais que minha consciência diga que é errado por todos os motivos que estou cansado de repetir a mim mesmo, meu coração e meu corpo clamam por ela, por seu toque, seus beijos e seus abraços. Uma palavra dela e eu jogo tudo para o alto, me permitindo viver esse amor.

— Pode ser, mas essa é especial, porque foi você quem fez – digo.

— Para, Erick, assim você me deixa sem jeito – diz, encabulada com o elogio.

— Apenas a verdade.

— Mas diz aí, tô pronta pra casar? – tenta brincar, e consegue me deixar furioso.

Casar? Essa mulher só pode ser louca. Ela acha mesmo que aquela baboseira de casamento vai adiante? Vai acontecer no dia em que eu estiver morto.

— Não, você não tá pronta e nem vai casar, Marina – afirmo, curto e grosso. — E essa história de casamento é real, ou está falando isso pra me irritar? — pergunto, vendo-a abocanhar o último pedaço do pão. E com uma estranha calma, ela termina de tomar seu suco e responde:

— O casamento é real, Erick, só te resta aceitar. E tem mais, eu sou uma mulher livre e faço da minha vida o que eu quiser. Pelo menos nessa parte sou eu quem decide. Então, por favor, não se meta – ouço, e minha vontade é de esganar o moleque que se atreveu a tocar nela. Mas isso não vai ficar assim. Ninguém vai atravessar meu caminho. Está decidido, não sei quando e como, mas vou fazê-la minha, e tenho pena de quem se atrever a entrar no meu caminho. É isso, chegou o fim da fase de negação. Vou à luta reconquistar a amor da minha mulher.

— Não, princesa – toco sua bochecha com o dedo indicador. — Você não vai casar, pelo menos não com ele – digo, e saio da cozinha.

Vou deixar que pense sobre o que acabei de dizer.

— O nosso momento finalmente chegou, meu amor – afirmo para mim

mesmo.

Seus braços

Marina

Não, princesa. Você não vai se casar, pelo menos não com ele.

Marina, como você pode ser tão trouxa, menina?

Já são quase 03h da madrugada e eu aqui, rolando de um lado para o outro na aconchegante cama, que agora não parece tão aconchegante assim. A frase dita por ele não parou de martelar na minha cabeça desde que saiu da sua maldita boca.

Não vou ser hipócrita em afirmar que nunca vi um olhar seu de desejo em minha direção, e apesar de negar e de eu saber que nunca faria nada a respeito, eu sempre tive a nítida sensação de que, no fundo, ele tenta reprimir um sentimento além do fraternal. Talvez seja justamente esse o motivo do meu sofrimento e a causa do meu afastamento. Acho que saber que ele sempre sentiu algo, mas que nunca faria nada a respeito, machuca mais do que se ele não retribuir esse amor.

Agora, eu me sinto completamente perdida, vendo o muro de proteção construído a minha volta desmoronar em apenas um dia de convívio. As dúvidas e questionamentos de outrora voltaram com força total. A prova disso é o fato de eu estar acordada até agora.

O que ele quis dizer com *não vou casar*? Será que ele ficou com ciúmes?

Que infantilidade a minha, inventar um namorado imaginário apenas para provocá-lo. Não quero nem pensar nele descobrindo essa mentira tão deslavada. Posso até ter dado uns beijos por aí durante esse tempo, mas nada que chegue perto de um namorado, quem dirá de um noivo.

Chega! Não aguento mais pensar nisso! Vou enlouquecer.

Maldito, Erick, por que teve que vir bagunçar quando estava tudo sob controle? Mas ele está muito enganado se acha que vou passar por esse tormento sozinha. Aqui vai ser olho por olho e dente por dente. Vou usar de todas as armas disponíveis, afinal, no amor e na guerra vale tudo. Só espero que no nosso caso seja amor.

Ai, Erick... Erick... Erick... minha mente dá voltas e voltas até cair em um sono raso e perturbado.

Erick

No auge da madrugada, dormindo um sono sereno e tranquilo, logo após

tomar a decisão que tirou um enorme peso das minhas costas, desperto bruscamente ao ver a claridade vinda do corredor. Em seguida, a porta do meu quarto é aberta de maneira cuidadosa, e acho que não preciso pensar para deduzir quem entrou aqui.

Mas o que ela faz acordada à essa hora da madrugada? O dia deve estar quase amanhecendo.

Fico quietinho, esperando seu próximo passo e tudo o que ouço são seus soluços incontidos.

Meu Deus! O que aconteceu com minha garota para fazê-la chorar assim?

Vem, meu bem, vem para os meus braços que eles estão abertos para te proteger. Para defendê-la de tudo e de todos, até de mim mesmo. Porque uma coisa eu posso garantir: nada e ninguém lhe fará mal enquanto eu estiver aqui. E se você quiser, eu sempre estarei.

Quando ela finalmente deita atrás de mim, sinto todo o meu corpo retesar pelo calor tão bem-vindo quanto inesperado. Marina é tão silenciosa em suas ações, que se eu realmente estivesse dormindo, não teria percebido sua presença na minha cama. Aliás, tenho certeza de que era justamente essa a intenção: dormir aqui e sair pela manhã, sem que eu soubesse de nada. Mas para minha sorte, eu estou acordado, muito bem acordado, diga-se de passagem.

— O que você faz aqui, bebê? — pergunto, ao sentir as mãozinhas da minha boneca circulando minha cintura ao me abraçar por trás.

— Desculpa, Erick, tive um pesadelo com papai e não consigo ficar no quarto. Deixa eu dormir aqui essa noite, por favor? — arrepiei-me ao sentir o calor de sua respiração em meu pescoço, enquanto ela se aconchega ainda mais em mim.

— Tudo bem, princesa, só não chore mais. Estou aqui e vou te proteger — falo, ao virar de frente para ela e, com o dedo, secar as suas lágrimas. — Vem, deita aqui — peço, ao abrir os braços e abraçá-la de costas. Logo que tenho a ideia, percebo o quanto ela é péssima. Aqui estou eu, deitado de conchinha com a minha maior tentação. A menina que me foi entregue como uma sobrinha, mas que só me traz pensamentos impuros. Pensamentos esses que envolvem nos dois nus, suados em cima de uma superfície plana, seja uma cama, mesa, dentro de um carro... que seja, a única coisa que consigo pensar ultimamente é em transar com essa garota.

Já aceitei que não tem mais nada que eu possa fazer a respeito, a minha decisão foi tomada. Nunca passou pela minha cabeça trair de alguma forma a memória de João, e espero de todo o meu coração que, de onde estiver, ele entenda o que estou prestes a fazer.

— Sinto tanto a falta dele, Erick. Sonhei com nós dois em um parque, andando de bicicleta, do jeito que costumávamos fazer quando eu era pequena, lembra? – pergunta, ainda chorando copiosamente, e eu não sei o que fazer para fazê-la se sentir melhor.

— Lembro, sim, meu anjo – e como poderia esquecer dela aos sete anos, com o olhar mais doce que uma criança pode ter? Não tinha uma única vez em que eu não pensava nela como sendo a coisa mais bela do mundo. É assim até hoje. Marina certamente é a definição do que há de mais lindo sobre a face da terra.

— Nós dois estávamos nos divertindo, quando de repente, ele desaparece. Olho pro lado, olho pro outro e não o encontro em lugar nenhum. E sabe a qual a pior parte? – pergunta, desvencilhando-se dos meus braços e deitando de lado. Agora, estamos frente a frente, com os corpos a menos de um palmo de distância. Mas acho que não é hora de pensar nisso. A prioridade agora é outra.

— O pior é acordar e ver que não foi só um pesadelo, ele realmente me deixou, Erick, a única pessoa que eu tinha – cola o corpo junto ao meu e desaba, com o rosto encostado no meu peito desnudo. — Eu nunca me senti tão sozinha como agora. Eu sei que estou sozinha – uma porra que ela está só.

E eu? Será que não sou nada?

— Ei, olha pra mim, Marina – peço, levantando seu rosto para que olhe dentro dos meus olhos. Preciso dela bem atenta para ouvir o que tenho a lhe dizer. — Nunca mais, você tá me ouvindo? Nunca mais repita isso. Você tem a mim, o seu Erick, lembra? Eu nunca te deixei e nunca vou deixar. Enquanto você me quiser, eu estarei aqui, do seu lado – afirmo enfaticamente, ao secar suas lágrimas que insistem em cair.

— É diferente, Erick, as coisas mudaram tanto entre nós. E tem a história da tutoria...

— Não, Marina, nada mudou. Esquece essa porra de tutoria. Será que você não percebe que se isso não existisse, eu ainda estaria aqui? Nessa cama, te consolando? – não resisto a enxurrada de sentimentos e circulo seu corpo em um abraço ainda mais apertado. Acho humanamente impossível ficarmos mais colados que isso. — Nós temos que permanecer unidos, meu anjo, era isso que seu pai queria quando nos deixou nesta situação – digo, realmente começando a acreditar nisso.

— Promete, Erick – pergunta, já menos chorosa. Acho que minha princesa está um pouco carente.

— Eu prometo, linda – digo, olhando firmemente em seus olhos, assim como ela olha nos meus.

Fixamos os olhares e, sem qualquer aviso, a atmosfera muda de melancolia para tensão sexual. Nossos rostos, que já não estavam tão distantes, diminuem mais ainda o espaço entre eles. Quando dou por mim, nossas bocas estão coladas e imóveis uma na outra. Sua respiração misturada com a minha e a minha misturada com a dela.

— Erick – fala, de maneira ofegante.

— Marina – sussurro, quase inaudível.

Entrega

Erick

— Marina – sussurro, quase inaudível. É isso! Não dá mais para adiar, nosso momento finalmente chegou. — Você sabe que isso aqui não tem mais volta, não é? Depois de hoje, tudo vai mudar.

— Eu sei, Erick. Sei também que estar aqui com você, neste momento, é tudo que eu sempre quis desde os meus quinze anos – confessa, sem afastar o rosto do meu. A cena que se desenvolve neste quarto não poderia ser mais íntima. Marina e eu, deitados frente a frente; braços e pernas entrelaçados e rostos tão próximos, que ao conversar, respiramos o mesmo ar.

Tudo perfeito.

— Quinze anos, Marina? Sério mesmo? Será que a mocinha não era nova demais para pensar nestas coisas? – pergunto, não sabendo explicar o incômodo que sinto ao ouvi-la dizer isso. A verdade é que eu não gosto de pensar que minha Marina tenha tido esse tipo de pensamento tão cedo assim. — Não sei se quinze é idade para pensar nisso. Você deveria estar pensando somente em estudos e não em rapazes – termino de falar, e não consigo acreditar que tamanha baboseira saiu da minha boca. Preciso controlar o que digo. Não quero que ela, em um momento de lucidez, caia em si e chegue à conclusão de que seria muito melhor estar com um garoto de sua idade do que com um homem de trinta e cinco como eu.

— Rapazes? – indaga, ofendida. — Você ouviu bem o que eu acabei de falar, Erick? Eu disse *você*, não qualquer outro rapaz. Apenas você – enfatiza, deixando-me mais aliviado. Eu sempre me orgulhei de ser um homem prático e racional. Mas quando se trata desta menina, toda a praticidade e racionalidade vão pelos ares, restando apenas o homem possessivo e passional. — Você está com ciúmes de mim, é isso? – pergunta, e cai na gargalhada. Ela joga a cabeça para trás e sinto todo o seu corpo sacudir com sua risada ruidosa.

— Isso não tem graça, garota – puxo novamente seu corpo para perto do meu. — Queria ver se fosse o contrário – comento, e tenho de imediato sua atenção.

— Você não se atreva – fala, enquanto segura firmemente minha mandíbula. — Acha mesmo que eu gostei de te ver desfilar com todas aquelas mulheres? A vontade que eu tinha era de ir até você e te arrancar dos braços de cada uma delas – rio com sua confissão. Minha gatinha é selvagem.

— Depois eu é que sou o ciumento aqui – falo, jogando minha perna

pesada sobre seu quadril.

— E você é mesmo, o que não significa que eu também não possa ser. — admite, fazendo minha alegria. Minha alma se regozija em saber que sou correspondido em todos os meus sentimentos. Até mesmo nos que podem nos trazer problemas futuros.

— Amor, nós precisamos conversar — peço, decidido a deixar toda a nossa situação esclarecida.

— Conversar? — indaga, apreensiva. — Por favor, não diga que já vai voltar atrás? — diz, e sinto todo seu corpo tenso com a expectativa da minha resposta. Coitadinha da minha boneca, não deve ter sido nada agradável ter seus sentimentos rechaçados tão bruscamente.

— Não, minha linda, isso nunca mais vai acontecer. Nós vamos viver esse amor e as consequências dele — termino, e vejo no seu semblante a leveza que o alívio proporciona. — Eu quero mesmo é me desculpar.

— Erick, não precisa...

— *Shhh!* — coloco o dedo sobre seus lábios, impedindo-a de interromper minha tentativa de redenção. Preciso me redimir. Não por ter tomado as decisões que tomei, afinal, não poderia jamais alimentar expectativas de uma menina de dezesseis anos. Aquele não era o momento propício. O único arrependimento que tenho é sobre a forma com que eu a afastei de mim. Dos vários meses em que passamos distantes. Do fato de eu não estar do seu lado nos momentos em que mais precisou de mim. — Eu preciso disso, meu amor. Entende?

— Tudo bem — fala, deixando transparecer sua vontade de ouvir o que tenho a lhe dizer.

— Primeiramente, eu preciso que me perdoe por ter te chamado de estorvo — acho que de tudo dito no fatídico dia, essa deve ter sido a maior mentira de todas. — Por tentar te ofender usando o abandono de sua mãe.

— Acho que isso foi o que mais me doeu. Não o que disse sobre aquela mulher, até porque não é mentira. A pior parte mesmo foi te ouvir dizer que nunca gostou de mim, que tinha pena e que por isso me dava atenção — diz, e a vontade que tenho é de tapar os ouvidos com as mãos para não ouvir tamanha crueldade.

— Isso nunca foi verdade, anjo, eu só queria te afastar — queria e escolhi a forma mais idiota do mundo. — Saiba que a verdade não poderia ser mais diferente do que foi dito naquele dia.

— Que verdade, Erick? — indaga, confusa. Querendo que veja e sinta a sinceridade de tudo que vou dizer, afasto nossos rostos alguns centímetros, para que assim possamos enxergar um ao outro sem nenhum artifício.

— A verdade sobre você ser a luz da minha vida. Quero que você me

entenda, Marina. Que compreenda que meu amor por você não é de agora.

— Não?

— Não. Ele apenas se transformou, e talvez tenha sido isso o que mais me assustou. Foi ter visto um sentimento fraternal se transformar em amor de homem e mulher, foi ver que já não te via da mesma forma de antes. Um amor diferente, mas ainda assim, amor.

— *Ahhh*, Erick – abraça-me, emocionada com o relato.

— Tenho algumas lembranças de uma eu pirralha correndo atrás de você. Por isso eu acreditei quando me disse aquelas coisas. Eu realmente vivia no seu pé. Como pôde, você sendo tão jovem, aguentar uma pestinha como sombra? – pergunta, incrédula.

— Aí é que tá. Eu não via isso como sacrifício, Marina. Ter você a minha volta era como um bálsamo pra minha alma solitária. Você e seu pai substituíram a falta que minha família me faz. As horas em que eu passava com você sempre foram as melhores horas dos meus dias cansativos. Era onde eu me encontrava, meu porto seguro – desnudo de vez a minha alma.

— Te entendo. Eu sentia o mesmo. Lembro-me de sua presença constante em minha vida – fala, com olhar saudosos. — Eu te via como um super-herói, aquele com quem eu sempre podia contar.

— E podia mesmo. Você sabe disso, não sabe?

— Claro que sei, se eu não estivesse tão cega por sua rejeição, jamais teria acreditado nas merdas que você me falou – diz, tentando amenizar minha culpa.

— Não, meu anjo, você não tem culpa de nada. Eu é quem deveria ter sido mais cuidadoso – falo, enquanto acaricio sua cintura por cima da camisola.

— Parando pra pensar, as coisas nem sempre foram tão difíceis entre nós dois, não é mesmo? – indago.

— Não. Tudo ia muito bem até a chegada da maldita adolescência – brinca com o fato.

— Verdade. Você não tem ideia do choque que foi perceber que eu poderia estar nutrindo certa atração por você. No início, eu tive tanto nojo de mim mesmo. Não conseguia nem me olhar no espelho.

— Pobrezinho – faz um biquinho com a boca, num gesto de lamento. — Hoje em dia eu compreendo a barra que deve ter sido pra você.

— Demais. Um dia eu olho pra uma criança e sinto como se fosse um tio ou um segundo pai, e no outro eu te vejo adolescente e começo a reparar nas curvas do seu corpo. No quanto você estava ficando cada dia mais linda. Lembro-me de quase ter ido à loucura na época – sinto-me leve em confessar isso a ela.

— Oh, Erick, perdão, eu não queria...

— Ei, ei! – interrompo seja lá o que fosse dizer. — Para com isso. Você não tem culpa de nada. Foram apenas sentimentos que eu não pude controlar.

— E quando foi que isso começou? – indaga.

— Acho que foi quando você completou quinze anos. Lembra da festa na piscina? – pergunto, e ela confirma com a cabeça. — Foi ali, no momento em que te vi saindo da piscina com aquele biquíni indecente. Naquela hora eu percebi que você não era mais a minha garotinha, que estava se transformando em uma linda mulher.

— Então foi na mesma época em que eu comecei a te ver com outros olhos?

— Provavelmente sim, apesar de que no início era um pouco mais fácil. Era apenas uma atração e eu levava numa boa. As coisas ficaram difíceis de verdade quando percebi que você também se sentia atraída por mim e quando começou a demonstrar isso – isso sim era uma provação.

— Eu era muito chata, né? Não perdia a chance de me jogar.

— Não, amor, sua abordagem era tudo, menos chata. Chato era o esforço que eu tinha que fazer para não sucumbir – admito, para que entenda a provação que impus a mim mesmo.

— A gota d'água foi aquele passeio em comemoração do meu aniversário – garota esperta. — O que desencadeou tudo aquilo, Erick?

— Não sei bem, anjo, acho que foi um misto de coisas. O fato de você estar se aproximando da vida adulta, misturado com sua abordagem mais aberta, me trouxeram o medo de não resistir, de fazer o que meu coração e meu corpo queriam. Um querer que contrariava meu lado racional. Era uma batalha travada entre o coração e a razão.

— E a razão acabou vencendo – constata, conformada.

— Sim, meu bem. Naquele momento, eu preferi não arriscar perder a amizade do seu pai. O medo de desapontá-lo foi maior do que qualquer coisa – confesso, de forma sincera. — E pra ser sincero, eu não me arrependo da decisão que tomei. Meu único arrependimento é a maneira como te tratei, por minha culpa passamos tanto tempo longe um do outro. Não pude te abraçar nos momentos em que mais precisou de mim.

— Não precisa mais se culpar, deixa o passado pra lá. Hoje eu entendo que você tinha razão em não querer nada comigo naquela época. Que talvez eu não tivesse maturidade pra te dar o que precisava. Além disso, o que importa é que estamos aqui agora. Só nos dois!

— Sim, Marina. Somente eu e você – digo, colando nossos corpos e rostos o máximo que a física permite.

Olhando-me com seu olhar de adoração, rodeio meu braço em sua cintura fina. Acaricio seu rosto e o afasto, encarando-o.

O clima mudou; eu fito sua boca, assim como ela mira a minha, e percebendo o que está prestes a acontecer, Marina abre mais os olhos e ofega de um jeito que torna quase impossível a minha respiração.

— Erick, me beija – pede, numa mistura de expectativa e desejo, enquanto eu colo novamente nossos lábios. De repente, sinto todo o meu corpo se arrepiar em antecipação.

— Sim, minha linda, isso é tudo o que eu mais quero nessa vida – afirmo contra sua boca.

A princípio, ficamos com os lábios colados, sem qualquer movimento, apenas sentindo nossas respirações se misturarem. O aroma doce do resquício de batom que ela outrora usou invade minhas narinas, entorpecendo meus sentidos. Devagar, passo a sugar seu lábio inferior, apreciando o doce sabor de morango, e completamente tomada pelo desejo, Marina solta um pequeno gemido e eu começo a chupar sua língua lentamente, num misto de euforia e tesão.

Todo o sangue das minhas veias correm lentamente para o meu pau, e sem que possa evitar ou controlar o que estou fazendo, deito-me por cima do seu corpo, sentindo assim cada pedacinho do que me pertence, do foi e do que sempre será meu. Sem desgrudar nossas bocas nem por um segundo, desço minha mão até sua coxa roliça, envolvo-a sobre meu quadril e quase vou à loucura quando sinto o perigoso contato dos nossos sexos sedentos por alívio.

Tomado pelo tesão e sem conseguir pensar com clareza, começo a fazer movimento circulares com o quadril. Simulo sem o menor pudor movimento sexuais, como se estivesse penetrando sua boceta. Minha garota não fica atrás, pois a cada investida que dou, ela vem me encontrar no meio do caminho. É como se fôssemos feitos um para o outro. Já deu para notar que entre nós dois não existirá tabus e restrições, existirá apenas nossa corrida em busca do prazer sem limites. O nosso prazer.

O beijo também se torna mais carnal, nossas bocas estão numa dança sincronizada de lábios e línguas; eu peço e ela dá, eu tiro e ela procura. Já sem fôlego e a um passo de perder o controle, solto nossas bocas em buscar de ar. Marina, sem querer dar qualquer trégua, ataca meu pescoço com várias mordidinhas, e eu não faço outra coisa além de gemer, enlouquecido.

— Marina... Peça-me para parar, eu não aguento mais – suplico, enquanto pressiono minha ereção no seu centro pulsante. — Não é para ser assim – gemo, insano com as mordidas que agora recebo na ponta da orelha. *Ai, porra, se essa diabinha não parar, eu vou gozar*, penso, mandando tudo para o espaço ao começar a subir a ponta de sua camisolinha sexy...

— Puta que pariu! – urro de dor, ao sentir uma fígada inesperada no alto do meu tornozelo.

Intrusos

Marina

— O que foi, Erick, você tá bem? – pergunto, ao senti-lo abandonar meu corpo de maneira súbita. Assustado, ele leva a mão ao tornozelo para só então olhar direto para sua agressora.

Sentada na ponta da cama, Floquinho o encara tão séria quanto é possível para um felino. Seus imensos e redondos olhos azuis o avaliam como quem se pergunta o porquê de ter um homem em cima de sua dona.

— Ela me mordeu, Marina – diz, apontado o dedo acusador. O cenário aqui não poderia ser mais cômico; Erick encarando Floquinho fixamente, enquanto ela devolve na mesma moeda. Minha pequena defensora estaria prestes a rosar como só um cachorro faria, se Thor já não estivesse fazendo seu trabalho. Sentado ao pé da cama, o enorme cão comporta-se como se fosse o segurança da Floquinho. Atento, ele avalia o ambiente e cada movimento meu e do seu dono.

É, parece que esses dois acabaram se tornando amigos, contra todas as probabilidades, eles conseguiram essa proeza.

— Isso no seu rosto é um sorriso, garota? Tá achando engraçado o que essa pequena ferinha fez comigo? – reclama, birrento, ainda segurando o tornozelo como se o mesmo estivesse prestes a cair.

— Eita, deixa de drama, homem. Tira a mão daí de cima – peço, ao arrastar-me de joelhos até o local em que minha gata está e pegá-la carinhosamente nos braços. — Tá vendo, foi só um leve arranhão – volto a me recostar na cabeceira da cama, acariciando a cabecinha peluda do meu bebê.

— Verdade, foi apenas um arranhão – confessa, mansamente, enquanto me encara com um olhar safado.

O que foi que eu perdi aqui? O homem estava até agora a pouco se queixando de dor.

— Que cara é essa, meu amor? Pensei que estivesse prestes a perder seu precioso tornozelo – indago, irônica, e sou presenteada com seu olhar enigmático.

— E estava mesmo, mas aí você me presenteou com uma imagem que faria até morto volta à vida – diz, e vejo em seus olhos a vontade que tem de avançar. Não o fazendo apenas pelo temor que tem dos dentinhos afiados da gata.

— Imagem? – questiono, vendo-o bater no colchão, chamando assim, o

último convidado que faltava para a festa estar completa. Comportado e vendo Floquinho ressonar tranquilamente nos meus braços, Thor pula sobre a cama e ajeitando-se o mais distante possível, fecha os olhos, como quem ignorasse tudo que não fosse sua vontade de dormir.

Que interessante, os dois interrompem nosso primeiro beijo, primeiro amasso, primeiro tudo, para depois se aconchegarem e dormirem tranquilamente.

— Sim, minha princesa. A imagem da sua bundinha arrebitada quando se arrastou até a gata – confessa por fim, e eu não acredito que era isso o tempo todo. Virgem Santíssima, que vergonha! Eu, com essa lingerie curtíssima, não parei para pensar que deixaria toda a minha bunda de fora quando tive a brilhante ideia de virá-la em sua direção.

Pelo menos a calcinha que estou usando é descente, mesmo que esteja completamente arruinada, desde a hora em que o vi sair do seu quarto.

— Não precisa se envergonhar – assevera, ao tirar as mãos que encobriam meu rosto em claro sinal de timidez. — Foi uma bela visão, amor. Ver seu rabinho empinado, com esse pedaço de pano que você chama de calcinha todo socado na bunda, me faz ter ideias nada puras.

— Ideias, é? Que tipo de ideias, meu bem? – decido entrar no jogo de sedução. Já que os bichinhos nos interromperam, talvez seja um bom plano saciarmos nossos desejos de outra forma.

Para mim, não importa como isso vai ser, se é falando e ouvindo sacanagens, ou se é se esfregando um no outro como estávamos fazendo antes. Tudo o que me importa no momento é continuar vivenciando a alegria e o prazer de finalmente tê-lo feito aceitar o que existe entre nós dois, fazê-lo entender que não existe tempo ou distância capaz de eliminar ou ao menos diminuir o amor; a paixão, o desejo e o tesão que nos consome.

Sentir seus braços me abraçarem intimamente, tão diferente das outras milhares de vezes em que o fez, trouxe-me a sensação de finalmente ter encontrado meu lugar. Desta vez ele não quis sair correndo, longe disso, hoje ele me permitiu sentir o tamanho do seu desejo por mim. Meu amor colou nossos corpos de uma forma tão íntima, que eu pude sentir sua poderosa ereção cutucar minha barriga; se antes eu desconfiava do seu desejo, agora eu tenho certeza dele.

Quando seus lábios finalmente me beijaram, me senti esquentar como um vulcão prestes a entrar em erupção. O prazer foi tanto, que teve um momento em que realmente acreditei ser capaz de gozar sem qualquer estímulo. E apesar de toda a intensidade, o abraço íntimo e os beijos arrebatadores foram fichinhas perto do momento em que ele partiu para cima de mim. Eu sonhei tanto que seus beijos que talvez tenha estado mais preparada quando ele finalmente aconteceu,

só não contava mesmo era com o turbilhão de sentimentos que me abateram quando senti seu peso sobre meu corpo, com a forma como nos encaixamos um no outro.

Veio tudo misturado – o amor e o tesão, juntos numa briga para ver quem domina mais espaço, se é a vontade de dormir a noite inteira nos seus braços, ou se é a vontade de passá-la acordada, sendo preenchida de todas as formas e intensidades que ele quiser e que aplaque pelo menos um pouco da dor que sinto no meio das pernas, que me recompense por todas as vezes em que acordei subitamente, logo após um sonho erótico. Sonhos que me fazem acordar molhada de tesão. Ocasões onde não me resta outra saída, a não ser enfiar meus próprios dedos dentro da calcinha, e numa masturbação superficial, conseguir o mínimo de alívio. Esse prazer fugaz por mim mesma proporcionado nunca é o suficiente, uma vez que minha mente insiste em permanecer com a imagem de Erick. Sua presença sempre foi sentida, tanto nestes momentos íntimos quantos nos beijos desajeitados dados em garotos que nunca fizeram um por cento do que somente sua imagem faz em meu corpo, alma e coração.

Agora estou aqui, sentada no aconchego de uma cama de casal ao lado do homem que amo, e a vida está aí para provar que a realidade é muito melhor do que os sonhos.

— Quer mesmo que eu te diga? – questiona, sem conseguir esconder seu olhar arruinador de calcinhas. Em resposta, eu apenas afirmo positivamente, com um leve balançar de cabeça. — Tudo bem, mas antes, vamos tirar as crianças do quarto, eles são inocentes demais pra ouvir ou ver nossas putarias – avisa, e eu acho graça de ele verdadeiramente achar que eles são crianças e não animais. Não que eu não concorde que eles são dois bebês inocentes. O mais divertido disso é ver um marmanjo como ele falar dessa forma.

— Concordo plenamente – digo, e já estou me preparando para levantar, quando sou interrompida por ele.

— Pode deixar que os levo, meu amor – pega Floquinho carinhosamente dos meus braços, que sem esboçar nenhuma reação negativa, continua dormindo. Aquela cena toda dela foi apenas motivada pelo ciúme, afinal de contas, ela nunca tinha convivido com muitas pessoas além das de costume. Sempre foram apenas eu, papai e minha amiga, Ângela. Seu extinto de proteger a dona deve ter aflorado ao avistar aquele homem enorme em cima de sua mãe.

Não esperava outra atitude da minha menina.

— Vou levar Thor pra área de serviço. Eu acabei arrumando um cantinho para colocar a casinha dele. — Vem, garotão – chama o animal com uma leve palmadinha nas suas costas.

— Isso, campeão – elogia, ao vê-lo descer e sair sozinho do recinto.

Esperto como é, Thor deve ter ido direto pra caminha. — E ela, meu bem? Onde quer que eu a deixe? – indaga, já parado ao lado da porta.

— Coloca no meu quarto mesmo. O cestinho dela está ao lado da cama – explico.

— Só um segundo – manda um beijo bobo e sai do quarto.

Ouçoo bater da porta e imediatamente me viro na direção do espelho que enfeita a porta do seu closet. Aproveitando-me dos poucos segundos que tenho, arrumo meu cabelo, analiso se meu rosto está nos conformes e ajeito-me na cama de uma maneira que me faça parecer mais segura e sexy. Se é que existe uma posição para isso.

Será que vamos transar hoje à noite? Não sei se estou preparada para dar esse passo tão definitivo, apesar de querer muito. Mas sabe de uma coisa? Eu não vou ficar pensando nisso agora, se tiver que ser hoje, que seja. Na hora, eu vejo se estou ou não confortável com isso. E se não tiver, com certeza terei a coragem de falar não. Meu amor me entenderá, disso eu não tenho dúvidas.

— Pronto. Crianças dormindo e os pais fazendo a festa – brinca, ao se deitar no mesmo lugar que anteriormente estava.

— E então, Erick, você enrolou tanto que acabou não me falando das tais ideias – jogo na cara e logo fico sem graça, daqui a pouco ele vai pensar que eu estou no cio.

— Você quer transar, Marina? – sabia que tinha passado essa impressão. Que mico da porra.

— *E-eu não...* Quer dizer... – pensa, Marina. Pensa, caralho!

— Não precisa ficar assim, amor, eu estou louco de vontade também – confessa, ao pegar minha mão. — Sinta como ele fica animado por sentir seu cheiro tão de perto, minha gostosa – demonstra, colocando minha mão em cima da sua coxa, a apenas uns poucos centímetros de sua visível ereção. Agora, além de não conseguir desviar os olhos do seu pau, também não me sinto capaz de conter minha mão, mais um pouco e eu o pego de jeito. — Sabe o que eu imaginei quando vi seu rabinho todo de fora e ainda por cima com a porra da calcinha socada na bunda? – pergunta, num tom de voz gutural, ao se chegar mais para perto do meu corpo.

— Não – respondo num fio de voz, ao sentir o calor de sua mão quente subir sedutoramente por minha coxa, que neste momento está junta da outra. É como se mantê-las unidas pudesse de algum modo conter um pouco do fogo que ameaça me consumir.

— Imaginei nós dois aqui, ou em qualquer outra superfície. Você estaria de quatro, igual fez ao pegar Floquinho – começa, aproximando a boca do meu ouvido, ao passo que a mão parou no começo da minha coxa, tendo o dedo

indicador perigosamente perto da minha boceta.

Sua ação tem o instantâneo poder de fazer com que eu afaste minhas pernas, deixando entre elas espaço suficiente pra que ele faça o que quiser com a mão que ali descansa. — Eu viria por trás, afastaria sua maldita calcinha para o lado e socaria meu pau em sua boceta até que implorasse por clemência; eu bateria tanto nessa bocetinha apertada que você me sentiria dentro dela por dias a fio. Sentiria a dor de ter sido bem comida. Iria saber que quem esteve aí dentro foi seu homem, o único que teve e que vai ter esse privilégio – despeja todas as suas taras. É como se estivesse liberando o que por tanto tempo foi reprimido. — E você gostaria disso, não é, minha safada? Adoraria tomar ele até o fundo – fala, mordendo meu pescoço fortemente, fazendo-me me sentir uma fígada de dor, que logo é substituída por prazer quando a sua mão entra na minha calcinha.

— Oh... sim – confesso, ensandecida de tesão.

Não mais aguentando manter minhas mãos paradas e querendo lhe proporcionar o mesmo prazer que sinto, agarro seu pau ainda dentro do moletom. Sem saber muito bem o que fazer, decido colocar em prática todo o meu conhecimento adquirido dos vídeos pornôns que tanto assisti. Com os dedos juntos, seguro seu membro pulsante, e num ritmo cadenciado, passo a fazer movimentos de vai e vem; vou da base até a ponta, apartando somente o que acho necessário. E pelo visto estou indo pelo caminho certo, já que tenho seu olhar cheio de surpresa e desejo fixos no meu rosto.

— Isso, minha safada – solta um urro gutural, trazendo seu corpo parcialmente para cima no meu. Sem se fazer de rogado e deixando-se levar pelo desejo, Erick começa a fazer movimentos circulares e ritmados no meu sexo gotejante. Seus dedos passam a estimular meu clitóris inchado, e eu, já prestes a gozar, começo a estimular e apertar a ponta do seu pau, que acabou de molhar o moletom cinza com seu líquido pré-goço.

— Mais rápido, minha linda. Isso, porra – elogia, e completamente fora de controle, começa a dar fortes tapas na minha boceta, que dói pela vontade de ser preenchida e queima de excitação pelos tapas.

Nunca imaginei que sentiria tanto prazer com a dor, mas o fato de estar a ponto de gozar por tapas grosseiros, mostra que talvez eu seja uma puta masoquista.

— Oh, Erick... Acho que vou... – não consigo terminar a frase, quando sinto meu corpo convulsionar num orgasmo que quase me faz perder os sentidos. Só não o fiz porque os planos do Erick eram outros. Perdido de desejo, ele coloca umas das mãos em cima da minha e começa a ditar o ritmo do meu aperto. Após alguns segundos, ele solta minha mão e volta a se dedicar apenas ao meu prazer. Com dois dedos dentro do meu sexo, ele começa a estocar

vigorosamente. E assim ficamos; os dois loucos de paixão e tesão, buscando o prazer do outro.

— Isso, caralho, mais rápido. Mais rápido, minha gostosa – pede, e também aumenta os movimentos de suas estocadas. — Eu vou gozar, porra... – diz, ao expelir um jato de sêmen que molha toda a frente de sua calça, no mesmo instante em que eu quebro no meu segundo orgasmo.

Puta que partiu! Meus sonhos parecem borrões pálidos e sem graça ante à realidade do que aconteceu agora.

Ainda trêmulos, porém saciados e felizes, Erick e eu nos fitamos em cumplicidade.

— Você está bem, minha linda? – indaga, quando tombamos deitados de barrigas para cima e com os rostos virados um para o outro. — Foi bom pra você? Não acha que fomos rápidos demais?

— Foi mais do que bom, meu bem, nem meus melhores sonhos me prepararam pra grandiosidade do que fizemos e do que senti – confesso, sincera. — Espero que tenha sido bom pra você também, amor.

— Bom nunca será o suficiente pra descrever a alegria de finalmente ter dessa forma, Marina. Eu finalmente tenho minha mulher no lugar que sempre pertenceu – debruça-se, beijando carinhosamente minha boca. — E se prepara que isso é só o início, minha delícia – afirma, dando beijos no meu pescoço.

— Agora vamos limpar essa bagunça? – diz, fazendo-me olhar instintivamente para sua calça, que ostenta uma enorme mancha, e quase desfalecendo de vergonha ao me dar conta do seu olhar sobre minha calcinha igualmente molhada. A pobre da camisola está toda embolada na altura da cintura.

— Ei, não tem necessidade de ficar constrangida. Essa aqui é a nossa bagunça. Só nossa, é a prova do amor que fizemos aqui – termina de dizer, e eu fico impressionada com sua habilidade em me acalmar, em sempre me trazer a sensação de que tudo sempre dará certo, desde que estejamos juntos.

— Fica quietinha aí, vou pegar uma roupa pra você – levanta-se num pulo.

Em frente ao closet, ele tira o moletom e a cueca de uma só vez, deixando-me vislumbrar sua bunda firme e musculosa. Devo confessar que essa sim é a visão do paraíso.

— Apreciando a vista, pequena? – questiona, ao abaixar-se para vestir sua boxer preta da Calvin Klein, logo depois, ele retira uma camiseta cor creme de umas de suas inúmeras gavetas. Olho em volta e fico admirando a organização do ambiente, não tem nada fora do lugar. É realmente de se impressionar, tendo em vista o fato de ele ter acabado de mudar.

— Não nego nem confirmo – brinco, e ele sorri da minha resposta vaga.

— Toma, anjo, vista isso – se aproxima e me entrega a vestimenta, mas não sem antes me dar um selinho. — Posso me virar de costas se você quiser um pouco de privacidade pra se trocar – fala, todo cavalheiro.

— Não há necessidade, já temos intimidades o suficiente pra que exista esse tipo de pudor – afirmo, e tiro a camisola pela cabeça; logo depois, retiro a calcinha empapada, ficando nua sob o olhar guloso do meu amor.

— Apreciando a vista, grandão? – uso sua frase.

— Demais, minha gata, mais um pouco desse show de beleza e você me terá babando nos seus peitos.

— Seu safado – visto sua camiseta, que mais parece um vestido no meu corpo, e volto a me deitar na sua aconchegante cama. Erick, por sua vez, sai desligando as luzes do ambiente, deixando apenas o abajur do seu lado da cama aceso.

Deitada de lado e pronta para dormir, sinto o outro lado da cama afundar com peso do seu corpo. Sem fazer muito barulho, se deita atrás de mim e abraça possessivamente a minha cintura, deixando-nos assim numa perfeita e confortável conchinha.

— Dia cansativo? – pergunta, ao beijar meu rosto ternamente, e penso que talvez esse seja um dos motivos de eu amá-lo tanto. O homem que me acalenta em seus braços fortes nem de longe se parece com o selvagem que agora há pouco me pegou com firmeza e falou tantas obscenidades. Essa sua capacidade de me fazer feliz em todas as suas personalidades apenas confirma a fato de ter escolhido a pessoa certa para entregar meu amor.

— Eu não diria cansativo, mas sim intenso – divago. — Intenso e feliz. Talvez o dia mais feliz da minha vida, até agora – confesso, prestes a me entregar ao sono.

— Da minha também, pequena – diz, também sonolento. — Agora durma.

— Eu te amo, Erick – ainda consigo dizer.

— Eu também te amo, Marina – ouço, antes de cair num sono profundo.

Acertos

Erick

— Meu amor, está na hora de acordar – digo, preguiçosamente, ao despertar do que considero a melhor noite que tive em muitos anos.

Posso parecer um piegas ao atribuir a ela e à nossa relação tudo de bom que vem acontecendo nas últimas horas. Se ser sincero com ela e com meus sentimentos é ser piegas, então eu sou o maior piegas que o mundo já viu. Não sei se culpo meu amor incontestável ou a falta de entusiasmo que sempre tive com as outras mulheres, mas a verdade é que todas as primeiras vezes com ela foram as melhores da minha vida adulta. Seja o primeiro abraço nada inocente, onde deixei que sentisse o tamanho do meu desejo por ela, seja nosso primeiro beijo em que a óbvia falta de experiência foi compensada por seu entusiasmo, ou seja por nossa primeira masturbação mútua. Podem se passar mil anos e eu nunca serei capaz de esquecer a cena vivida aqui nessa cama. Lembrarei do seu rosto contorcido de prazer quando enfim gozou em meus dedos, da surpresa que senti ao vê-la tão corajosamente manusear meu pau, mesmo que teoricamente não soubesse como fazer.

Perfeita, essa noite foi pura perfeição!

Se houvesse um ranking em que fossem eleitos os melhores dias da minha vida, esses momentos com certeza estariam no topo. Sendo o segundo lugar preenchido pela delícia de segurá-la nos braços, depois de cair num sono pesado, graças às nossas brincadeirinhas. Vê-la dormir com nada além da minha camiseta me faz tão possessivo que a vontade que tenho é de bater com os punhos no peito, tal qual um homem das cavernas. Despertar e ter seu rabinho colado na minha ereção matinal é como ter seu prato favorito ali na sua frente, e que você está louco para comer até se lambuzar, mas sabe que se exagerar pode trazer sérios riscos à saúde. É assim que me sinto agora ao ter a plena noção de que minha mulher não usa nem mesmo a porra de uma calcinha, que é só descer minha boxer, levantar um pouco sua perna e meter com ela assim, deitada de ladinho, com as costas apoiadas no meu peito. Eu meteria até o talo, tiraria e meteria de novo, isso até nós dois cairmos mortos, porém prontos para um novo dia...

— Vamos, minha linda, deixa de ser preguiçosa – lhe mimo, colando nossos corpos mais um pouco. Incapaz de resistir, enfio minha mão por dentro da camiseta e vou subindo até alcançar seus seios, que me deixam pronto todas as vezes que percebo que estão duros de excitação. Essas delícias são tão

sensíveis que é até jogo baixo com minha garota, uma vez que eles sempre vão denuncia-la. Eles são tão sensíveis, que nunca haverá o dia em que ela conseguirá mentir sobre suas vontades. Se eu quiser saber sua disposição em me dar, é só olhar para os gêmeos; se eles estiverem piscando, é porque também querem entrar na festa.

Que chance Mari tem contra esse trio de peso? Agora, por exemplo, estão durinhos feito pedra, denunciando assim, o fato de ela não estar tão inconsciente assim. — A senhorita não tem aula hoje? – pergunto, como quem atira no escuro. Durante o período em que ficamos afastados, sempre me mantive atento sobre tudo que lhe diz respeito, por isso sei que já terminou o colegial e que agora faz um curso de fotografia. Segundo fui informado pelo próprio pai dela, Marina pretende ser fotógrafa profissional, dessas que fotografam modelos e atores famosos para ensaios e capas de revistas.

— Não, amor. O curso é só mais tarde, umas 09h30 – diz, preguiçosamente, ao empinar a bundinha contra meu pau, que está mais do que disposto. O bastardo ganancioso está pronto para outra festa como a de ontem. — Que horas são? – pergunta, sem mover um único músculo. Já percebi que ela não é uma pessoa matutina, mas nada que um namorado cheio de amor para dar não resolva. Nessa parte, nossa diferença é bem-vinda. Porque se Marina acorda como um bebê emburrado, eu por outro lado, acordo pronto para distribuir carinho.

— 06h30, Mari. Despertei e fiquei preocupado que você estivesse perdendo aula – belisco o bico do seu seio e ouço-a ofegar bem baixinho. — Eu também tenho que ir pro escritório – explico, mordendo a carne do seu pescoço.

Mesmo sendo um dos donos, nunca tive o hábito de chegar tarde ao trabalho, muito contrário, geralmente sou um dos primeiros a chegar. Assim que nos formamos e pegamos nossa carteira da OAB, João e eu não medimos esforços para tornar o J&E Advogados e Associados um dos mais renomados escritórios do país. Ele especializado nas áreas civis e trabalhistas, e eu nas áreas criminais e tributárias; assim trabalhamos durante muitos anos. E entre chegar no horário certo e cumprir prazos, nós dois chegamos juntos ao topo que sempre almejamos. Agora, farei de tudo para continuar do jeito que João sempre gostou.

— Não. Fica mais um pouco, só um pouquinho. Ainda está tão cedo – resmunga, como um bebê manhoso.

— Oh, meu Deus, que mulher preguiçosa essa minha – brinco, ao jogar minha pesada perna em cima do seu quadril, fazendo-a perceber o quão animado acordei. A mão que apertava o seio direito agora acaricia sua barriga em movimentos circulares.

— Ele não dorme nunca? – indaga, maliciosa ao apertar o rabinho contra

meu cacete.

— Quando está na sua presença, não. Seu cheiro o deixa babando de vontade de entrar na festa.

— E por que não entra? – provoca, rebolando de maneira quase imperceptível. Outra pessoa vendo a cena não perceberia o que a safada está fazendo.

— Você é mesmo uma putinha safada, não é, minha gostosa? – deito-a de barriga para cima e rolo para cima do seu corpo. — Fica me atijando assim, tão descaradamente. Faz isso apenas porque sabe que não irei fazer nada – digo, mesmo sabendo não ser esse o motivo das suas investidas que tanto amo. Marina me atija até o limite da razão, no entanto, eu tenho plena certeza de que ela não faz joguinhos. Tudo é genuíno e espontâneo. É apenas a demonstração pura e genuína das suas vontades mais íntimas.

— Como assim não vamos fazer nada, Erick? – indaga, com uma expressão temerosa em seu rosto.

— Amor, você ainda não completou dezoito anos, não acha melhor esperarmos até que complete a maioridade? – retiro minha perna de cima do seu quadril e agarro seu bumbum, na tentativa de fazê-la parar de me atijar. Se já é difícil resistir com ela parada, imagina meu sofrimento quando decide me provocar. — Só mais alguns meses.

— Seis meses é tempo demais, Erick. Não vejo motivos para não darmos esse passo. Eu te desejo tanto – confessa, despindo-se de qualquer pudor ao me dizer o que quer. Esse seu jeito aberto muito me encanta, demonstra sem precisar ficar reafirmando com palavras a sua confiança em mim. Confiança essa que por muitas vezes não fiz por merecer. — Além disso, falta tão pouco, que se transarmos agora ou daqui a uns meses não fará muita diferença – argumenta.

— Esse sim é um bom argumento, minha gatinha curiosa – elogio, ao apertar sua nádega de mão cheia. — Aqui em casa, estando só nós dois, talvez não tenha nenhum problema em agirmos como um casal de namorados, pois é isso que somos. Já lá fora...

— Lá fora?

— Sim, pequena. Acho que não é o momento de aparecemos em público como um casal – afirmo, torcendo para que ela entenda o que irei propor.

— Não aparecemos como um casal? O que isso significa, Erick? – tira minha mão e senta na cama num supetão. Com um ponto de interrogação estampado do rosto, ela vira em minha direção, apenas aguardando a resposta que em nada vai lhe agradar. — Não vou poder contar pra ninguém? – indaga, chateada, e eu acabo levantando também. Agora, sentados frente a frente e de pernas cruzadas, nos olhamos com olhares sérios e compenetrados.

— Não é isso, meu amor. Pensa comigo: você é menor de idade, seu pai, que era meu sócio e melhor amigo, acabou de morrer. Você acha mesmo que as pessoas vão entender nossa relação neste momento? – questiono, fazendo-a entender que as coisas não são tão simples como gostaríamos que fosse.

Infelizmente.

— Eu não tinha parado pra pensar nisso – diz, pensativa.

— Você é muito nova, Marina, não sabe até onde vai a crueldade das pessoas – previno, pois apesar de ser de família rica e de ter participado de alguns eventos da alta sociedade de São Paulo, ela ainda não teve o desprazer de conviver mais de perto, de conversar ou presenciar a crueldade desse tipo de gente. Os mais abastados sentem-se no direito de julgar sem conhecer, e de apontar sem saber o que há por trás de uma história. — Você não tem ideia do que pessoas como as que sempre rodearam eu e seu pai são capazes de fazer, do que seriam capazes de inventar a respeito da nossa relação.

— Até quando, Erick? Seremos reféns dessa gente, é isso? – questiona, indignada e com razão. Marina é boa demais para suportar qualquer tipo de discriminação e maldade. Sua bondade me orgulha na mesma proporção com que sua ingenuidade me preocupa. Preciso e vou garantir que nenhum abutre se aproxime dela. Não sei o que seria capaz de fazer se lhe magoassem por minha causa.

— Não, carinho, não será para sempre. Eu proponho esperarmos pelo menos até que fique maior e que a morte do seu pai não esteja tão recente.

— Você tá certo, amor, vamos manter em segredo, por enquanto. Mas será que tem algum problema eu contar apenas para minha amiga Ângela? Você a conhece, não é mesmo? – pede, fazendo beicinho. A safada sabe que eu não resisto a um pedido seu quando faz isso.

— Lembro-me vagamente da garota, e se você confia nela, eu não vejo problema nenhum em você falar sobre a gente.

— Confio, sim. Só pra você saber, Ângela é minha maior confidente. Foi ela quem me suportou falando de você, chorando por você e tendo ataques de ciúmes por sua causa. Nada mais justo do que ser a primeira a saber do nosso... – dá uma pausa e me analisa atentamente. — Nosso o que mesmo, Erick?

— Não sei, gatinha, namoro eu acho que não pode ser, até porque a senhorita tem um noivo, não é mesmo? – lembro de suas palavras e a vejo juntar as duas mãos fechadas sobre o rosto, que queima de constrangimento. — Eu não posso namorar uma pessoa comprometida.

— Para de palhaçada, Erick, você sabe muito bem que não existe noivo nenhum. Eu inventei um por sua culpa – fala, ao dar um tapa no meu braço.

— Agora a culpa é minha? E eu não sabia que era invenção sua.

Acreditei de verdade e quase tive um infarto no meio da sala.

— Acho é pouco, quem manda me irritar? Sorte a sua ser mentira – diz, ao dar de ombros.

— Não, Mari, o único a ter sorte aqui foi seu noivo imaginário. Não pense nem por um minuto que eu permitiria que te tirassem de mim. Isso entre nós dois, mais dias ou menos dias ia acontecer, amor. Eu sou seu namorado e você é minha namorada, é isso que sua amiga precisa saber.

— Tudo bem, namorado – aproxima-se, na intenção de dar um selinho, e quando tento aprofundar o beijo com a ponta da língua, ela levanta-se da cama num pulo.

— Que foi? Você está bem? – indago, tentando abraçá-la.

— Não – afasta-se dos meus braços e sai em disparada rumo à porta. — Apenas lembrei que acabei de acordar. Além disso, não podemos nos atrasar, faça suas coisas e me encontre lá em baixo para tomarmos café – finaliza, e sai do quarto, deixando-me sem entender nada.



— Oi, pequena, em dez minutos eu chego aí – falo ao telefone com minha namorada. Já são quase 06h tarde, e como o combinado, irei passar num barzinho perto do curso para pegá-la. Mais cedo minha garota me ligou avisando que depois do curso iria encontrar a amiga Ângela.

— Ok, querido – responde, com a voz manhosa. — Espero ansiosamente – sussurra essa parte, e eu olho irritado para o painel do elevador. A porra parece descer mais devagar que o normal; 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1... e finalmente ele chega ao térreo do tribunal onde eu normalmente participo das audiências. Chegando na garagem, entro no carro e saio em disparada para os braços da minha garota.

O dia hoje não poderia ter sido mais feliz. Depois de acertamos os pontos do nosso namoro, Marina e eu tomamos o café da manhã cheio de carinho e intimidades. Entre beijinhos e dar comida na boca um do outro, nós dois não fizemos questão de esconder dos empregados nossa relação, já basta ter que fingir fora de casa. Aqui não, essas paredes serão as maiores testemunhas do nosso amor, só espero que elas sejam resistentes. A única coisa ruim da nossa primeira manhã como casal foi o fato de ela ter acabado. Às 07h30 tive que me despedir da boneca e ir ao trabalho, meu lento e enfadonho trabalho. Pelo menos é assim que venho pensando durante todo o dia de hoje. Eu e ela, como duas pessoas que acabaram de assumir uma relação, só queremos ficar juntos o tempo todo.

Quando finalmente chego, avisto Marina e sua amiga sentadas numa mesa de madeira do lado de fora do bar. Passo alguns segundos observando sua beleza jovem, quando um rapaz de mais ou menos uns vinte anos se aproxima e senta ao lado da minha mulher. Ele apenas cumprimenta Ângela e logo passa a conversar com Marina, ignorando completamente a presença da outra.

Quem esse filho da puta pensa que é para estar tocando minha mulher desse jeito, porra? Saio do carro, furioso ao ver o cara acariciar seu braço que descansa sobre a mesa.

— Marina? — chamo, e tanto ela quanto o moleque viram as cabeças para trás com olhares assustados. A amiga apenas me fita, paralisada e de boca aberta, já que estava sentada de frente e foi a primeira a perceber minha chegada. — Atrapalho?

No lugar do outro

Marina

— Erick? – digo, surpresa, ainda que estivesse lhe esperando. Olho dele para a mão de Mateus em meu braço e o puxo como se estivesse sido pega cometendo um delito. — Chegou rápido – seu olhar furioso em mim denuncia que acabei de falar a coisa errada na hora errada. Puta que pariu! Por que Mateus tinha que aparecer logo agora? Ainda mais sem ser convidado. A menos, é claro, que sua priminha o tenha chamado e esquecido de me avisar desse detalhe importante. Não é que eu ache o Erick um cara ciumento ou que faria algum tipo de escândalo, para falar a verdade, eu não sei o que pensar a respeito disso, afinal de contas, estamos namorando há apenas um dia – ou uma noite, para ser mais exata. Não tenho ideia de como ele reagiria vendo cenas como essa. A cena em si não teria nada demais se eu não soubesse qual é a do Mateus.

— Pois é. Mas como você pode ver, eu já estou aqui, vamos? – fala, sarcástico e mal-educado, pelo visto. Ele está me constrangendo na frente dos meus amigos.

— Erick, você lembra da Ângela? – indago, tentando quebrar o gelo e, quem sabe, trazer de volta o seu bom humor que provavelmente deixou dentro do carro. Se bem que ele fica tão sexy com essa cara de mau, com esse olhar gelado e testa franzida, que tenho vontade de deixá-lo mais irritado ainda, apenas para ter mais desse olhar, para ter um pouco do seu modo bruto. — Minha amiga que sempre estava lá em casa – dou-lhe um olhar suplicante. Erick não pode tratá-la com hostilidade, não quando eu passei a tarde inteira falando do quanto ele é gentil, do quanto me fez feliz quando me beijou e tocou intimamente. Ângela no mínimo acharia que sou uma mentirosa e eu não quero nenhum tipo de atrito com ela. Ângela tem sido minha amiga desde que me entendo por gente, não quero gerar mais desconfiança num relacionamento que ela já não vê com bons olhos. Para ela, eu sou nova demais para assumir uma relação com um homem maduro feito o Erick.

— Lembro, sim – desvia o olhar de mim para ela. — Desculpa minha indelicadeza. Como tem passado, Ângela? Marina fala muito de você – revela, ao pegar sua mão e beijá-la gentilmente. No mesmo instante, sinto o bichinho do ciúme me picar, o que é patético da minha parte. Erick está apenas tentando ser gentil e ela é minha amiga. Amiga essa que agora tem um sorriso tímido no rosto e as bochechas coradas num tom de vermelho vivo; nem de longe parece a mesma garota que contesta tanto nossa relação.

— Estou bem, senhor... — responde, insegura, e eu percebo sua indecisão sobre como deve chamá-lo, porque afinal de contas, se fôssemos avaliarmos nossa idade e a dele, seria aceitável usar esse tipo de tratamento. Só que neste caso a situação é deferente, uma vez o "senhor Erick" também é meu namorado. — E espero que ela fale apenas coisas boas ao meu respeito.

— Pode ter certeza que sim. Marina é muito leal — diz, olhando-a com seriedade, e eu quase tenho a sensação de que ele não confia nela.

— E você, rapaz, quem é? — desvia o olhar para um Mateus, que até então apenas observava a cena com atenção. Eu já tinha até esquecido da sua presença desnecessária. Ainda não entendi a necessidade que Ângela tem em tentar enfiar esse garoto em todos os programas que fazemos, seja como o de hoje, quando era para estarmos só nós duas e de repente ele aparece, ou nas reuniões que fazemos mensalmente, reunindo toda a galera do colégio.

Mateus é primo de Ângela por parte de mãe, e segundo minha amiga, ele veio passar uma temporada com a família dela porque estaria dando muitos problemas na cidade do interior em que vivia com os pais e uma irmã pequena. Com vinte anos, o cara já reprovou vezes o suficiente para ter que fazer o último ano do ensino médio junto com a prima de dezoito anos. Ele chegou e desde então Ângela tem feito de tudo pra encaixá-lo no nosso grupo de amizade. Eu nunca fui do tipo de pessoa que julga os outros, que entra em panelinhas e não deixa ninguém de fora se aproximar, pelo contrário, sempre fiz questão de me aproximar de quem quisesse minha amizade, não excluindo por condições financeiras ou qualquer outra babaquice do tipo. Mas com Mateus não deu para segurar, o cara chegou ao colégio todo cheio de marra, se achando o supracitado da virilidade, apenas por ser um cara mais velho no meio da pirralhada. Ele saiu dando em cima de todas as garotas, quer dizer, não todas, apenas as que, na sua visão, tivessem uma melhor condição financeira ou um sobrenome influente na alta sociedade. O pior disso não é nem a inconveniência de suas ações, e sim sua maldade, já que sua única intenção em paquerá-las era de massagear seu ego.

O babaca iludia as pobres coitadas, chegando inclusive a levar algumas para a cama, segundo ele mesmo se gabava, para depois meter o pé na bunda. Isso tudo porque, além de idiota, esse garoto também é pretencioso. Besta é quem ainda cai no papo dele, afinal, não é segredo para ninguém que sua mira sempre esteve virada para mim.

Infelizmente.

Com a ajuda da prima, Mateus passou o ano inteiro no meu pé, sendo inconveniente por mais vezes do que sou capaz de aguentar. Sempre dando um jeito de aparecer nos mesmos locais em que eu estaria e com a mania irritante de querer sempre me tocar. Não é como se eu nunca tivesse lhe dado um fora. Eu já

dei e não foram poucos, mas o cara simplesmente não se toca. Fica querendo forçar uma eterna barra. Acho que se ele forçar mais, coloca um ovo.

O pior disso tudo é que o interesse nunca foi genuíno, o que mais chamou sua atenção em mim foi classe social e status, mas, pra seu azar, isso nunca me importou.

Eu estou com tanta raiva desse moleque, que eu nem sei o que sou capaz de fazer se ele tiver estragado meu namoro já no primeiro dia.

— Tudo bem, senhor? Prazer, Mateus – oferece a mão em cumprimento e Erick não aceita. Ele continua com as duas mãos dentro do bolso, e confesso que fico com um pouco de pena do cara. — Sou primo da Ângela e amigo da Mari – dá ênfase no *amigo*, me chama pelo apelido e minha pena some imediatamente, já que esse idiota está claramente tentando provocar o meu namorado.

— O prazer é meu – diz, mordaz, e não consegue disfarçar o sentimento contrário. Seu rosto demonstra um verdadeiro desprazer. — Vamos? – me chama, e quando vou me levantar, Mateus ataca novamente.

— Não, Mari, fica mais um pouco – fala, na cara dura, ignorando a presença do Erick. — Acho que seu pai não vai se importar – olho para Erick e ele está quase cuspidando fogo pelas ventas.

— Eu não sou o pai dela – responde de má vontade, e eu quase caio para trás quando sinto o braço de Mateus abraçar meus ombros por cima do encosto da cadeira. Olho para Erick e ele agora está encarando a mão do folgado como quem lançasse facas pelos olhos.

— Desculpa pelo vacilo – levo meu tronco mais para frente, afastando seus braços de polvo de perto de mim. — Deve ser o tio, então. Por que você nunca me falou que tem um tio tão maneiro, gata? – pergunta, como se eu e ele tivéssemos alguma intimidade para eu que lhe desse esse tipo de informação. Quem dirá para que me chamasse de gata. Cara mais detestável. Eu vou matar a Ângela, ela vai me pagar muito caro por me fazer passar por esse constrangimento.

Pela cara com que meu amor me encara, eu estou muito na merda.

— Ele também não é tio dela – a bonita resolve abrir a boca pela primeira vez desde que essa cena patética começou. — Será que dá pra calar a boca só um pouquinho? – pede, já sem paciência para as inconveniências do primo.

— Não tem problema, Angel, já estamos de saída – ignoro a pergunta anterior de Mateus, levanto-me da cadeira e vou de encontro a Erick, que está parado a poucos passos da mesa.

— Até logo, amiga – mando um beijo de longe. — Foi um prazer, Mateus – digo, seca, esperando não ter o desprazer de vê-lo tão cedo.

Erick e eu damos apenas um passo em direção à calçada, quando somos interpelados por uma pessoa.

— Erick, que surpresa te encontrar aqui – a mulher loira e elegante o abraça numa intimidade que muito me incomoda. — Acho que se tivéssemos combinado esse encontro, ele não teria dado tão certo – fala, com as unhas grandes fincadas no seu braço escondido por baixo da manga do terno. Ainda bem, senão essa vaca seria capaz de furar o braço do meu Erick com essas garras.

— Tudo bem, Patrícia? – pergunta, sem fazer um único movimento para tirar as garras do seu braço. Nem parece o mesmo cara que até uns instantes atrás estava se roendo de ciúmes, um ciúme bobo e infundado. Ao contrário dele, que está todo risonho para o lado da Pamela Anderson. — É uma coincidência mesmo, já não basta isso ocorrer todos os dias pelos corredores do escritório? – insinua algo, mesmo que de forma educada, e eu percebo duas coisas: a primeira é que ela provavelmente deve trabalhar no escritório e a segunda que é os corredores da J&E Advogados e Associados devem ser muito estreitos para a pobre mulher ter o desprazer de esbarrar o com chefe a todo momento.

Deixando o ciúme de lado, fixo o olhar na mulher e começo a analisar a "concorrência". Aparentando ter seus trinta e poucos anos, Patrícia tem no rosto a expressão fria de uma mulher vivida e que sabe encobrir bem suas intenções e sentimentos, ela é tão boa nisso, e está inclusive fingindo não notar minha presença. Não que isso seja possível, uma vez que estou praticamente colada nele, mas ela bem que tenta.

— Verdade, Erick, estamos sempre nos esbarrando – inclina o tronco um pouco mais para frente, pensando que talvez assim seu decote fique mais visível aos olhos do meu homem, que corre o sério risco de se tornar "ex", caso ele tenha a audácia de olhar para essa biscate. — E eu não chamaria de consciência, e sim de destino – dessa vez ela foi longe demais.

— Erick, podemos ir, por favor? Eu estou ficando cansada desse ambiente, tá meio sufocante – digo, ao abanar o rosto teatralmente com as mãos. Só espero que a biscate se toque.

— Oh, nem tinha te visto aí, menina – coloca a mão na boca, numa perfeita encenação de surpresa. É, parece que temos uma atriz melhor do que eu aqui, está quase merecendo o Oscar. — Você não me disse que tinha uma sobrinha, Erick? – indaga, querendo parecer simpática. Ai, que ranço dessa mulher.

— Já é a segunda vez que respondo isso hoje – fala, num mau humor que dessa vez muito me agrada. — Ela não é minha sobrinha.

— Não? – não, vaca. Fala para ela, Erick, diz que somos namorados.

— Essa é a Marina, filha do João Junqueira, lembra? – ela me fita, surpresa, e eu lhe retribuo com um sorrisinho amarelo.

— Meu Deus, há quanto tempo não te vejo, menina – aperta minha bochecha como se eu fosse uma criança. — Nossa, como você cresceu, a última vez que te vi você tinha uns quatorze anos de idade.

— Pois é, parei um pouco de ir nesses eventos do escritório. Lá só tem gente chata – falo, e ela continua plena, age como se eu não tivesse acabado de chamá-la de chata.

— Não fale assim, Marina – o babaca resolve abrir a boca quando eu não pedi sua opinião. Se fosse para falar, ele teria ficado calado.

— Deixa ela, Erick, Marina tá apenas brincando. Além disso, ela é apenas uma menina – diz, e ele permanece calado. — Como poderia esquecer ela, se todas as vezes em que te avistava ela estava junto? Às vezes eu tinha até pena. A pobrezinha só queria um pouco de atenção, não é mesmo? Eu me colocava em seu lugar, criança, não deve ser fácil ser desprezada pela mãe – fala, com falsa solidariedade, e eu sinto meus olhos se inundarem de lágrimas. – olho para Erick e ele me fita, estático, sem saber como agir, sem dizer uma palavra.

— Chega, eu não consigo mais – olho para ele com os olhos magoados e ele me devolve com um cheio de dor, eu só não fico tempo o suficiente para decifrar o seu significado.

— Marina... – começa a dizer algo, e eu não tenho vontade de ouvir o resto. Ajeito a alça da bolsa que carrega minha câmera fotográfica e saio correndo pela avenida movimentada. Ao me ver livre do ambiente hostil e daquela víbora, cesso a corrida e continuo com meu andar apressado.

— Marina – ouço sua voz distante e preocupada me chamando... *"A pobrezinha só queria um pouco de atenção, não é mesmo? Eu me colocava em seu lugar, criança, não deve ser fácil ser desprezada pela mãe"*. Ando desnorteada por entre os carros, as buzinas se misturam às malditas palavras e a última coisa que eu ouço é a voz do Erick me chamando.

Pratos limpos

Erick

— Marina – grito, desesperado, quando vejo um carro vindo rapidamente em sua direção. Sem pensar em mais nada, corro desesperado e a empurro contra o meio fio da calçada, milésimos de segundos antes de ela ser atingida pelo veículo em movimento. Querendo lhe proteger de todos os lados, jogo meu corpo sobre o seu, e não penso nem por um segundo em mim mesmo, no fato de que talvez eu não possa me proteger.

— Olha por onde anda, porra! – o motorista, que já está a metros de distância, não deixa de expressar sua indignação e eu não o culpo, Marina realmente atravessou uma avenida movimentada, em pleno horário de pico. Ela agiu como se não se importasse com nada, nem comigo e muito menos com a própria vida, que correu um sério risco.

Deixando a adrenalina baixar um pouco, sinto um alívio tomar meu corpo quando me dou conta de que poderia tê-la perdido para sempre. Solto um pouco do peso do meu corpo contra suas costas e só então percebo que ela não diz nada e muito menos se mexe.

É nesse momento que sinto um frio gélido atravessar todos os ossos do meu corpo.

— Marina – levanto meu tranco de cima do seu corpo o mais delicado possível, e o medo de constatar seu estado me corrói a alma.

Caída de costas, Marina tem o rosto encoberto por seus cabelos. Com as mãos trêmulas, tiro os fios do seu rosto e só então tenho coragem para olhá-la. Sinto a cor fugir do meu rosto quando fito seu rosto pálido e sem vida.

Meu Deus, ela não pode...

— Marina – chamo, suplicante, sem, no entanto, tocar no seu corpo, pois não quero correr o risco de mexer e piorar seu estado que ainda não sei dimensionar a gravidade. — Acorda, amor – sinto meu olho arder e um nó se formar na minha garganta.

— Senhor? – ouço uma voz, e só agora percebo o grande número de pessoas à nossa volta. — Eu vi o que aconteceu com a moça, sinto muito – diz o homem que aparenta ter seus quarenta e poucos anos.

— Eu também sinto – digo, com pesar. Minha menina está nessa situação por minha culpa. Eu não devia ter deixado aquela víbora lhe atacar daquela forma. — Você não tem ideia do quanto – digo, sem tirar os olhos dela. É como se ela fosse me deixar caso eu desvie minha atenção. É irracional, eu sei, mas

não consigo sentir de outra maneira.

— Eu sou enfermeiro, se quiser, eu posso ajudar. Mas o senhor precisa se afastar – diz, condescendente, e eu percebo o que ele está fazendo. O homem deve ter notado meu estado e com toda sua provável experiência, decidiu fazer a melhor abordagem possível.

Com suas palavras, eu o olho e decido confiar nele. É apenas uma pessoa querendo nos ajudar. Só acho demais pedir para que eu me afaste, isso eu não vou fazer.

Nunca!

— Obrigado – agradeço de antemão. — Só, por favor, não me peça para sair do lado dela. Isso não – deixo claro.

— Tudo bem. Pode ficar ao lado dela, apenas me deixa chegar mais perto, preciso checar seus sinais vitais para ver se está tudo bem – diz, e tem que afastar alguns curiosos de sua frente. Postando-se do outro lado de onde Marina está, o homem se agacha, analisa atentamente seu corpo e eu suponho que seja para verificar se não há nenhuma fratura aparente, ocasionada pelo impacto da queda. Tenho consciência do peso do meu corpo e do seu também, mas na hora do desespero, eu só quis tirá-la da situação de perigo.

Após inspecionar seu corpo, ele checa seu pulso e finalmente diz:

— Ela está bem, os batimentos estão estáveis – afirma, para o meu alívio.

— Ela provavelmente deve ter desfalecido pelo susto e pelo impacto da queda.

— Graça a Deus – agradeço, apesar de não ser muito ligado à fé.

— Ela só precisa respirar – olha ao redor e eu o acompanho, ficando surpreso pelo tanto que a multidão cresceu desde a última vez que olhei. — Pessoal, se afastem um pouco, por favor. A moça precisa de ar – pede, e a multidão aos poucos começa a dispersar.

Distraio-me por alguns instantes quando de repente escuto Marina resmungar, olho seu rosto ainda virado de lado e ela tenta se mexer.

— Calma, meu amor, fica quietinha, por favor – ela abre os olhos vagorosamente, tentando recobrar a consciência. — Não se mexa.

— Erick, o que aconteceu? – pergunta, num fio de voz.

— Nada, querida, você apenas caiu – limito-me a dizer. Prefiro não lhe estressar lembrando a cena de agora há pouco.

— Você está bem, moça? – o gentil desconhecido lhe pergunta. — Sente dor em alguma parte do corpo?

— *N-não*. Estou apenas um pouco confusa – responde, já com a consciência totalmente recobrada.

— Isso é normal, a senhorita ficou desfalecida por alguns minutos. Logo isso passa – explica docemente, e eu fico feliz por perceber que, apesar de tudo,

ainda existem pessoas boas no mundo, pessoas que como ele, ajudam sem olhar a quem.

— Eu quero ir pra casa, Erick – senta-se vagarosamente, e eu ajeito seus cabelos, que até então estavam espalhados pelo seu rosto e ombros.

Olho novamente para o homem e só então percebo que não perguntei seu nome. Entendendo o que eu quero, ele responde.

— Se o senhor quiser, pode levá-la para casa – diz, ao levantar-se. — A moça está bem.

— Não sei nem como te agradecer – estendo a mão e ele aceita de bom grado. — E desculpa minha indelicadeza por não me apresentar antes. Prazer, Erick Estevan. Muito obrigado por ter me ajudado com minha namorada – revelo, esquecendo o meu próprio acordo de não abrir a nossa relação.

— Que nada, não precisa agradecer. Fiz apenas minha obrigação – responde, modesto, e minha admiração por ele aumenta ainda mais. Se fosse outra pessoa talvez não tivesse essa iniciativa, mesmo sendo esse o seu trabalho. — O prazer foi todo meu em conhecê-los, mesmo que numa situação tão inusitada. Meu nome é Lucas.

— Lucas, essa moça aqui é Marina Junqueira, minha namorada teimosa.

— Teimosa eu não sei, mas descuidada com certeza você é. Da próxima vez, seja mais cuidadosa, menina. Você teve muita sorte de ter seu namorado por perto – diz, carinhoso, enquanto eu ajudo ela a ficar em pé.

— Pode deixar, chefe – bate na têmpora como quem bate continência. — E não se preocupe, porque não vai ter próxima vez.

— Não vai mesmo – afirmo, lhe encarando, e ela, com a vista ainda desfocada, olha de imediato para o chão.

— Tenho que levar ela pra casa, Lucas – digo, ao segurá-la firmemente pela cintura. — Mais uma vez, obrigado. Aqui está meu cartão – tiro o papel pequeno do bolso do meu terno. — Aí tem todos os meus contatos, qualquer coisa que precisar, não hesite em me procurar. Será um prazer te ajudar – ele pega o papel, agradece e se afasta, saindo na direção oposta à nossa.

— Está confortável para andar? – indago, e ela responde apenas com um balançar de cabeça.

Caminhando devagar, eu e ela chegamos até o carro, que estava estacionado próximo ao bar. Ao entrarmos no veículo, minha namorada coloca o cinto de segurança, encosta a cabeça no vidro e fica completamente em silêncio. Não me dirige a palavra e muito menos me lança um olhar.

— Marina... – começo, mas desisto quando vejo que ela nem ao menos se mexe.

Sem querer forçar a barra, respeito seu momento e passo a dirigir todo o

caminho até nossa casa no mais completo silêncio, fazendo-me questionar se ela está acordada ou dormindo.

Ao entrarmos em casa, depois de um tortuoso e longo caminho, Marina se desvencilha do meu abraço, segue rumo ao sofá e lá mesmo se joga. Com os olhos fechados e cabeça apoiada no encosto do estofado, ela respira silenciosamente. Sem paciência, decido que é hora de quebrar o silêncio e nos acertamos de uma vez.

— Marina, precisamos conversar – digo, ao sentar do seu lado, e ela continua me ignorando. — Será que dá pra você parar de ser infantil e conversar como uma adulta? – digo, e isso é o suficiente para chamar sua atenção. De imediato, ela levanta a cabeça, vira-se em minha direção e começa a me encarar, furiosa.

— Infantil. Você está me chamando de infantil? – fala, com o rosto vermelho, só que dessa vez é de raiva. — Será que você ainda não percebeu o quanto eu odeio ouvir você me dizer isso?

Eu imagino o incômodo que deve ser para ela me ter falando isso, ainda mais quando temos uma diferença de idade tão grande e personalidades tão divergentes.

— Não tenho como falar de outra forma quando você tem esse tipo de atitude, meu amor. Admita que isso que você está fazendo não é a atitude mais madura do mundo – provoco, tentando deixar o clima mais leve.

— E como você quer que eu aja, Erick? – indaga, deixando claro que não deu muito certo minha tentativa de descontração. — Quer beijos e abraços depois do que você fez lá no bar? – fala, ironicamente, e eu tenho vontade de beijar sua boca. Ela não tem ideia do quanto está linda com essa carinha amarrada.

— Confesso que queira, sim – respondo. — Deixa de ser brava. Vem aqui, amor – estendo os braços e ela o recusa solenemente.

— Eu não estou brincando, Erick. Você viu o jeito que aquela mulher estava falando comigo e ficou calado. Não teve a decência de me defender – diz de uma vez tudo que estava guardando.

— Me desculpa, pequena, fiz aquilo pra te proteger. Apenas me deixa explicar, por favor? – junto as mãos em frente ao rosto em sinal de prece.

— O pior de tudo foi ver ela com as garras em cima de você – continua, como se eu não tivesse dito nada. — E ainda por cima fingindo que não estava me vendo ali do seu lado.

— Disso eu não tenho culpa – me defendo.

— Tem, sim – se aproxima de joelhos e dá um forte tapa no meu braço. Ela só é pequena, mas bate feito um homem. — Devia ter tirado as garras dela

de cima, e não ficado parado igual a um imbecil.

— Se você realmente tivesse amor à sua vida, não deveria nem estar aqui querendo conversar – ameaça, sentando-se na outra ponta do sofá.

— Vem cá, amor. Para com isso – tento acalmá-la. — Não se esqueça que eu também vi aquele merdinha com as mãos em cima de você, gata – dou ênfase no gata, para que ela perceba que eu não esqueci aquela cena.

— Não vem querer comparar, são situações completamente diferentes – contrapõe, ainda mais irritada.

Já estou vendo que essa conversa não vai acabar bem. Não estamos conseguindo nos entender.

— Não, Marina, não são diferentes. Se você não fosse tão imatura, perceberia que as situações foram parecidas.

— Um caralho que foram iguais – xinga, furiosa. — E não me chame de imatura novamente. Eu não tenho culpa se você é um tiozinho que não entende nada – diz, levantando-se do sofá.

Movendo-se rapidamente, Marina vira-me as costas e dirige-se para o que suponho ser seu quarto. Pelo menos isso é o que ela pensa.

— Volta aqui agora, Marina! – caminho rapidamente atrás dela. — Nós ainda não terminamos. Você volta ou eu...

— Ou você o quê? – diz, ao dar meia-volta e me encarar, petulante. — Vai me colocar de castigo? Ou vai me colocar sobre suas pernas e surrar minha bunda? – indaga, provocativa, e eu começo a perder a paciência que eu tanto estava lutando para manter. Já vi que é impossível lutar contra seu lado teimoso quando ela está brava.

— Cala essa boca – chego junto e encosto meu rosto ao seu. — Você não vai gostar nada das consequências de não me obedecer – aviso, sentindo tanto a sua quanto a minha respiração ofegante.

— E se eu quiser as consequências? – pergunta, me deixando perceber sua mudança de atitude. A safada resolveu que é melhor me provocar do que me enfurecer. — Responde, tio – pede, me fazendo lembrar as palavras da porra daquele garoto. Se eu já fiquei furioso ouvindo isso da boca dele, imagina meu estado por ouvir isso da boca da minha mulher. A vontade que eu tenho é de fazer exatamente o que ela propôs: colocá-la sobre meus joelhos e surrar sua bunda até que fique vermelha pelas marcas da minha mão, para logo depois fodê-la duro, até que peça por clemência. Mas eu não vou fazer isso, não quando é exatamente o que ela quer.

Sou eu quem está no controle aqui. Preciso me controlar, senão sempre voltaremos para a mesma cena.

— Marina... – dou o último aviso. — Por favor, não me provoque. Nós

ainda precisamos conversar sobre o que aconteceu lá no bar – seguro seu braço para apoiá-la ainda mais contra meu corpo.

— Ou o que, tio? – diz, e eu abandono de vez minha racionalidade.

— Isso foi você quem pediu, gata – chamo novamente pelo apelido do moleque petulante. — Não tente me provocar quando não dará conta das consequências – avanço em sua direção e ela vai andando para trás.

— Para, Erick, eu estou brava com você – diz, quando vê que não tem mais por onde escapar.

— Eu disse que vamos conversar, Marina? – paro quando a tenho apoiada contra a porta da nossa casa, e só então eu me dou conta do lugar em que estamos parados.

— Você realmente precisar parar com essa impulsividade, meu amor, não pode sair correndo todas as vezes que as coisas saírem do controle.

— Eu não ia... – começa, sem saber o que dizer, deixando claro tanto para mim quanto para ela que era exatamente isso que ia fazer. Fugir, outra vez, fugir.

— Claro que ia, você sabe que ia – encosto meu corpo ao seu e ela ofega, ainda que tente disfarçar seu desejo, ela sabe que precisamos conversar. Que está chateada comigo, mas ainda assim não consegue negar o chamado do corpo. Eu estou sentindo o mesmo aqui.

— O que foi? Não gostou de ver outro me tocando? – debocha, tentando tirar uma reação, e eu sei exatamente qual. — Isso tudo porque ele só tocou meu braço, imagina se fosse um beijo? – ela diz, tirando-me o fio racional que me sobrava.

— Era isso que você queria, não era? – digo, ao imprensá-la contra a porta da nossa casa. — Você vai me pagar muito caro por ter deixado aquele merdinha te tocar, porra... – falo, cada vez mais irritado e excitado ao sentir o calor de sua boceta pressionando meu pau dolorido de tesão.

— Era isso sim, tio – sussurra no meu ouvido, aproveitando para chupar o lóbulo da minha orelha. — Queria te ver provando do mesmo veneno que eu. Eu nunca suportei te ver rodeado de putas. A vontade que eu tenho é de arrancar os cabelos delas com minhas próprias mãos, para que saibam que você é meu, só meu – assevera, com convicção, enquanto eu chupo seu pescoço avidamente. Meu Deus, o que essa menina tem para me tirar tanto dos eixos? Perto dela, me sinto como um garoto de vinte anos e não como um de homem de *quase* quarenta.

— Quero deixar uma coisa bem clara aqui, menina: nunca mais, tá entendendo? Nunca mais repita coisas como essa. Se eu sonhar que deixou algum desses moleques te tocar, eu acabo com ele e com você também – digo, ao

dar um tapa na banda esquerda de sua bunda, fazendo com que ela dê um gritinho de susto. — Você é minha e só eu posso beijar essa boquinha safada. Só eu posso comer essa bocetinha quente – encerro, completamente dominado pelo tesão.

— Sim, sim – grita, ao me sentir bombear o pau no seu sexo, que de tão molhado, melou meu jeans escuro.

— O que quer que eu faça primeiro, *hum?* – pergunto, ao levar minha mão para baixo do seu vestido e afastar sua pequena calcinha para o lado, dando-me acesso à sua intimidade pulsante. — Me diz o que você prefere, meu amor. Quer meu pau aqui – coloco apenas a ponta do meu dedo indicador dentro da sua bocetinha. — Ou você prefere começar por aqui? – levo minha mão à sua bunda, acariciando de maneira cadenciada seu buraquinho apertado.

— Tudo, com você eu quero tudo – confessa, ao tentar aprofundar minhas investidas contra seu sexo.

— Eu vou dar esse tudo, meu amor. Não tenha dúvidas disso. Só não vai ser agora – falo, ao afastar-me e ajeitar sua roupa no devido lugar.

— Desistiu do castigo? – ela me lembra das ameaças feitas há poucos minutos.

— Esse é seu castigo, meu anjo – caminho de volta para o sofá que estávamos sentados anteriormente. — Nós precisamos conversar. Vem, senta aqui – bato no assento e ela, a contragosto, faz o que eu peço.

— Pronto – digo, quando a vejo aproximar-se e sentar-se ao meu lado. — Agora já pode falar.

— Falar? – pergunta, ainda atordoada.

— Sim, vamos falar sobre o que aconteceu lá no bar – seus olhos brilham em entendimento.

— Tá legal, se você quer falar, nós vamos falar – ajeita a postura e eu acho graça de sua posição de combate. — Quer que eu comece?

— Sim – digo, simplesmente.

— Pra começar, eu quero falar sobre o Mateus.

— O moleque – sinto meu maxilar enrijecer ao lembrar de suas ousadias para cima da minha mulher.

— Sim. Ele é primo da Ângela – só podia ser. — E sempre foi aquilo ali que você viu, tenta forçar uma intimidade que não temos em todas as oportunidades em que nos encontramos.

— Espero que isso não aconteça muito – não sei se teria muita paciência para aguentar um merdinha querendo cantar de galo para cima de mim.

— Graças a Deus eu não sofro de tamanho azar.

— Me fala, meu amor, ele já tentou forçar a barra com você? – indago,

com medo da sua resposta.

— Algumas vezes ele tentou, sim, avançar o sinal – fecho minhas mãos em punhos. — Mas não precisa se preocupar com ele, querido. Ele nunca se excedeu sexualmente, o máximo que ele tenta é aquilo que você presenciou no bar. É sempre uma tentativa de aproximação, que é prontamente cortada por sua namorada.

— Tem certeza, linda? – pego sua mão e começo a fazer carinho na palma. — Eu não gostei nem um pouco dele – afirmo, sério.

— Ah, meu Deus, como esse meu homem é ciumento – diz, maravilhada por não entender minha real preocupação. Pode parecer paranoia minha, mas minha questão com o garoto vai além do ciúme.

— Não é apenas ciúmes – explico, e espero ser claro. — Eu só preciso que você fique com os olhos bastante abertos com ele. Tô falando sério.

— Ok, meu homem preocupado, eu também não confio nada nele, só aturo por causa da Ângela, que insiste em forçar essa barra – termina de falar e me olha, preocupada. Pelo jeito ela não queria que eu soubesse dessa parte.

— O que você está dizendo, Marina? – tenho que tirar essa história a limpo.

— Não é nada demais, lindo, vamos esquecer isso.

— Não, Marina, nós não vamos esquecer nada – digo, com veemência. — Quero que me conte tudo. O que essa sua amiga tem a ver com a insistência dele?

— Ela tem o estranho hábito de sempre tentar enfiar o cara em tudo o que fazemos, sempre foi assim, tanto na escola quanto fora dela. A Ângela percebia meu incômodo com ele e ainda assim insistia em mantê-lo perto de mim e do resto na galera.

— Eu não confio nessa sua amiga, Marina, por favor, toma cuidado com ela – digo o que tenho entalado na garganta desde que percebi seu olhar para mim mais cedo.

— Eu sabia que não devia ter te falado essas coisas. Amor, você não precisa desconfiar da Ângela, eu conheço ela há muito tempo. É um pouco sem noção às vezes, mas eu confio nela – defende veementemente.

— Só toma cuidado com a dupla dinâmica. Me promete? – peço, na esperança de colocar uma pulga atrás de sua orelha.

— Tá bom, eu prometo – beija os dedos cruzados sobre a boca. — Agora quero falar da sua amiga – diz, e a palavra amiga pinga sarcasmo.

— Patrícia Maldonado não é minha amiga, amor – defendo-me com a verdade. Eu nunca tive qualquer tipo de envolvimento com a mulher, mesmo ela tendo insistido tanto.

— Sabe que não foi isso que pareceu – pensando pelo lado dela, realmente não pareceu. Eu não consigo entender o que deu nela para me tocar com tamanha intimidade. Ao longo desses três anos em que ela foi contratada por João, nós nunca tivemos intimidade além dos educados cumprimentos nos corredores do escritório. Eu conheço muito bem a fama dela para me permitir cometer tamanho erro.

— Mas é a verdade, linda. Só quero que confie no que estou dizendo – encaro firmemente dentro dos seus olhos.

— Você nunca foi pra cama com ela? – questiona, apreensiva pela resposta. Minha gatinha ciumenta. Que bela dupla nós somos, dois ciumentos e possessivos.

— Não, graças a Deus não cometi tamanha burrice – digo isso porque sei de colegas que caíram na sua teia e se arrependem amargamente.

Eu felizmente tenho a sorte de ser o chefe, o que me permitiu mantê-la numa distância confortável. Fora, é claro, os estranhos esbarrões nada casuais. A mulher parece ter um radar, todas as vezes em que saio da sala ela está passando pelo corredor. Eu entro no elevador, ela também entra. Se eu fosse uma pessoa paranoica, poderia dizer que ela está me perseguindo. Tudo bem que ela já fez isso outras vezes, mas eu acho que não seria tão ousada em tentar algo com o chefe.

— Pelo menos isso, né, Erick? – fala, aliviada. — Não devia nem ter contratado essa mulher.

— Não foi eu – admito. Não queria jogar meu amigo no fogo, mas também não quero ver seu olhar de desconfiança voltado para mim. — Foi seu pai.

— Meu pai? – pergunta, surpresa com a revelação. — Amor, você acha que...

— Não tenho ideia, há três anos ele simplesmente apareceu com ela no escritório e a apresentou como a nova advogada contratada.

— Ele falava com você sobre ela? Pelo amor de Deus, vocês eram melhores amigos.

— Não, amor, seu pai nunca deu abertura pra falar sobre Patrícia. No início, eu quis questionar a contratação, mas ele logo cortou o assunto e eu não insisti.

— Eu não estou gostando nada disso – fala, e tem em seu rosto o indispensável olhar de preocupação.

— Ei, amor, não precisa quebrar a cabeça com isso. Deixa que dela eu cuido – logo que termino, percebo que não me expressei bem.

— Cuida mesmo, né, Erick? Mas cuida tanto que ficou mudo enquanto

eu ouvia todas aquelas crueldade vindas de uma pessoa que não me conhece, que não sabe nada da minha vida, ou pelo menos não deveria saber – desabafa, e a última parte fica na minha cabeça. Preciso ficar mais atento.

— Me perdoa, meu amor, eu sei que não agi bem com você. Eu tentei de alguma forma te proteger, e talvez tenha feito as coisas da pior maneira possível – admito meu erro de julgamento.

— Como *me proteger*, Erick? Sua ideia de proteção é muito destorcida se acha que ficar calado poderia ajudar em algo.

— Eu não queria chamar mais a atenção dela sobre você, sobre nós dois como casal.

— Não entendo o que você tá querendo dizer, seja mais claro, por favor – pede, determinada, e eu percebo o quanto amo sua personalidade, sua força interior de não baixar a cabeça para quem quer que seja, sua firmeza em querer correr atrás de suas respostas e de lutar pelo que deseja. Eu amo tudo nela, tudo, até mesmo sua imaturidade característica da idade.

— Estou querendo dizer que na hora eu preferi ficar calado a deixá-la ciente do nosso tipo de relacionamento.

— E esse medo todo, Erick? O que tem demais em justamente ela saber do nosso namoro? Eu sei do nosso combinado, só não entendo qual a relevância dessa mulher no assunto.

— A Patrícia não tem escrúpulos, pequena – resolvo contar tudo o que se ouve a respeito dela no escritório. — Como te falei antes, eu só não tive nada com ela porque não quis.

— Ela dá em cima de você? O chefe dela?

— Não diretamente. A abordagem dela é aquela que você presenciou hoje. E tem também os constantes encontros pelos corredores do escritório.

— Com você eu não achei nada sutil. Quer dizer que é pior com os outros?

— Pra ser sincero, eu não presenciei muita coisa, até porque minha sala fica em outro andar. Tudo o que eu sei são os papos que rolam entre os outros associados.

— O que de tão grave dizem, Erick? – indaga, curiosa.

— Vamos esquecer isso, meu bem, eu não vou deixar que ela chegue perto de mim e muito menos de você.

— Começou, agora termina. Você vai me explicar o que aconteceu lá no bar.

— Eu não quis aguçar o espírito competitivo dela. É isso. Os advogados empregados e associados propagam a fama de cruel que Patrícia tem. Os que já tiverem a oportunidade de trabalhar com ela dizem que a mulher não tem

escrúpulos na hora de defender uma causa. Ela usa da fraqueza das pessoas sem nem por um momento pensar nos sentimentos dos envolvidos.

— Meu Deus, tão grave assim? – surpreende-se, sem no entanto ter a real dimensão do que estou falando. E eu prefiro que não saiba.

— É sim, amor, e isso não é só na área profissional. Um dos associados fez a burrice de se envolver com ela, pra logo depois ver seu casamento ir pro ralo.

— Que bom, o safado merecia se foder mesmo. Quem mandou trair a esposa – declara minha fada, solidária com a esposa traída.

— O que pesa não é nem isso. Júlio é um safado acostumado a esse tipo de situação. O que pegou aí foi a perseguição da Patrícia, ela fez de tudo para infernizar a vida dele e da família, até que conseguiu separar ele da esposa. No fim das contas, ele pediu demissão do escritório e ela ficou.

— Alguém precisa parar essa mulher, amor. Você já devia ter dispensado. Eu não quero essa víbora perto de você.

— Eu sei, só não fiz isso antes pelo seu pai, ele a contratou, não cabia a mim passar por cima da decisão dele.

— Entendo. Só arruma um jeito de fazer isso agora – pede, preocupada.

— Vou dar um jeito nela – prometo. — Agora você entende o motivo do meu silêncio? – analiso no seu rosto a disposição em me perdoar. — Sei que não justifica a deixar falar aquelas coisas para você, mas foi o que consegui pensar no momento.

— Entendo, querido – diz.

— Fiquei com receio de dizer algo que aguçasse seu lado competitivo quando descobrisse nosso namoro – revelo. — Se algum dia você se encontrar com ela, fique longe, é só isso que eu te peço.

— Não se preocupe, meu amor, eu vou ficar. Não precisa nem pedir, tem alguma coisa nela que me dá arrepios.

— Que bom, linda – trago-a para meu colo, lhe abraçando apertado. — Eu te amo.

— Também te amo – retribui meu abraço. — Agora, me deixa ir – sai do meu colo, indo direto para as escadas.

— Vai subir tão cedo? Ainda está tão cedo. Não quer comer alguma coisa?

— Não estou com fome, fiz um lanche no bar e agora tô afim de colocar minhas séries em dia.

— Tudo bem, vou só comer alguma coisa e tomar um banho – digo, ao sair do sofá.

— Não precisa se incomodar, hoje você dorme no seu quarto.

— Como é que é?

Castigo

Erick

— Isso mesmo que você ouviu. Hoje é cada um pro seu canto – assevera, com o narizinho arrebitado ainda mais em pé. Essa menina sabe exatamente onde puxar as cordas. É impressionante.

— Mas eu pensei que você tivesse me perdoado e que a gente tivesse numa boa – tento fazer cara de cachorro que caiu da mudança, para ver se amoleço seu coração de pedra.

— Eu entendi o que você quis fazer, Erick, e até perdoei – não para de subir os degraus enquanto conversa comigo, e eu estou claramente vendo minha oportunidade escorrer pelos dedos. — Só que isso não significa que você não mereça um castigo.

— Como você é má, garota – constato um fato. — Tudo bem. Eu sei que esse castigo também será seu – olho maliciosamente para meu pau, e seus olhos seguem o mesmo caminho.

Com o rosto rubro, vejo que titubeia um pouco em sua decisão e eu me parabenizo por ter pensado certinho na melhor maneira de provocá-la. Como diria minha avó, seu desejo de conhecer os prazeres da carne é grande demais para que possa recusar quando eu me ofereço tão prontamente.

Nunca imaginei que chegaria esse dia; o dia em que eu usaria de artifícios para conseguir dormir com alguém. Nunca estive tão feliz por estar tão enganado quanto a isso, sei que minha vida com ela não vai ser monótona, que cada dia será uma experiência e aventura diferente.

Que venham mais dias como os de hoje, porque apesar de tudo que aconteceu, tivemos a oportunidade de estar juntos.

— Não venha querer me provocar, Erick, sei muito bem o que está tentando fazer aqui – é, pelo visto minha ideia não deu tão certo assim, se tivesse dado, eu a teria correndo para os meus braços e não na direção contrária. — Além disso, eu não preciso tanto assim de você – para o caminhar no primeiro degrau da escada. — Eu tenho o Maneco – diz, e eu fico surpreso mais uma vez. Só para variar.

— Maneco? Quem é Maneco? – pergunto, enciumado, e ela dá de ombros, zombando da minha cara.

— Isso você vai ter que descobrir – se limita a dizer, antes de sumir pelo corredor onde fica a ala dos quartos.

Ao todo, a mansão contém oito quartos, o meu e o da Marina ficam na

ala esquerda, onde as amplas janelas fazem vista para os jardins bem cuidados que enfeitam o local lá fora. Quem ocupa os quartos da ala direita tem o privilégio de ter a vista da piscina, onde por tantos anos Marina fez festas em comemoração ao seu aniversário. Todos já estão tão acostumados com esses eventos, que viraram uma tradição.

— Marina, volta aqui, caralho – grito em vão, porque já não vejo mais seu rastro.

Resignado, decido que é melhor dar um tempo e aceitar o castigo que me foi imposto, pelo menos por hora. Ela realmente precisa descansar depois do susto de agora há pouco, e eu tenho que encontrar algo para comer.

Na cozinha, me deparo com Márcia, a senhora que por muitos anos tem administrado tão bem a residência.

— Boa noite, Márcia – cumprimento, e ela para o que está fazendo.

— Boa noite, Doutor, deseja alguma coisa? – pergunta, formal.

— Se tiver alguma coisa pra comer, eu agradeço.

— Tem, sim, a cozinheira preparou um filé ao molho madeira – afirma, logo após confirmar nas travessas o conteúdo do alimento. — O senhor vai jantar aqui ou prefere que eu prepare um prato e leve no seu quarto?

— Se não for dar muito trabalho, eu gostaria de jantar lá em cima – preciso urgentemente tomar uma ducha fria, talvez assim o cansaço e a tensão do dia atribulado deixem meu corpo. — Vou tomar uma ducha, tudo bem? É o tempo de ficar tudo pronto.

Ela assente e subo para o quarto, mas não sem antes conferir Marina. Aproximo meu ouvido da porta do seu quarto e escuto som de vozes conversando. Ela certamente cumpriu a palavra e está assistindo séries. Sem conseguir frear os impulsos, pego a maçaneta, giro-a calmamente para que ela não perceba que eu estou tentando descumprir o castigo, mas logo sou surpreendido pela porta trancada.

É inacreditável que Marina tenha mesmo me deixado do lado de fora. E esse tal de Maneco? Será que é mesmo o que estou imaginando?

O melhor mesmo é eu tomar meu banho frio, hoje não é um bom dia para se ter certas ideias e pensamentos, não quando meu corpo cansado clama por uma cama. É claro que não vai ser a mesma sensação que teria se ela estivesse dormindo do meu lado. Mas fazer o que, se é isso o que a minha garota quer?

Depois de um demorado banho e de um bom prato de refeição, finalmente deito minha cabeça sobre o travesseiro e tenho meu merecido descanso. Antes de dormir, não deixo de me recordar que amanhã é sábado, e que eu terei dois dias inteiros só para mim e minha mulher. Vamos ter mais tempo para curtir um ao outro, sem nos preocuparmos com horários ou com

interrupções impertinentes.



— Puta que pariu! – xingo, por ser acordado com um barulho estrondoso agredindo os ouvidos de quem acabou de acordar.

Sento-me tão rápido que acabo ficando meio tonto, pego meu celular e me surpreendo ao ver que já são 09h30 da manhã. É, eu realmente estava precisando dessa noite de sono, fazem anos que eu não durmo tão bem assim, o sono de quem sabe que pela manhã terá coisas boas à sua espera.

Ainda desnortado pelo despertar abrupto, levanto, faço minha higiene matinal e saio para ver o que Marina está aprontando logo cedo, quer dizer, não tão cedo assim, já são quase dez da manhã.

Desço para a sala, me aproximo da ampla janela de vidro e não me surpreendo com o que vejo. Minha jovem namorada montou todo o equipamento iPod ao lado da churrasqueira, assim como faz em suas festas de aniversário, e está tranquilamente deitada sobre uma das muitas espreguiçadeira que ficam em volta da piscina. De longe, não consigo ver bem o que veste, só sei que não é nada comportado, porque além de querer me provocar, como é seu costume, ela também é muito segura de si e aparentemente não tem qualquer complexo com o corpo. Marina sempre foi assim, segura de que é e do que quer para si.

— Bom dia, senhor – uma moça uniformizada entra na sala, carregando uma bandeja de café da manhã e tirando-me do meu torpor.

— Bom dia.

— Estou levando o desjejum da senhorita Marina, o senhor vai querer também? – indaga, atenciosa, e eu reparo no quanto os funcionários dessa casa são competentes; todos os que já tive o prazer de conhecer foram prestativos e educados.

É impressionante como a mudança de situação também tem o poder de mudar a visão que se tem sobre determinadas coisas. Esse caso dos funcionários é um ótimo exemplo disso. Há quantos anos eu frequento a mansão, sem no entanto reparar em coisas como essas. Talvez esses empregados sempre tenham estado aqui e só agora eu tenha começado a me permitir reparar em cada um deles, em como me tratam com a mesma devoção que provavelmente tratavam o antigo patrão, que acabou de falecer. Não me admira que Marina tenha dito não precisar de mim porque tinha os empregados. Talvez seja por isso.

Aqui, dentro dessas quatro paredes que foram o único lar que ela conheceu, Marina tem o conforto e a proteção de pessoas que nem parentes são,

mas que cuidam dela com toda a dedicação que merece. E tenho certeza de que isso é mais que a prestação de um bom trabalho, certamente é a retribuição do mesmo carinho e respeito que Marina lhes dedica.

— Quero, sim. Qual o nome da senhorita? – indago a moça negra, que aparenta ter seus vinte e poucos anos. Se não estiver enganado, ela deve ser a filha da Márcia. Lembro bem do dia em que João comentou a respeito do assunto; com sua autorização, a governanta trouxe a filha mais velha para trabalhar como ajudante da cozinheira, para conseguir cobrir os gastos que tem com a faculdade. E se não me falha a memória, ela conquistou uma bolsa de estudos para o curso de chefe de cozinha.

— Me chamo Maya, senhor – responde prontamente.

— Tudo bem, senhorita Maya. Pode preparar outra igual a essa e levar lá na piscina, por favor – digo, ao reparar tudo o que tem ali. — Deixa que eu mesmo levo isso aqui – pego gentilmente a bandeja de suas mãos.

Com a bandeja em mãos, paro em frente à sua espreguiçadeira, fazendo sombra ao sol que lhe esquentava. Com um susto, minha namorada tira os óculos de sol que cobria seus olhos e abre o sorriso quando vê que sou eu.

— Bom dia, meu amor – abaixo o tronco e dou um beijo leve nos seus lábios, que têm um sabor doce de chiclete, proveniente de uma dessas coisas que as mulheres gostam de usar. — Como foi sua noite? – pergunto, ao colocar seu desjejum em cima da mesinha de madeira que fica ao lado da sua espreguiçadeira. Existem mais delas espalhadas em vários locais da área externa da mansão, e é claro que foi ideia da minha namorada. Segundo Marina, as mesinhas são necessárias para que os convidados tenham onde colocar seus pertences quando vêm para as festas que costumam ser aqui fora, não só as dela, mas também as confraternizações que eu e João precisávamos fazer para a galera dos escritórios e também para alguns clientes mais importantes.

— Foi muito boa. E a sua? – a danada ajeita a parte de cima do pequeno biquíni azul turquesa, que deixa pouco à imaginação. Eu quero muito pensar que ela está usando ele apenas para mim. Não quero bancar o machista com ela, tenho idade o suficiente para saber que isso não é nada legal e muito menos saudável. Eu só acho difícil reprimir meu lado possessivo quando o ciúme ataca. Meu sangue ferve nas veias só de imaginá-la exposta aos olhos dos moleques que costumavam frequentar essa casa na época de colégio. Vez ou outra eu dava meus pulos por aqui e me deparava com a galera em volta da piscina, incluindo entre eles, garotos com hormônios em ebulição.

Com esse biquíni, não, quero essa visão só para mim.

— Foi muito proveitosa – me agacho ao seu lado, para logo em seguida colocar uma mecha de cabelo que voou para seu rosto, atrás da orelha. — Pena

que minha cama estava tão vazia.

— Oh, pobrezinho, meu Deus – zomba da minha afirmativa. — Não deve estar acostumado a dormir sozinho, não é mesmo? – diz, sarcástica.

— Do que você está falando? – estranho a agressividade em sua voz quando não tem motivos para estar assim.

— Você já não teve tantas mulheres? Deveria ter chamado uma delas pra te fazer companhia – sentença, ao recolocar os óculos sobre os olhos.

— Você tem certeza disso que você está falando, Marina? – tiro sem avisar os óculos de sol, obrigando-a a olhar nos meus olhos. Vendo que fiquei chateado com o que disse, ela senta ereta e me estende os braços, pedindo um abraço.

— Desculpa, amor – pede, quando eu me curvo para receber seu abraço. — Eu não consigo me conter.

— Nós já conversamos sobre seus impulsos, não foi? – pego suas pernas, coloco-as de lado, dando assim espaço para que eu sente na sua frente. — Você precisa conversar comigo antes de tirar conclusões precipitadas e ter esse tipo de reação.

— Eu sei – diz, amuada.

— E para que você saiba, não tem motivos pra ter ciúmes – acaricio sua coxa lisinha. — Você foi a primeira. Eu nunca dormi com outra além de você, nunca senti essa necessidade. Depois que o sexo terminava, elas já sabiam que tinham que sair.

— Tá bom, eu não quero saber desses detalhes – corta.

— Desculpa interromper – Maya traz meu desjejum. — Aqui está — coloca a bandeja ao lado da de Marina. — Bom apetite.

— Obrigado – eu e Marina falamos juntos, e ela tem seu sorriso voltado para a minha namorada, que a retribui com um piscar de olho.

Espero Maya sumir de nossas vistas para questionar:

— Vocês são amigas?

— Mais ou menos. Mas eu quero muito voltar a me aproximar dela – diz, me enchendo de orgulho; para ela não tem isso de classe social, trata todos de igual maneira.

— Como é isso de *mais ou menos* amigas?

— Ela é filha da minha babá, Márcia, lembra? – pergunta, e eu balanço a cabeça em confirmação. — Então, é que quando éramos crianças, Márcia trazia Maya pra brincar comigo, mas, por algum motivo que desconheço, um dia ela parou de vir e perdi a amiga. Agora que está de volta, quero me reaproximar dela.

— Que bom, é interessante reaver amizades antigas – afirmo, lembrando

da Ângela. Talvez seja cisma minha contra ela, mas ainda assim não é bom tê-la tão dependente dessa garota. — Agora vamos comer antes que isso tudo aqui esfrie.

Passamos os próximos minutos conversando; enquanto nos alimentamos, falamos de assuntos corriqueiros e trocamos experiências de como foram nossas vidas durante todo o período em que ficamos separados. Quando terminamos, Marina decide que é uma boa ideia darmos um mergulho na piscina, e eu não penso duas vezes ao aceitar a sugestão. Não com o dia tão quente como o de hoje.

Depois de trocar a bermuda por uma sunga de banho, pego Marina de surpresa ao nos jogar com tudo dentro da piscina.

— Que susto, seu idiota – emerge com os cabelos molhado e todo grudado ao rosto. — Eu poderia ter me afogado, sabia?

— Não sabe nadar, princesa? – tiro os cabelos de seu rosto.

— Sei, sim – percebe que ficou brava em vão. — Poderia ter me matado de um susto – ela tem razão, eu realmente fui sorrateiro ao me aproximar.

— Vem, minha menina bravinha – lhe abraço mais apertado e ela enrola as longas pernas na minha cintura. — Deixa de conversa e me dá um beijo – seguro sua cabeça e abocanho sua boca apetitosa. Num piscar de olhos o beijo vai de casto a intenso, e de intenso para impróprio para menores. Não sei em que momento isso aconteceu, só sei que agora eu tenho ela presa entre meu corpo e a parede da piscina. Entre beijos e mordidas, esfrego meu pau duro contra sua boceta sedenta, ela se contorce nos braços e eu não tenho outra alternativa senão calar seus gemidos com beijos e mais beijos, sem nunca desgrudar nossas bocas. Não que eu esteja achando ruim, até porque tenho um verdadeiro vício por sua boca e acho que seria capaz de passar horas e horas beijando-a sem nunca me cansar. O problema aqui são seus peitos, que estão tão apetitosos com os biquinhos salientes querendo perfurar a porra do pedaço de pano que ela chama de biquíni. Minha vontade é rasgar ele com os dentes, só para ter acesso a esses montículos intumescidos que me pertencem.

— Amor – paro o corpo e solto sua boca, quando pelo canto dos olhos vejo um movimento no canto mais afastado do jardim. — É melhor pararmos por aqui ou então seremos flagrados pelo jardineiro – digo, e ela cora quando também repara que ele estava ali o tempo todo.

— Mas eu queria...

— Eu também quero – interrompo sua fala, ao colocar o dedo indicador sobre seus lábios inchados por meus beijos duros. — Você quer subir lá pro meu quarto? – convido, esperando que ela entenda o que significa esse convite. Que entenda que, se depender de mim, essa decisão já está tomada, o próximo passo

dependerá apenas de sua decisão.

— Quero – responde, com a firmeza de quem sabe o que realmente quer.

— Agora – exige.

— Então vamos – entrelaço nossos dedos.

Um só

Marina

Quando Erick olha-me nos olhos e pergunta se eu quero ir para o seu quarto, eu entendo que finalmente ele tomou a decisão. Aceitou o inevitável, o que venho esperando durante toda a minha vida adulta. Não que faça tanto tempo assim...

Diferente das outras meninas que tinham em seus ídolos da adolescência as suas maiores fantasias, a minha era ele, o homem que, segundo a minha opinião, sempre foi mais fascinante do que um astro *teen* qualquer. Desde que entendi a diferença entre o amor fraternal e o amor entre um homem e uma mulher, eu soube que ele não se encaixava no primeiro grupo. Não quando era seu rosto que aparecia nos meus sonhos de um príncipe ideal. Pode parecer doentio ou até mesmo promíscuo da minha parte alimentar tal desejo pelo melhor amigo do meu pai, mas, se assim o for, eu sou uma doente sem cura.

No meu aniversário de dezesseis anos, quando no alto da minha impulsividade eu decidi que era hora de lutar pelo que eu queria, entendi que não era apenas um capricho, uma ilusão da garota solitária que de alguma forma pudesse ter confundido a dependência que tinha do seu afeto com paixão. Aceitei que assim como agora, depois de tudo o que passamos e com eu prestes a completar dezoito anos, o amor, paixão e devoção não mudaram. Pelo contrário, tudo ficou mais intenso.

Se é errado, eu não me importo, se vão julgar, eu não vou ouvir. Se vão tentar nos separar ou atingir com uma moral pregada falsamente, irei lutar.

Não importa o que se interponha no caminho, enquanto ele me quiser, eu ficarei do seu lado. O nosso momento finalmente chegou. O amor que um dia eu sonhei para mim, ainda que sobre a lente cor-de-rosa de uma adolescente, está aqui, dizendo-me com seu convite que venci; finalmente conseguimos nos encontrar.

— Então vamos – diz ele, dando-me a mão e entrelaçando nossos dedos ao me puxar para as escadas da piscina.

Do lado de fora, solto nossas mãos e começo a pegar todos os meus pertences rapidamente. A minha felicidade é tanta, que tenho medo de ele mudar de ideia, talvez por isso a minha pressa.

— Vamos? – chamo, quando tenho meu chapéu de praia, canga e toalha penduradas no braço. Ele, no entanto, não move um passo, fica apenas parado e observando descaradamente meu corpo.

— Qual o problema, amor? – questiono, apreensiva com sua inércia.

— Não é nada – se recusa a me dizer qualquer coisa. Ele apenas chega do meu lado, pega minha canga e a amarra na minha cintura. – Pronto – diz, ao olhar seu serviço.

— Vai me dizer o motivo disso?

Ele me fita como se a resposta fosse óbvia e eu tivesse o dever de saber.

— Acha que mesmo que vou deixar você sair assim, com esse biquíni que mais mostra do que esconde? – diz, e eu custo a acreditar nas suas palavras.

— Você não tem que permitir nada, homem das cavernas. Não tem o direito de opinar no que eu uso ou deixo de usar – digo, e ele fica mudo, apenas com a expressão fechada no rosto. — Muito me admira um homem da sua idade, com o seu conhecimento, ter esse tipo de atitude.

— Não precisa ficar assim, garota, eu só não quero outros homens de olho no que é meu – justifica, olhando por sobre os ombros para o jardineiro, que agora conversa com outros dois indivíduos, que eu suponho serem seus assistentes. — Se quiser, é só tirar, faça o que tiver vontade! Eu que não vou me meter no que você usa.

Termina de dizer, e eu tenho vontade de chutar meu próprio traseiro. Não era necessário fazer a cena que fiz. Não é como se ele tivesse feito eu ir trocar de roupa por tê-la achado curta demais.

Está apenas com ciúmes por ver que tem outros caras por perto, ele já me viu assim antes e nunca falou nada. Também sei que não é do seu feitio ser controlador e machista.

— Me perdoa, meu amor – dou um beijo discreto no canto da sua boca. — Eu também não quero que eles me vejam assim – confesso, ao olhar abertamente para sua sunga azul, que sustenta uma potente ereção.

— Que foi? – sorri, vitorioso. — Pimenta nos olhos dos outros é refresco, não é, pequena? – diz, sarcástico, quando sou pega na armadilha que eu mesma criei. Eu e minha boca grande.

— Você não vai entrar nessa casa cheia de mulheres exibindo isso – aponto o recheio de sua sunga e ele dá uma gostosa gargalhada.

— E quem vai me cobrir? – pergunta o safado, encarando minha bunda sem o menor pudor. — Ao contrário de você, meu amor, eu não tenho nada aqui – mostra as mãos vazias.

— Daqui você não sai – bato o pé e ele não disfarça o quanto está gostando de me fazer provar do próprio veneno.

— Vem – pega meu braço e me coloca com as costas coladas em seu peito, o bumbum, esse está mais do que feliz por sentir a alegria do seu equipamento. — Tá vendo? Agora não temos mais problema – tira as mechas de

cabelo que encobrem meu pescoço e taca uma lambida na minha veia pulsante. — Nós vamos chegar naquele quarto de qualquer jeito, não vamos, gostosa? — firma a pesada mão morena em minha barriga, fazendo com que seu pau se acomode ainda melhor entre as bandas da minha bunda.

— Vamos, sim – confirmo, dando uma leve rebolada, e ele, tão excitado quanto é possível, abraça minha cintura mais apertado.

Assim posicionados, comigo na frente e ele às minhas costas, me abraçando pela cintura, entramos dentro de casa sem nos importar em sermos vistos aos amassos em plana manhã de sábado.

Ao entrar em seu quarto, Erick passa a chave na porta, vira-me de costas contra ela, e com a cara mais sexy do mundo, diz:

— Tá vendo que dupla do caralho nós somos, princesa? Sempre arrumamos um jeito de solucionar os *problemas* – faz aspas com os dedos ao dizer a palavra “problemas”. A solução que achamos acabou se tornando uma preliminar do nosso sexo já que a cada passo que dávamos, o sacana arrumava um jeito de cavar o pau ainda mais fundo contra minha bunda; provavelmente estaríamos fazendo sexo anal no meio da escada se não fosse sua sunga e a parte de baixo do biquíni que uso. Isso sem levar em conta sua mão livre, que decidi que era uma boa apertar meus seios, logo eles, o meu e seu ponto fraco. Durante essa tortuosa jornada, eu só curtia e torcia para não ser pega no flagra. Até porque, o fato de termos achado por bem deixar os empregados cientes do nosso namoro, não quer dizer que vamos transar no meio da escada e ter eles de plateia.

— A melhor – aceito com prazer a mordida que recebo na ponta da orelha esquerda. Primeiro morde e depois assopra, enviando a resposta para a parte mais necessitada do meu corpo.

— Pequena, olha pra mim – pede, quando afasta a cabeça e me encara com seriedade. — Você tem certeza que está pronta? Depois de hoje, não tem mais volta – garante. — Se quiser desistir, ainda está em tempo.

Ele dá a opção por ser do seu caráter fazer com que eu pense nas opções e até mesmo por ainda ter dúvidas da veracidade do que sinto por ele. Seus olhos, no entanto, revelam toda a apreensão por minha resposta, demonstra que apesar de não ter certeza dos meus, ele tem certeza dos seus sentimentos.

— Eu estou pronta, amor. Há mais tempo do que você imagina – digo, convicta, ainda que o medo do desconhecido faça meu estômago se retorcer de nervosismo. — Quero ser sua — seguro sua cabeça e mordo a parte inferior dos seus lábios, puxando a parte suculenta para dentro da minha boca.

— Você já é minha – afirma, com a respiração entrecortada quando separamos nossas bocas. — Aqui será apenas nosso rito de passagem,

principalmente para você. É como dizem vulgarmente: hoje você se torna mulher, a minha mulher.

Ele, ainda com o corpo colado ao meu, abraça-me com os dois braços e me leva para junto de sua cama. Chegando lá, já com a parte de trás do joelho encostada no colchão, ele me deita delicadamente sobre a cama e eu me ajesto da melhor maneira que posso.

— Linda – elogia, ao dar um beijo em cima do meu umbigo, enquanto suas mãos passeiam do meu tornozelo até a parte alta das minhas coxas e perto da junção onde meu sexo é abrigado. — Linda e gostosa – vai subindo os beijos de boca aberta, beijos que estão mais para chupadas. — Eu vou te devorar inteira, Chapeuzinho – faz alusão ao conto de fadas, e eu acredito piamente no que diz. Se os olhos são mesmo os espelhos da alma, os dele entregam o desejo incontido há mais tempo do que talvez eu possa imaginar.

— Eu não vejo a hora, meu lobo mau – me arrepio quando sua mão entra em contato com a pele clarinha do meu peito.

Sem demonstrar a menor pressa, ele desamarra o nó lateral do biquíni, fazendo com que eu levante minimamente a cabeça para assim terminar de tirá-lo.

Quando me vejo seminua aos seus olhos, instintivamente cubro meus seios e meu rosto pega fogo de vergonha.

— Não faça isso – abaixa minhas mãos e os mira em aberta admiração. — São meus – os agarra, possessivo, deixando com que os dedos polegares apertem os mamilos já duros de excitação. — De agora em diante, não os esconda mais, não dos meus olhos ou das minhas mãos – pede, ao abaixar a cabeça e beijar o vão que fica entre eles.

— Erick – chamo, como uma súplica.

— Diga, pequena – paira o corpo sobre o meu, fazendo um esforço para que seu peso não me esmague. — É isso que você quer? – ele abocanha meu seio esquerdo, passando a chupar avidamente entre um e outro. Ele primeiro os aperta para depois aliviar com deliciosas chupadas por todas as partes. Amanhã com certeza as marcas irão aparecer. — É assim que vai ser a partir de agora. Quando eu quiser, você vai me oferecer eles, vai me deixar chupar, foder, lambuzar com a minha porra, tudo o que eu quiser; e você sabe porquê? – indaga, quando sua respiração alterada pede um momento de descanso.

— Sou sua – afirmo, ao segurar a parte de trás da cabeça dele, me segurando para não machucá-lo com minhas unhas afiadas.

— É, sim – confirma.

Ele separa minhas pernas amplamente, liberando espaço para que seu pau acomode contra minha boceta molhada, e a umidade com certeza não é a

proveniente dos minutos passados dentro da piscina. — Essa boca foi feita pra receber meus beijos – passa a língua entre meus lábios. — Esses peitinhos – dá uma mordida dolorosa, descendo em seguida beijos por meu abdômen plano. – Amo saber que um dia ela vai abrigar meu bebê – diz, fazendo com que meus olhos se encham de lágrimas. Saber que ele vê um futuro em que tenhamos nossa família traz sensações que nem mesmo sou capaz de explicar — E essa boceta...

— Erick... – gemo, quando sua cabeça alcança minha virilha e ele beija o local.

— Essa bocetinha apertada vai tomar meu pau tantas e tantas vezes, que quando eu não estiver aqui – acaricia com o dedo indicador meus lábios vaginais por cima do pano úmido — entre suas pernas, você vai estar desejando que eu esteja. Sempre querendo mais e mais, e então eu estarei por perto, pra satisfazer nosso tesão acumulado de tanto tempo.

Erick

— Aí, caralho – contorce o corpo, louca de desejo, e eu tão ou mais necessitado que ela, desmancho o laço do pedaço de pano que cobre meu paraíso tão desejado.

Inebriado com o cheiro da sua excitação, encosto meu nariz na sua boceta, me embebedando com o mais doce aroma, o cheiro da minha mulher. Sem mais conseguir me segurar, coloco a boca no seu centro e começo a comê-la como um louco que há muito não prova da sua comida preferida. Alternando entre chupar seus grandes lábios para dentro da minha boca e enfiar a língua dentro da sua vagina, eu a levo cada vez mais perto do orgasmo.

— Erick, eu não aguento mais. Eu vou... – implora por alívio, e eu desacelero o sexo oral. Dessa vez, eu a quero gozando no meu pau, com ele todo socado dentro da sua boceta.

Sob o protesto de Marina, afasto-me do meio das suas pernas, e sob sua intensa supervisão, tiro a sunga, deixando minha dolorida ereção livre aos seus olhos e ela o fita abertamente, com o rosto encantadoramente esbaforido.

— Erick, será que ele – para a frase no meio do caminho e eu completo.

— Sim, linda – me toco, querendo prolongar seu olhar de admiração. — Você vai conseguir comportá-lo aí dentro – olho malicioso para sua boceta depilada.

Sem demora, vou até a cômoda do criado-mudo, que fica do lado esquerdo da minha cama, e de lá pego três pacotes de preservativo e os jogo em cima da cama. Depois disso, deito novamente entre as pernas da minha garota e,

sem querer perder nem mais um segundo sequer, pergunto:

— Está pronta, meu amor? – desço minha mão até seu sexo, testando sua umidade. Não quero machucá-la mais do que o necessário. Enfio primeiramente um e depois dois dedos, fazendo movimentos de vai e vem dentro do seu sexo.

Quando a tenho completamente encharcada e prestes a gozar, retiro minha mão, pego a camisinha, visto meu pau e coloco a ponta na entrada da sua abertura. Com os olhos arregalados, ela me olha como se só agora se desse conta do que vai acontecer aqui.

— Marina, se você quiser... – ofego, me segurando para não socar até o talo em seu interior.

— Não, querido. Eu confio em você – tenta mexer os quadris. — Só me faça sua, por favor.

— Me desculpa por isso – começo a entrar lentamente, parando ao sentir a barreira da sua virgindade. — Prometo nunca mais te machucar dessa forma – soco até o fundo e vejo uma lágrima escorrendo por seu rosto quando seus olhos refletem a dor da penetração.

— Caralho – grita o xingamento, e eu imagino que até os funcionários que trabalham do lado de fora da casa devem ter ouvido sua voz, — Não pensei que fosse doer tanto – tenta se movimentar e eu seguro novamente seu quadril.

— Calma, meu amor – peço docemente. — Isso – elogio quando a sinto relaxar. — Deixe seu corpo se acostumar – acomodo melhor seu corpo, tendo cuidado para que não lhe machuque. Depois de um tempo, vendo que está mais relaxada pergunto:

— Tá doendo menos? – ela me olha com adoração e eu tenho vontade de sentar, colocá-la sobre meu colo e lhe abraçar por horas a fio, apenas abraçar. Até que ela entenda que é todo o meu mundo.

— Sim, eu só preciso que você se mexa – ela responde.

Tendo cuidado para não mais lhe causar dor, eu começo a me movimentar, retiro meu pau lentamente para depois o enfiar até a base.

— Assim? – continuo, e ela acena com a cabeça, soltando o primeiro gemido de prazer.

— Isso, amor, mais rápido – afobada, tenta encontrar minhas estocadas no meio do caminho. — É uma gostosa mistura de dor e prazer.

— Logo a dor sumirá e você vai sentir apenas o prazer – beijo seu pescoço úmido de suor. — Eu só preciso que facilite as coisas aqui. Fique quietinha, menina gulosa – aumento um pouco da velocidade das arremetidas. — Essa primeira vez, vamos apenas fazer amor – chupo seus mamilos rígidos. — Na próxima, a gente vai foder, trepar, fazer sexo ou seja lá como queira chamar – agarro sua coxa, me permitindo um maior contato. — Vamos fazer do jeito que

eu acho que você gosta, sua safada.

— Que delícia – apoia o corpo nos cotovelos para poder ver o movimento do meu pau entrando e saindo. Percebendo sua curiosidade, levanto o tronco e ela tem uma melhor visão. — Tá vendo, princesa? Como somos bons juntos – tiro e coloco até a base dentro da sua boceta. — Isso aqui é apenas o começo – seus olhos escuros de tesão acompanham minha mão, que começa a massagear seu clitóris. Com seus olhos fixos na cena, eu trabalho com meu cacete dentro da sua boceta e com os dedos em cima do clitóris.

— Goza pra mim, pequena – soco cada vez mais rápido. — Molha meu pau com seu creme, quero ele todo meladinho. Vai, meu amor, isso – enrolo suas pernas na minha cintura ao penetrar, ensandecido.

— Erick... *Ahhh* – grita a plenos pulmões quando é atingida por um potente orgasmo.

Em busca do meu próprio alívio, abaixo meu tronco, encosto meu peito contra o seu e com seus pés fincados às minhas costas, dou mais cinco estocadas até encher a caminha de porra, o sêmen jorra numa quantidade e intensidade que me tiram as forças, e tenho que me esforçar para sustentar o peso do meu corpo e não deixar meus cotovelos cederem.

Fazendo esforço para respirar, levanto a cabeça do seu pescoço, vejo seu corpo úmido de suor tanto quanto o meu, que pinga nos seus seios, e pergunto:

— Tá tudo bem, minha linda? – inspeciono-a da cabeça aos pés e já sinto o bastardo ficar alegre. Se os homens precisam de um tempo para se recuperarem, talvez meu pau não concorde quando se trata dessa boceta. — Não está machucada?

— Não – se mexe, e eu vejo o sinal de desconforto passar por sua expressão. — Tá, talvez um pouco ardida lá em baixo. Mas nada demais, nada que apague o prazer que você me deu.

— Valeu a pena, não é? – deito do seu lado e entrelaço nossos dedos. — Valeu a pena esperarmos.

— Demais – levanta nossos braços e beija minha mão. — Pra ter nós dois juntos, como estamos nesse momento, eu esperaria quantos anos fossem necessários.

— Eu também, meu amor – agora sou eu que beijo sua mão, que de tão delicada, quase some quando em contato com a minha. — Mesmo você tendo demorado um pouco mais que o recomendado, acredito que nascemos destinados a viver isso aqui – passo os olhos por nossos corpos nus e saciados.

— Erick – ela deita de lado, com o corpo deleitoso virado em minha direção.

— O que foi, pequena? – reparo no seu rosto pensativo.

— Será que já podemos fazer de novo?

Cuidado

Erick

— Não só podemos, como vamos fazer de novo – desço meus olhos por seu delicioso e usado corpo.

Gostosa!

— Agora? – indaga uma entusiasmada Marina, que nem parece ter acabado de ter sua primeira relação sexual.

— Não. Antes, vamos cuidar da mocinha e só depois saciaremos todo esse fogo – digo, ao retirar a camisinha cheia, dar um nó na ponta e descartá-la no chão ao lado da cama. Espero não esquecer dela aí mesmo, imagino qual seria o susto de quem viesse arrumar o quarto mais tarde. Não seria nada lisonjeiro encontrar um preservativo usado e cheio de porra descartado no chão. Não é como se eu fosse um adolescente, mesmo que esteja me sentindo um.

— Tem certeza que está bem? – olho para sua boceta ainda úmida dos nossos fluidos, constatando que aparentemente ela não está machucada, pelo menos não mais do que o normal.

Sei que devia ter sido mais cuidadoso. Ela é tão pequena para o meu pênis um pouco acima da média, que uma pegada mais brusca seria de machucá-la.

— Tá só ardendo um pouco – confessa, sem jeito, e eu tenho vontade de recomeçar tudo de novo. Mas, antes de fazermos o tipo de sexo que gosto, preciso prepará-la.

— Vem, pequena – levanto da cama, pegando-a nos braços e levando-a para o banheiro. — Vou cuidar de você, quanto mais rápido minha bocetinha ficar boa, mais feliz a fera vai ficar – pisco o olho, malicioso, e ela esconde o rosto tímido no meu peito suado.

— Você fala cada coisa – tem coragem de dizer, quando entramos no banheiro.

— E você gosta, não é? – beijo a parte de trás da sua orelha pequenina, que ainda contém resquícios do seu perfume doce. — Não tente negar o óbvio. Eu conheço tudo sobre você, Marina. Sei que sua calcinha fica úmida quando falo putarias no seu ouvido. Sinto o cheiro da sua excitação, o cheiro de quem quer ser pegada com força – digo, ao sentá-la em cima do balcão que comporta a pia do banheiro.

Abro suas pernas, me interponho entre elas e continuo:

— Agora, por exemplo, eu tô sentindo seu cheiro – toco seu sexo, que

brilha numa mistura de sangue e de fluídos do seu recente orgasmo, fazendo com que ela rebole contra minha mão. — Você já tá toda molhadinha pra mim, não está? Mesmo dolorida e sabendo que não me aguenta agora, você me quer, minha safada – enfio um dedo lentamente dentro do seu calor. Faço pequenos movimentos de entra e sai e minha namorada, como a boa gulosa que é, levanta o quadril, indo ao encontro do meu dedo.

— Olha pra mim, amor – peço, querendo ter todas as nuances do seu prazer, inclusive o que não pode ser contido pelo olhar. Não que algum dia ela tenha escondido isso e eu só tenho que agradecer, não abro mão de ver seus olhos, olhos que contam histórias de paixão e desejo, olhos que refletem todo o caminho percorrido até que chegássemos aqui. No nosso mundo, onde as acusações, convenções sociais e preconceitos não nos atinjam. Onde só exista eu, ela e o nosso amor. — Isso, não feche os olhos nem por um segundo, quero que me entregue tudo.

— *Erick...* – puta que pariu, ela está muito molhada, como é possível que esteja tão receptiva depois de ter tido sua dolorosa primeira vez?

Juízo, Erick. Juízo!

Repreendo-me por tecer desejos tão desenfreados, quando tudo o que ela precisa é de cuidado. Teremos todo o tempo do mundo e eu garanto que cada um deles será muito bem aproveitado.

Em nossa situação, falar em recuperar o tempo perdido não seria apropriado, mas com certeza é de se falar em liberar o tesão reprimido, jatos e mais jatos de porra que eu de forma doentia liberei em minhas próprias mãos.

— Quer gozar, minha gostosa? – aumento gradativamente meus movimentos e ela apenas balança a cabeça de maneira ensandecida. — Então goza — masturbo sua boceta, ainda exigindo com o meu olhar para que não desvie o seu. Sinto as paredes do seu sexo apertar meu dedo e eu me dou conta de que ela está chegando lá

— Eu vou... *Ahh* – molha meu dedo e chega ao ápice do prazer ao sentir o leve belisco em seu clitóris inchado. — Eu preciso... – tenta dizer, com o corpo ainda ondulante.

— Precisa de descanso – ela me fita, decepcionada, e eu tenho que me forçar a sair do meio de suas pernas. — Quietinha aí, já volto – beijo seu rosto e abro o armário em busca daqueles sais de banhos que as mulheres parecem gostar.

Sob o olhar curioso da minha pequena, ligo as torneiras da banheira e a deixo enchendo por alguns minutos. Depois de testar a temperatura da água e de colocar uns líquidos cheirosos e espumantes que ela disse gostar, eu a pego novamente nos braços e lhe carrego para o seu banho de recuperação.

— Erick, eu ainda consigo andar – diz, maliciosa, somente para me provocar, já que enquanto diz isso seus braços circulam meu pescoço e sua cabeça deita em meu ombro.

— Eu sei, baby, mas um homem tem o direito de cuidar da sua namorada – entro na banheira, que agora transborda espuma, coloco-a em pé lá dentro, viro seu corpo de costas e abraço sua cintura. — Vem, senta aqui comigo. Quero você recuperada e bem disposta – sou malicioso ao seu ouvido.

Ela senta do meio das minhas pernas, com as costas apoiadas no meu peito, e tenho a certeza de que não queria estar em outro lugar que não esse aqui.

— Pronto – tenho nossos corpos bem acomodados na banheira transbordante de espuma. — Agora deixa eu cuidar de você – massajeio seus seios com carinho e ela geme baixinho, reprimindo o som ruidoso que ela costuma fazer.

— Marina? – ela fica muda. — O que te incomoda?

— Não quero que você pense que sou uma sem vergonha – confessa, receosa. — Eu acabei de...você sabe.

— Mas você é sem vergonha, baby, a minha sem vergonha – aperto os mamilos dos seus seios e ela retorce o corpo. — Não precisa se envergonhar de nada. O que você sente é o mesmo que eu. Meu desejo é tão ou mais voraz que o seu – mordo o lóbulo da sua orelhinha. — Eu só não estou te fodendo neste exato momento porque você precisa se recuperar, sua bocetinha precisa de outro tipo de atenção – desço uma mão até lá e ela retesa o corpo num visível incomodo. — Tá ardendo?

— Sim – admite meu ponto de vista, ainda que meu pau duro cutucando sua bunda tente anular o meu discurso.

— Isso não quer dizer que não vamos poder namorar – continuo a massagear tanto seu seio quanto seu sexo castigado. — Podemos nos dar outro tipo de prazer.

— Podemos? – aperta o bumbum contra o meu pau, que já está pronto para outra.

— Vamos terminar isso aqui, que eu quero te mostrar exatamente de que tipo de prazer estou falando – ofego contra seu pescoço.

Depois de quase uma hora cuidando de suas necessidades, ainda que envoltos numa aura puramente sexual, eu lhe tiro de dentro da água, fazendo questão de secar seus cabelos e seu corpo. Ela, por outro lado, recebe meu carinho de bom grado, apenas ronronando como um gatinho preguiçoso.

— Assim vou ficar mal acostumada, Erick – diz, ao se ver deitada na cama, que nem de longe lembra a bagunça de lençóis emaranhados e com algumas gotículas de sangue que há pouco lhe forravam. Me divirto ao lembrar

do seu rosto envergonhado quando eu fui trocar os lençóis. Ela ficou tão vermelha que por pouco não vi sair fumaça da sua cabeça.

— É sempre um prazer para ter as mãos em cima desse corpinho delicioso – paio sobre ela ao lhe dar um beijinho no osso do quadril.

— E eu adoro ter suas mãos em cima e dentro dele – diz, encabulada por deixar claro o quanto gosta de ser estimulada por minhas mãos, e tenho certeza de que pela língua também.

A cada nuance descoberta, eu fico mais encantado por sua personalidade. Encanta-me o fato de ela ser ousada nas ações e tímida nas palavras, pelo menos quando se trata de sexo. Não que isso vá se prolongar por muito tempo, não demora muito e minha garota estará falando pau, boceta, trepar e muitas outras coisas sem o menor constrangimento. A convivência e a prática com certeza farão isso por ela.

— Que bom, querida, porque a partir de hoje é aí que eles vão estar com bastante frequência – beijo o vale entre seus seios, perguntando-me o porquê de ter achado uma boa ideia sugerir que ficássemos pelados.

— Nenhuma objeção por aqui – ondula o corpo contra o meu, que não consegue deixá-la de lado. O desgraçado que agora ameaça furar o colchão da cama nem parece o mesmo que há pouco tempo murchou de tanto tomar banho de água morna.

Banheiras e seus efeitos desconhecidos.

— Acho que criei um monstro aqui – estou prestes a beijar sua boca, quando ouço baterem na porta.

— A comida, meu bem – levanto, enrolo uma toalha em volta da cintura e pego nosso almoço que pedi, depois de ouvir seu estômago protestar ruidosamente.

— Estou faminta – diz, quando sento ao seu lado, e eu não consigo evitar meus pensamentos de duplo sentido.

— Então vamos saciar essa fome – propositalmente dou ênfase quando me refiro ao tipo de fome que ela vai saciar.

Adoro fazer esse tipo de jogo. As provocações e insinuações são uma espécie de preliminares para mim, quanto mais disposta e desejosa a mulher estiver, mais desinibida e receptiva ela estará na hora da real trepada.

Marina e eu fizemos amor nessa primeira vez, agora chegou a hora do sexo. O duro, o intenso e violento do jeito que eu gosto e vou ensiná-la a gostar. Vou ensiná-la que entre nós não haverá tabus, que podemos ir do sexo mais romântico ao mais sujo e ela vai gostar dos dois na mesma medida.

— Não vai comer? – ela devora seu almoço com entusiasmo e eu me obrigo a fazer o mesmo, deixando os pensamentos "impuros" para depois. Para

quando o outro tipo de fome for saciada.

Envoltos em conversas e trocas quentes de olhares, nós dois terminamos nossas refeições, deitamos completamente nus e abraçados na cama.

Depois de muitos beijos provocativos e apalpadas nada inocentes, acabamos sucumbindo à preguiça, caindo num cochilo de meio da tarde. Coisa que eu não me lembro de ter feito algum dia.

— *Uhummm* – gemo em sonho, quando sinto pequenas mãos fazerem movimentos circulares de sobe e desce no meu pau dolorido de tesão. – Isso, amor. Que delícia, pequena.... Não para – de repente, abro os olhos, sobressaltado, e não acredito no que estou vendo.

Fogo

Marina

Desperto, atordoada, precisando de um momento para me situar. Sabe aquela sensação de não saber onde se está, que dia ou que horas são? Então, eu agora estou vivendo um momento peculiar como esse. O que posso dizer é que sinto um enorme peso sobre meu quadril, fazendo impossível qualquer movimento meu, e que vejo uma morena e enorme mão segurar meu seio possessivamente, envolvendo meu corpo em um abraço de braços e pernas.

Subo lentamente o olhar pelo corpo longo e musculoso, que por sorte eu tenho agarrado ao meu, e isso é incentivo suficiente para me ter totalmente desperta.

Olho para o seu rosto sereno, mesmo que ainda sustente o vinco sexy entre as suas sobrancelhas, fazendo com que viva com a constante cara de homem mal, e logo termino por despertar para minha maravilhosa realidade.

Viro a cabeça, e pela fresta da cortina, percebo que já está escurecendo, que surpreendentemente passamos boa parte da tarde apagados, quer dizer, não tão surpreendente assim se levarmos em conta as atividades praticadas desde cedo da manhã. A leve ardência entre minhas pernas certamente é uma testemunha do quanto meu dia foi proveitoso.

Proveitoso não, perfeito!

A realidade de tudo que aconteceu aqui é muito melhor do que tudo que minha mente fértil fantasiou. Apesar de querer e criar muitas expectativas de como seria perder a virgindade, eu sempre acreditei nas histórias de amigas que pregavam uma primeira vez dolorosa e desprovida de prazer, que afirmam não ser possível chegar ao orgasmo...

Eu não sei que tipo de cara elas tiveram suas primeiras relações, só sei que não poderia discordar mais dos seus diagnósticos. Tirando a parte da dor, que realmente foi sentida, todo o resto foi prazeroso. Com seu cuidado e carinho, Erick não só conseguiu me levar ao ápice do prazer por duas vezes, como também fez a proeza de me fazer parecer uma ninfomaníaca que não quer nada na vida além de fazer sexo. Não que essa impressão estivesse totalmente errada, pelo contrário, tudo o que eu queria era repetir e repetir novamente. Acho que se não fosse o freio dele, agora eu estaria com mais do que uma leve ardência.

Como quem não quer nada, meio que me esforçando para não desenvolver a ninfomania, passo os olhos pelo seu pênis, que mesmo não estando ereto, ostenta um comprimento fora do comum. Se um pau pudesse ser

classificado como belo, o dele com certeza seria considerado o suprasumo da beleza, ostentando veias ressaltadas quando duro, seu instrumento seria capaz de enlouquecer a mais pudica das religiosas. Pena que agora ele está aposentado.

— Agora esse lobo mau vai comer apenas minha Chapeuzinho – rio do pensamento bobo que me ocorre, e sem conseguir me conter, desço a mão até ele, pego com cuidado e já não me seguro. Começo a fazer movimentos circulares e de vai e vem no seu mastro, que de maneira inconsciente começa a endurecer dentro da minha mão.

— *Uhum* – Erick geme baixinho, ainda inconsciente, e eu acredito que devo estar fazendo tudo direitinho, até o momento.

— Isso, amor. Que delícia, pequena... Não para – movimenta o quadril e eu decido ousar; passando a massagear com a ponta do polegar a cabeça rosada do seu pau. Meu ato finalmente o desperta.

Ele vira o olhar confuso e me olha, surpreso.

— Que foi? Fiz mal em te acordar dessa forma? – dissimulo um olhar ofendido.

— Não, gata, fez bem até demais – coloca a mão morena sobre a minha, me auxiliando nos movimentos. Já percebi que ele gosta disso, de ter o controle na hora do sexo, de me guiar.

— Erick, eu quero... – caralho! Qual é a dificuldade de falar "quero chupar seu pau", se é exatamente isso o que eu quero pedir?

— Quer colocar a boca? – olha para nossas mãos unidas e eu apenas balanço a cabeça em confirmação ao meu desejo. — Linda, se isso é pra me agradar, você sabe que não precisa.

— Eu quero – para falar a verdade, minha boca está cheia d'água e minha boceta úmida, então eu acho que é mais do que querer, é necessitar.

Só espero que as horas perdidas vendo atrizes pornôes fazendo as mais diversas peripécias com a boca me ajudem em algo.

— E eu quero mais ainda. Só de pensar nessa boquinha me mamando... Só que antes tenho uma condição – retira nossas mãos do seu sexo.

— Condição? – certeza que é alguma sacanagem. Erick adora provocar essa minha veia tímida.

— Vamos lá – sobe o tronco para que possa ver melhor minha expressão. — Repita comigo: eu quero chupar seu pau – fala, compassado e divertido. Eu tenho vontade de matá-lo.

— Eu... *que-quero chuparseupau* – falo de uma vez e ele cai na risada.

— Não ficou cem por cento, mas vou relevar por ser sua primeira tentativa e também porque eu quero muito sua boquinha aí – baixa o olhar para o seu pau em riste.

Cheia de desejo e a fim de lhe agradar, saio dos seus braços e desço o corpo pelo seu. Mais a baixo, eu me ajeito entre suas pernas torneadas, ficando frente a frente com sua soberba ereção. A dor do desejo entre minhas pernas aumenta em níveis altíssimos por saber que sou quem o está deixando assim.

Sendo observada por seu intenso olhar de desejo, fecho meus lábios sobre a cabeça redonda do seu pau. Lentamente, circulo a língua em torno e ele começa a perder o controle.

— Isso, amor – segura a parte de trás da minha cabeça. — Aí, caralho... Puta que pariu – urra, quando passo da primeira base e vou lentamente tomando ele dentro da minha boca. Começo levando da cabeça até a metade, tomando cuidado para não fazer nada de errado, para depois chegar até a base. Com muita dificuldade, entre babas e engasgos, eu consigo chupá-lo *quase* por inteiro.

— Isso, gostosa – começa ele mesmo a socar na minha boca.

Em um entra e sai lento, e sendo observada por seu olhar guloso, eu enfio dois dedos dentro do meu próprio sexo e tento aplacar a minha própria dor.

— Que boquinha gostosa – no seu rosto já se percebe o suor querendo escorrer. — Vai, minha safada – soca freneticamente, fazendo-me engasgar, mas nem assim deixo de lhe chupar.

— *Uhum* – gemo, ruidosa, quando sinto o orgasmo se aproximando, tanto o meu quanto o dele.

— Mais devagar, Marina – controla os movimentos da minha cabeça. — Eu não quero gozar dentro da sua boca. Não dessa vez. Vem.

Puxa meu braço, devorando minha boca com um beijo ousado, sua língua a invadindo sem pedir permissão e eu respondendo com a mesma empolgação.

Com o corpo parcialmente sobre o meu, Erick abruptamente interrompe o beijo e me surpreende:

— Quero que te comer por trás – diz, e eu olho surpresa para sua boca úmida do nosso beijo delirante.

— Por trás? – será que não gostou da minha bocetinha?

— Quero te pegar por trás, amor, e não comer seu cuzinho – fala, com naturalidade. — É claro que isso faz parte dos meus planos futuros, mas agora, o que eu quero é comer sua boceta e ter como visão essa sua bunda gostosa – aperta forte uma banda do meu traseiro, para em seguida nos mudar de posição.

Posicionada de joelhos no meio da cama, sinto ele também sobre os joelhos me abraçar por trás, com a mão enrolada na minha cintura.

Sinto não só seu peito poderoso pressionar minhas costas, como também seu pau cutucar minha bunda.

— Tem certeza de que pode me levar dessa forma? – belisca meu mamilo, e eu tenho certeza de que meus seios são sua parte favorita do meu

corpo.

— Sim – rebolo em demonstração. – Posso provar – desço sua mão que me abraçava até meu sexo e ele ofega quando seu dedo entre em contato com a prova da minha excitação.

— Tão molhadinha – acaricia meu clitóris com o dedo indicador. — Você é tão receptiva ao meu toque, isso só me faz ter a certeza de que vamos nos divertir – desce meu tronco, fazendo com que eu fique na posição perfeita para o seu intento. – Muito!

Exposta aos seus olhos e equilibrada sobre joelhos e cotovelos, não sei sentir outra coisa além de poder e ansiedade. Poder por saber que seus olhos de cobiça queimam por me ter da forma que desejou, e ansiedade para saber do que ele é capaz.

— Tão deliciosa – olho-o por sobre os ombros a presenciar a cena sexy que nunca irá me cansar. Ele se masturbando, acariciando o próprio pau enquanto passeia a mão sobre minha bunda, é algo para nunca esquecer, pelo contrário, quero doses e mais doses de cenas como essa. — Tão minha – corta a embalagem da camisinha, colocando-a em seguida.

— Só sua e você é só meu – sinto a agonia da espera quando ele pincela o cacete entre as dobras da minha bunda.

— Só seu – segura as bochechas da minha bunda, passando a ponta do pênis sobre meu buraco enrugado e intocado. — Não vejo a hora de comer seu cuzinho, minha safada – diz, e eu me arrepio só por imaginar a dor. Apesar de ter visto cenas de sexo anal, a possibilidade da anaconda conseguir entrar no buraco sem me arrombar parece um pouco remota. — Mas até lá, vou comer muito essa bocetinha – desce o corpo contra o meu, possibilitando que sua mão alcance meu sexo. – Tão pronta – umedece o dedo e o leva novamente para meu orifício anal. Erick massageia o local agora úmido e eu sinto uma fisgada de dor. A dor de sua ausência me preenchendo, me deixando cheia dele.

— Erick, por favor – imploro.

— É isso que você quer, minha putinha – ajeita a ponta do pau na entrada da minha boceta encharcada. — Quer tomar meu pau, não é? Diz.

— Quero – avanço o quadril em sua direção e ele o segura firmemente.

— Não assim, fala exatamente o que você deseja – continua a me provocar, sem me penetrar.

— Quero que me coma, merda – grito, ao sentir meter até às bolas dentro da minha boceta necessitada. — *Ahhh...*

— Deliciosa dos infernos – penetra duro e fora de controle, em um entra e sai frenético, fazendo com que meu corpo todo sacuda e que meus joelhos percam as forças.

Uma, duas, três... doze vezes ele penetra até que meus joelhos percam as forças e eu desabe sobre o colchão. Líquidos escorrem por entre minhas pernas, eu gemo, grito, me descabelo, tudo o que é necessário fazer quando se deseja ser ouvida pelos vizinhos do outro lado da rua.

— Tudo bem, linda? – tem o peito suado colado às minhas costas e os movimentos mais lentos. — Se estiver demais, eu posso parar.

— Você não se atreva – levo as mãos para trás e finco as unhas em sua bunda, obrigando-o a continuar os movimentos. — Não para...

— Seu pedido é ordem, gostosa – com os joelhos, ele separa ainda mais minhas pernas, deixando espaço para uma penetração mais profunda. — Eu – mete com força – não vou – mete de novo ao enfiar a mão entre a cama e meu peito – parar – desce a mão livre até meu montículo inchado – nunca – soca até o talo até que eu sinta a ponta do seu sexo cutucar meu útero.

Me estimulando por todos os lados, ele de repente solta meu peito, tira a mão e o pênis da minha boceta e diz:

— Vem – senta na ponta da cama e eu entendo que me quer em seu colo.

— Agora o controle será seu, minha gostosa – acomoda-me em cima de suas pernas, voltando a entrar novamente.

Se já o senti fundo quando pega por trás, nem sei o que dizer dessa posição. Assim parece que estou cheia dele, deliciosamente cheia.

— Quero que me cavalgue como uma deliciosa Amazona, a minha Amazona – segura minha cintura e ajuda-me nos primeiros movimentos de subir e descer. Noto que ele evita descer até o final, talvez com receio de me machucar. Sua gentil preocupação só faz com que eu o ame mais um pouquinho, se é que isso é possível.

Sentindo-me mais segura, começo a me movimentar cautelosamente, Erick apenas segura minha cintura e me fita de maneira intensa. Desço cada vez mais fundo, até que o tenho totalmente dentro, agora suas bolas estão em contato com a minha bunda.

— Você ainda vai me matar de tanto tesão, menina – belisca meu peito com uma das mãos, enquanto a outra chupa o gêmeo com igual vontade. Ele o morde e a dor fina vai direto para o meu sexo.

Na intenção de levá-lo ao limite, assim como faz comigo, paro e permaneço sentada no seu pau, fazendo apenas pequenos movimentos circulares. Seu pênis me massageia internamente e ele sorri quando me vê ser atingida pelo meu próprio plano.

— O que foi, meu amorzinho? – tira o cabelo grudado de suor do meu rosto.

— Nada – nego, e começo novamente a me movimentar. Vou deixá-lo

louco, da mesma forma que faz comigo.

— Isso, gostosa – cavalgo seu pau em um sobe e desce ritmado e profundo, saio lento e entro com tudo, chocando nossos corpos suados num ruidoso som de peles se batendo. — Ai, caralho – não aguenta ficar parado e investe contra meu quadril. Tirando a bunda da cama e suspendendo nosso peso apenas pelos braços fortes, Erick passa a me comer da maneira mais profunda possível, encontra meu entra e sai com vigorosas arremetidas. Meus seios pulam livres contra seu rosto e ele tenta abocanhá-los.

— Erick – grito, a ponto de gozar.

— Grita, porra, eu quero que grite pra toda cidade ouvir – mete com força quando volta a sentar e abocanhar minha boca. Sua língua me invade, assim como seu pau, e eu chupo a sua tal qual minha boceta engole seu cacete. — Quero que todos saibam – larga minha boca e ataca meu pescoço, chupando-o fortemente, tudo sem parar de meter — quem é o homem que te come, quem é seu dono – seu pau engrossa no mesmo instante em que minha vagina lhe aperta. — A quem você pertence – mete uma última vez antes de gozarmos juntos.

— Amor – gemo, sem força.

Ele abraça minha cintura possessivamente com os dois braços ao dar lentas e curtas estocadas, enchendo o preservativo com os últimos jatos do seu sêmen.

— Marina – tira o rosto do meu pescoço e me fita com um olhar perdido. — Eu te amo – beija todo o meu rosto.

— Eu te amo mais – afirmo, e ele me beija. Seu beijo é lento e ao mesmo tempo faminto, sua língua me varre como se quisesse reafirmar com ações as suas palavras.

Sem parar o beijo e ainda conectados, ele inverte nossas posições e nos deita outra vez em sua cama macia. Beijamo-nos por mais uns instantes, até que ele sai cuidadosamente de dentro de mim.

— Uau – não contenho o sorriso bobo que se abre quando passo os olhos por nossos corpos suados deitados lado a lado.

— É só o começo, amor, um mundo de prazer sem limites nos espera – promete, enquanto tira o preservativo, o amarra e joga no chão. — Pena que responsabilidades nos esperam, senão acho que seria capaz de viver a vida a base de água e sexo com você.

— Eu também – o surpreendo ao admitir.

— Essa é minha garota – traz meu corpo para mais perto do seu. — Mari, você toma anticoncepcional? – pergunta.

— Não tomo – ao contrário de algumas mulheres que recorrem a esse método por outros motivos além da prevenção, eu nunca precisei recorrer a eles.

Era virgem até hoje e também nunca tive problemas com meu ciclo menstrual.

— Vou marcar uma consulta com o ginecologista, tudo bem? – massageia meu corco cabeludo quando deito a cabeça em seu peito. — Não quero mais transar com camisinha, preciso senti-la por inteiro. Mas só se estiver de acordo.

— Pode marcar a consulta – levanto a cabeça para olhar seu belo rosto moreno. — Se você quer, eu também quero.

— Linda – dá um selinho. — Percebeu que passamos o dia trancados nesse quarto? – ri contra minha boca. — Se não fossem seus gritos, os funcionários já teriam vindo verificar se estamos vivos – agora sou eu quem não segura a risada.

— Só eu gritei, não é mesmo? – enrosco preguiçosamente minha perna nas suas.

— Você quem está dizendo. Pensando bem, um dia não é nada pra quem deseja viver de água e sexo – diz, e nós dois passamos a rir como dois bobos.

Felizes! Finalmente felizes.

Implicância

Marina

— Merda – desperto, e como sempre, demoro uns instantes para me situar. Estico os braços e pernas e encontro o outro lado da cama frio e vazio. Isso significa que já tem um tempo que Erick saiu. Faz mais de um mês que vivemos nessa rotina, desde o fim de semana em que eu perdi minha virgindade e resolvi que era uma boa passar dois dias transando, não como uma recém-desvirginada, e sim como a mais experiente das mulheres.

Reclamar? Jamais! O fato de não estar conseguindo fechar as pernas na segunda-feira e de Erick ter ficado dividido entre rir de mim e ficar louco com os cuidados, não muda em nada a delícia que foram aqueles maravilhosos dois dias. Como era nosso desejo, ficamos em nosso mundo particular – o quarto do Erick – a base de sexo, água e da comida que recebíamos na porta. Ficamos trancados literalmente, fazendo nada além de namorar. Pouco a pouco fomos nos descobrindo como casal, e com toda paciência, meu namorado me ensinou como lhe dar prazer, assim como me ajudou a conhecer meu corpo e as partes mais sensíveis e receptíveis ao seu toque.

Hoje, depois de um mês juntos e de ter me mudado em definitivo para o seu quarto, ainda me pego sem acreditar que isso seja realmente verdade, que todas as fantasias que tive se tornaram realidade, uma vida em que os finais feliz existem, bem parecido com as histórias de contos de fadas que papai lia para eu dormir quando pequena.

Não vou dizer que é uma relação perfeita porque seria mentira e relações perfeitas não existem. Nossa diferença de idade e principalmente de personalidade já foram motivos para leves desentendimentos. Já discutimos por bobagens algumas vezes, mas nada que fizesse com que dormíssemos brigados. E como ele diz: o bom das brigas é fazer as pazes. E olha que Erick é especialista no assunto.

— Merda, mil vezes merda – olho para o criado mudo ao lado da cama e constato minha suspeita: eu perdi a hora.

A Ângela vai me matar. Como se não bastasse o fato de ter que ouvir suas reclamações, eu ainda dou um mole desse. Segundo ela, sou daquelas amigas que abandonam as outras quando arranja um namorado, e por mais que eu proteste dizendo que as coisas não são bem assim, ela simplesmente não aceita. Não entende que esse é um momento importante na minha vida, que embora eu não tenha lhe abandonado, como gosta de dizer, a realidade agora é

outra.

Diferente de antes, hoje em dia eu tenho que me dividir entre meu namorado, o curso de fotografia e os amigos, principalmente ela. Só queria que Ângela entendesse que essa fase nova requer boa parte do meu tempo e atenção. Entre a Marina estudante, amiga e namorada, a escolha do momento é a Marina namorada. Esse não o pensamento de uma adolescente deslumbrada pelo primeiro namorado. É por essa pessoa ser o Erick, o homem que por toda vida foi amigo meu e de papai, o homem com quem tanto sonhei e que enfim realizei. Essa não é uma relação qualquer que eu poderei descartar quando quiser, na primeira briguinha. O que está em jogo aqui é muito maior que a birra da Ângela. Um escândalo envolvendo os nossos nomes respingaria em coisas que vão muito além da nossa relação.

Ela tem que parar com isso, não vou deixar que seus chilikies acabem com minha felicidade.

Agora eu entendo os motivos do Erick querer manter nosso namoro em segredo. Ele explicou, eu não quis entender, e agora eu consigo compreender.

— Eu não acredito que você furou comigo outra vez, Marina – como quem soubesse dos meus pensamentos, uma Ângela furiosa adentra meu quarto, quase me matando de susto. Ela nem para bater antes de entrar...

— Perdão, amiga – sento de imediato, imaginando o estado em que meu rosto e cabelo devem estar

Ontem, a noite foi agitada. Como tem acontecido todos os dias, Erick chega do serviço faminto, e quando eu digo faminto, eu não estou me referindo à comida. Seja na ducha que toma quando chega ou em cima de um dos aparelhos da academia, Erick parecer sempre estar querendo transar. Seu desejo por mim, assim como o meu por ele, está mais ardente do que nunca.

Bem diferente do que eu imaginava, os primeiros dias de novidade da relação passaram e o tesão não diminuiu. Pelo contrário, quanto mais descobertas e posições novas tentamos, mais insaciáveis um do outro ficamos.

Está aí o motivo do ciúme da minha amiga – pelo menos eu imagino que seja isso – é de eu acordar sempre fora do horário e com cara de quem foi atropelada. Eu realmente fui, por um moreno lindo, gostoso e também viril.

Haja fôlego e disposição.

— Eca. Esse quarto só tem cheiro de sexo – ela escancara a janela e a brisa da manhã de sexta entra em contato com o meu rosto. — Qual o seu problema, Marina? – senta no sofá de dois lugares posto ao lado da janela. Se ela soubesse o que fizemos nele, teria sentado na cama mesmo. — Nunca tem tempo e quando diz que tem, não comparece.

— Já pedi desculpa, Ângela – me incomodo com sua teimosia. Ela

sempre foi assim e eu não percebia? Ou é sua predisposição em não aceitar meu namoro que está deixando essa característica mais evidente? — Esqueci de colocar o celular pra despertar e perdi a hora.

Ela não precisa saber que o despertador não foi um problema quando às 06h30 eu acordei com um Erick mais do que disposto em cima de mim, pronto para o sexo de bom dia de trabalho, como diz ele.

— Tá bom, então levanta a bunda daí e vamos almoçar fora – faço o que ela diz, mesmo tendo vontade de passar o dia na cama, curtindo a preguiça, já que a aula de hoje foi cancelada. Com o lençol enrolado em volta do corpo, saio e ela revira os olhos quando percebe que estou nua.

Depois de um gelado e revigorante banho, me arrumo rapidamente sob o comando irritante de Ângela – que se não estivesse em dívida, já teria mandado ir para a puta que pariu – pego minha inseparável câmera fotográfica e saímos para o bendito almoço.

Quando chegamos ao *MamaMia*, o restante especializado em comida italiana que frequentamos desde criança com meu pai, eu respiro aliviada por pelo menos dessa vez não ter tido a desagradável surpresa de me deparar com o Mateus, já basta o que aconteceu da última vez. Não quero mais ter problemas com o Erick por causa desse menino que eu nem ao menos tolero.

Depois naquele fatídico encontro, chamei a atenção dela, que por sua vez, me garantiu que não fez mal, que ele estar ali não passou de uma grande coincidência – na hora eu só pensei na frequência com que essas coincidências acontecem. É como se ele adivinhasse onde estou – e prometeu controlar mais a língua do abusado, que faz de tudo para forçar uma situação a cada uma dessas coincidências.

— Me conta, amiga – começa, quando estamos acomodadas em nossa costureira mesa de canto. — E esse namoro, já subiu no telhado?

Eu levanto os olhos do cardápio, surpresa com o que acabei de ouvir, e ela emenda dizendo:

— Ei, eu tô brincando, garota – ela dá uma risada.

Ela sempre teve esse humor negro?

— É só olhar seu estado mais cedo pra saber que o relacionamento de vocês anda de vento em polpa – afirma, num tom de descrença. — Quem diria.

— Você nunca levou fé que eu conseguiria conquistar ele, não é mesmo? – digo, e tenho minha atenção desviada pelo garçom que chega para anotar nossos pedidos.

— Não é questão de levar ou não fé em você, Marina. Pra ser sincera, eu não esperava que ele fosse olhar pra uma menina como você.

— Menina como eu? – o que ela quer dizer com isso?

— É tão jovem e inexperiente... – revela o que pensa. — Quem imaginaria que um cara tão... — *tão*?

— Tão lindo e maduro, que é acostumado a ser fotografado com as mais belas mulheres do país, iria olhar pra uma menina virgem e tão jovem.

— Com amigas como você, quem precisa de inimigas – brinco, tentando encobrir minha chateação com seu comentário.

Tudo bem que são assuntos que eu me questioneei e que ainda rondam minha cabeça, raramente, mas rondam. Só que ouvir isso da boca de outra pessoa, ainda mais sendo uma que me conhece tão bem, não ajuda em nada a acobertar a insegurança que eu tanto quero esconder.

Durante todas essas semanas de namoro, Erick tem tido um comportamento irrepreensível, não dando nenhum motivo para me fazer duvidar dos seus sentimentos ou até mesmo para me questionar se não sente falta da vida que levava antes, das mulheres tão diferentes de mim que sempre estavam agarradas ao seu braço. Pensando bem, não tenho por que me preocupar com isso, se ele sentisse falta de alguma dessas mulheres, ele estaria com elas e não comigo. Meu amor nem ao menos merece que eu tenha esses pensamentos.

— Não me leve a mal, amiga – segura minha mão.

— Não levo, querida – falo, agora com sinceridade, depois de ter refletido. — Eu sei que Erick me ama e é isso que me importa. O resto se ajusta.

— Que bom, minha amiga – solta minha mão, para que nosso almoço seja servido. — Se está feliz, eu também fico. Mas...

— Sabia que tinha um "mas" vindo por aí.

— Não acha que tá ficando muito dependente dele? – estava demorando a chegar nesse assunto. – Não sai mais com os amigos, sempre tem um compromisso com o Erick. Não faz mais nada que não seja com ele.

Ela parece uma criança birrenta com essa disputa por atenção.

— Já falamos sobre isso, Ângela – ela come seu risoto sem deixar de me ouvir com atenção. — As coisas agora são diferentes. Quando for sua vez, vai me entender – torço para que isso aconteça logo, talvez assim ela fique menos ciumenta. Para falar a verdade, eu não imaginava que ela fosse tão dependente dessa amizade, apesar de ser minha melhor amiga e de nos conhecermos desde pequenas. Pelo contrário, eu que sempre fui muito mais dependente dela.

— Os amigos eu com certeza não irei abandonar – insiste em fazer drama.

— Tanto abandonei que estou aqui, almoçando com você.

— Tem razão. Chega! Cansei desse assunto – finalmente. – Vamos, me diga, como anda seu curso de fotografia?

Enquanto almoçamos, conto sobre o bem que o curso de fotografia me

faz, mostro as fotos que fiz no parque em que Erick me levou como presente de aniversário de dezesseis anos, além, é claro, de babar nas fotos que fiz dos meus filhos, Floquinho e Thor.

Sim. Agora são dois, porque além de ter adotado o preguiçoso Thor, também convenci Erick de que ele é o pai de ambos.

— Você tá muito louca, Mari – não contém o riso ao ouvir minhas histórias.

— Fazê-lo assumir a paternidade não é loucura, Ângela, é um ato de lucidez – brinco, e dessa vez ela não ri, pelo contrário, fecha a cara, olhando para a porta de entrada.

— Que foi, Ângela, ficou séria de repente? – ela não consegue nem piscar.

— Amiga, não olha agora, o Erick acabou em entrar com uma mulher – as batidas do meu coração aceleraram drasticamente.

— Não me peça isso – desobedeço, e vejo quando ele puxa a cadeira para a loira se sentar.

Não. Não pode ser! É a mesma mulher que me humilhou na sua frente e ele não disse nada. Agora ele está num almoço romântico com ela.

Por que você está fazendo isso comigo, Erick?

— Eu tenho que ir embora, Ângela – guardo minha câmera na bolsa. – Não quero que ele me veja aqui - levanto-me discretamente. – Você vem? – agradeço mil vezes aos céus por ter vindo com o motorista.

— A conta, querida - me lembra que ainda nem tínhamos pedido para fechá-la.

— Eu tenho mesmo que ir – não consigo olhar para a mesa a frente. Pior ainda com o Erick podendo me ver a qualquer momento.

— Tá legal. Deixa que eu acerto aqui. Vai, mais tarde eu te ligo.

— Sinto muito – beijo seu rosto e saio para fora do restaurante.

— Para casa, senhorita? – Jorge pergunta, assim que bato a porta do carona.

— *E-Eu...* Não sei – meus olhos turvam em lágrimas, me fazendo perceber que realmente não sei o que fazer.

Não sei como interpretar a cena que eu vi – apesar da decepção por ver ele ali com ela – não sei o que dizer quando estiver cara a cara com Erick.

Ele tem uma explicação, eu sei que tem! Preciso confiar nele! Preciso confiar!

Repito como um mantra.

— Me leve pra casa, por favor, Jorge.

Bônus – Ângela

Ângela Albuquerque

— A conta, por favor – o garçom se aproxima e eu entrego em suas mãos a comanda e o dinheiro que acabei de tirar da carteira.

Quando me vejo sozinha, sinto-me mais à vontade para fiscalizar os acontecimentos da mesa mais à frente. Levanto os olhos e me deparo com Erick me encarando com uma expressão vazia. Para ele, é como se a loira cheia de garras – que não para de tocar seu braço – nem estivesse ali.

Não consigo evitar que as batidas do meu coração fiquem mais frenéticas quando estou no mesmo recinto que esse homem. Não nos encontramos tantas vezes assim para que eu tenha me acostumado com a visão.

E que visão.

Erick é um dos homens mais bonitos que eu já vi na vida, não perdendo em nada para os galãs das novelas e filmes que eu gostava de ver na adolescência. É muita virilidade para uma jovem de apenas dezoito anos.

Ai, meu Deus, ele está vindo.

Será que chegou a ver Marina aqui? Eu espero que não!

Não quero que sua saída dramática tenha sido em vão.

— Pra onde ela foi? – pergunta, grosseiro, quando se vê parado na minha frente. A loira, por outro lado, continua sentada com o olhar cheio de frustração.

— Eu não estou de brincadeira, garota – parece que ele fica ainda mais bonito quando está bravo desse jeito. Marina, sua sortuda. – Cadê a minha namorada?

— Aqui ela não está, como pode perceber – sou sarcástica e ele está cada vez mais furioso.

— Eu não gosto de você, garota. E nem daquele seu primo – isso eu já tinha percebido.

— Então estamos empatados, porque eu também não vou com a sua cara – digo, mas isso não significa que ele não seja um gato. — Cuida bem da minha amiga ou então vai se ver comigo. E você não tem ideia do que sou capaz – ameaço.

— Você é louca? – pergunta, impaciente.

— Sou, sim – confirmo. – Volta pro seu almoço, ela não está nada contente – aponto para a oxigenada.

— Que se foda, eu tenho que ir atrás de Marina – vira-me as costas, rumando para a mesma porta que minha amiga acabou de passar.

— Tem mesmo. *Bye-bye* – despeço-me e ele nem ouve.

Quando estou sozinha, olho para a oxigenada e pisco de maneira irônica, sendo retribuída com um olhar fumegante de ódio.

Sorrio, satisfeita comigo mesma, quando ouço meu celular vibrar em cima da mesa. De imediato, pego o aparelho e vejo que é uma mensagem da Marina.

Não se preocupe, estou bem <3

Graças a Deus. Ele nos viu, amiga.

Ok :)

Encerro as mensagens, aliviada por saber que tudo correu bem. A lembrança do quase acidente que Marina sofreu gela meu sangue e desde esse dia minha preocupação com ela triplicou de tamanho.

Eu sei que estou sendo chata com ela, principalmente depois desse namoro que eu nunca achei que fosse acontecer. Na minha cabeça, Marina sofria de um amor platônico e unilateral que jamais iria se concretizar. Até porque, coisas como essa acontecem apenas em novela. Na vida real, meninas como eu não têm direito a um final feliz.

Acho que não estava preparada para dividir a atenção dela com outra pessoa e por isso impliquei com esse namoro desde o início. Marina sempre foi meu porto seguro, apesar de não ter ideia disso. É a lufada de ar fresco que dá vigor ao mar de frustração que minha vida se tornou.

Apesar de a minha amiga pensar o contrário, sou eu quem sempre fui dependente de sua amizade, quem invejou o amor que seu pai sempre lhe deu. Até o fato de ela ser órfã de mãe eu invejei, é melhor não ter uma do que ter a mãe que tenho.

Sempre quis ter tudo que Marina teve; uma família feliz, apesar de incompleta, a popularidade de ser aceita onde quer que estivéssemos, e agora o amor, minha amiga tem o amor.

E eu, o que eu tenho?

Meus olhos começam a arder, mas parece que nem para ter pena de mim mesma eu tenho paz.

— Onde você está? – ouço a voz odiosa do Mateus do outro lado da linha.

— Já estou indo – desligo na sua cara. Até quando vou ter que fugir para não ser obrigada a carregar essa cruz onde quer que eu vá?

Com o pensamento longe, frustrada por ter que voltar para o inferno, esbarro sem querer numa torre de músculos e gravata que acaba de adentrar no recinto.

— Você é cego, por acaso? – o homem que vem para tirar o posto de Erick de mais gato, apesar de não conseguir ver seus olhos, anda compassadamente sem dizer uma palavra ou ao menos olhar na minha direção. Mas também não faria diferença, ele estava de óculos escuros mesmo.

Óculos escuros dentro de um restaurante.

Me leve, Deus!

Academia

"Que meu amor, não será passageiro. Te amarei de janeiro a janeiro. Até o mundo acabar".

Erick

— Você pode segurar as pontas aqui, Patrícia? – olho meu pulso pela décima vez em cinco minutos. — Os detalhes você já sabe, é só repassar com o Bruno quando ele chegar – digo, desconfortável. Tenho a sensação de que o nó da minha gravata está ficando cada vez mais apertado em volta do meu corpo.

Eu vou matar o incompetente do Bruno. Como pode se atrasar e me deixar aqui com essa mulher, ele não disse que estava a caminho? Se ao menos eu sonhasse que ele ainda não estava aqui, eu teria enrolado um pouco mais no escritório.

— Não, querido – me aborreço com o fato de ela me tratar com uma intimidade que não temos, e meu semblante deve ter demonstrado exatamente isso, já que ela rapidamente se corrige. — Quer diz, Erick, você sabe como o João era minucioso com esses eventos. Agora que ele se foi, passou a ser sua responsabilidade – eu gostaria de esquecer esse fato.

Nosso escritório é conhecido pelas grandes recepções que oferece a cada causa grande ganha ou quando somos contratados para atuar em causas milionárias. Isso nunca foi problema para mim, eu até que gostava, é nesses eventos que toda a equipe ronda os convidados atrás de novas causas e, consequentemente, mais ganho e prestígio para o escritório. O problema é que, diferente das outras vezes em que eu me preocupava apenas em comparecer, hoje tenho não só que tomar a frente, como também ouvir e concordar com todos os detalhes irritantes.

É disso que se trata esse almoço. Não sei por qual razão, mas Bruno e Patrícia – que não foi demitida ainda porque tenho desconfianças a seu respeito que preciso averiguar mais de perto – são as pessoas que, junto com João, organizam esses eventos, e segundo eles, uma recepção para Ulisses Casagrande, dono da conceituada rede de cosméticos *SempreBella*, é extremamente necessária, e como eu confio no discernimento de Bruno, tive que vir a esse almoço.

— Tem razão – digo a contragosto, olhando novamente o relógio. — Mais cinco minutos, se ele não aparecer, eu vou me retirar e deixar por conta de vocês. Tenho outro compromisso – na verdade, não tenho, só preciso fazer a

costumeira ligação para Marina. Todos os dias eu ou ela nos ligamos para saber como o outro está.

Estou a ponto de pegar meu celular dentro do bolso interno do paletó, quando na mesa de canto vejo uma movimentação, olho mais atento e me surpreendo por ver que é minha Marina quem está neste momento levantando-se para ir embora.

— Licença – saio da mesa sem esperar pela resposta que a mulher com certeza daria.

Paro em frente à amiga estranha e pergunto, sem rodeios:

— Pra onde ela foi? – ela permanece calada, me olhando.

— Eu não estou de brincadeira, garota. Cadê a minha namorada?

— Aqui ela não está, como pode perceber – debocha, e eu tenho vontade de matá-la

— Eu não gosto de você, garota. E nem daquele seu primo – declaro. Essa menina tem alguma coisa que não se encaixa.

— Então estamos empatados, porque eu também não vou com a sua cara. Cuida bem da minha amiga ou então vai se ver comigo. E você não tem ideia do que sou capaz – ameaça.

— Você é louca? – indago, sem paciência. Mas pelo menos deu para perceber que ela gosta mesmo da Marina.

— Sou, sim – assevera. — Volta pro seu almoço, ela não está nada contente.

— Que se foda, eu tenho que ir atrás de Marina – saio apressado.

Depois de muito quebrar a cabeça tentando imaginar para onde Marina poderia ter ido, decido confiar no seu bom senso e ir direto para casa.

Quando entro com o carro na garagem, reparo que o veículo que o motorista usa quando sai com ela está aqui, então provavelmente Marina veio para casa.

Entro e encontro a sala em total silêncio. Se minha namorada não fosse tão apegada emocionalmente a esse lugar, eu com certeza já teria lhe convencido a irmos morar no meu apartamento, que tem o espaço adequado para duas pessoas. Essa mansão não, ela é tão grande que se Marina quiser me dar um castigo, é só se esconder e depois me fazer procurá-la.

Tendo em mente a certeza de que ela está aqui em algum desses milhares de cômodos, decido deixá-la um pouco sozinha, dar um tempo para que se acalme e tire suas conclusões, para só depois conversarmos.

Depois de almoçar – coisa que não deu tempo de fazer no restaurante – tomar banho e revisar alguns processos no antigo escritório de João, que agora estou utilizando, saio para procurar minha garota.

Chega de se esconder, princesa.

Primeiro procuro nos quartos, na sala de cinema e até mesmo no banco que fica entre as roseiras bem cuidadas do jardim, e não a encontro em nenhum deles.

Por fim, dirijo-me ao último lugar onde ela poderia estar: a academia.

Se tem um espaço que minha garota não frequenta nesse lugar, é a academia, não que ela precise, pelo contrário, seu corpo é naturalmente gostoso e sem uma única gordurinha fora de lugar. Segundo ela, somente as pessoas sadomasoquistas praticam esse tipo de tortura quando não é estritamente necessário.

Por outro lado, ela adora ficar me olhando treinar. Todas as noites depois que chego do trabalho, malho sob seu olhar faminto. Marina me admira abertamente, sem conter a excitação de ver meu corpo suado pelos exercícios intensos, e como não gosto de deixar minha mulher passar vontade, eu a como ali mesmo, seja contra a parede espelhada, seja sentados em cima de um dos aparelhos de musculação ou mesmo no chão, nós sempre acabamos suados e ofegantes, depois de uma foda de boas-vindas.

Minha pequena parece ter sido feita na medida certa para mim, é impressionante o quanto temos nos dado bem em pouco mais de um mês de namoro. O nosso ainda tem um diferencial que é o fato de morarmos juntos. O que poderia ser um ônus para quem acabou de iniciar uma relação, para nós se tornou um bônus, pois foi essa necessidade de morarmos juntos quem me ajudou a perceber que a grande diferença de idade que nos separa não é um empecilho para o nosso entendimento. Ela me fez perceber que muitas das nossas diferenças vêm em decorrência das personalidades distintas do que propriamente das mentalidades, que têm bons anos de distância uma da outra.

Entro no amplo espaço, que é todo revestido em vidro, e também encontro o recinto em completo silêncio. Passo os olhos rapidamente pelo ambiente e quando não a vejo, aceito que não só não está aqui, como também não veio para casa.

Porra! Onde você se meteu, meu amor?

"Que meu amor, não será passageiro, te amarei de janeiro a janeiro"...

Estou quase fechando a porta da academia quando ouço sua voz cantando bem baixinho.

Porra! Ela está aqui!

Escancaro a porta outra vez e dessa vez olho com mais atenção. Avisto Marina deitada num cantinho entre a parede e uma esteira. Ela veste um short preto bem curtinho e um top cinza que cobre seus seios, deixando sua barriga lisa à mostra. Tem nos ouvidos um fone branco, e por ele sai uma música melosa

que ela vez ou outra cantarola.

Fico um tempo apenas olhando minha pequena, imaginando o que se passa pela sua cabeça depois do que presenciou lá no restaurante ou o que imagina ter visto. Não a culpo se tiver interpretado de forma errada. Se tivesse lhe encontrado almoçando com outro, também ficaria chateado, pelo menos na hora.

Silenciosamente, caminho até onde está deitada, sento em cima da esteira e sacudo seu corpo de leve.

— Amor – chamo-a, e ela tira os fones-de-ouvido. Com cuidado, lhe ajudo a sentar sobre o tapete emborrachado que usamos para fazer exercícios de aquecimento. — O que você está fazendo aqui? – indago, notando que aparentemente não andou chorando.

— Achei que seria um lugar ideal para pensar – diz, com aparente tranquilidade.

— E pensou? – sondo.

— Acho que sim. Só estava ouvindo música mesmo – mostra seu iPod. — E você, por que chegou tão cedo? – pelo visto ela não vai tocar no assunto.

— Eu vi você no restaurante, Marina – decido ser direto. Sei que o assunto está lhe incomodando e ela aparentemente não quer tocar nele. — Foi embora sem falar comigo – acuso, e ela me olha, incrédula.

— Não queria atrapalhar o almoço com sua amiga – diz, sarcástica, mostrando finalmente a Marina que eu conheço.

— Ela não é minha amiga e você não atrapalharia nada que não fosse um almoço de negócios – justifico-me. — E se você tivesse esperado mais um pouco, teria visto que estávamos esperando um outro advogado que infelizmente se atrasou – se Bruno fosse pontual, eu não teria que passar por essa situação desagradável. Não é só por Marina que digo isso, é por mim mesmo, que tive que aguentar aquela mulher se jogando. Ela fez os poucos minutos parecerem horas.

— Entendi – fala, com sinceridade. — Mas não vou me desculpar – deixa claro sua posição.

— E nem eu quero que se desculpe, meu amor – coloco uma mecha que escapou do seu coque frouxo atrás da orelha. — Na verdade, eu estou muito orgulhoso.

— Orgulhoso? – pergunta, surpresa.

— Sim, orgulhoso – levanto-a do tapete, para em seguida sentá-la no meu colo. Será que algum dia vou ser capaz de estar no mesmo recinto que ela e não ter essa necessidade de sempre estar lhe tocando? — Agiu muito bem numa situação como a que presenciou – beijo seu pescoço cheiroso e sou retribuído

com mãos macias massageando meu coro cabeludo. — Veio para casa e me esperou para conversarmos – distribuo beijos por todos os lados do seu rosto. — Minha garota madura – finalmente capturo sua boca, sendo recebido com o mesmo entusiasmo da primeira vez.

Ficamos nos beijando preguiçosamente por alguns minutos, apenas curtindo nosso tempo juntos.

O fato de estarmos morando juntos, de dormirmos e acordarmos todos os dias lado a lado, não é o suficiente para tirar a sensação ruim que por vezes sufoca o meu peito.

Eu, que sempre fui um homem mais prático do que religioso, tenho me visto preocupado com os sonhos que têm atormentado minhas noites nesses últimos dias. Acordo suado e ofegante com a imagem de Marina desfalecida nos meus braços, ela tem o rosto pálido, e por mais que eu chame e balance, seu corpo permanece inerte. Não consigo ver seus bonitos olhos porque ela não os abre.

Toda manhã eu acordo procurando seu corpo. Nas vezes em que não sinto seu calor junto ao meu, simplesmente lhe puxo para os meus braços enquanto deixo o alívio me tomar. Depois de ter certeza de que tudo não passou de um pesadelo, vem a fome; o desespero de tomar seu corpo, como se não tivéssemos mais tempo, como se o depois nunca fosse chegar. Então eu lhe abraço, declaro meus sentimentos e vou para o escritório. Vou, mas fico ansioso pela volta, onde todo o ciclo se repete.

— Já disse que te amo hoje? – pergunto, ao interromper o beijo quando nós dois precisamos de ar e eu deixo de lado os maus pensamentos. Nada de ruim vai lhe acontecer. Ninguém se atreveria a tirá-la de mim.

— Não nas últimas horas – brinca, deixando transparecer que já superou o incidente de mais cedo.

— Que cabeça essa minha – devolvo, com bom humor. — Querida, sobre o almoço...

— Eu entendi que era um almoço de negócios, amor. Já passou.

— Não é isso – nem sei como abordar o assunto. — Lembra daqueles eventos que seu pai costumava fazer aqui no jardim para o pessoal lá do escritório?

— E como eu poderia esquecer? – sinto a mudança no seu humor quando seu corpo contrai em cima do meu. — Ficava muito irritada quando papai me fazia comparecer. Por mim, ficava trancada dentro do quarto até que aquela gente chata fosse embora – confessa, e eu não deixo de concordar. Só compareço porque é necessário.

— Mas você entende que eles são necessários?

— Eu entendo, Erick – afirma. — Mas isso não quer dizer que goste.

— O almoço era pra discutir esse assunto. Nós fomos escolhidos para defender Ulisses Casagrande, então Patrícia e Bruno, que eram responsáveis por essa parte junto com seu pai, vão dar uma recepção em homenagem a ele.

— Eu não quero essa mulher dando ordem na minha casa, Erick – ela levanta-se num rompante. — Não quero.

— Não vai, meu amor – levanto-me em seguida, lhe abraçando pela cintura. — Vou falar com ela amanhã mesmo.

Marina tem razão, não tem por que se submeter a isso. Sei que talvez esteja comprando uma perigosa briga e que isso pode se voltar contra nós dois. Mas também não posso deixar Patrícia tão próxima de Marina.

Tenho que averiguar se essa mulher esconde algo que possa prejudicar Marina de alguma forma e só então afastá-la de nossas vidas.

Rapidinha

Marina

Duas semanas se passaram desde o desagradável encontro no restaurante, e finalmente chegou o dia da bendita recepção. Tudo foi planejado por Bruno e Carla, a secretária de Erick, que nem de longe é tão desagradável quanto a tal Patrícia, que não me causa outro sentimento além de arrepios.

Segundo Erick, ela não gostou nada de ter sido dispensada desse trabalho, disse que ela argumentou de tudo quanto foi forma, chegando inclusive a usar o nome de papai como chantagem emocional. Meu namorado, no entanto, se manteve firme na decisão, asseverou que eu, como dona da casa, não me sentiria confortável com a presença dela lá.

Eu fiquei muito contente com sua atitude, e Erick logo achou um jeito de me fazer agradecer – e quando digo agradecer, me refiro a atender ao pedido descarado para que desse uma atenção especial ao seu amiguinho, que pelas suas palavras já estava sentindo saudades da minha boca gulosa. Eu, sem muito pensar, fiz novamente esse enorme sacrifício, pelo menos foi essa a resposta irônica que saiu da minha boca.

Como antes, estamos conseguindo levar o relacionamento numa boa, sem maiores problemas. A parte sexual com certeza ainda é a mais agitada. Erick e eu não temos limites, não há nada que um propõe que o outro não esteja disposto a tentar, e no final, nossa sede pelo novo é recompensada por um maravilhoso orgasmo e a promessa de novas aventuras.

Como esquecer do dia em que fui ao escritório?

Lembro que numa segunda-feira decidi ir do curso direto para a J&E Advogados e Associados e lá fiquei até o fim do expediente. Meu plano era ficar sentada quietinha no sofá de canto, enquanto, sentado à mesa, Erick fazia seu trabalho. Mas é óbvio que não foi nada disso que aconteceu.

No começo, ele até tentou trabalhar, só que a cada duas teclas apertadas no computador em que redigia um processo, seus olhos levantavam e iam de encontro a mim e a partes específicas do meu corpo. Seu olhar era tão faminto e abrasador, que eu já não estava mais tão inocente quanto no início, quando só queria continuar lendo meu livro enquanto dava seu horário.

Ao ver que de alguma forma a cena lhe excitava, passei a lhe provocar de maneira consciente, o que antes acontecia pelo simples fato de estar ali no seu local de trabalho. Ajeitando minha postura, deixei que visse quando abri os primeiros dois botões da minha blusa social branca, assim como também deixei

à vista minha vermelha e pequena calcinha. Quando vi sua reação, pensei que não poderia ter escolhido roupa mais apropriada ao momento.

Justamente nesse dia, resolvi me vestir como uma colegial sexy. Minha saia preta de pregas fazendo conjunto com a blusa social branca, fez um estrago maior do que provavelmente qualquer outra fantasia faria.

Erick até tentou se manter firme, mesmo deixando a tensão transparecer por meio de suas batidas agressivas no pobre teclado. A gota d'água foi a hora em que eu, com a cara mais descarada do mundo, me virei frente à sua mesa e sem qualquer pudor escancarei minhas pernas, deixando que visse a prova do meu desejo em uma calcinha completamente encharcada. Eu sabia que de onde estava dava para ver nitidamente a mancha escura na minha peça íntima, tanto dava que depois disso ele veio para cima de mim como um leão faminto.

Sem nada dizer, Erick me colocou de joelhos com o peito apoiado no encosto do sofá, e por sobre os ombros, vi quando ele abriu o botão e o zíper da sua calça, abaixando apenas o suficiente para que deixasse seu pau livre. Depois, levantou minha saia curta, afastou minha calcinha para o lado, testando com o dedo meu nível de excitação e, sem qualquer aviso, me penetrou por trás, meteu até o fim e por lá ficou.

Parcialmente ajoelhado e com o peito colado às minhas costas, ele apenas se certificou se eu estava bem e começou a se movimentar. Suas arremetidas não foram suaves, pelo contrário, tornaram o sexo intenso e bruto, ele agiu como se estivéssemos um mês separado e não apenas algumas horas do dia. Enquanto me fodia, ele tinha uma das mãos segurando meu peito possessivamente, ao passo que a outra apertava minha boca com firmeza. Até porque, nenhum de nós dois queria que todo o pessoal do escritório descobrisse a filha do sócio falecido trepando com o seu melhor amigo e outra parte da sociedade.

Posso dizer que essa foi nossa primeira rapidinha, já que depois de alguns minutos e poucas arremetidas, estávamos os dois dentro do banheiro tentando limpar a bagunça que nós mesmos fizemos um no outro. E como eu gosto de comentar, com a delícia que é transar sem camisinha vem junto consigo o dever de limpar toda a lambança depois. Minha sorte é que tenho um homem muito atencioso, que toma para si a tarefa de cuidar da sujeira que em sua maior proporção é feita por ele mesmo quando insistiu em transarmos sem preservativo.

Eu só tenho a agradecer por esse seu lado atencioso, porque muitas das vezes tudo que eu quero depois de um sexo intenso é cair no sono. Principalmente quando fazemos em horários propícios a isso.

Meu rosto queima de vergonha quando lembro da nossa saída no fim do expediente de Erick. Com ele andando tranquilamente ao meu lado, eu senti

como se todas as pessoas que encontramos no caminho soubessem de alguma forma o que fizemos na sala dele.

Depois desse episódio, fiquei por dias com isso na cabeça, até que entre provocações e convites para uma nova visita, Erick me convenceu de que era coisa da minha cabeça. Que ninguém sabe ainda o tipo de relação que temos, imagina pensar que estávamos trepando no seu local de trabalho e no meio do expediente.

— Tô entrando – Ângela entra no quarto, me tirando das minhas nada puras lembranças. — Tá linda, garota – ela elogia, ao se postar atrás de mim, que estou parada em frente ao espelho do banheiro, me maquiando.

— Olha só quem fala – interrompo minha atividade por um momento e reparo melhor no seu visual, que é basicamente composto por um vestido justo azul royal, um scarpin nude e os cabelos soltos, enfeitados com leves ondas. — Você está linda, Ângela – elogio. Ângela sempre foi bonita, apenas nunca se importou o suficiente para reparar na atenção que chama por onde passa. Ela me acusa pelos olhares e piadinhas de pedreiros que escutamos, mas eu tenho convicção que metade dessa atenção indesejada é dedicada a ela.

— Não mais do que você – devolve o elogio quando termino minha maquiagem, e viro de frente na intenção de lhe mostrar o resultado. — Seu namorado vai ter um ataque quando te ver. Imagina ter que conter toda a atenção que você vai despertar? Isso vai ser divertido – diz, maliciosa. Se tem uma coisa que não mudou nesses últimos dias, foi a implicância dela com Erick. Não com o namoro em si, isso ela está aprendendo a aceitar, ainda mais depois que eu me toquei que ela estava tendo comportamentos estranhos – mais que o normal – e decidi que precisava lhe dar mais atenção.

Ângela agora não perde a chance de alfinetar o Erick e ele não fica atrás, sempre que se refere à ela é como "aquela sua amiga estranha. Não sei o que conversaram no restaurante, mas depois daquele dia, passaram a ter uma estranha relação de cordialidade, como se vivessem uma guerra fria onde ambos se aturam apenas por minha causa.

— Chegou a ver ele? – olho o visor do celular ao lado das maquiagens e vejo que já está quase na hora da bendita recepção começar. Sorte ter convencido minha amiga a vir, ela vai me ajudar a passar por essa gente sem ter vontade de me trancar dentro do quarto, exatamente como fiz nas outras vezes. Espero que hoje seu humor esteja ácido o suficiente.

— Estava no jardim quando entrei – no mínimo está vistoriando os últimos detalhes, literalmente. Ao contrário do que era esperado e planejado, Erick mal se envolveu na organização da recepção. Ele deixou Bruno e Carla tomar a frente, quer dizer, mais Carla do que Bruno. Ela eu vi e até troquei

algumas palavras quando as mesas e cadeiras estavam chegando, Bruno, por outro lado, não pisou o pé aqui em casa. Quando questionei, Erick me revelou que o trabalho dele se limita a fisgar os convidados com potencial, porque é nessas horas onde tudo acontece, onde rolam novas e milionárias causas. Ou seja, nunca vi a cara do sujeito que meu namorado tanto confia.

— Estou pronta – digo, ao terminar de borrifar algumas gotas de perfume no meu pulso e estrategicamente no espaço entre o ombro e pescoço. — Quer descer? – pergunto, supondo que os convidados de Erick já devem estar chegando, se for levar em conta o horário e a música ambiente que começou a tocar.

— Vamos logo, deixa de ser cagona – pega meu braço e me arrasta escada abaixo.

Na sala não tem nada fora do lugar, tirando a movimentação do povo do buffet, que de vez em quando passa por aqui para chegar até a cozinha. É lá fora que a mágica acontece, isso já aconteceu tantas outras vezes e ainda não me acostumei com a visão de ver tudo tão diferente.

Como todos os outros anos, o local está parcialmente ocupado por uma mesa cumprida que contém vinte e cinco cadeiras de cada lado, além das duas que ficam na ponta, essas sempre foram ocupadas por papai e Erick. Coberta por uma toalha branca de seda, a mesa está meticulosamente arrumada com a mais fina louça e entre os diversos tipos de taças, pratos e talheres, estão finos jarrinhos de vidro que poderiam se passar por cristais. Dentro de cada um deles foi posta uma flor copo de leite. Tudo à altura dos convidados, que da porta avisto chegarem.

— Como está lindo – como eu, Ângela admira como se fosse a primeira vez, sendo que eu sempre imploro por sua companhia e ela vem. — Nem parece com a mesma bagaceira que fazemos todos os anos nas suas festas de aniversário – ela desvia a atenção para o bar improvisado onde um homem alto e aparentemente forte conversa com o *bartender*.

— Quem é ele? – indaga, sem tirar os olhos do homem que está virado de costas para nós. Quando ele vira um pouco de perfil, eu ainda não consigo identificar.

— Acho que não conheço, amiga, depois me lembra de perguntar ao Erick. Que foi, tá interessada? – ela me olha com a sobancelha arqueada.

— Não começa, Marina, o fato de você ter um namorado não lhe obriga a me arranjar um também, viu?

Estamos as duas na porta, viradas frente a outra e ponto de iniciar a mesma discussão pela trigésima vez, quando somos surpreendidas pela chegada repentina de Erick, que para a alguns passos de onde estamos. As emoções que

veja passarem por seu olhar me assustam, deixando minhas pernas trêmulas.

A recepção

Erick

Linda, gostosa, estonteante – são os primeiros pensamentos que vêm à minha cabeça quando me aproximo de onde está minha Marina e a chatinha.

O vestido preto sem mangas e que deixa uma generosa porção dos seus seios à mostra, não é nada menos do que sexy. A vestimenta se molda em suas curvas como uma segunda pele, trazendo à tona meu instinto animal. E tal qual um leão feroz, só quero devorar minha bela e amada presa.

Por estar num papo animado com a chatinha, ela não percebe de imediato minha presença, e quando percebe, seu rosto preocupado denuncia a mensagem errada que minha expressão deve estar transmitindo. Talvez pense que minha cara de bravo signifique outra coisa além do esforço por não carregá-la para o nosso quarto e comê-la até não aguentarmos ficar sobre as próprias pernas.

Essa menina vai ser a minha morte!

— Amor, você está... – as palavras fogem da minha cabeça, tudo que poderia falar parece pouco diante dessa visão. — Perfeita! – concluo, ao entrelaçar nossos dedos.

— E você está lindo – diz, e pelo seu olhar de aberta admiração, noto que aprovou meu visual composto por uma calça jeans escura e blusa social cinza.

— Eca. Que nojo. Dá licença que não sou obrigada a aturar isso – a chatinha, que eu nem lembrava mais da presença, revira os olhos quando disfarçadamente deixo um beijinho no ombro desnudo da minha mulher.

Ela sai e eu a vejo se dirigir ao bar no momento em que, andando compassadamente, Bruno deixa o local.

Quando estamos sozinhos, não me seguro e acabo com uma das mãos na sua bundinha cheia. Os olhos? Esses não conseguem desviar do decote que deixa o vão entre seus seios à mostra.

— Erick! Para com isso – apoia a mão no meu ombro. — Você quer que as pessoas descubram? – diz, lembrando-me que o nosso namoro ainda é um segredo.

— Foda-se. Não vou me importar se as pessoas ficarem sabendo da nossa relação – me dou conta de que não faz mais sentido guardar só para a gente. Mais cedo ou mais tarde isso vai acabar acontecendo. No caso, eu escolho a opção mais cedo. — Eu não vou deixar que pensem que você está livre quando a verdade não poderia ser mais diferente. Você é comprometida – aperto sua cintura fina. — Comigo.

— Com você – dou-lhe um outro beijo, só que dessa vez entre o vale sexy dos seus seios. Ela fica parada, apenas olhando minhas mãos bobas e minha boca percorrerem seu corpo, e eu me divirto com o esforço que faz ao disfarçar o que aqui acontece.

— Eu ainda tô na dúvida se gostei ou odiei esse vestidinho sexy – olho-a da cabeça aos pés. — Gostosa você está demais, disso eu não tenho dúvidas, e talvez seja esse o problema: os outros também vão achar.

— Deixa que achem, o importante é que eu sou sua – beija o canto da minha boca, me obrigando a ajeitar a ereção por sob a calça, que agora parece ter um número a menos.

— Assim como eu sou seu – ela fica feliz como todas as vezes que me ouve falar essa frase. Para agradá-la, não vejo problema em repetir quantas vezes forem necessárias. Sempre reafirmando, caso ela ainda tenha dificuldade para entender que não estou indo para nenhum lugar longe dela.

Envoltos numa íntima esfera de carinho e sedução, Marina e eu passamos os próximos minutos.

Quando os convidados começam a chegar, ela prefere se juntar à chatinha e eu passo a cumprir com o meu dever.

Durante as horas que se seguem, faço o de sempre; mantenho conversas cordiais com empresários importantes, dou atenção ao homenageado da noite e ainda mantenho minha atenção em Marina. Por mais empenho que as conversas exijam da minha parte, eu nunca lhe perco de vista. Nem dela, que não saiu do lado de Ângela um minuto sequer, e nem dos olhares cobiçosos que boa parte do público masculino lança na direção em que as garotas estão.

Agora, já cansado e não vendo Marina em parte alguma, decido que é hora me livrar desses caras e dar um pouco de atenção à minha garota.

— Com licença, pessoal, preciso de uma bebida – toco no braço de Bruno, que está do meu lado, e ele entende nosso sinal. Temos esse estranho acordo quando um quer que o outro continue e segure as pontas. Afinal, não é fácil aguentar horas de papos fúteis que vão de mulheres a futebol, quando tudo o que queremos é descobrir seus podres e convencê-los de que somos os melhores em "limpar a sujeira".

— Só não esquece de trazer a gostosinha na volta – já seguia meu caminho, mas a voz do Casagrande chama minha atenção e eu me volto em sua direção.

— *Gostosinha?* – repito o termo falado de maneira pejorativa.

— É. A filha do João Junqueira, seu falecido sócio – minha raiva cresce por ver seu olhar de malícia ao se referir a ela. — Onde é que eu estava, que não vi aquela garotinha se tornar essa delícia toda? – tirando ele, toda a roda de

conversa está em silêncio, até porque todos perceberam minha irritação.

— Eu sugiro que tome mais cuidado com suas palavras, Casagrande. A gostosinha a quem se refere é minha namorada – revelo, e não fico para ouvir sua resposta ou a reação de todos eles ao se tornarem cientes de que Marina e eu somos um casal.

Depois de percorrer todo o jardim com os olhos e não avistar Marina em lugar algum, percebo Ângela num canto mais afastado, digitando freneticamente ao celular. Ao me ver chegar perto, ela levanta o rosto, chateada. Seja quem for do outro lado, ela não parece nem um pouco satisfeita com a conversa.

— Onde está a Marina? – indago, sem rodeios. A ideia de deixá-la sozinha tem me preocupado sem nenhum motivo aparente. Apenas sei que preciso ficar de olho, ainda mais tendo Patrícia, que a tratou com tamanha hostilidade, andando por aí.

— Eu não sei – diz, preocupada, como se soubesse que ela precisa de proteção.

Apesar de continuar achando ela uma chatinha, passei a admirar muito a devoção e parceria que uma tem com a outra, mesmo tendo personalidades tão diferentes. Enquanto Marina é ousada, alegre e jovial, sua amiga é séria e contida. Olhar pra ela é ter a sensação de que carrega o peso do mundo nas costas. Marina tanto percebeu seu comportamento estranho, que decidiu lhe dedicar mais atenção.

Olhá-las é como ver eu e João durante todos os nossos anos de amizade. Um pelo outro, sempre!

— Meu celular tocou e ela disse que ia subir pra retocar a maquiagem.

— Tudo bem. Fique de olho, vou procurá-la lá dentro – digo, saindo apressado.

Ao entrar na casa, reparo em alguns rostos sentados sobre o sofá e eu pergunto se eles não foram avisados de que a recepção seria no jardim.

— Oi, Maya – cumprimento, ao passar rapidamente pela cozinha. — Sabe se a Marina desceu? – questiono, já que elas parecem ter desenvolvido uma amizade nessas últimas semanas. Não como a que Marina tem com a chatinha, mas ainda assim uma amizade.

— Ela subiu tem alguns minutos, senhor, disse que precisava usar o banheiro – continua o que estava fazendo, e eu digo antes de sair:

— Seu expediente já acabou. Se quiser trocar de roupa e curtir um pouco... Vá fazer companhia a Ângela, que eu vou conferir como Marina está – pelo que minha pequena contou, elas estão tentando estreitar os laços.

Alguns minutos antes

Marina

— Que droga – Ângela se irrita ao ouvir seu celular vibrar em chamada pela quinta vez. — É o Mateus – eu não sei o que se passa entre esses dois, mas minha amiga claramente não está gostando da insistência. Eu mesma estou admirada por ele ainda não ter dado as caras por aqui. Se antes eu achava que era minha amiga quem o convidava para os mesmos programas que a gente, hoje estou começando a desconfiar que é ele mesmo quem se convida. Antigamente, ela parecia não se incomodar, tanto que eu desconfiava de sua participação nisso tudo. Agora, é como se estar perto dele sugasse suas energias, Ângela muda da água para o vinho todas as vezes em que o primo aparece.

Será que o escroto está lhe seguindo? Não, a Ângela que eu conheço não permitiria uma coisa dessas.

Ao vê-la começar a digitar uma mensagem, eu sou obrigada a enfrentar meus próprios demônios.

Desde a hora que chegou, a tal Patrícia não para de me encarar. Ela sempre está nos mesmos lugares que eu. Seu olhar tem me incomodado tanto, que mal tenho conseguido passar por essa recepção. O que já era difícil se tornou cem vezes pior. A mulher me encara como quem me acusasse de alguma coisa, com se eu tivesse uma dívida que ela quer paga.

— Ângela – chamo, e ela tira a atenção do celular por um instante. — Vou ao quarto retocar minha maquiagem – invento a primeira desculpa que me vem à cabeça. Só tenho que ficar longe dessa mulher.

— Tá bom. Vou ficar ali – aponta o canto mais afastado do jardim, onde tem um banco de madeira para três pessoas.

Ao entrar no meu quarto, sinto o alívio percorrer lentamente meu corpo. Sento na beirada da cama, tiro os saltos altíssimos por alguns instantes e deixo meu corpo finalmente relaxar.

Permaneço um tempinho apenas sentindo a brisa da noite fresca adentrar pela janela, e de olhos fechados, ouço o barulho da maçaneta girando. Ainda sem abrir os olhos, digo:

— Vem aqui, amor, vem sentir esse ventinho maravilhoso.

— Então é aqui que a pirralha se esconde – dou um pulo da cama quando ouço a voz ácida da Patrícia.

— O que você está fazendo aqui? – me afasto instintivamente para o outro lado da cama.

— Tenho que admitir que você foi bem esperta, menina. Conseguiu fisgar Erick Estevam – começa a me encurralar contra a parede e não vejo mais

para onde correr. — O que você fez além de abrir as pernas? Foi choramingar como uma menininha chorona?

— Não sei do que você está falando – digo baixinho, ao ter a mulher muito mais alta e forte quase encostada em mim.

— É claro que sabe. Essa era a chance que eu tinha para mostrar serviço e ganhar a confiança do Erick e você foi lá e estragou tudo, sua vagabundinha – agarra meu braço direito com toda a força que seu corpo possui.

— Me solta, você tá me machucando – as lágrimas começam a cair quando tento sair do seu agarre e ela me aperta ainda mais forte. Não sei o que é pior, a agressão física ou as verbais.

— É pra machucar mesmo, garota irritante. Será que você veio ao mundo apenas pra atrapalhar minha vida? – não tenho tempo de processar a última frase, já que um Erick furioso adentra o quarto e ordena:

— Solta minha mulher agora!

Leoa

Erick

A cena que vejo não poderia ser mais grotesca. Tendo Marina acuada entre ela e a parede, Patrícia segura fortemente o seu braço – enquanto fala barbaridades que só pude ouvir o final – e lhe sacode bruscamente. Minhas entranhas se contorcem ao ver no rosto da minha pequena as lágrimas que ela tenta não derramar e que ainda assim escorrem.

— Você enlouqueceu, caralho? – grito, furioso, fazendo-a se assustar, largar o braço de Marina e se afastar alguns passos para trás.

De imediato, vou ao encontro de Marina, que não faz nada além de tremer incontrolavelmente. Nesse momento, tenho que me segurar para não fazer uma besteira.

Como essa vadia ousou tocar na minha mulher dessa forma?

— Erick – Patrícia está na nossa frente, totalmente desconcertada, não pelo que estava fazendo e sim por eu ter visto. — Marina e eu estávamos apenas conversado. Fala pra ele, menina – pede. Quando olho em seu rosto, vejo a pequena encarar a loira com incredulidade.

— Você acha que eu sou idiota, não é mesmo? – lhe surpreendo. Para o seu azar, eu sei exatamente com quem estou lidando. — Você estava agredindo minha namorada, não vem com essa de que estavam apenas conversando.

— Aquilo não foi nada – faz pouco caso da própria agressividade. — Marina que é sensível demais, não é, querida?

Quando ela diz isso, sinto todo o corpo de Marina se enrijecer. Ela tira minha mão da sua cintura, dá alguns passos até onde está Patrícia e surpreendentemente estapeia seu rosto. Não sei se pela surpresa do ato ou pelo tapa em si, mas a mulher fica cambaleante quando instintivamente leva a mão ao rosto.

— Está vendo, querido? – não sei se algum dia serei capaz de ouvir essa palavra novamente. — Essa menina não está bem, precisa de uma ajuda profissional urgente. Tá totalmente descompensada.

Meu Deus! Essa mulher não tem limites. Ela chegou ao ponto de colocar em dúvida a sanidade da Marina.

— Fora da minha casa – minha garota aponta o dedo na direção da porta.

Sua atitude me enche de orgulho. Essa é a Marina que eu conheço, a mulher que, apesar de ser sensível e aparentar fragilidade, não deixa de se defender quando é atacada. É como ver uma gatinha se transformar numa leoa.

— Eu não te conheço e nem sei qual é o seu problema comigo – diz, ao encarar a loira de perto. — Se for pelo Erick, você pode se conformar. Nós estamos juntos e nem você nem ninguém pode dizer o contrário – ela diz, vindo novamente para os meus braços, e eu circulo sua cintura, tendo que segurar as evidências do tesão que sua atitude está me causando. — Saia daqui, esquece da minha existência e do meu namorado também.

— Sua... – ainda tenta insultar Marina, mesmo depois de tudo que ouviu e de carregar no rosto a marca da minha ferinha furiosa.

— Cuidado com suas palavras – corto, antes que a situação piore. — E diante de tudo que presenciei aqui, nós não temos condições de continuar trabalhando juntos. Passe amanhã no escritório para acertarmos tudo. Seus serviços estão dispensados – faço o que já devia ter feito.

Tenho que arrumar outra forma de neutralizar as ações dela. Deixando-a perto de Marina é que não vai ser.

— Você não pode estar falando sério – diz, furiosa. — Não pode simplesmente me dispensar por causa dessa mimada.

— Não só posso, como vou. Se retire, por favor – sinalizo para a porta, assim como Marina fez.

— Eu vou – sai, mas não sem antes dizer: — Vocês ainda vão ouvir falar de mim. Isso não vai ficar assim – ameaça, e logo depois bate à porta num barulho estrondoso.

Quando ela sai, Marina solta meus braços da sua cintura e vai caminhando lentamente até a cama. Chegando lá, ela se senta na beirada e solta as lágrimas que até então estavam contidas. Seu corpo treme tanto que começo realmente a me preocupar.

— O que foi, meu amor? – seco seu rosto ao me agachar a sua frente. — Fala comigo, estou ficando preocupado – toco seu braço, fazendo reagir com um sobressalto.

— Eu vou matar aquela desgraçada – tento me levantar, mas sou impedido quando seu braço toca meu ombro. — Ela não devia ter feito isso – sinto um nó na garganta por ver a pele branquinha do seu braço ostentando um enorme hematoma, que começa a ficar roxo. Nele está o exato formato da mão daquela vadia dos infernos.

Maldita a hora em que João a colocou nas nossas vidas. O que foi que você fez, meu amigo?

— Fica, amor – me abraça pelo pescoço. — Tô chorando, mas é de raiva – com cuidado para não me afastar do seu abraço, levanto cuidadosamente, para em seguida sentar em nossa cama com ela em cima do meu colo.

— O que foi que ela te disse? – indago. Tenho que tentar descobrir qual é

a motivação da Patrícia para ter toda essa raiva por uma pessoa que ela nem ao menos conhece. Pelo menos até onde eu sei.

— Basicamente me acusou por ter sido afastada desse evento – porra! Isso é tudo culpa minha. Não devia ter mencionado o nome da Marina quando lhe dispensei.

— Só isso? – pressiono, depois de perceber que já está mais calma.

— Não. Ela mencionou alguma coisa sobre eu ter nascido apenas para trazer problemas – um alarme toca dentro da minha cabeça. — Não acha isso estranho? Falar algo tão cruel, a mulher não sabe nada da minha vida – suas palavras deixam claro que ela não desconfiou de nada. Talvez seja melhor assim, quanto mais distante eu conseguir manter Patrícia, melhor será para Marina.

— Vamos esquecer essa mulher, pequena – beijo seu rosto ainda úmido. — O importante é que está fora das nossas vidas.

— Tem razão, não vamos deixar que estraguem nossa noite – seca o rosto com altivez.

— Assim que se fala. Agora vamos olhar esse braço – levanto com ela nos meus braços, e lhe carrego para dentro do banheiro. Chegando lá, coloco-a no chão e ela fala, assustada ao se ver no espelho:

— Meu Deus! Tô parecendo um monstro – começa a limpar a mínima mancha preta que escorreu dos seus olhos. — Não posso sair assim – ajeita-se rapidamente e com uma assustadora habilidade.

— Será que uma bolsa de gelo dá jeito nisso? – toco de leve o local arroxeadado.

Enquanto minha prioridade é o braço, a sua é a bendita maquiagem borrada.

Mulheres!

— Tá tudo bem, Erick. Na hora doeu, mas já tá melhor – se vira para mim, dá um beijinho em minha boca e continua: — Parece pior do que realmente é.

— Não te incomoda sair assim? – aponto. — As pessoas vão comentar.

— Deixe que comentem, se for difícil pra você, eu posso colocar um casaco – oferece.

— Não, linda, só tô preocupado com seu bem-estar. O que estiver bom pra você também vai estar pra mim.

Contente com minhas palavras e já com o rosto tão perfeito como antes, ela vira de frente para mim, enlaça meu pescoço num novo e delicioso abraço apertado.

Encostados na bancada que sustenta o espelho, permanecemos por um momento, apenas sentindo o calor do outro, até que minha gatinha quebra o

silêncio:

— Erick, isso que eu estou sentindo é... – chego mais perto do seu corpo para que não fique nenhuma dúvida.

— O que eu posso fazer se te ver toda dona de si, se defendendo tão brevemente, me deixou com tesão? Não que já não estivesse antes. Esse tem sido meu estado desde a hora em que te vi tão gostosa com esse vestido, presenciar sua força somente potencializou meu desejo que já não era pequeno.

— Tesão, é? – leva a mão até minha ereção, e sobre o tecido da calça, aperta meu pau com a força necessária, dizendo baixinho no meu ouvido: — Agora imagina como anda a situação aqui em baixo. Talvez ela tenha ficado feliz e queira agradecer por você ter me chamado de sua mulher – movimenta a mão lentamente por todo o comprimento. Mesmo que por cima da calça, ainda sou capaz de sentir o calor do seu toque.

— Minha mulher – curvo parcialmente seu corpo contra a bancada, para depois lamber o vão desnudo entre seus seios. — Minha mulher.

— De novo – pede, tirando a mão do meu pau, levando as duas para o meu cabelo. Enquanto ela busca apoio, aproveito para esfregar minha ereção na sua boceta.

— Você é a minha mulher – ela ofega, desejosa. — Minha namorada, meu tudo – afasto o tecido para o lado e abocanho seu seio esquerdo.

— Ai. Isso! Não para – pede, insinuando o quadril para frente.

— Não vou parar – ajeito seu corpo e como sua boca num beijo duro. — Diz que quer me dar essa boceta, diz.

— Eu quero que você coma, agora – ouvir isso, tendo seus olhos sobre os meus, leva o fio de sanidade que eu tentava manter.

Seu modo cadela safada me tira a capacidade de raciocínio. Não me importo de ter pessoas lá embaixo me esperando ou com o risco de sermos ouvidos por quem estiver na sala. Marina e eu não podemos ser classificados como um casal discreto. Quando o sexo fica intenso além do normal, tenho que tapar sua boca com a mão. Se não o fizer, no dia seguinte ela estará se escondendo com vergonha dos funcionários.

Não é como se eles fossem achar que seus gritos são ocasionados por uma surra, quer dizer, é uma surra, só que uma surra de pau. E essa surra eu garanto que ela gosta de levar.

— Eu vou, minha gostosa – mordo a ponta da sua orelha para depois aliviar com uma lambida. — Vou meter tão profundo dentro dessa bocetinha apertada, que quando nós voltarmos para a festa, todos vão notar o que estávamos fazendo aqui em cima – troco nossas posições. Agora ela está virada de frente para o espelho e eu estou abraçando-a por trás, fitando seu rosto através

dele. O cenário não poderia ser mais excitante, tudo tem um ar de proibido e transgressor. — Você vai ficar envergonhada, é claro. Mas, por outro lado, vai gostar, sabe por quê? Todas aquelas pessoas saberão quem é seu macho, quem é o homem que tem estado entre suas pernas por horas a fio, em todas as oportunidades que nos aparecem, assim como também saberão que Erick Estevam não está mais disponível, que meu pau domado está mais que satisfeito por socar apenas em uma boceta, a sua boceta.

— Caralho – amo como sua boca fica suja quando está louca de tesão.

— Você vai gostar disso, não vai? – começo a subir seu vestido, deixando a parte de baixo toda enrolada na altura da cintura. — Me diz.

— Sim – baixo a vista para sua bunda e sinto todo o sangue que circula meu corpo correr até o pau.

A safada tem uma pequena calcinha de renda preta toda socada dentro da bunda. A imagem é tão excitante que nesse momento tenho meu pau babando dentro da cueca. Mais um pouco e estarei passando vergonha aqui.

— Gostosa – levo minha mão até a parte da frente, encontrando a peça deliciosamente molhada. Com os dedos, passo a massagear seu montículo por sobre a calcinha. Ensandecida, minha putinha safada profere todos os tipos de insultos, sem nunca deixar de esfregar a bunda redonda no meu pau.

Estamos quase fodendo a seco dentro do banheiro e de portas abertas, quando uma voz feminina chama por Marina.

— Marina? – Maya chama, ainda do lado de fora do quarto.

Put a que pariu!

Burburinho

Marina

— Marina, você está aí? – a voz abafada e distante de Maya enche o ambiente.

— Para com isso, Erick. Ela vai entrar – seguro sua mão para que pare, e ele não só continua, como decide enfiá-la por dentro da minha calcinha.

— Quietinha. Se ficarmos em silêncio, ela não vai ouvir – enfia dois dedos dentro do meu sexo, e como a maníaca que estou me tornando, coloco a mão para trás, masturbando seu pau por cima do tecido da calça.

— Está tudo bem, Marina? – ouço o clique da maçaneta sendo girada.

A eminência de ser descoberta num momento tão íntimo traz uma mistura de medo e excitação, o que torna a experiência ainda mais prazerosa.

Quando seus dedos beliscam meu clitóris, não me contenho e dou um gritinho alto o suficiente para que Maya decida entrar. No mesmo instante, Erick coloca a mão na minha boca, aumentando ainda mais o vai e vem com a outra.

— Estranho – sua voz ecoa mais nítida. — Jurava ter ouvido alguma coisa.

Ela termina de falar e eu sou abrigada a segurar a bancada de mármore com força. Erick acaba de me levar a um orgasmo quase insano.

Com as pernas fracas, fico dividida entre vigiar pelo espelho Maya parada perto da porta, ou olhar para a cena tão sexy quanto excitante do meu homem levando os dedos, que até então estavam me masturbando, para dentro da sua boca. Ele prende meu olhar no seu através do espelho e já não me importo com o que se passa ao redor.

— Você tá é ficando louca, Maya – ela diz, e sai do quarto.

Ufa! Essa foi por pouco. Nunca imaginei me tornar o tipo de mulher que transa dentro do banheiro, com a porta aberta e com medo de ser pega no flagra. Tudo bem que é meu namorado, mas também não posso dizer que seria uma boa experiência ser pega por uma amiga enquanto tenho a bunda de fora e meu Erick com os dedos dentro de mim.

Tirando os dedos da boca, ele me vira de frente e diz:

— Preciso te comer agora, ou então vou acabar gozando na cueca.

Sem pensar, abro seu cinto, desço o zíper da calça e abaixo a cueca apenas o suficiente para ter seu mastro em minha mão. Ver a cabeça do seu pau começando a babar é motivo suficiente para ter minha calcinha ainda mais úmida.

Prevendo minha intenção, Erick coloca a mão em cima da minha, impedindo que os movimentos continuem, e diz:

— Agora, meu amor. Vem – Erick iça meu corpo para cima, sentando-me em cima da bancada de mármore que faz minha pele quente se arrepiar com seu toque gelado. — Abre – após separar minhas pernas, engancha os dedos indicadores nas tiras finas da minha calcinha, fazendo com que eu levante minha bunda do mármore apenas o suficiente para que a peça possa ser tirada.

Quando termina de tirá-la, ele aperta o pedaço de pano entre os dedos para em seguida levar a peça ao nariz. A cena me faz ter vontade de agradecer de joelhos por ter esse homem na minha vida, quer dizer, por ter ele como namorado, já que na minha vida ele sempre esteve. Felizmente!

— Amo seu cheiro, minha gatinha – confia, ao guardar a calcinha dentro do bolso de calça. — Cheiro de mulher, a minha mulher. Estava com tanta saudade – sua voz fica abafada ao se interpor entre minhas pernas, pincelando a ponta grossa do seu sexo na minha boceta molhada, no mesmo momento em que abaixa sua cabeça para a curva do meu pescoço. — Tão cheirosa – passa a língua pelo local quando mais abaixo começa a me penetrar.

— Baby... – gemo, ao senti-lo enfiar vagarosamente, tendo cuidado para que eu me acostume com seu tamanho e espessura. — Como é bom te sentir – ele termina, entrando até o fim e parando por alguns segundos. É sempre assim entre nós, quando estamos transando, nossa conexão se estende para muito além da parte física. É quase como um encontro de almas. São esses os momentos em que nos encaramos, dizendo com o olhar o que simples palavras não podem expressar.

São momentos como estes que me fazem amá-lo além do que a razão pode explicar, e me faz ter a plena convicção de que sou retribuída na mesma medida. É reafirmar que meu amor nunca foi uma carência ou um capricho. Foi e sempre será um sentimento genuíno, primeiro o de uma criança que o via como um super-herói capaz de defendê-la de tudo, depois como uma adolescente e agora como uma mulher.

— O mesmo aqui, princesa – começa um entra e sai lento. — Me perdoa se isso for rápido demais – avisa, deixando-me ciente do estado em que se encontra. Nada diferente do meu. Minha vontade por ele subiu a níveis estratosféricos ao vê-lo no modo chefão. Quando está trabalhando, o vinco entre suas sobrancelhas, que o deixa com cara de mau, fica ainda mais proeminente. Nessas horas, eu só tenho vontade de tirar as roupas; as minhas e as dele.

— Também estou quase lá – aviso, não querendo que se segure por minha causa. Com seu olhar denunciando o que vem pela frente, finco minhas unhas nos seus ombros, que felizmente estão cobertos pela camisa, e enrolo

minhas pernas firmemente na nas suas costas, cravando de maneira desajeitada os saltos finos do meu sapato na sua bunda.

O que começou lento torna-se intenso quando, entre sacanagens faladas ao pé do ouvido e chupões doloridos no bico do meu peito, Erick passa a estocar com brutalidade, fazendo com que meu corpo seja içado para cima, pela força das arremetidas.

— Mais forte, amor – levo a mão para seu cabelo, puxando-o com força, e ele faz o que eu digo. — Isso...

— Deliciosa... – está ofegante com os olhos cravados nos meus, que lutam para manter o foco.

De modo sincronizado, ele encontra a veia pulsante do meu pescoço e passa a chupar o local com extrema maestria. Enquanto estoca, sua boca trabalha de uma forma que me faz sentir como se o sangue ali acumulado tivesse uma ligação direta com o meu sexo, o que torna as coisas ainda mais excitantes.

— Me dá sua boca – pede, ao colar nossos corpos. – Quero beber do som do seu prazer – abocanha meu lábio inferior, o puxando levemente para frente de um jeito sexy que só ele sabe fazer. — Se segura, meu amor – diz, e então empurra; uma, duas, três... oito vezes até que eu balbucio dentro da sua boca o que deveria ser um grito capaz de alardear toda a recepção.

— Isso, minha putinha gostosa, goza, vai... – ainda penetra, amparando meu corpo trêmulo e lânguido de satisfação. — Me dê tudo – soca profundamente mais algumas vezes, até alcançar seu próprio pico.

— Foda! Porra – esporra dentro do meu sexo seu líquido viscoso. — Isso tá ficando cada vez melhor.

— Se isso fosse uma doença, nossas vidas estariam condenadas – digo, com as pernas ainda envoltas na sua cintura e os braços lhe abraçando pelo pescoço.

— Uma ótima maneira de morrer – afirma, sem quebrar nossa conexão física. — Já pensou? "Casal falece por transar demais". Isso é o que eu chamo de morte honrada.

— Para de ser babaca, Erick – puxo os cabelos curtos de sua nuca. Meu namorado apenas dá seu típico sorriso abaixador de calcinha, dá uma última e deliciosa metida, para logo em seguida sair cuidadosamente de dentro de mim.

— Tudo bem? – afasta alguns passos para observar minha boceta, que neste momento deve estar uma bagunça.

— Se melhorar estraga – respondo, satisfeita.

— Linda – dá um selinho e diz em seguida: — Espera só um instante.

Observo quando pega uma toalhinha amarela, umedece com água da torneira e volta, dizendo:

— Isso deve servir por enquanto – separa novamente minhas pernas, passando a limpar as evidências do amor que acabamos de fazer.

— Temos que descer logo. Os convidados devem estar chamando a polícia – digo, vendo-o tirar do bolso a minha calcinha e me entregar.

— Eu não vou usar isso de novo – meu rosto queima quando sobre seu olhar cai a compreensão do porquê.

— Vou procurar outra, então – sai, rumo ao closet que passamos a dividir.

Enquanto ele não vem, aproveito para arrumar meu cabelo. Mas antes, dou um jeito de melhorar a merda que meu rosto ficou, não só pelo choro de agora há pouco, mas também pelo suor produzido durante o sexo. Estou a ponto de passar para o ninho de ratos que está meu cabelo quando ele volta com uma lingerie muito parecida com a outra.

— Obrigada, amor – vou pegar a peça, mas Erick é mais rápido e gentilmente ajoelhado, ele passa a peça em cada uma das pernas, vestindo-me com a mesma perícia que teve na hora de tirá-la. Em seguida, ele abaixa meu vestido, que até então estava embolado na cintura.

— Vamos? – chama, fazendo eu me surpreender por não ter percebido a hora que ele cuidou de si mesmo. Erick está tão alinhado quanto na hora em que entrou no quarto.

Homens e suas praticidades.

— Ainda não – me aproximo do espelho e pego a escova na tentativa de ajeitar os fios rebeldes. Através do espelho, vejo-o de braços cruzados, apenas me observando e esperando.

— Eu não acredito que você fez isso, Erick – não acredito quando, em um olhar mais atento, vejo a mancha roxa e arredondada bem no centro do meu pescoço. — Como vou sair daqui assim? O que seus convidados vão pensar?

— Eles não têm que pensar nada, e se pensarem, vão saber que provavelmente você estava dando uns *amassos* por aí com seu namorado – faz aspas com os dedos quando diz a palavra *amassos*, até porque fizemos muito mais do que dar uns *amassos*. — Namorados fazem isso.

— Oi? – me dou conta das implicações da sua afirmação.

— Isso mesmo, pequena – vem me abraçar. — A essa altura todos que estão lá fora já sabem o tipo de relação que temos, além de eu ser seu tutor, é claro.

— O que aconteceu com o “vamos manter segredo”?

— Foi pra puta que pariu no momento em que ouvi te chamarem de gostosinha. E também já não via mais sentido em esconder. Estamos juntos há tempo suficiente para saber que isso entre nós é real e duradouro.

— É pra eu ter medo? – indago. Realmente não sei qual será a reação dos figurões pomposos que lá fora estão. De maneira nenhuma quero que Erick saia prejudicado e com a imagem manchada.

— Não, amor, vai dar tudo certo. O máximo que pode acontecer é nos olharem com estranheza – explica, e eu ouço com atenção, tentando com uma base corretiva, amenizar a evidência do chupão que Erick deixou no meu pescoço.

— Então tá tranquilo – termino meu trabalho, que não ajudou muito, e lhe estendo a mão, dizendo:

— Agora podemos ir – ele entrelaça nossos dedos. — Tô bem? – sendo uns bons trinta centímetros mais baixa que ele, levanto a cabeça para cima a fim de que veja meu rosto com clareza.

— Linda – puxa meu corpo para si, dando-me um selinho.

Ao chegar, avistamos pessoas mais descontraídas, com taças de vinhos ou champanhe nas mãos. Para onde se olhe é possível encontrar rodas de conversas. Seja ainda sobre negócios, seja futebol ou até mesmo alguns passos arriscados ao som da música ambiente; o importante é que cada um ali parece estar confortável em sua própria pele. Talvez até contentes em aproveitar uma boa música e bebidas. Esse comportamento certamente é um indício de que a parte chata em que falam de negócios passou.

Se for levar em conta a mudança nas posturas, presumo que seja essa a palavra correta.

— Hora do show – Erick sussurra no meu ouvido quando, de mãos dadas, alcançamos o jardim.

E por falar em mudanças de postura... De repente o ambiente fica mais silencioso, cabeças começam a se virar em nossa direção, pessoas discretamente passam a cochichar; e tudo isso por ver o grande advogado Erick Estevam de mãos dadas, assumindo publicamente o namoro comigo, filha do seu falecido melhor amigo, e que tem quase vinte anos a menos que a sua idade.

O burburinho continua até o fim da recepção. Entre olhares que vão de surpresa a desagrado, na nossa frente todo mundo chega perto para nos parabenizar.

A alta sociedade e sua hipocrisia. Até aqui, não há nada novo sob o sol.

A única reação que me é importante em tudo isso é a de Erick, que a certa altura abraça-me pela cintura e sussurra no meu ouvido:

— Será que eles não vão embora nunca? – diz, colando o corpo ao meu.
— Não vejo a hora de estar a sós com você.

— Tô sentindo sua ansiedade – rebato, quando discretamente, rimos da nossa própria piada.

Surpresa

Erick

O tempo foi passando. Os dias viraram semanas, as semanas viraram meses e aqui estou eu, no meio de um dia de trabalho, escolhendo um presente para a minha namorada, que amanhã completa seus dezoito anos.

Os meses que se seguiram desde o dia em que assumi minha relação com ela foram tanto calmos quanto atribulados. Calmos porque Marina e eu passamos a ter mais liberdade, já não precisávamos mais nos policiar na hora de sair juntos, pelo contrário, sempre que tinha algum evento de negócios, ela ia como minha acompanhante, assim como eu passei a ser convidado a sair com seus colegas, convites que eu neguei em sua maioria, é claro.

Os momentos atribulados vieram quando a mídia – que nunca foi de dar muita importância para o que eu faço ou deixo de fazer – achou que nossa história era interessante demais para passar em branco. Desde então, as pessoas se sentem no direito de opinar em nosso namoro. Há quem nos veja com olhos de crítica e há os mais românticos, esses torcem por nós e enxergam tudo pela lente cor-de-rosa, como se vivêssemos em um conto de fadas.

Entre nós, as coisas não poderiam estar melhores; sempre que estamos juntos em casa, aproveitamos para curtir um ao outro. Quando não estamos fazendo sexo, porque isso é uma coisa que a convivência e o costume não diminuíram, estamos apenas curtindo a oportunidade de estarmos perto. Não são poucas as vezes em que preguiçosamente ficamos deitados na nossa cama, assistindo filmes e séries, ou ficamos cada um do seu lado da king size - ela lendo um romance qualquer e eu trabalhando no computador.

Nossa felicidade tem sido tanta, que junto com ela vem o medo. Medo de ver tudo isso acabar. Infelizmente, não tem sido poucas as noites em que acordo suado e desesperado por conta de um novo pesadelo.

Diferente de antes, agora eles tem sido mais frequentes e mais agressivos também, e todos eles terminam com eu perdendo minha mulher. As formas também mudaram, às vezes minha mente recria imagens do seu quase atropelamento, só que no sonho ele se concretiza e ela não sobrevive. Outras vezes, a encontro desacordada com um tiro perto do peito, esses são os piores e mais recorrentes, são esses que me fazem acordar chorando e lhe pedido para me abraçar apertado.

Sendo esse o único aspecto ruim da nossa rotina, me ofereci algumas vezes para trocar de quarto, e em todas recebi sua recusa, ao afirmar que tudo

está bem, que nada de ruim irá lhe acontecer.

Ela sempre diz isso, com as mesmas palavras, desde a primeira vez. São elas o bálsamo que alivia meus medos. Suas palavras e seu corpo.

Seu corpo é a minha cura.

Tocá-la é ter a prova de que tudo não passa de uma ilusão, que a realidade é essa, onde plenamente nos amamos.

Tanto quanto os pesadelos, transar de madrugada vem se tornando uma rotina. Segundo minha pequena, essa é a sua forma de demonstrar que está tudo certo, que da mesma maneira que fomos deitar, vamos nos levantar. Lado a lado, como tem que ser.

Para sempre!

— Vai ficar só olhando pela vitrine? – a voz feminina me tira dos meus devaneios de uma maneira não tão delicada.

— Que susto, caralho – a peste sorri com o mesmo deboche de sempre.

— Demorou assim por quê? Acha que tenho o dia todo? – ela se irrita com minha pergunta.

— Para de ser folgado – de prontidão, Ângela rebate minha crítica. — Se estou aqui é por Marina e não por você – confia, ainda que não precisasse. Eu e essa peste temos uma estranha relação. Nem amigos íntimos nem inimigos declarados. É mais como colegas que se toleram por um ponto em comum que se chama Marina. Nós dois a amamos e sabemos que ela tem tanto nela quanto em mim o seu porto seguro. Em níveis e formas diferentes, é assim que as coisas são.

Apesar de ser meio chatinha e querer sempre manter a pose de durona, durante esse tempo acabei me acostumando com ela, que a meu pedido está aqui, em uma joalheria, ajudando-me a escolher um presente para a minha garota.

— Vem, vamos entrar – chamo-a, e entramos na sofisticada joalheria.

— Tem algo em mente? – me pergunta, assim que paramos em frente à vitrine recheada de joias.

— Tenho, sim – começo a explicar o que pensei e em como pretendo entregar o presente. Quero fazer de um jeito especial, para que Marina possa se recordar desse dia sempre que olhá-lo.

Com o auxílio da chatinha e também de uma vendedora que acabou nos dando uns toques, uma hora depois saímos da loja, ela ansiosa para ver a reação da Marina com a surpresa, mesmo eu tendo deixado claro que ela não vai presenciar, ao menos não essa, e eu contente por ter nas mãos algo que vai lhe deixar feliz. Assim eu espero.

Depois de deixar Ângela na porta de casa, volto para o escritório, resolvo algumas pendências que não podem ficar para segunda-feira e volto para casa.

Com sorte, Marina ainda não terá chegado e eu poderei checar os últimos detalhes da nossa noite especial. Na sua cabeça, como hoje é sexta-feira, dia em que eu e ela temos obrigações a cumprir, nós comemoraremos o seu aniversário apenas amanhã, na costumeira festa de todos os anos. Sempre em volta da piscina.

— Oi, garotão – afago as orelhas de Thor quando, assim que passo pela porta de entrada, ele vem correndo em minha direção. Atrás dele, Floquinho também se aproxima, só que mais discreta. O animal começa a passar o corpinho e o rabinho esticado por entre minhas pernas, só parando quando lhe pego nos braços.

— Ei, você – acaricio sua cabeça pequena, que preguiçosamente empurra contra minha mão. — Vocês não vão contar pra mamãe o que eu estou aprontando, não é? – vou para o sofá e sento com a gata nas minhas pernas e com Thor deitado em cima dos meus pés.

As horas que se seguem são usadas para garantir que nada dê errado mais tarde.

Já está anoitecendo, quando pela janela do quarto vejo Jorge entrar com o carro. Essa tem sido a rotina de Marina nas últimas semanas. Depois de terminar o curso de fotografia e de conhecer Lua, – a namorada de Bruno – em um dos eventos em que fomos, minha namorada foi convidada por ela, que é fotógrafa, para ser sua assistente em um ensaio editorial.

Animada com a ideia de iniciar a carreira com o pé direito, ela me consultou – mesmo não precisando, já que eu lhe apoiaria de qualquer forma – e acabou aceitando o convite. Todos os dias às 10h da manhã Marina sai com o motorista, carregando sua câmera e todo o resto do equipamento para o estúdio da Lua, que a essa altura já nem é mais namorada de Bruno.

Sendo ela tão gente boa, segundo elogios da própria Marina, eu só consigo pensar na sorte que teve em se livrar tão rápido do Bruno. Ou foi o Bruno quem se livrou dela? Bom, isso realmente não importa. A verdade é que mesmo sendo meu amigo, Bruno não é nem de longe um bom material para relacionamentos. Apesar de tudo, ele faz muito sucesso com as mulheres e eu até acho saudável que ele saia um pouco da concha. Só não aconselho que isso passe de algumas noites, aí já não seria bom para nenhuma das partes envolvidas.

Às 06h da tarde, quando sai do estúdio, ela costuma me enviar mensagens dizendo que já está indo para casa e que correu tudo bem, hábito adquirido como consequência dos pesadelos. Hoje não foi diferente; alguns minutos atrás, recebi sua mensagem e também lhe informei que já estou em casa.

— Amor, que surpresa maravilhosa – diz, ao entrar no quarto e pular nos meus braços, enrolando as pernas na minha cintura. — Melhor presente de

aniversário não poderia ter.

— Pensei que o melhor presente você tinha recebido hoje de manhã – faço referência ao sexo matinal que minha pequena nomeou como o melhor presente de aniversário já recebido.

— Recebi e quero de novo, meu tutor – lembra o vínculo que acabou nos unindo novamente. Não que isso algum dia não fosse acontecer. Mas, se não fosse a promessa e o testamento de João, talvez isso não estaria tão cedo acontecendo.

— Ex-tutor, e agora, apenas namorado. E o repeteco do seu presente fica para mais tarde, sua safada – ela solta as pernas e eu vou lhe descendo pelo meu corpo até que seus pés toquem chão. Ela, como não perde a oportunidade de me provocar, aproveita a situação para se esfregar contra uma rígida e específica parte da minha anatomia. — Vá se arrumar que nós vamos sair.

— Pra onde? – pergunta, desconfiada.

— Deixa de ser curiosa, meu amor, apenas fique bem linda. Eu tenho uma surpresa para você.

— Surpresa, é? – me olha com malícia. Eu amo que ela seja tão fogosa, o par perfeito para mim. Se não fosse minha tentativa de ser romântico, certamente estaríamos embolados contra o lençol, fodendo como dois coelhos. Com a gente não tem tempo ruim, basta ter tempo e vontade para as coisas acontecerem.

— É, linda, surpresa. Não essa que sua mente suja está pensando. É uma de outro tipo. Apenas fique linda para mim. Mais do que você já é.

— Devo vestir algo sofisticado ou mais básico?

— Nada sofisticado. Lá estará apenas eu e você. Então, não há necessidade disso.

Quando a tenho pronta, lhe levo vendada para o carro e, querendo estar sempre ao seu lado, peço para que Jorge nos leve e assim ele o faz.

Com uma Marina dividida entre estar tensa e ansiosa, depois de um tempo trafegando pela cidade já escura, finalmente chegamos ao local escolhido.

Cuidadosamente, pego a mão de Marina, tiro-a de dentro do carro e a levo pelo curto caminho.

— Você vai me matar, Erick – reclama a gatinha apressada.

— Pronto, aqui estamos – digo, quando a tenho parada onde pretendia.

— Que ventinho gostoso – fala, sentindo a brisa fresca da noite e o vento das árvores beijarem de leve as nossas peles. — Já sei que estamos ao ar livre.

— Garota esperta – elogio, ao levar as mãos para a parte de trás da sua cabeça e desatar o lenço preto que cobre seus olhos. — Feliz aniversário, meu amor. Hoje será a nossa noite de criar novas memórias, espero ter acertado — digo, terminando de tirar a venda.

— Erick... — emocionada, meu nome é tudo o que Marina consegue dizer quando percebe onde estamos.

Tudo o que preciso

Marina

Sei que pode parecer bobo e que outras pessoas poderiam pensar em mil maneiras de se passar o aniversário, mas para mim, é diferente. Acordar e ver a vida que eu tenho é o melhor presente que poderia ter no dia de hoje. O dia em que, perante à sociedade, eu me torno uma adulta, responsável por tudo que possa fazer daqui para frente.

Com exceção aos momentos de tristeza pela falta do papai, meu dia não poderia ser mais feliz. Aqui, onde eu vivi durante toda a minha vida, tenho tudo o que julgo necessário para me sentir agradecida. Além de um amigo e namorado, que me faz mais feliz do que qualquer devaneio adolescente meu poderia fantasiar, tenho meus dois bebês Floquinho e Thor, minha irmã Ângela e por fim, mas não menos importantes, colegas do colégio que mesmo depois do natural afastamento pós-formatura, não deixaram que a amizade morresse.

Então, sim! Eu posso dizer que esse é meu melhor aniversário, que eu sou feliz, como nunca antes estive.

Hoje pela manhã, quando a luz fraca do sol adentrou pela fresta da cortina, me deparei com um Erick ainda dormindo, o que foi uma surpresa, já que ele ou sai antes de eu acordar ou me acorda para um suado sexo de bom dia.

Hoje ele não fez nem um nem outro. Foi só depois de alguns minutos, quando já estava cem por cento desperta, que me dei conta do que estava acontecendo. Esse homem lindo, gostoso e que fode como um deus do sexo, decidiu ficar e acordar comigo no dia do meu aniversário. Se meu tesão já não estivesse alto o suficiente – é assim que eu acordo desde que ele me acostumou a trepar logo cedo – ele foi às alturas com essa percepção, e foi o estopim para me fazer pular em cima dele. Dessa vez foi eu quem o acordou acessa e não o contrário.

E se, como diz ele, a nossa transa de bom dia foi meu primeiro presente de aniversário, nem reclamaria de não receber outro.

Depois de tomarmos nosso café da manhã e combinarmos por alto a festa de amanhã, saímos cada um para um lado, ele para o seu escritório e eu para o estúdio em que trabalho há algumas semanas.

Ter a oportunidade de trabalhar com o que eu gosto e com uma pessoa tão adorável quanto Lua tem sido uma ótima experiência de primeiro emprego. Com seu bom humor, eu até agora não entendi como é que ela pôde se envolver com o taciturno Bruno, que de adorável só tem o azul intenso dos olhos. Ela

infelizmente teve um caso com ele, se apaixonou, para logo em seguida levar um pé na bunda. Quando questioneei Erick qual era o problema dele – além do óbvio – meu namorado apenas deu de ombros, como quem já está acostumado com o jeito do amigo, e disse que era para minha amiga ficar feliz com o rompimento. Que mulher nenhuma merece o peso que Bruno carrega nas costas. É disso que estou tentando convencer minha chefe nos últimos dias.

Graças a Deus ela fechou contrato com uma grande campanha editorial e nós não temos tido tempo para que ela pense em Bruno e sua falta de tato com as mulheres.

Quero nem imaginar uma realidade em que uma amiga minha esteja envolvida com um babaca desse. Minha sorte é que Ângela não chegou a conhecê-lo, porque ele parece ter tudo o que ela gosta e não precisa ter em sua vida, que já me parece atribulada o suficiente.

Ao terminar um cansativo, porém produtivo dia de trabalho, mando a costureira mensagem para Erick, obtendo como resposta a ótima notícia de que já chegou em casa.

Cheia de saudades, entro no quarto, pulo nos seus braços, mas ele trata de jogar o balde de água fria quando interrompe minhas más intenções ao dizer que vamos sair. Como não sou boba, trato logo de me aprontar para o passeio.

Agora, parada diante da visão que enquanto eu viver jamais sairá da minha memória e do meu coração, as palavras simplesmente somem, tudo o que consigo fazer é rir e chorar na mesma medida.

— Fala alguma coisa, meu amor – ele pede.

— Erick eu... – me jogo nos seus braços. — Te amo tanto, mas tanto, que chega a doer – as palavras saem abafadas porque tenho cabeça enterrada no seu pescoço.

— Ei, não fiz isso para te ver chorar, princesa – me afasta gentilmente, secando meu rosto no processo. — Não gostou?

— Eu amei, Erick, você não poderia ter preparado um presente melhor que esse – digo, ao olhar maravilhada para todos os lados.

No mesmo parque e perto da mesma árvore que me trouxe no meu aniversário de dezesesseis anos, o último e fatídico em que passamos juntos; Erick preparou um ambiente intimista e agradável.

Ao ar livre, e sendo iluminados apenas pela luz da lua, por alguns pequenos refletores e por singelos pontinhos de luz que foram colocados nos galhos da bela árvore, ele forrou a grama com uma grossa toalha branca e em cima dela foram deixadas algumas almofadas coloridas e pétalas de rosas vermelhas. Ao canto, se vê uma pequena mesa para dois, sortida de bebidas e pelo que pude ver, alguns tipos de massas, meu prato favorito. Tudo está tão

lindo e tão delicado que é difícil crer que todos os detalhes tenham saído da cabeça de um homem.

Eu daria meu braço esquerdo em apostar como tem o dedo da Ângela nisso. Ela tem andado muito misteriosa – mais que o normal – nos últimos dias. Sempre me fazendo perguntas estranhas e inusitadas. Saber disso me deixa ainda mais feliz, ver meus dois amores se acertando é um alívio.

— Eu imaginei que seria um pouco arriscado, considerando as lembranças do nosso último passeio que foi exatamente aqui. Mas, como disse, quero que construa novas memórias. Dessa vez, felizes.

— Nem me fale, são cenas que minha mente deletou com o passar do tempo – vejo que disse a coisa errada quando seu semblante cai um pouco e logo trato de concertar. — Mas até que aquele piquenique não foi de todo ruim – enfio a mão dentro de sua camisa, passando a alisar preguiçosamente suas costas.

— Não foi? – aconchega-me melhor em seus braços.

— Esqueceu que foi aqui que você me deu Floquinho, meu presente inesquecível? – indago, e ele me fita, surpreso.

— Confesso que tinha esquecido. A aquele dia eu só consigo associar o nosso rompimento que durou quase dois anos – admite, pesaroso.

— Esquece isso, querido – falo, lembrando de como foi difícil fazê-lo parar de resistir a esse tratamento. Segundo ele, a palavra "querido" só o faz lembrar da Patrícia, que a usava todas as vezes em que queria forçar uma intimidade inexistente.

E por falar em Patrícia, depois de o acontecido na recepção e de ter sido dispensada por Erick, nunca mais se ouviu falar na mulher. A sensação que tenho é de que ela está por aí, sempre à espreita, querendo uma chance para se vingar, para destruir a felicidade que dia após dia fomos construindo. É claro que isso também pode ser paranoia da minha cabeça, por causa da última ameaça que ela fez. E é justamente por isso que não compartilho dos meus medos com Erick, já bastam as noites em que ele acorda amedrontado com os pesadelos que tanto vêm lhe atormentado.

— O importante é que hoje estamos aqui – olho em volta. — Juntos e bem.

— Vamos jantar? – desfaz nosso abraço, entrelaça nossas mãos e me leva para perto da mesa. Em cima dela, existe um único girassol, que ele logo pega, quebra o galho e coloca atrás da minha orelha.

— Você ainda lembra disso? – fico surpresa por ele se recordar de um detalhe como esse, depois de tanto tempo longe um do outro.

E como costumava ser no passado, hoje o girassol voltou a ser minha flor

preferida.

— Lembro de tudo relacionado a você, linda. Vem – educado, puxa a cadeira para que eu me sente e logo em seguida senta no seu lugar.

Depois de um agradável jantar, Erick me convida para que sentemos entre as almofadas que ele tão atenciosamente pediu para que fossem colocadas em cima da grama.

Comigo sentada entre suas pernas e com a cabeça encostada no seu peito, Erick e eu ficamos num confortável silêncio, momento em que apenas nos permitimos ouvir o barulho da cachoeira que ali perto jorrava cascatas d'água.

— Tá feliz? – ele quebra o silêncio ao me abraçar e deixar um delicado beijo em cima do meu ombro.

— Muito. Esse é o melhor aniversário da minha vida – confesso. — Para estar perfeito, só falta o papai comigo – um pouco de nostalgia me abate quando volto a lembrar dele. Por ser o primeiro ano passado sem ele, especialmente hoje sua ausência é mais sentida.

— Eu também sinto a falta do João, meu amor – fica pensativo por uns instantes, mas logo diz: — Vamos deixar os pensamentos tristes do lado de fora, hoje é seu dia e só quero te ver sorrir.

— Tristeza? Já passou – saio de dentro dos seus braços e sento com as pernas cruzadas uma na outra, de frente para ele. — Não acha que está na hora de esquentar as coisas?

— Tá com frio? – faz-se de desentendido apenas para me provocar.

— Não, querido. Pra falar a verdade, eu tô é com calor – o dia foi quente e a noite realmente está entre fresca e abafada, mas eu tenho certeza de que ele sabe que o calor ao qual me refiro em nada tem a ver com o clima. — Com muito calor. Só acho que você poderia me esquentar um pouco mais – digo, ao ficar de joelhos e abrir o primeiro botão da minha saia jeans curta.

— Eu não só posso como vou, minha garota insaciável – segura minha mão e eu entendo que ele tem algo a dizer. — Mas antes, tenho outro presente para te dar.

— Erick, você não precisava – ele me cala ao também se ajoelhar, me puxa mais para perto do seu corpo e diz:

— Eu fiz todo esse cenário, mas seu presente na realidade é outro – diz, colocando a mão dentro do bolso da calça. — Só, por favor, não entra em pânico.

Ele volta com a mão fechada e quando a abre, o que tem dentro me tira completamente a capacidade de respirar.

Compromisso

Erick

Olhando para a pequena caixa azul de veludo, Marina não faz nenhum movimento, além de fitar hora a caixa aberta, hora meu rosto, que espera por sua resposta.

Só espero não ter exagerado. Em minha defesa, só tenho a dizer que fiz exatamente o que meu coração pediu.

— O que isso significa? — pergunta, depois de um tempo, ao pegar a caixinha da minha mão e analisar de perto.

Dentro do pequeno compartimento quadrado, tem um anel de prata, com as bordas delicadamente salpicadas de pequenas pedras de diamante. Quando pensei na escolha, o que me veio à cabeça foi algo simples — assim como a minha garota — mas que também fosse elegante. Com a ajuda da Ângela e da vendedora, que deram alguns toques, cheguei no anel que julgo ser o ideal para ela. Simples como a sua essência e valioso como ela é para mim.

— Significa o compromisso que há muito tempo selamos. Esse anel é apenas a prova material, meu amor — acaricio seu rosto, que tem os olhos brilhando pelas lágrimas não derramadas.

— Ele é tão lindo — diz, ao passar o dedo em cima da joia delicada. — Tenho até medo de tocar e estragar ele.

Acho graça das suas palavras, pois sei que não diz isso deslumbrada pelo valor econômico que a peça possui, mas sim pelo valor sentimental a ela atribuída.

— Assim como você — elogio.

Minha ligação com Marina é tão forte, que não consigo lembrar de um dia em que não tenha estado apaixonado por ela. É como se toda a minha vida antes de ter me entregado a esse amor não tivesse existido. A Marina criança que eu via como da família e a adolescente que até os quinze não levava a sério, nem de longe me faz lembrar da mulher que ela tem se tornado. A Marina que eu tenho aqui, durante os dias e nas noites passadas na intimidade do nosso quarto, é a mulher que mesmo sendo tão jovem, tem tudo o que eu preciso.

Com ela, me sinto completo como nenhuma outra mulher mais "adequada" seria capaz de me fazer sentir.

E como eu sei disso? Sei pela experiência. Tive vinte anos da minha vida, anos em que Marina nem bem existia, para comprovar esse fato. Foram anos e anos procurando me encontrar, sem nunca achar. Até que um dia eu cansei de

desejar a suposta vida tranquila do meu amigo, que tão jovem tinha encontrado o amor e a calma de uma vida tranquila. Foi isso o que eu almejei até que Cristina abandonou João e a filha ainda tão pequena.

Quando parei de imaginar a vida em que uma mulher seria capaz de aplacar a solidão que a distância da minha família deixou, comecei a acumular diversos namoros rápidos e casos sem importância, até que, sem pedir licença, ela veio e me mostrou que às vezes, mesmo sem planejar, a vida pode nos surpreender.

— Vem, deixa que eu faço isso – pego a caixinha da sua mão, tiro o anel e o coloco no seu dedo.

— Perfeito – contente, ela olha para a mão esticada, que agora ostenta um lindo anel brilhante.

— Agora é a minha vez – pego o meu, que deixei separado no bolso da minha calça, e lhe entrego para que também o veja.

Ela o pega e deixa transparecer sua surpresa por eu ter comprado um para mim. Talvez tenha pensado que somente ela usaria.

— Estar com você é não ter um segundo de monotonia – assevera, enquanto coloca o anel no meu dedo. — Sempre arranja um jeito de me surpreender e eu te amo por isso.

— Tudo por você, que me faz tão feliz – digo, quando ela vem para o meu colo e começamos um beijo que se estende até o momento em que nosso jantar é discretamente posto sobre a mesa.

As horas que se seguem são divididas entre beijos apaixonados contra a árvore que batizamos como nossa, um jantar composto com os seus pratos favoritos, terminando com nós dois nadando pelados e fazendo amor dentro da cachoeira; que por horas embala a nossa noite com o som de suas águas revoltas que descem como cascatas.

À meia-noite, meu feliz aniversário é dito com eu e ela tão unidos quanto duas pessoas podem estar, e com a lua sendo a testemunha silenciosa de que, enquanto eu estiver aqui e ela me quiser, do seu lado eu sempre estarei.

Em casa, uma Marina radiante de alegria dorme nos meus braços enquanto, empolgada, me ouve contar como toda a surpresa foi planejada.



— Amor...

Na manhã de sábado, acordo tendo uma sensação de *Déjà vu*. Estou sozinho na cama e da janela se ouve o barulho estrondoso de batidas que

imagino serem músicas de funk.

Quando me levanto e aproximo da janela para olhar, vislumbro a cena que por vários anos tenho presenciado: o jardim está abarrotado de jovens alegres e falantes. Uns dançam, outros nadam e alguns estão comendo petiscos que o garçom contratado por Marina serve. Mais afastadas da galera e perto da churrasqueira, vejo minha namorada conversando com Ângela e com outras garotas. Ela está tão animada mostrando o anel que eu dei, que é praticamente impossível não ter vontade de descer e me juntar à galera.

— Deixa de ser bobo, Erick – digo a mim mesmo, ao pensar alto. — O que de ruim pode acontecer? Você só vai passar um tempo com a galera da sua mulher – digo, tentando me convencer.

Ainda estou na janela, decidindo se desço ou não, quando Marina nota minha presença ali, manda um beijo e de maneira nada discreta me chama para se juntar a ela. Dando-me por vencido, faço minha higiene matinal, tomo meu café e em seguida desço para lhe fazer companhia.

Conforme o dia vai seguindo, começo a me sentir mais à vontade e a interagir com seus amigos – até mesmo com os que ficam secando seu corpo com olhos famintos – até que me dou conta de que tudo dará certo. Nada está fora do lugar.

Percebo que minha apreensão de me juntar com os garotos era derivada apenas do medo de não me ajustar. De perceber o quão diferente o meu mundo e o de Marina são.

Felizmente, tudo tem corrido bem.

Tirando uns engraçadinhos que me chamam de tio, as reações são polarizadas entre respeito e admiração por parte dos rapazes e de suspiros e cobiça por partes das meninas. Quem não gostou muito dessa parte foi a minha mulher ciumenta, que não perdeu uma chance de mostrar que sou dela e que o *homão da porra* – expressão entranha que elas me atribuíram e da qual eu nunca tinha ouvido falar – está fora da pista.

— Amor, vou subir para trabalhar um pouco, tudo bem? – falo no seu ouvido, assim que o dia começa a virar noite. — Quando eles forem embora, me avisa que eu paro pra te dar a atenção que você merece — discretamente, passo a língua por seu lábio inferior.

— Não vejo a hora de expulsar esse povo daqui de uma vez – confessa, ao levantar da espreguiçadeira e sair do meio das minhas pernas, lugar em que discretamente estava sentada e onde nós dois aproveitamos o clima descontraído dos seus amigos para namorar. Não o tipo de namoro apropriado para um lugar cheio de gente, e sim do tipo que meu pau estava duro contra sua bunda e onde nossas bocas não se abstiveram de dar beijos nada inocentes, daqueles em que

nossas línguas fazem o que a parte de baixo do corpo não pode fazer no momento.

— Eu também não – levanto-me em seguida, rezando para que o short seja capaz de esconder o meu estado – parando com o corpo colocado junto ao de Marina, que não veste nada além de um biquíni indecentemente pequeno. — Te aguardo, meu amor – dou um beijo casto, porém repleto de promessas, ao mesmo tempo em que aperto as bochechas da sua deliciosa bunda, que eu ainda não tive o prazer de conquistar.

Depois de uma revigorante ducha fria, entro na minha sala, sento à mesa; ligo meu notebook e enfim começo a trabalhar.

Não é como se eu fosse um viciado que não pode ficar sem trabalho mesmo aos fins de semana, o único ponto aqui é que o dia hoje foi agitado demais para uma alma mansa como a minha. O trabalho talvez me faça sentir mais como eu mesmo e menos como um garoto apaixonado pela primeira namoradinha e que só quer ficar grudado e demarcando seu território. Foi isso que eu fiz na frente dos seus colegas? Foi exatamente o que fiz.

Estou tão concentrado no processo em que ando trabalhando, que nem me dou conta do momento em que o barulho de música e som de vozes diminuem. Mais um pouco e terei minha linda entrando por essa porta, alegre e cheia das más intenções. Ou seria boas?

Por alguns segundos, paro o que estou fazendo quando percebo que o trinco da porta está sendo girado. Imaginando quem seja, volto ao que estava fazendo e, satisfeito, digo:

— Até que enfim, pequena – falo, sem levantar os olhos, finalizando a petição que estava redigindo. — Finalmente veio dar atenção para o seu pobre e abandonado namorado – brinco.

Silenciosa, minha pequena entra e fecha a porta atrás de si.

— Olá, Erick Estevan, sentiu a minha falta? – ouço as palavras e essa voz com certeza não é da Marina.

Na minha frente, está uma mulher de cabelos pretos e longos, vestida com um sobretudo preto, e no rosto tem um grande par óculos escuros que esconde seus olhos e parte do seu rosto.

— Quem é você e o que fez com a minha namorada?

Marina é a única pessoa que me vem à cabeça, na hora em que uma sensação estranha toma conta do meu corpo.

Chantagem

Erick

— Não está me reconhecendo, querido?

Essa palavra... Não, não pode ser!

— Patrícia? – indago, somente para confirmar, não tem como ser outra além dela. Quem mais teria a audácia de invadir meu escritório dessa forma?

— Vejo que continua inteligente, Erick – fala, e tira primeiro os óculos e depois a peruca negra, deixando evidente o cabelo tingido. — Ou talvez, nem tão inteligente assim.

— Cadê a Marina, o que você fez com ela? – pergunto e, desesperado, corro para a janela que faz vista para o jardim. O alívio logo preenche meu sangue – que estava congelado – quando a vejo numa roda conversando com Ângela e outros amigos, inclusive o idiota chamado Mateus. O que esse cara está fazendo aqui sem nem ao menos ter sido convidado?

— Como pôde ver, sua boneca está intacta. Ao menos por enquanto.

Parada atrás de mim, Patrícia toca o meu ombro e é prontamente repelida quando pego sua mão e tiro bruscamente de perto do meu corpo.

— Não me toca, porra! – digo, entredentes, ao me afastar da janela e dela, indo para perto da porta. — Saia imediatamente daqui ou eu mesmo te tiro – indico a saída com a mão.

— Se eu fosse você, fecharia essa porta e ficaria bem calminho – fala, em tom de ameaça.

Fria como eu nunca vi uma pessoa ser, a víbora coloca a bolsa, óculos e peruca em cima da mesa e senta-se como se não estivesse impondo sua presença na minha casa.

Eu não devia ter subestimado tanto essa mulher, deveria ter desconfiado que o silêncio e o conformismo com a sua dispensa era sinal de que estava tramando alguma coisa. Agora, depois de meses, ela aparece e seja lá qual for a sua intenção, coisa boa não é.

— Fala logo o que tem a dizer e dê o fora daqui – sento atrás da mesa, já que não posso exercer a minha vontade de lhe escorraçar daqui, não sem antes saber o que pretende.

— Vamos com calma, querido – fala, sem fazer questão de esconder o quanto é cínica.

— Se eu fosse você, não brincaria com fogo – sei que não devia, mas não consigo me segurar.

— Você ainda não percebeu que não está em condições de fazer ameaças? Mas já que você quer, vamos direto ao ponto – diz, ao pegar a bolsa, abri-la e tirar de lá um pedaço de papel envelhecido, que eu imagino ser uma foto antiga.

— O que é isso? – indago, quando ela me entrega a fotografia antiga.

— Esses três aí são João, Cristina e eu, na época em que ele namorava comigo.

Analiso bem a foto e nela reconheço todos que dela participam, apesar de serem tão novos e aparentemente não terem mais do que dezoito anos.

— João namorou você e sua amiga – falo, confuso e sem ter ideia de onde essa história vai chegar. — Que, por acaso, é a mãe da minha namorada que a abandonou quando era praticamente um bebê?

— Cristina não é minha amiga. É minha prima, que depois de ter sido apresentada por mim, fez de tudo até conseguir seduzir e ficar com João.

— E você já pensou que talvez eles estivessem apaixonados?

— Não, eu não pensei. O João podia até estar, mas ela não. Cristina, assim como eu, que fui burra o suficiente em fazer propaganda, só estava interessada no dinheiro dele.

— Que dinheiro? Vocês não sabiam que ele vivia uma vida de classe média antes de abrirmos o escritório?

Tanto eu e quanto meu amigo crescemos em um bairro classe média, estudamos nos melhores colégios e fizemos o curso numa faculdade com mensalidades relativamente caras, ou seja, nunca passamos por necessidades, mas também não tínhamos pais ricos o suficiente para atrair garotas interesseiras.

Então, como foi que João conseguiu atrair logo duas?

— Para duas caipiras mortas de fome vindas do interior com a intenção de se dar bem, ser de classe média já era o suficiente. Além disso, eu sabia e contei para ela que meu namorado fazia faculdade e que provavelmente ganharia muito dinheiro quando se formasse. E parece que nisso eu acertei.

— Aí você pensou em dar o golpe – digo. — Só não contava que ela fosse ser mais esperta que você, não é? Tanto foi que casou e teve uma filha ele.

— Foi mesmo, mas não tanto quanto você pensa, meu caro.

— O que é que você está querendo dizer?

— Que você é tão burro quanto a Cristina – diz, entre risos. O tipo de risada que dá medo, pelas intenções escusas por trás dela. — No fim das contas, a tonta acabou se apaixonando de verdade por ele e esse foi seu grande erro.

— Erro? – pergunto, querendo entender o porquê de ela ter me comparado com a mãe da pequena.

— Sim, um erro – afirma com a veemência de quem sabe sobre o que está falando. — Vamos lá, você é esperto: você, que conheceu João durante toda a vida, acha mesmo que um cara que trocou a namorada tão rapidamente pela própria prima, se manteria fiel a alguém?

— Você não está querendo dizer que depois de tudo...

— Isso mesmo. Apesar do que aconteceu, eu sempre soube como trazer o idiota de volta. A tonta da Cristina achou que eu tinha me conformado em perder um homem para uma garota idiota como ela e quando viu, eu já estava de novo com o cara em minhas mãos.

— Sabe que essa história não bate? – lembro da Cristina que vi poucas vezes e ainda assim não me causou boa impressão. — A Cristina que eu conheci e que me foi apresentada por João não me parecia essa pessoa ingênua que você quer pintar.

— E ela não era mesmo. Como eu disse, Cristina sonhava em mudar de vida ao se casar com um homem rico. O fato de ela ter se afeiçoado ao marido não lhe tirou essas qualidades. Tanto é que depois que conseguiu me tirar o João, ela não perdeu a chance de se exhibir, de mostrar que conseguiu e eu não – enquanto fala, não consegue disfarçar a amargura na expressão e muito menos no tom de voz.

— Duas sórdidas e ordinárias.

— Assim como seu amigo, que era um fraco por mulher, não conseguiu ser fiel nem à mãe da sua filha.

Eu sempre soube que João não era nenhum santo quando o assunto era mulher, mas essa história está bizarra demais – para dizer o mínimo – até para ele.

— Está me dizendo que vocês dois foram amantes durante todo esse tempo?

— Não só amantes. Fomos cúmplices em tudo!

— Tudo o quê? Fala logo, caralho – soco o tampo da mesa, já em vias de perder completamente a razão.

— Simples, quando já o tinha totalmente sob meu domínio, o convenci de que ela tinha um amante e ele, como um fraco que acreditava em tudo o que eu dizia, inclusive em imagens forjadas, não parou um segundo sequer para questionar minha história. A partir daí, não foi difícil fazer a cabeça dele para que lhe mandasse para longe de nós.

— E posso saber como foi que fizeram isso? – ainda tenho forças para perguntar. Estou tão enojado com toda essa história, que nem sei como reagir. — Chantagearam ela?

— Isso mesmo – fala, num riso sarcástico, como se tivesse se lembrando

e deliciando com a memória. — Com as fotos em mãos e achando que estava fazendo a coisa certa em afastar uma mulher tão promíscua de perto da filha, seu amigo lhe ofereceu uma grande soma de dinheiro para que sumisse do país e nunca mais se aproximasse da pirralha. Bom, eu imagino que ela deve ter gostado da ideia, já que mesmo depois de tantos anos nunca mais apareceu ou procurou por notícias da menina.

— E o escritório? Que ligação você tem com ele?

— Essa foi a parte mais chata que tive que passar – diz, com tranquilidade. — Com não queria perder o controle sobre João e nem do seu dinheiro, decidi fazer o curso de direito, passei no exame da ordem e há pouco mais de três anos, quando senti João mais distante, o convenci a me contratar. O idiota não só fez o que eu pedi, como também adorou a ideia de ter a amante por perto, podendo transar sempre que tivesse vontade.

— Eu tenho nojo de vocês – tenho minhas mãos em punho, me segurando para não destruir tudo o que vejo pela frente.

— Calma, querido – a infeliz tem a audácia de me pedir isso. — Não fique chateado com o seu amigo, ele era apenas burro, mas pode ter certeza de que o amor dele por você e por aquela fedelha que está ali no jardim era verdadeiro. Você acha que eu a detesto tanto por quê? A infeliz além de ser filha de mulher que tentou me passar pra trás, ainda teve a coragem de me tirar você.

— Você só pode estar louca.

— Louca, não, meu amor, apenas prática. Já que eu perdi o homem que sustentava meus luxos, pensei que seria uma boa ideia arrumar um modelo mais novo e muito mais interessante. Tenho certeza de que conseguiria se não fosse a filha da Cristina, sempre a infeliz da Cristina.

— Me teria somente nos seus sonhos, querida – ponho sarcasmo na última palavra. — Agora que você me contou o quão sórdida é, faça o favor de dar o fora da minha casa e de não voltar a se aproximar de mim e da minha mulher.

— Você acha mesmo que eu viria aqui só para fazer o favor de te contar o quão linda é a história de vida dos pais da sua pirralha? – indaga, e como não é o tipo de pergunta que se espera uma resposta, ela continua. — Você tem uma semana para terminar seja lá o que tiver com a garota. Invente a desculpa que quiser, isso não me importa, apenas termine com ela.

Tic-Tac

Erick

— Vai embora daqui agora - levanto da cadeira, e no susto, ela levanta também. — Isso nunca vai acontecer. Tá me entendendo? Nunca!

— Tem certeza? — indaga, já pegando suas tralhas, inclusive a foto que ali tinha deixado. — Se eu fosse você, não arriscaria, será que a garotinha ficaria feliz de saber que belo bosta seu pai era? E a mãe, que além de ser uma vadia, foi tão interesseira que lhe deixou em troca de alguns trocados?

— Você sabe que não foi bem assim que aconteceu — falo, friamente.

— Para ela, vai ser exatamente assim que tudo aconteceu. Até porque, eu não tô vendo a mamãe dela aqui. Por que será que ela não voltou durante todos esses anos? Se você for racional, vai perceber que de qualquer jeito, Cristina acabou abandonando a filha.

— Ela não acreditaria em você — é nisso que eu mesmo tento me apegar. Mas, não posso arriscar. — Uma mulher que ela não suporta.

— Quer pagar pra ver? Não se esqueça de que tenho as fotos da Cristina com o suposto amante, além, é claro, dos documentos que comprovam que o querido papaizinho me sustentou e me manteve por perto durante todos esses anos.

Puta que pariu! O que eu vou fazer? Essa mulher está mostrando que é capaz de tudo.

— Só não entendo uma coisa: por qual motivo você está fazendo essa chantagem?

— Vamos ver... vingança, talvez? Por culpa da filha da Cristina que fez a sua cabeça, meus planos deram errados. Se não fosse por ela, você ia me olhar, eu sei que ia — fala, e no rosto tem uma expressão sonhadora, como se realmente acreditasse no que diz. Isso só prova que a mulher é louca. Nesses anos em que esbarro com ela pelos corredores, eu nunca a olhei por mais tempo que o necessário, pelo contrário, sempre preferi trocar somente os cumprimentos necessários que uma boa educação pede.

— Você sabe que isso jamais aconteceria. Eu tenho nojo de você. Ainda que consiga me separar dela, eu jamais terei nenhum tipo de relação com você — assevero, mesmo duvidando que sua mente perturbada entenda. Ela distorce tudo a seu favor.

— Isso é o que você diz, se seu amigo não resistiu e foi capaz de destruir a própria família por minha causa, com você não seria diferente. Os homens não

são capazes de resistir a mim.

— Não os homens como o João, que gostam de mulheres superficiais e plastificadas como você – nesse momento, a louca coloca a mão no rosto, como se estivesse ultrajada com as minhas palavras. — Eu prefiro as naturais, que não usam de artifícios para tentar chamar a atenção de um homem, porque se dependessem da personalidade vazia e alma podre, morreriam solitárias. Essa é você.

— Eu ainda vou acabar com essa sua pose, Erick Estevan – esbraveja, furiosa, enquanto da bolsa tira um cartão pequeno. — Aqui está – o coloca em cima da mesa. — Uma semana, você tem uma semana pra se despedir da sua namoradinha. Nem tente se fazer de esperto, você não tem ideia do que eu sou capaz. Contar a história podre dos pais dela é só um aperitivo do que eu posso fazer com vocês, caso você tente me enganar.

— Sua vagabunda – avanço em sua direção, mas ela já está perto da porta, prestes a se retirar.

— Passar bem, querido – sai, me deixando completamente sem chão.

Em um acesso de fúria, varro todos os objetos de cima da mesa, deixando com que todos caiam e se quebrem no chão, assim como o meu coração está quebrado. Desesperado e sem saber o que fazer, deixo meu corpo arrastar-se para o chão, e é sentado, com as pernas dobradas até a altura dos ombros, que caio num choro incontido. Dou vazão ao desespero de não saber como agir, o que fazer daqui para frente.

— Eu não posso perder a minha pequena, meu Deus! Eu não posso.

Ainda soluçando, com a cabeça apoiada contra os joelhos e sem ter ideia se passaram horas, segundos ou minutos, ouço a porta novamente ser aberta, e dessa vez me falta coragem para levantar a cabeça e ver quem é. Da última vez, entrou meu pior pesadelo.

— Nossa, pensei que nunca mais fossem... abruptamente, ela para de falar ao ver a situação em que eu e o escritório estamos. — Meu Deus! O que foi que aconteceu aqui, meu amor? – ela se agacha a minha frente e eu permaneço com o rosto abaixado, sem ter coragem de olhar nos seus olhos.

— Erick, olha pra mim. Por favor, querido – de joelhos a minha frente, ela coloca a mão no meu queixo, o levantando.

Quando tenho seus olhos sobre os meus, vejo que nos seus a dor de perceber que alguma coisa muito séria aconteceu aqui para que eu esteja dessa forma.

Desde a época em que me via como algum tipo de super-herói, minha pequena nunca teve a chance de me ver assim, talvez por isso seu olhar esteja oscilando entre sentir a minha dor – mesmo sem entender o que se passou – e a

curiosidade que ela logo trata de tentar dissipar.

— Você estava chorando? – passa o dedo por meu rosto, que ainda está úmido. – Foi alguma coisa que eu fiz? Eu...

— Não! – seguro firmemente seu rosto. — Você não fez nada de errado, meu amor, nunca faz. Só me faz feliz, como eu nunca antes fui. Eu não posso perder você, Marina – seguro seus braços e lhe trago para o meu colo.

Eu preciso senti-la.

Com suas pernas enroladas na minha cintura, lhe abraço forte e por um bom tempo fico apenas assim, sentindo as batidas do seu coração, o ritmo calmo da sua respiração e o cheiro doce do seu cabelo macio que impregna o meu nariz.

Como eu amo essa mulher.

— Não vai mesmo me contar o que aconteceu aqui? – questiona, ao afastar o rosto do meu pescoço.

— Vai ficar chateada se eu disser que não? – ela me analisa, desconfiada, e finalmente diz:

— Não vou negar que queria saber o que houve e que seu estado me deixou preocupada e curiosa, mas se você preferir não me falar nada, eu respeito, pelo menos por enquanto – afirma, deixando claro que não vai se contentar em me ter escondendo coisas.

— Tudo bem, meu amor. Eu só preciso de um tempo – beijo seus lábios e depois continuo: — A festa já acabou? – não resisto a colocar a mão por dentro do camisã que ela vestiu por cima do biquíni.

O baque que tive há pouco só me fez ter mais vontade dela. Meu corpo, meu coração e mente; tudo em mim tem a necessidade de relembrar incontáveis vezes da sensação de estar dentro dela. De fazê-la minha de todas as formas possíveis.

— Todos já foram embora, por quê? – maliciosa, minha pequena tenta deixar o nosso corpo ainda mais colado. No mínimo, deve estar sob o efeito do tesão que nos queimou em fogo brando, enquanto estávamos sentados naquela espreguiçadeira.

— Eu quero você, agora – digo, com veemência. — Vamos para o quarto – levanto-me, desajeitado, e com meu amor agarrado ao meu corpo.

— Não, Erick, eu tô suja de um dia inteiro no sol, meu corpo deve estar impregnado de cloro e cheiro de churrasco – ela protesta e tenta sair dos meus braços. — Me deixa tomar um banho primeiro.

— Não. Eu disse que quero agora – seguro mais firme as suas coxas em volta da minha cintura. — Foda-se o cheiro, eu só... preciso de você.

— Tudo bem, amor – concorda, talvez por ver no meu rosto a

necessidade de reivindicá-la. — Depois você mesmo pode me dar um banho — ela já se esqueceu do seu protesto e entrou no modo fogo e insaciável que me excita.

— O banho que você jamais irá esquecer — assevero, ao caminhar apressado para o nosso quarto. — Limparei cada canto do seu corpo — entro no quarto, indo diretamente para a cama de casal — com a língua — prometo.

Com pressa, como se o mundo estivesse prestes a acabar, deixo-a em pé perto da cama, tiro seu camisã e em seguida seu biquíni.

— Muito gostosa — digo, ao tê-la nua e linda como uma pintura. Meu pau certamente fica feliz, já que a visão da sua bocetinha depilada o deixa duro instantaneamente.

Depois de também tirar toda a minha roupa, peço em seguida:

— Quero que deite com a bunda na beirada da cama e deixe as pernas livres — peço, e ela faz do jeito que eu disse. — Isso, minha linda. Agora eu vou te comer do jeito que venho imaginando desde a hora em que estivemos naquela maldita espreguiçadeira.

Louco por sentir seu cheiro e gosto, ajoelho-me aos pés da cama, separo suas pernas amplamente e abocanho o seu sexo.

Com maestria e vontade, chupo sua boceta, e entre lambidas e assopros que a deixam subindo pelas paredes, finalmente tenho em minha língua o sabor do seu desejo. Ela goza com a minha língua, entre gemidos e xingamentos, eu bebo até a última gota do seu desejo por mim, como se isso fosse se tornar inesquecível em minha mente.

O gosto de mulher, da minha mulher.

O dia, que começou feliz e que no meio de tornou um desastre, termina comigo lhe levando à exaustão. Depois de comer sua boceta com a boca, lhe coloco de quatro ainda na ponta da cama e invisto contra seu corpo com uma intensidade que leva a cabeceira da cama a bater fortemente contra a parede e também a gritos que dessa vez lhe fará ter motivos para se envergonhar dos funcionários.

Na segunda vez, com suas pernas em volta da minha cintura, nós fizemos um amor lento e gostoso embaixo do chuveiro, mas não sem antes eu ter de cumprir minha promessa de lavar seu corpo com a língua.

Seja na foda sem sentido ou no amor embaixo do chuveiro, o dia termina com minha mulher alinhada e satisfeita nos meus braços, e eu com uma angústia no peito, perdido e sem saber como agir; como se um relógio estivesse em cima da minha cabeça, bradando o som de *Tic-tac*.

Tic-tac...

Distante

Marina

— Alô, terra chamando Marina – estalando os dedos em frente ao meu rosto, Ângela tenta me trazer de volta ao presente.

— Desculpa, amiga. Eu não estou sendo uma boa companhia – digo.

É óbvio que não estou sendo, porque simplesmente não consigo me concentrar na conversa e nem na companhia. Tudo o que minha mente confusa quer é ficar pensando no Erick, mais especificamente no seu comportamento dos últimos cinco dias, e criando teorias da conspiração mirabolantes para, quem sabe, encontrar uma justificativa para o fato de ele estar agindo de maneira tão estranha.

— Não está mesmo. Ainda bem que você admite – diz, com sua falta de tato e sinceridade nata. — O que está acontecendo, amiga? – segura minha mão, para ver se consegue finalmente ter minha atenção. — Sabe que pode se abrir comigo, não é?

Eu sei que posso, se tem uma pessoa a quem eu possa confiar os meus segredos, essa pessoa é a Ângela. É assim que tem sido desde sempre, ainda que ela, com suas duras e sinceras opiniões, mais atrapalhe do que ajude.

— É o Erick – decido me abrir, quem sabe ela não me dê uma luz.

É até bom ouvir uma pessoa que não tem no Erick o santo da sua devoção.

Seria diferente se eu pedisse a opinião da Maya, por exemplo. Aquela ali gosta e admira Erick de uma forma que certamente sua opinião estaria comprometida.

— O que foi que aquele imbecil andou aprontando, Marina? Me diz e agora mesmo eu vou lá ter uma conversinha com ele – ameaça, e me tira o primeiro sorriso sincero do dia.

— Não precisa disso, Ângela. Fica quieta aí – aviso, antes que ela cumpra a ameaça a vá caçar meu namorado.

— Tem certeza do que está dizendo? – acho que o sonho da Ângela é quebrar o pau com Erick. Ela simplesmente não consegue aceitar numa boa o nosso namoro.

Muitas vezes eu me pergunto o porquê de ela agir dessa forma, já pensei de tudo, não chegando à nenhuma conclusão. Às vezes, eu tenho a sensação de que ela se ressentir por não ter esse tipo de afeto. Quando imagino isso, não a culpo nem por um segundo, não quando eu sei a relação difícil que ela tem com

os pais, principalmente depois de terem trazido Mateus para morar com eles. Ângela não consegue se abrir comigo, mesmo que eu tente de todas as formas fazê-la falar. Ainda não sei como e nem quando, mas eu vou conseguir descobrir o que se passa naquela casa e vou livrar minha amiga das amarras que a prendem, sejam elas quais forem. Antes, eu tenho que resolver os meus próprios problemas, se é que eles existem.

— Tenho, sim – ela volta a encostar as costas no sofá que fica em frente à cama do meu antigo quarto. Depois que cheguei do estúdio, com a cabeça cheia e precisando me distrair, liguei para ela e lhe chamei para assistirmos um filme.

Quando chegou, Ângela logo percebeu que tinha topado um programa de índio. Além de não assistirmos filme algum, eu a deixei falando sozinha, enquanto minha mente viajava.

— Tá bem! Agora me diga, por onde seus pensamentos andam pra me deixar falando sozinha?

— Não sei... ele anda meio distante desde o dia da festa. E isso tem o que, cinco dias? O que pode ter mudado em tão pouco tempo?

— Você tem certeza do que está falando, amiga?

Estou vendo que nem ela é capaz de crer nisso, cinco dias não é tempo suficiente para que alguma coisa mude, não depois da surpresa que ele me fez e não depois de ter me tomado tão intensamente depois da festa na piscina.

— Quando você diz distante, quer dizer...

— Não – sei que ela vai fazer a pergunta constrangedora. — Nessa parte as coisas não poderiam estar melhores – sinto meu rosto esquentar apenas pela lembrança.

Nestes últimos dias, Erick tem me procurado com o dobro da frequência de antes, e olha que antes já não era pouca a procura. Ele não só se tornou mais insaciável, como também mudou a forma de fazer sexo. Se antes ele tinha seus momentos de sexo intenso e mais feroz, agora esse parece ser o único tipo que ele sabe fazer. É como se Erick quisesse me marcar como sua, como se nunca tivesse o suficiente de mim.

Se eu estou reclamando? É claro não estou, é graças a isso que eu estou conhecendo o seu melhor lado. Por mais que das outras vezes em que transamos ele já estivesse me dando uma amostra do que é capaz, no fundo ainda existia o medo de me machucar, como se eu fosse um cristal frágil.

Hoje não, tem exatos cinco dias que ele entrou no seu modo devasso e nunca mais voltou. Como uma boa devassa, poderia muito bem estar radiante de felicidade, mas, infelizmente, não estou. Junto com os arroubos de paixão, vem o afastamento. Não é como se ele me tratasse mal, longe disso. Acho que é mais como um distanciamento emocional.

A cada vez que terminamos uma rodada de sexo, Erick me abraça por vários minutos, sem dizer uma palavra sequer, e assim permanece. Quando não estamos em um momento de intimidade, ele até tenta ser atencioso ao iniciar algum assunto, o problema é que o assunto logo morre e entre nós fica um silêncio perturbador. Não o silêncio confortável que ficava sempre que não tínhamos nada para dizer um ao outro, mas também não importava, tudo o que precisávamos saber era que estávamos bem e juntos.

A verdade é que Erick tem se fechado dentro de uma concha e eu infelizmente fiquei trancada do lado de fora.

Disso tudo, só sei que uma coisa muito grave está acontecendo com Erick, e ele, talvez por não confiar em mim, não quer me contar.

Seu silêncio e distanciamento têm me machucado tanto, que se ele se importa pelo menos um pouco comigo, já deve ter percebido. E se percebeu e não mudou de atitude ou deu pelo menos uma explicação que seja, é porque talvez esse amor sempre tenha sido unilateral e eu não tenha passado de uma novidade em sua vida. Até porque, que homem iria dispensar uma garota que por tanto tempo andou se oferecendo?

A pior parte disso tudo é o fato de o meu corpo ir contra a minha cabeça. Todas as vezes em que ele vem querendo sexo, eu nunca consigo dizer não. Eu entrego não só o meu corpo, como também o meu amor e a esperança de ter meu amoroso Erick novamente. No fim, ao ver que nada mudou, me resta apenas me sentir suja e usada. Apenas um corpo disponível para o alívio de um momento de frustração.

É isso, eu perdi o Erick. Se é que algum dia o tive de verdade.

— Minha Nossa Senhora – ouço a voz da Ângela chamando a minha atenção. — Estava perdida em pensamentos novamente, Marina?

— Perdão, Ângela – tento ser forte e não chorar.

Isso não vai acontecer, o babaca dos últimos dias, que não é o meu Erick, não merece uma gota sequer derramada.

— Minha cabeça está tão cheia – coloco os dedos indicadores na minha têmpora e faço movimentos circulares.

— Desabafa, minha querida, quem sabe isso não alivie seu estresse?

— É isso que você ouviu, Ângela – decido colocar tudo para fora. — Tirando a parte sexual, o Erick tem se afastado a cada dia mais. Nós não conversamos como antigamente, é como se a conexão que tínhamos tivesse sido quebrada.

— Mas é um grande imbecil mesmo. E tem um motivo para isso?

— Eu não sei, ele se fechou completamente.

— Chegou a perguntar? – ela faz a pergunta de um bilhão de dólares.

— Não. Até por que, ele não me dá espaço para isso.

— Vocês têm que conversar, Marina, quem sabe uma boa conversa não resolve essa situação? — ela sai da cadeira, senta ao meu lado, segura carinhosamente a minha mão e diz: — Longe de mim querer defender aquele imbecil, mas você já parou pra pensar que ele pode estar passando por uma barra muito pesada e não tá sabendo lidar com isso, ou que talvez te mantendo de fora Erick esteja apenas querendo te proteger?

— Confesso que pensei na hipótese de ele estar me escondendo algo, mas o pensamento parou por aí mesmo. Minha mente fértil não chegou ao ponto de cogitar que talvez ele esteja querendo me proteger, seja lá do que for.

— Pois devia ter imaginado — agora Ângela fala em tom de bronca. — Não faço ideia do que se passa com aquele homem, Marina. A única certeza que eu tenho é a de que ele te ama. Não se esqueça que eu estava junto no dia em que ele foi escolher isso aqui para você — levanta minha mão e me faz lembrar do anel lindo que ele me comprou. A verdade é que em meio ao mar de desilusão, vê-lo ainda com o meu anel no dedo me traz um pouco de alento.

— O Erick que tão pacientemente escolheu o anel perfeito para você não mudaria de ideia assim, do dia para a noite — afirma. — E se você quer o meu conselho, eu vou dar: vá conversar com seu namorado, amiga, não deixa que essa história de vocês acabe assim. Não deixe de lutar pela felicidade que com custo vocês conquistaram.

Como sempre, ela está coberta de razão.

O Erick vai ter que me ouvir. Ele não vai escapar sem me dizer com detalhes o que está acontecendo.

— Eu te amo — abraço minha amiga. — Você sabe disso, não?

— Sei, sim — responde, convencida, logo se soltando. Ângela não é do tipo que gosta de toques.

— Espero que saiba que pode contar comigo para tudo — segurando em suas mãos e olhando em seus olhos, repito: — Para tudo mesmo.

— Eu sei, quando precisar de ajuda para pintar as unhas dos pés, te chamo — brinca, tentando fazer a linha durona.

— Pode chamar, sua boba — caímos na risada por relembrar os tempos em que fazíamos exatamente isso.

— Agora chega, vamos ver o filme ou não?

— Claro, pode escolher — ela sai apressada para pegar o controle da TV e olhar o catálogo.

Mais tranquila e com tudo planejado, deixo-me distrair com o filme. Quando meu namorado chegar, ele não vai nem sentir o trem desgovernado vindo em sua direção.

Se prepare, Erick Estevan. De hoje você não escapa.

Sem saída

Erick

— Caralho – pego a folha recém-saída da impressora e pela décima vez a mesma é amassada e arremessada para a lixeira, sendo que nem dez por cento desses arremessos alcançaram o alvo pretendido. Ou seja, minha sala está uma zona de bolas de papéis espalhadas por todos os lados, assim como tem estado nos últimos dias.

— Ainda tendo problemas no paraíso? – silenciosamente, andando de maneira cadenciada, Bruno mais uma vez invade minha sala sem pedir licença. Esse é o Bruno, o cara que se acha o dono do mundo, e se não fosse o pequeno abalo que o torna mais humano, ele certamente seria mais inatingível do que já é. — Não sei por que ainda pergunto – ele percebe o estado da minha sala quando a cada passo que dá na direção da cadeira, pisa numa bola de papel diferente.

— Eu também não sei. Veio fazer o que aqui? – vou direto ao ponto, hoje eu não estou a fim de aturar o humor negro do Bruno. — Se não for nada relacionado a trabalho, pode se retirar.

— Calma aí, Romeu – acomoda-se melhor sobre a cadeira giratória e lá fica, girando em curtos movimentos de um lado para o outro. — Ainda é o problema com a Patrícia?

Na segunda, quando eu já não conseguia agir com naturalidade ante à bomba relógio que está em cima da minha cabeça e prestes a explodir, acabei abrindo para Bruno sobre as ameaças que aquela mulher me fez, e também do envolvimento de João em toda a sujeira. Para ele, não foi bem uma surpresa.

Segundo Bruno – que é mais observador que a maioria – Patrícia nunca teve competência para se enquadrar no quadro de advogados de um escritório de renome como o nosso. Para ele, o fato de João mantê-la e ainda lhe conceder benefícios e responsabilidades que outra pessoa estaria mais apta a receber, apenas demonstrava que ele tinha alguma estranha ligação com ela, que ia além do trabalho.

Bruno comentou ainda que pelos corredores sempre rolou o cochicho de que eles eram amantes, o que por ele sempre foi visto com naturalidade, já que João era um homem solteiro. Para meu amigo, a única surpresa foi ouvir da minha boca as tramoias feitas no passado e a chantagem de agora.

— Não tem como ser outro – afirmo, pesaroso. — Estou num beco sem saída, meu caro.

— Fez o que te falei? – indaga. Bruno é o típico cara que na hora do

aperto aparece para dar os melhores conselhos, mesmo que não sejam da maneira mais correta do mundo.

— Sim, tentei de tudo e não encontrei nenhuma brecha que me faça virar esse jogo.

Como ele sugeriu, fui em busca de algum podre que me ajudasse a neutralizar a chantagem e ameaças feitas por Patrícia. Fui de detetive particular à sondagem entre os colegas daqui, principalmente os que ela conseguiu seduzir, e nada deu resultados, pelo menos nada sério o suficiente que a fizesse temer. Das duas uma: ou essa mulher é uma santa – isso eu tenho provas de que não é – ou muitos aqui tem o rabo preso com ela.

Quanto ao detetive, seu parecer final foi o mesmo que nada. Disse coisas que a própria me revelou, como, por exemplo, o fato de ter sido amante de João por todos esses anos.

— Eu sinto muito, cara – diz, e seu tom de voz demonstra que dessa vez ele realmente sente. — E agora? O que você pretende fazer?

Ele faz a pergunta que eu tenho tentado fugir desde a hora em que a vagabunda deixou minha sala. Talvez esse temor venha do fato de não ter muitas opções, e a que tenho me faz ter vontade de destruir o mundo, apenas para precisar executá-la.

— Ela quer que eu deixe a minha garota, cara. Você tem noção do que isso significa?

— Que você tem que deixar a sua garota – responde, e eu tenho vontade de matar o idiota. Como ele ousa brincar num momento como esse?

— Deixa de ser otário, Bruno. É por isso que ninguém te leva a sério – digo, e sua expressão não sofre um abalo, até porque é ele quem não leva ninguém a sério.

— Foi mal, Erick. E você, está disposto a fazer o que ela pediu?

— Eu não tenho outra opção, Bruno – finalmente tenho coragem de dizer em voz alta.

Conforme os dias foram passando, minha certeza de que não tem mais o que possa ser feito foi aumentando. Se eu nunca disse isso em voz alta, foi por saber que isso só serviria para fazer com que tudo parecesse mais definitivo.

— Acha que seria tão ruim assim ela saber a verdade sobre os pais? – indaga, pensativo. — Ruim eu sei que vai ser, mas se vocês se amam tanto quanto parece, o seu apoio certamente daria forças para lidar com isso, não acha?

— Acho que sim. Esse é o menor dos problemas, meu amigo.

— Se fosse só essa a ameaça, eu mesmo lhe contaria tudo e a ajudaria a superar o baque – afirmo, convicto. Estar do seu lado não seria nenhum

sacrifício para mim, longe disso, ficar com ela sempre significou poder apoiá-la em tudo, compartilhar não só da sua cama, mas também da sua dor.

— Se você estivesse lá na hora, vendo o que eu vi ou escutando o que ela disse, iria entender os meus temores. Fazer revelações apenas para magoar Marina é o mínimo que Patrícia é capaz. Ela mesma disse isso.

— Meu amigo, eu não gostaria de estar na sua pele – confessa, e eu penso que ninguém gostaria. — Também não queria dizer isso, mas, se você sente que ela de alguma forma pode tentar algo mais sério contra a Marina, o melhor a se fazer é terminar com ela. Se for te ajudar em alguma coisa, pense que com isso você tá protegendo sua garota.

— Não ajuda – digo, expondo o sentimento que oprime o meu peito.

Como vou viver sabendo que para protegê-la tive que lhe deixar, e talvez até magoar? De alguma forma, eu sei que isso não vai acabar bem. Marina não vai simplesmente aceitar o fim, não sem antes questionar e tentar entender os meus motivos.

— Sinto muito. Pense nisso como algo provisório. Nesse tempo, tente com mais afinco encontrar algo para parar as ações dessa louca. Algum padre ela deve ter – ele aconselha e prossegue: — Pode deixar que nisso eu faço questão de te ajudar. Se ela tem algo a esconder, eu vou descobrir.

— Valeu, cara – unimos as mãos em uma batida seca, um toque puramente masculino. — Agora deixa eu ir porque o trabalho me espera – assim como entrou, Bruno sai sem fazer muito alarde; ele marcha até a porta e lá tateia a fechadura até encontrá-la.

Sozinho novamente, deixo meus pensamentos voarem. Desde a visita da Patrícia, tem sido impossível para mim agir diferente do que venho fazendo. Por mais que eu esteja relutante em fazer algo que magoe minha menina, no fundo eu sei que é inevitável, tanto que isso já está acontecendo. Quando estou do seu lado, meu humor fica dividido entre o que meu corpo e coração pedem e a minha cabeça, que sabe exatamente o que deve ser feito.

Como a garota esperta que sempre foi, minha Marina tem percebido a diferença no meu comportamento e se ressentindo disso, ela nunca disse nada, mas eu percebo o jeito que seus olhos magoados me fitam sempre que minha mente viaja em direção aos problemas que me aguardam. Sinto minhas mãos atadas por não poder jogar tudo para o alto, lhe abraçar e dizer que tudo vai ficar bem. Como eu poderia fazer tal coisa se sei que nada vai ficar bem, se minuto a minuto o nosso tempo juntos vai escorrendo pelo ralo?

Meu corpo, por outro lado, luta contra o iminente corte. Indo na contramão das outras ações, ele busca por ela, o desejo de antes triplicou de tamanho. Não tenho agido com racionalidade, e quando começamos a fazer

amor, minha mente perturbada toma o comando e tudo o que eu faço é fodê-la até os miolos. O nosso sexo dos últimos dias pode ser chamado de qualquer coisa, menos de fazer amor.

Minha mulher me entrega tudo o que tem, sem fazer uma única objeção, e como se soubesse exatamente do que estou precisando, ela me recebe e se dá como só uma mulher que ama o seu homem poderia fazer. Se isso fosse possível, nesses momentos eu seria capaz de amá-la mais do que já amo.

Quando tudo termina, o que sobra são as marcas do nosso sexo duro. Sua bunda tem as marcas dos meus dedos, que a apertam sempre que como uma Amazona, ela cavalga em cima do meu colo, e nas costas, ficam os sinais dos arranhões que suas unhas deixam. A ardência que sinto e que me impede de encostar as costas na cadeira, lembram de feridas não cicatrizadas, marcas que carregaria com orgulho, caso elas fossem permanentes. São elas as lembranças vivas da paixão que compartilho com o amor da minha vida.

Do prazo dado, faltam apenas dois dias, é esse o curto espaço de tempo que terei para convencer Marina de que não fomos feitos para ficar juntos.

Sem querer magoá-la mais do que o inevitável, arranjaréi um jeito de fazê-la pensar que a relação entre nós nunca dará certo, que com o tempo nossas diferenças irão ser maiores que o desejo de ficarmos juntos.

Vou fazê-la acreditar na maior mentira já saída da minha boca, e que Deus me ajude a não fraquejar e cair aos seus pés, pedindo para que me perdoe por ter dito tamanha asneira.

— Sinto muito, meu amor – pego o porta-retratos que contém a imagem de uma Marina sorridente, enquanto faz carinhos nos nossos bichinhos de estimação – eles, por outro lado, a fitam com olhos sinceros de amor e devoção. A simples e espontânea imagem é tão perfeita, que nem se tivesse sido combinada sairia tão linda quanto saiu. — Um dia você vai entender – beijo o porta-retratos e o guardo dentro da minha gaveta, assim como faço todos os dias ao final do expediente.

Sozinha

Marina

— Desculpa, querida, agora não. Estou com uma terrível dor de cabeça – essa foi a resposta que ouvi da boca do Erick, dada de modo distante e sem ter conseguido olhar nos meus olhos.

Dito isso, ele subiu direto para o quarto, que, diga-se de passagem, não é o mesmo que a gente ocupa, e desde então estou aqui, andado de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Toda a coragem obtida com os conselhos da Ângela termina indo para o ralo quando sua frase – que certamente é uma mentira – alcança meus ouvidos.

Como sei disso? Simples: mesmo sendo esse homem durão e autossuficiente, Erick fica como um bebê chorão e manhoso quando está com alguma doença. Ele não tem esse tipo de atitude que teve agora, é mais do tipo que fica choramingando no meu colo. Sempre que acontece, faço questão de cuidar dele, de mimá-lo e lhe dar os remédios necessários para que fique bem novamente.

Comigo ele não faz diferente, em meus piores momentos, principalmente nos períodos menstruais, meu namorado sempre faz questão de fazer todas as minhas vontades. Entre tentar me acalmar nos momentos críticos de TPM, a comprar os chocolates que eu sinto vontade de comer nas horas mais inusitadas, ele sempre faz de tudo para que eu volte a me sentir bem.

Agora, tudo está diferente. Eu não mudei, nada mudou, para ser sincera.

Então, o que foi que eu fiz que de uma hora para outra ele começou a me tratar com tamanha indiferença?

— Calma, Marina – digo, enquanto de um lado para o outro meus pés estão a ponto de furar o tapete. — Se você não for lá e perguntar, nunca irá saber. Pense na conversa que você teve com a com Ângela...

Decidida e tendo a certeza de que Erick não foi para o nosso quarto, saio verificando em todos os outros seis quartos vazios. Quando o encontro, o fato de vê-lo no último quarto do corredor só serve para aumentar ainda mais o buraco dentro do meu peito.

Ao sentir minha presença, ele que está de costas e pelo que suponho, abrindo os últimos botões da sua camisa social, se vira, me encara exasperado e começa a dizer:

— Querida, eu não estou num bom momento – afirma, e seu olhar perdido me tira a certeza de que sua dor de cabeça seja apenas uma mentira para

não ter que estar na minha presença.

— Por que você não foi para o nosso quarto? Se o problema é só a sua dor de cabeça, poderia ter ficado lá mesmo. Eu não iria incomodar.

— Esse aqui é melhor, por causa da vista para o jardim. Ele é mais arejado – do mesmo modo que o nosso, tenho vontade de dizer. Eu conheço essa mansão como a palma da minha mão para saber esse tipo de informação.

— Erick, por que você não conversa comigo? Eu sei que tem alguma coisa acontecendo aqui e você está me deixando de fora – deixo os temores de lado, e sem medo do que vou ouvir, vou direto ao assunto.

— Não tem nada acontecendo – fala, de maneira calma e seca. — Eu só preciso ficar sozinho por um tempo. Dá pra entender isso ou do alto do seu egoísmo é impossível ter mais empatia pela dor do próximo?

— Você está mesmo me chamando de egoísta? – sinto vontade de chorar, mas não vou dar esse gostinho a ele. — Erick?

— Marina, eu... – dá um passo à frente, mas, como se alguma coisa estalasse na sua cabeça, ele estaca e não diz ou faz nada para consertar o que disse, pelo contrário, torna as coisas ainda piores.

— Por favor, me deixa sozinho. Eu não te quero aqui – afirma, sem conseguir olhar para o meu rosto.

— Por que você não olha para mim? – chego perto e seguro seu rosto com as duas mãos, o obrigando a me encarar. — Quero que diga isso olhando nos meus olhos. Fala, Erick.

Sem acreditar que ele teria coragem de fazer, Erick segura as minhas mãos, tira do seu rosto e repete, olhando bem dentro dos meus olhos, assim como eu pedi:

— Eu não te quero aqui, entendeu?

Nesse momento, as lágrimas que com muito custo tentei engolir escorrem sem freio, mas não foram só as lágrimas que decidiram ir embora aqui. A minha paciência também resolveu que era a hora de dizer adeus. Sem controle, e talvez sem maturidade, lhe ataco com os punhos fechados, dando socos ligeiros e certos por todas as partes que consigo alcançar do seu peito. Junto com as agressões e lágrimas, vem uma torrente de palavras que não podiam ser reprimidas.

Não dessa vez.

— Eu te odeio, Erick – digo, desesperada, ao mesmo tempo em que ele tenta conter meus braços e mãos, que nada querem além de lhe machucar tanto quanto suas palavras me magoaram. — Era isso que você queria, não era? – com a voz embargada, tento inutilmente soltar meus pulsos que ele tenta conter. — Então você conseguiu, senhor Erick Estevan. Parabéns! Fique aqui com o seu

silêncio e com a sua dor de cabeça – mais uma vez, tento me afastar do seu toque e mais uma vez eu não só não consigo como também sou surpreendida por um inesperado abraço.

Muito magoada, meus braços permanecem pendurados, ao passo que ele me aperta tanto que tenho a sensação que a qualquer momento meus ossos irão ser quebrados.

— Me solta, Erick – subo os braços para empurrar seu peito e tirar sua cabeça da curva do meu pescoço. — Quem não quer mais ouvir sou eu.

Derrotado, e como quem se dá conta de que acabou de fazer uma coisa muito errada, Erick caminha para longe, e quando acha que já nos impôs distância o suficiente, ele vira-se de costas, dizendo:

— Perdão, eu realmente não sou uma boa companhia. Talvez seja melhor assim – ele fala, com dificuldade. — Se ficar aqui, eu posso falar coisas que você não gostaria de ouvir e que talvez mais tarde eu mesmo me arrependa de tê-las dito.

— Acho difícil você me dizer coisas mais cruéis do que já me disse – resoluta, termino de secar meu rosto, e como se esse gesto me deixasse mais forte, levanto o rosto, mesmo sabendo que ele não pode ver, e digo: — Eu tentei, Erick. Eu juro que tentei, mas pelo visto, foi você quem desistiu.

De cabeça erguida, levo-me até a porta e, ao fechá-la do lado de fora, não penso duas vezes antes de sair correndo pelo comprido corredor, só parando para respirar quando me vejo em frente ao meu antigo quarto.

Assim como Erick fez, só que por motivos completamente diferentes, eu não consegui entrar no nosso quarto e ver a cama em que por tantos meses dormimos e também fizemos amor. Fazer isso seria como me impor uma tortura que eu não suportaria vivenciar, não hoje e talvez nunca mais.

Na intimidade do meu quarto, passo a chave na porta, para depois me jogar em cima da cama. Tendo o travesseiro como meu principal ouvinte, solto o grito de desespero que há tanto precisava soltar. Depois do grito de desabafo, ele agora recebe a umidade de todas as lágrimas que tentei não derramar na frente do babaca.

— Ai, papai, por que o senhor se foi e me deixou sozinha? – agora choro não só por Erick, mas pela saudade que parece aumentar a cada dia. — Lembra do que o senhor prometeu? – pego sua foto de cima da minha cabeceira e acaricio o seu rosto. — Lembra quando disse que seríamos eu e você contra o mundo? Então, agora sou só eu contra o mundo, papai – abraço sua foto como se seus braços estivessem me acalentando. Como sempre fez, até o dia do seu último suspiro.

Num mundo em que uma mãe abandona a própria filha quando esta ainda

é praticante um bebê, ter um pai que ao invés de chorar as mágoas não faz nada além de dar amor para essa criança, é um privilégio para poucos. Na fase do colégio, onde as crianças podem ser cruéis quando assim o querem, seu João não me permitiu passar por isso, fosse qual fosse a data comemorativa, ele sempre estava lá, na primeira fila, batendo palmas e tendo orgulho de mim.

— O Erick quer me abandonar, assim como a minha mãe me abandonou, e assim como o senhor me deixou – soluço, ainda abraçada ao porta-retratos. — Eu não sei, pai, eu não sei o que fazer para evitar isso. Como eu poderia se nem ao menos sei onde errei?

Deitando-me de bruços, um filme dos últimos meses começa a passar pela minha cabeça. Com um sorriso no rosto, lembro-me do dia em que, revoltada, recebi a notícia que de papai tinha incumbido Erick de ser meu tutor, do dia em que ele se declarou, do dia em que fizemos sexo pela primeira vez e, mais recente – com meu rosto não mais ostentado o sorriso triste de antes – lembro-me de suas declarações ao me dar o deslumbrante anel de compromisso, ocasião em que vivemos nossas últimas horas felizes.

Desde então, há cinco dias, para ser mais específica, esses momentos felizes que aquecem o coração e não só o corpo, se tornaram apenas lembranças. Talvez apenas memórias felizes que no futuro servirão de consolo, que me remeterão à uma época em que eu, de maneira ingênua, nutria a ilusão de ter encontrado o meu final feliz.

Depois de secar todas as lágrimas e deixar que todos os pensamentos bons e ruins se vão, ajeito-me melhor sobre a cama e ainda com a foto do papai na mão, caio em um sono tranquilo e sereno, onde sonho o mundo ideal, um mundo em que papai não me deixou tão cedo e onde Erick, o único amor que conheci, não esteja na iminência de me deixar.

Saída

Erick

— O Erick quer me abandonar, assim como a minha mãe me abandonou, e assim como o senhor me deixou. Eu não sei, pai, eu não sei o que fazer para evitar isso. Como eu poderia se nem ao menos sei onde errei?

Do lado de fora, lutando para não entrar e acabar com tudo, ouço a última e dolorosa parte do seu desabafo.

Ouvi-la dizer que está sozinha, e que não sabe onde foi que errou para que eu esteja agindo dessa forma, traz uma dolorosa sensação, como se mil agulhas estivessem espetando o meu coração.

Como conviver com o fato de que, para protegê-la, estarei destruindo não só o nosso amor, como também o seu psicológico? Como ela mesma disse, Marina já sofreu perdas demais com tão pouca idade, eu só não quero ser mais um na lista. Sei que jamais serei mais um na lista. Ela só não sabe disso, mas precisa saber.

Se Marina não é capaz de viver bem com a separação, tão pouco eu sou.

A cena que fiz no quarto foi de uma crueldade sem tamanho. Ter que rechaçá-la quando provavelmente só chegou a esse ponto de vir me confrontar porque já não aguentava mais a minha indiferença, me doeu mais do que as palavras podem expressar. Ao mesmo tempo que mandava ela embora, minha vontade era de pedi-la para que ficasse, que me perdoasse por ter falado tantas mentiras e que me deixasse amá-la até que entendesse que nada no mundo me é mais precioso do que ela. Que numa realidade em que os problemas não estejam batendo à nossa porta, eu jamais lhe viraria as costas.

Preocupado por perceber que os soluços pararam e tudo está em silêncio, decido – sem pensar nas consequências – entrar e falar com ela. Que se dane tudo, eu não vou deixar minha mulher dormir longe de mim e ainda pensando as piores coisas. Não importa que tenha sido eu a fazer isso.

Decidido, giro o trinco e logo me deparo com a porta trancada.

— Inferno! – xingo pela frustração de ter meus planos refreados por uma maldita porta trancada.

E se aconteceu alguma coisa com minha pequena? E se ela tiver passado mal dentro do banheiro?

Esses são os pensamentos trágicos que rodam minha cabeça enquanto desço apressadamente as escadas, indo atrás da chave reserva. A minha sorte é que todos os quartos possuem essas chaves, elas existem justamente para

ocasiões como essa, em que uma porta trancada não é uma opção a ser aceita.

— Seu José, o senhor sabe onde posso encontrar a chave reserva do quarto da Marina? – indago ao caseiro da mansão, depois de bater na porta de sua casa.

Essa é uma informação que eu deveria saber e estranhamente não sei. Quer dizer, não tão estranho assim, nunca imaginei que precisaria utilizar-me dessa informação e, como o homem prático que julgo ser, só vou atrás de assuntos que num futuro próximo serão de alguma serventia.

— Está no quadro de metal que fica na pilastra central da cozinha – diz, com um incontido olhar julgador. — E, perdão por falar, senhor, mas é lá que ela tem estado a vida toda – ele tem razão, devo ter passado por ela uma centena de vezes, sem nunca ter percebido.

Parece que alguém aqui precisa prestar mais atenção no mundo a sua volta.

— Boa noite, seu José, e desculpa o incômodo – digo, e saio apressado.

Quando chego ao bendito quadro de metal, pego a chave que pela numeração suponho ser a do antigo quarto da pequena.

De dois em dois degraus, subo as escadas e, ao parar novamente em frente à porta, o medo começa a me consumir.

Não sei o que vou encontrar, e muito menos o que falar. Só espero que esteja tudo bem.

Eu jamais vou me perdoar se de alguma forma minhas palavras e ações de hoje e dos últimos dias resultarem em um dano mais severo para a Marina.

— Vamos lá, Erick, você tem que consertar a merda que fez – digo, em voz alta.

Eu achei mesmo que conseguiria colocar esse plano em prática? Como seria possível se poucos minutos depois estou voltando atrás?

Quando a porta finalmente se abre, a cena à minha frente faz minha garganta se fechar quase ao ponto de não conseguir respirar. Deitada de maneira atravessada na cama, meu amor dorme agarrada a um porta-retratos, que cuidadosamente tiro de suas mãos.

Ao aproximar a foto para perto dos meus olhos, vejo que se trata de uma foto dela, feliz, enquanto andava de bicicleta com o auxílio do seu pai. Como dizer para ela, que tem tanta devoção por João, que ele não era esse homem perfeito que ela imagina?

Por outro lado, as revelações feitas por Patrícia, que me fizeram abrir os olhos para várias coisas em relação ao meu melhor amigo, não mudaram em nada a certeza que eu tinha do seu amor e devoção pela filha. Se ele foi fraco e tantas outras coisas, isso em nada atingiu a relação dos dois. É nisso que eu

continuo acreditando, e espero que Marina pense da mesma forma quando descobrir a verdade, principalmente no que diz respeito ao motivo de sua mãe ter lhe deixado.

— Meu amor – aproveito-me do seu sono para fazer o que por tantos dias não faço. Carinhosamente, tiro as mechas de cabelo que cobrem o seu rosto e passo delicadamente o dedo indicador na sua bochecha corada pelas lágrimas. — Me perdoa – sento na cama, abaixo o tronco na altura do seu rosto e sussurro perto do seu ouvido: — Era tudo mentira, tudo o que se passou nos últimos dias foi uma grande mentira – beijo primeiramente sua bochecha e depois do canto da sua boca. — Eu te amo. Tá me ouvindo? Eu te amo, Marina.

— Erick – ela se mexe, incomodada, sem abrir os olhos. — Eu te amo, não faça isso, por favor – afasto-me, assustado, ao passo que, debatendo-se com mais vigor, ela continua a falar, só que agora entre lágrimas. — Não, papai, o senhor prometeu... volta, prometo ser uma boa menina – no pesadelo, ela mistura todos os seus temores. — Você também, Ângela – em agonia, balança a cabeça de um lado para o outro. — Cadê todos vocês – a voz dela vai morrendo, sobrando apenas o choro desesperado.

Quando não suporto mais, saio do torpor que meu corpo e mente haviam entrado por presenciar o estrago que os meus atos e palavras foram capazes de fazer na sua cabeça. A cena de mais cedo foi apenas a gota d'água. Quantos dias ela não deve estar guardando isso para si, se sentindo rejeitada? E para piorar, eu ainda fui burro de não saber controlar meus medos e sentimentos e mesmo em meio à crise, não deixei de transar com ela, pelo contrário, sexo foi o que mais fizemos até agora.

Minha mulher, além de tudo, deve estar achando que eu só queria usá-la para o sexo, para satisfazer a minha lasciva.

Eu achei que conseguiria, mas não vou. Não posso fazer isso com meu amor. Tem que ter outra saída. Vou até o inferno se for preciso, mas a minha Marina eu não vou deixar, jamais!

— Ei, acorda, meu amor – lhe sacudo delicadamente pelo ombro. — Já passou, foi apenas um pesadelo. Tá vendo? – depois de uns segundos, Marina vai se acalmando, as palavras cessam, restando apenas os soluços. Pouco a pouco, ela vai voltando a consciência e, confusa, ainda consegue dizer:

— Erick... – fala, de maneira quase inaudível. — O que você está... — tenta se sentar, mas eu impeço ao apoiar os braços um de cada lado do seu corpo.

— Calma, linda – ainda sonolenta, ela me olha, confusa, e desiste de fazer perguntas. — Você estava no meio de um pesadelo, agora vai ficar tudo bem – como quem acredita no que eu digo, ela apenas balança a cabeça.

A fé que Marina deposita e sempre depositou em mim jamais deixará de

me surpreender e alegrar. É por isso que não posso desistir, não sem antes lutar.

— Que horas são? Mais cedo você disse que... — se interrompe, não querendo repetir o que ouviu.

— Amanhã nós conversaremos, tudo bem? — bastante desnorteada, ela concorda com movimentos de cabeça. — Agora volte a dormir, eu sei que você quer e precisa disso — o dia de hoje não deve ter sido fácil para ela.

Sem nada mais a dizer, minha namorada permanece com os olhos vidrados em meu rosto, que está bem próximo ao seu. Ela age como se o calor da minha respiração fosse o remédio que necessita para ficar tranquila e assim permanece até que caia em um sono, que dessa vez parece ser mais tranquilo.

Com cuidado, tiro as sapatilhas pretas que ainda calçam os seus pés, tiro suas calças jeans desfiadas, e por fim abro o fecho frontal do seu sutiã rosa, deixando-a confortável e vestindo apenas regata branca e uma calcinha rosa.

— Chega disso! — pego-a delicadamente nos meus braços e me dirijo para a porta. — Vamos para o nosso quarto — falo no seu ouvido.

Ao chegar, lhe deito do lado da cama que ela dorme todas as noites. Depois de cobri-la com a coberta, rumo para o banheiro; tomo um banho, faço a minha higiene básica e volto para perto dela.

Deitando com cuidado para não acordá-la, trago o seu corpo para junto do meu e, abraçando sua fina cintura numa bem encaixada conchinha, deixo os problemas e preocupações irem para o fundo da minha mente.

Quando o sono vem, a única certeza que tenho é a de que não tem Patrícia com suas chantagens e ameaças que me façam abrir mão do meu amor, a relação que construímos não será desfeita assim, tão facilmente.

Eu vou encontrar um jeito de neutralizar as ameaças dessa mulher. Ela vai deixar Marina viver em paz, eu mesmo irei garantir isso, nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

Sobre o término do prazo que está prestes a findar, talvez eu tenha encontrado uma saída.

Água fria

Marina

De manhã cedo, acordo com a claridade vinda da janela, que teve as cortinas arregaçadas. Ao prestar mais atenção, me dou conta de que não estou no mesmo quarto em que fui dormir ontem à noite, ao invés disso, estou no quarto em que há meses venho dividindo com Erick.

Erick... Será que foi ele quem me trouxe?

Aos poucos, as lembranças da noite anterior invadem minha mente e a ferida aberta de dias volta a sangrar. Todo o distanciamento de Erick foi fichinha perto da forma que me tratou ontem naquele quarto de hóspede. Ele me mandava embora, sem se importar com os meus sentimentos. O cara que disse isso nem de longe lembra o homem gentil e apaixonado que sempre demonstrou ser.

O estranho é que entre o Erick do quarto de hóspedes e o fato de eu estar de volta ao nosso quarto, existe um lapso perturbador. Na minha cabeça, os acontecimentos se misturam, e não tenho capacidade de discernir a realidade do sonho.

Sei que depois de ter caído no sono, exausta de tanto chorar, comecei a ter um pesadelo que envolvia todas as pessoas que amo. Nele, todas me abandonaram e eu me via caminhando sem rumo, chorando e sem ter para onde ir, eu gritava por eles e ninguém me ouvia, até que apareceu Erick no meu caminho e eu finalmente voltei a respirar. No sonho, que já não era mais um pesadelo, ele me fazia carinho e dizia que tudo ia ficar bem, que era apenas um pesadelo. Eu devo ter acreditado porque depois disso, senti meu coração voltar a bater feliz e o medo de ficar sozinha ir embora.

Será que foi tudo fruto de um sonho ou aconteceu de verdade? E se não foi um sonho, por que Erick faria uma coisa dessas, logo depois de ter me escorraçado para longe dele?

Como se ouvisse os meus pensamentos, o homem que já não sei definir qual a sua posição na minha vida, entra no quarto, sorridente e com uma bandeja contendo pelo que suponho ser o meu café de manhã. Ele se aproxima, senta próximo a mim e eu, imaginando que é o que se espera, também me sento, só que encostada na cabeceira da cama.

— Bom dia – cumprimenta, com tranquilidade.

Esse homem só pode ter algum probleminha na cabeça. Cadê o macho escroto do quarto de hóspedes e de toda a semana que se passou?

Morreu ou foi substituído?

Aproveitando que ele está ocupado em colocar a bandeja de madeira em cima das minhas pernas, aproveito para passar rapidamente as mãos pelo cabelo, limpar as remelas dos olhos e a baba que pode ter escorrido enquanto eu dormia. Quanto a cara inchada pelo sono e mais ainda pelo choro, não posso fazer nada a respeito.

Talvez seja até bom que ele me veja dessa forma, quem sabe assim aprenda como se deve tratar uma mulher. Isso se ele estiver arrependido de alguma coisa.

— Bom dia – olho pela primeira vez para a bandeja de comida e vejo que ele teve o cuidado de colocar um copo de suco de laranja natural, um pedaço generoso do meu bolo preferido e também pedaços de manga e mamão.

Apesar de toda a comida, o que me chama mais atenção é o jarrinho com dois girassóis dentro. Depois que termino de analisar tudo, levanto o olhar e o encontro me avaliando cheio de expectativas, talvez esperando para ver se eu gostei do seu gesto.

Será que Erick pensa que um simples café da manhã – que eu amei, diga-se de passagem – vai apagar e me fazer esquecer tudo o que houve entre nós na última semana?

Calma lá, Marina, o cara ainda nem abriu a boca. Talvez ele só esteja se sentindo culpado e por isso teve esse gesto.

— Espero que goste, tentei colocar aí tudo o que você gosta de comer – afirma, parecendo sem jeito.

— Acho que precisamos conversar, Erick – de novo, não aguento a expectativa e lanço a famosa e temida frase, que muitas das vezes significa o término de uma relação.

— Sim, nós precisamos – esse Erick de algum modo me lembra mais o meu namorado do que o estranho de ontem. — Mas primeiro eu quero que você tome o seu café da manhã. Depois conversaremos, tudo bem?

— Não vai para o escritório? – pelo sol que adentra pela janela, suponho que já era pra ele ter ido para o escritório. Eu, por mais que goste de trabalhar no estúdio, fiquei feliz quando Lua me disse que se não quisesse não precisaria ir hoje, já que as coisas estão mais tranquilas por lá.

— Talvez na parte da tarde, tenho alguns assuntos para resolver por aqui – o modo que ele fala deixa claro que a nossa relação é um desses assuntos a serem resolvidos.

Enquanto tomo café igual a uma condenada que está há dias sem ver um prato de comida, Erick continua sentado na minha frente – vestindo nada mais que sua calça moletom, que o deixa mais sexy do que minha saúde aguenta – olhando sem parar para minha boca, que não para de mastigar. Como de tudo um

pouco, porque se tem uma coisa que não vai embora nem nos momentos de maior crise, é meu apetite. O mundo pode estar prestes a desabar, mas sem comer eu não fico.

Se não estou acima do peso, tenho que agradecer aos bons genes dos meus pais e também à academia que passei a visitar com mais frequência, não por ter uma maior preocupação com o corpo ou algo do tipo. O fenômeno tem mais a ver com a descoberta do quanto meu namorado fica sexy quando está pingando suor, trajando somente o seu short revelador que é usado especialmente para malhar. A minha sorte e da minha saúde, é que temos academia em casa. Não sei se saberia lidar com toda a sua gostosura sendo exposta para outros olhos famintos além dos meus.

A melhor parte de acompanhar o tour da malhação é quando ele, já eriçado com a minha aberta admiração, me chama para cima de um dos aparelhos qualquer e lá mesmo mata a minha frustração. Se eu for parar para pensar, não sei se ainda tem algum aparelho ali que não tenha sido batizado por nós. Ainda bem que somos só eu e ele a utilizar essa academia.

Céus! Se controla, Marina, o cara pode estar prestes a te dar um pé na bunda e você está delirando com as proezas sexuais dele?

Por outro lado, é melhor pensar em sexo do que começar a fantasiar o teor da conversa que ele pretende ter comigo. Talvez eu até já saiba, então não há nada demais em pensar nos nossos bons momentos, afinal, esse provavelmente será o meu futuro próximo.

Ainda em silêncio e sem mover um músculo, nem mesmo do rosto, ele continua a acompanhar os movimentos da minha boca. A dúvida aqui é se ele está sentindo vergonha alheia pela minha voracidade ou se é outra coisa. A julgar pela almofada que ele acabou de pegar e colocar em cima do colo, tudo leva a crer que esteja ficando...

Não, esse homem não ficaria excitado apenas por me ver comendo, ou será que ficaria?

— Terminei — a fim de acabar com a expectativa que me corrói a alma, fico de joelhos em cima do colchão, aproximo-me do criado mudo, afasto os diversos objetos que estão espalhados e em cima coloco a bandeja praticamente vazia.

No momento em que vou voltar para o meu lugar, noto que estou apenas de regata e calcinha, meu rosto arde na hora e eu só consigo olhar para Erick, que no momento fita o mesmo lugar que eu. Envergonhada, subo a coberta até a cintura e pergunto:

— Foi você quem... — como uma boba, fico sem jeito de continuar a frase. Não é como se ele já não tivesse feito isso antes. Depois de meses

morando juntos, meio que não existe mais espaço para pudores entre nós. Assim como eu o conheço, ele conhece o meu corpo como a palma da sua mão. Menos, é claro, o terreno proibido, mais conhecido como a minha bunda, que ele sonha em conquistar. Para deixá-lo ainda mais ansioso, eu sempre frustro suas intenções ao dizer que minha bunda ele vai ter que fazer por merecer, que não vai ser tão fácil quanto a boceta.

Em resposta, Erick apenas dá um sorriso de canto, como quem soubesse estar no controle. E ele está mesmo, pois tenho a plena convicção de que ele sabe exatamente como me fazer ceder, só não o fazendo porque prefere me ver pedindo com todas as letras. Eu até tenho vontade de fazer sexo anal e fico excitada quando o sinto me tocando lá, mas, e o medo de ter a coisa gigante que ele carrega no meio das pernas tentando entrar em um buraco tão apertado?

— Foi. Quando vi dormindo de jeans, imaginei que poderia estar desconfortável e decidi tirá-la. Fiz mal?

— Não, você sabe que não – digo. Entre nós, não é novidade que se tiver alguma coisa me incomodando, meu sono não é tão tranquilo.

Para nossa sorte, ele não tem o hábito de se mexer durante o sono.

— Podemos conversar agora? – insisto novamente, mas o frio na minha espinha ameaça se transformar em uma dor de barriga.

Mas é melhor que seja agora do que ficar adiando o inevitável, de qualquer forma essa conversa tem que acontecer.

— Claro – confirma, agora mais sério. É como se ele não soubesse a melhor maneira de abordar o assunto.

Ai, meu Deus, isso não é um bom sinal.

— Em primeiro lugar, eu preciso que você me desculpe pelo que fiz ontem e por todos os outros dias. Eu sei que te deixei de lado, Marina – o começo já não é muito animador. — Me perdoa?

— Claro – digo da boca para fora, o perdão dependerá de suas próximas palavras, porque suas atitudes têm de ter um motivo. — Eu só preciso entender.

— Tudo bem, princesa, mais tarde você vai entender as minhas razões – diz, e depois do "princesa", deletei o resto das palavras.

Seja lá o que estiver acontecendo, sim, está mais que claro que tem alguma coisa acontecendo, o tratamento carinhoso já aumenta as minhas boas expectativas.

— Antes de mais nada, você tem que saber que eu...

— Que você?

— Preciso terminar com você.

É neste momento que vem o balde de água fria, a decepção e a frase que eu mais temia ouvir da sua boca.

O que por dias ele veio adiantando, finalmente foi concretizado.

Pazes

Erick

Ao revelar o que por quase uma semana escondi, de imediato sua disposição em aceitar me ouvir se esvai como uma gota de água no deserto.

Ao decidir mimá-la com um café na manhã na cama e com as coisas que eu sei que ela gosta, não imaginei que seria tão burro com a tamanha falta de sutileza com que eu dei a notícia.

Quando acordou e se viu de volta ao nosso quarto, Marina, com o seu coração bom de sempre, não fez o que muita gente faria, e se fizesse, eu saberia que fiz por merecer. Ao invés de me expulsar – assim como eu fiz – em todo esse tempo, minha menina pareceu querer me escutar. Esteve disposta a dar a chance que eu não mereço e essa falta de tato serviu apenas para reafirmar o quanto sou idiota.

Vamos lá, rapaz. Se acalme, você está nervoso e falando bobagem, quer mesmo perder a sua mulher?

— Você precisa ou você quer terminar comigo? – como a menina forte que sempre foi, ou ao menos luta para ser, Marina logo troca a expressão de decepção pela de resignação. É como se tivesse desistido de nós, de tentar me entender.

De tudo.

— Eu não quero e não vou me separar de você – digo, ao mesmo tempo em que chego perto do seu corpo e seguro seu rosto, para que me olhe dentro dos olhos. — É mais fácil o inferno congelar do que existir Erick sem Marina.

Emocionada e ainda confusa, ela tira minhas mãos do seu rosto, abaixa até que estejam em cima do seu colo e, ainda me fitando nos olhos, indaga:

— O que está acontecendo, Erick? – pergunta, e analisa todo o meu rosto, quem sabe em busca da verdade. — Esses dias você não parecia o mesmo...

— Perdão, meu amor – sem conseguir me conter, mesmo em meio a uma conversa tão séria, aproximo nossos corpos ainda mais. Tendo ela quase sentada em cima de mim, beijo carinhosamente cada canto do seu rosto e por último deixo a boca. Ao abocanhar seus lábios carnudos, faço o que há muito tempo venho me abstendo de fazer, não que eu não tenha lhe beijado desde que essa crise começou, eu beijei, só não era a mesma coisa.

Como aproveitar o doce e inebriante sabor da sua mulher quando se tem uma bomba relógio prestes a explodir bem na sua cara?

Dessa vez não, agora eu a beijo e me deixo ser beijado com todo o amor e devoção que tenho por ela. Com a língua, varro todos os cantos da sua boca e de maneira erótica e com a experiência que com muito orgulho proporcionei, minha deliciosa namorada me presenteia com movimentos sensuais de me oferecer e depois esconder a sua própria língua. No percurso, ela me dá pequenas e excitantes mordidas e eu, como um homem sedento por sua mulher, tenho que me segurar para não mandar a conversa e todo o resto para a puta que pariu.

Tudo o que eu quero agora é fazer amor com minha garota e a julgar pela voracidade do nosso beijo, que mais parece uma simulação de sexo, ela também quer isso na mesma medida que eu.

Fraco como tudo o que diz respeito a Marina, não tenho forças para interromper seja lá o que estamos fazendo com as nossas bocas. Só depois de um tempo, quando a falta de ar já não nós permite continuar, é que, sem fôlego, terminamos o delicioso, faminto e erótico beijo.

— Perdão – desnorteado, não consigo tirar os olhos da sua boca úmida, vermelha e até um pouco inchada do nosso beijo duro. Aliás, duro é uma palavra que eu não deveria pensar, porque pensar nela me levaria a pensar em outra parte da minha anatomia, e se ainda não posso fazer nada a respeito, o melhor é manter meus pensamentos longe. — Quer dizer, isso eu já disse – por que de repente eu me sinto como um moleque que não sabe se comportar na frente da namoradinha? — Agora só falta todo o resto.

— Foco, Erick, pelo jeito que você anda agindo, nem imagino o quanto tem sido duro para você.

Puta que pariu! Essa palavra não!

Sem poder fugir, termino por responder:

— Muito duro, duro demais – afirmo, e ela olha para o meu moletom que não deixa de entregar o tamanho da dureza.

— Se precisar, você sabe que pode contar comigo, não é, meu amor? – oferece, e já nem sei o que me surpreende mais: se é ela ter me chamado de amor ou se é o rumo que essa conversa tomou.

Quando foi que o desejo de explanar as ameaças da Patrícia se tornou preliminares para o sexo, isso quando nós nem fizemos as pazes ainda? Quer dizer, ela fazer as pazes, já que para mim que sei de tudo, nós nunca estivemos realmente brigados.

Apenas fui idiota ao ponto de pensar que conseguiria ir até o fim. Tenho convicção de que é um plano arriscado, mas eu vou proteger a princesa e garantir que Patrícia nunca chegue perto dela. O que não posso é deixar que continue pensando mal de mim e nem que duvide do meu amor por ela. Com

isso eu não conseguiria conviver.

— Amor, como pode querer transar num momento como esse? Não tem curiosidade? – indago, mesmo estando tão ou mais a fim que ela.

Sei que não é uma coisa da qual possa me orgulhar, mas nosso desejo pelo outro é tão grande, que mesmo estando mal a ponto de enlouquecer com o iminente fim da nossa relação, eu não consegui me manter longe. Mesmo tendo noção do mal que poderia estar causando, meu corpo sempre arrumava um jeito de trazer de volta a proximidade que meus atos foram capazes de eliminar.

— Tenho, sim, mas só o fato de te ouvir me chamar novamente de amor, me faz ter a esperança de que seja o que for esse assunto, nós vamos ficar bem. Nós vamos ficar, não é? – fala, querendo ter uma dose de segurança.

— Ainda não sei ao certo, princesa, no que depender de mim, tudo vai ficar bem. Do jeito que era antes.

— Eu acredito – afirma, ao levar os olhos novamente para o meu colo.

Eu não a julgo pela falta de concentração no assunto, até porque seria difícil ignorar o fato do meu maldito moletom marcar a minha ereção em toda a sua glória. Assim como me é impossível ignorar o fato de saber que por baixo das cobertas ela não usa nada mais do que uma pequena calcinha rosa, que faz par com o sutiã tirado por mim ontem à noite.

— Só acho que poderíamos cuidar de assuntos mais urgentes primeiro – ela fala, com malícia.

Nem nos meus melhores sonhos eu imaginei Marina assim, tão boca suja, receptiva e do tipo que não tem medo de pedir pelo que quer. Ela não tem o menor pudor de me procurar ou de se insinuar quando sente vontade de transar. Cheio de tesão pela atitude, faço tudo e mais um pouco das suas vontades. Devo confessar que um dos locais mais incríveis onde fazemos sexo é na nossa academia.

Não sei se posso atribuir ao ambiente ou o fato de ela ficar uma delícia com seus shortinhos de malha e tops que deixam a barriguinha de fora, só posso afirmar que se os aparelhos e chão falassem, com certeza seriam história para maiores de dezoito anos.

— Você é uma safada, sabia? – desço cuidadosamente seu corpo para a cama, tendo-a deitada novamente. – Muito safada. A minha gostosa – tiro a coberta que antes encobria meus olhos da visão do paraíso.

— Meu Erick... – Marina ofega ao me ver deitar em cima do seu corpo, enrolar a regata até perto do seu colo, deixando assim, os deliciosos peitos livres para meus olhos e boca.

— Como você quer, minha linda? – fecho os lábios em torno do seu mamilo duro e lá, sem deixar de olhar em seu rosto, brinco com seu montículo,

fazendo movimentos de vai e vem com a língua. — Um amor gostosinho ou uma trepada nível hard? — passo para o outro seio, fazendo o mesmo que fiz no anterior.

— Quero do jeito que fez todos esses dias, não quero que volte a ficar cheio de dedos. Prefiro o verdadeiro Erick, macho que come a sua fêmea com voracidade — revela toda a sua devassidão ao mesmo tempo em que enlaça as pernas na minha cintura.

Sem protestar — até porque não seria louco de fazer uma coisa dessas — deixo que o meu quadril se encaixe entre as suas pernas e permito que meu pau se acomode bem em cima do seu sexo. Era desse tipo de contato que eu sentia falta.

De ter não só nossos corpos conectados, mas também mente e coração. Para mim, não importa o nome que se dá; se é trepar ou fazer amor, quando estamos bem um com o outro, o fim será sempre o mesmo: dois corpos em uma crua demonstração de amor, onde corpos se reconhecem, mentes e corações se conectam. São os nossos momentos; Erick e Marina, ligados como tem que ser.

Sentindo através da sua calcinha a quentura que ameaça me consumir, início uma deliciosa fricção. São movimentos cadenciados de sobe e desce que nos servem como preliminares, uma vez que o faço somente para aumentar ainda mais o nosso tesão.

— Pronta para fazer as pazes? — de olhos fechados, Marina apenas murmura sons de súplica.

Adiando por alguns minutos ou até horas a conversa que precisamos ter, deixamos que nossos corpos escolham o que virá primeiro na lista de prioridades.

Por fim, acho que foi uma decisão acertada. Antes de palavras e promessas, precisamos primeiro nos certificar que nosso elo não foi perdido, que nossos corpos ainda são capazes de reconhecer os sentimentos que vão além de qualquer compreensão. Não o tipo de sexo que estávamos fazendo, e sim o amor transmitido através de movimentos, sons inteligíveis e palavras que não precisam ser ditas. A conexão que através do olhar iremos buscar.

Esse será o nosso primeiro passo, não sei se o mais acertado, mas com certeza o que precisamos.

Descoberta

Erick

— Calma, meu amor – com a mão na sua boca e o suor escorrendo ao ponto de pingar na altura dos seus peitos vermelhos pelas minhas chupadas, continuo socando na sua bocetinha, que me recebe de maneira tão gulosa quanto o meu pau, que a penetra com reverência. — Você não quer que todo o condomínio saiba que estamos trepando, não é? – desgrudo os cabelos úmidos da sua testa suada.

— Não... – responde, sem fôlego, ao cavar o calcanhar ainda mais firme na minha bunda, querendo auxiliar os movimentos e nos deixar mais grudados. Minha ferinha gananciosa. — Se isso acontecer, eu mato você – ameaça, mesmo quando não está em condições de fazer nada. A mulher nem ao menos tem fôlego para falar frases inteiras sem que tenha que puxar uma longa lufada de ar.

Eu não estou diferente, com o corpo pingando suor, sinto como se tivesse acabado de correr uma maratona, mas nada que me impeça de comer a minha namorada cheia de disposição e com bons dezoito anos a menos que eu. A minha sorte é ser adepto da malhação, só assim para aguentar esse furacão deliciosamente sexy chamado Marina, mais conhecida como o amor da minha existência.

— Me matar por que, sua gostosa? – provoco, ao puxar os cabelos que ficam na parte de trás da sua nuca, enquanto com a outra mão levanto suas costas, fazendo com que se acomode sobre as minhas pernas. — Não sou eu quem está dando um espetáculo digno de um filme pornô – na verdade, estou, sim, só não sinto a mesma vergonha que ela. Que se danem as pessoas saberem que estou transando.

É minha mulher, porra!

Trocando a posição papai e mamãe para uma em que possa senti-la ainda mais profundo, enlaço suas pernas na minha cintura e sussurro no seu ouvido:

— Vem, minha gostosa, dê o seu melhor – toda descabelada e com a pele deslizante de suor, minha garota, que não foge de um desafio, inicia uma lenta e torturante cavalgada em cima do meu pau. Me provocando, Marina intercala os movimentos entre reboladas sensuais e um sobe e desce lento e cadenciado.

— Que foi, meu machão não aguenta uma menininha cheia de fôlego? – ela insiste em testar os meus limites.

— Você sabe que isso não é verdade, sua cadela – torturo o bico já sensível dos seus seios, que há algum tempo vêm sofrendo com minha boca

possessiva. — Não foi eu quem gozou três vezes e já tá quase lá novamente — para falar a verdade, eu só gozei uma, mas a vontade era de ter feito isso umas cinco vezes. Mas, como eu não quero deixar minha gata na mão, tenho me segurado até que ela esteja satisfeita, e depois eu mesmo vou cuidar para que meu alívio venha à altura.

Todas as vezes em que chegou ao ápice, eu logo tratei de acendê-la de novo e de novo, quero que ela sinta como somos bons juntos, para que nunca se arrependa de me amar, de me dar tudo o que já não tinha esperanças de encontrar.

— É, você tem seu ponto — acelera subitamente o entra e sai e me pede, louca de desejo, para que a faça gozar. Eu conheço o corpo da minha mulher e sei que está quase lá. — Eu quero que me faça gozar, meu homem, daquele jeito que só você sabe — ela nem precisa repetir para que tenha o seu desejo cumprido.

Sedento, tomo sua boca no beijo que de tão desejado envolve línguas e dentes se batendo na mesma medida. Mais abaixo, coloco as mãos na parte de fora das suas coxas, e sustentando o seu peso, controlo o entra e sai, o subir e o descer do seu delicioso e usado corpo. Com as estocadas violentas, sou obrigado a soltar sua boca para não machucá-la e, em contrapartida tenho seus deliciosos peitos pulando bem diante dos meus olhos.

— Era assim que queria, minha cadela safada? — com os dedos indicador e médio, manipulo seu clitóris inchado. — Então goza pra mim, vai, goza para o seu macho.

— Ahhh, puta merda — convulsiona nos meus braços ao atingir o seu buscado orgasmo. — Meus Deus! Que delícia — segurando-a firme pelas costas, espero que seu corpo se acalme, para só depois ir em busca da minha própria satisfação, além da que sinto por satisfazer minha gatinha deliciosa.

Com estocadas calculadas e profundas, não resisto quando Marina crava os dentes no meu pescoço, sendo esse gesto o estopim para me fazer liberar dentro dela todo o tesão que por duas vezes tive que reprimir em favor do seu próprio alívio, e fazendo uma sujeira maior do que sou capaz de calcular, encho o seu sexo da minha porra.

Se isso parece possessivo eu não sei, mas para mim, nada é tão excitante de que fazer isso com ela. Tê-la cheia de mim, em todos os níveis possíveis.

Depois de algum tempo apenas abraçados e recuperando o nosso fôlego, levo uma Marina exausta para o banheiro e primeiro lhe dou um banho quente e relaxante, para depois colocá-la confortavelmente sobre a cama, vestindo nada mais que um roupão felpudo. Tão brega quanto o seu, tem também o meu, que visto assim que termino meu próprio banho.

Ao chegar perto, Marina me abre o seu já conhecido, porém não menos

encantador sorriso. E como eu senti falta dessa intimidade, da preguiça que curtimos juntos todas as vezes em que terminamos de fazer amor...

— Tudo bem, princesa? – sento na sua frente, que está com o corpo encostado de maneira confortável contra a cabeceira da cama, e trago suas pernas para o meu colo.

— Ótimo, querido – como dizer a ela que o trauma por esse nome voltou? Acho que precisarei de outra dose do seu convencimento.

Como nunca fomos o tipo de casal que faz amorzinho calmo em frente à uma lareira, nunca deixei de me certificar que não passei dos limites, mas agora, depois de perceber que ela tanto quanto eu curte um sexo mais duro, minha preocupação é ainda maior.

Essa descoberta certamente foi a única coisa boa que essa situação trouxe. Se antes nós éramos bons, hoje somos ótimos. Entre palavrões e tratamentos chulos, Marina e eu não temos mais limites na busca pelo prazer. As minhas costas rasgadas de um lado a outro e seu modo estranho de andar e bumbum marcado, são as provas da nossa falta de controle.

Se essa bobagem de alma gêmea existe, eu com toda certeza encontrei a minha.

— Que bom, meu amor – de maneira despreocupada, fico passando a mão do peito do seu pé esquerdo até a altura da panturrilha, um gesto de carinho que nada tem de sexual; é apenas uma maneira que encontrei para continuar lhe tocando. — Quer conversar agora?

— Acho que sim – titubeia, deixando claro que ainda teme pelo que tenho a falar.

Isso só me faz ter noção do tamanho do estrago que estive prestes a fazer.

— Tem alguma coisa que você queira me perguntar? – antes de soltar a bomba no seu colo, dou-lhe a oportunidade de revelar o que se passa por sua cabeça.

— Tenho – afirma, ainda que pareça incerta sobre o que tem a dizer.

— Pode perguntar, meu anjo, fala comigo – peço, pensando na ironia disso tudo. Logo eu pedindo isso, depois de ter lhe virado as costas por quase uma semana.

— Você ainda me ama? – olhando em meus olhos, Marina faz a pergunta que eu não estava esperando, mesmo que talvez mereça esse tipo de dúvida vindo dela.

— Se eu te amo? – ela confirma com a cabeça. — Mais que a própria vida, meu amor. Por você eu seria capaz de tudo, eu mato e morro – exemplifico para que a faça entender a dimensão do que estou afirmando.

Ao me ouvir, uma única e solitária lágrima escorre pelo canto do seu olho

direito, e ela logo trata de enxugar.

— Nada do que se passou aqui durante essa semana tem a ver com o que sinto por você, Marina, nada foi real.

Eu e ela nos encaramos sem conseguir desviar os olhares, e espero estar transmitindo todos os sinais certos, que tudo o que eu diga aqui consiga levar o resquício da tristeza que carrega no rosto, desde o dia em que me tornei uma pessoa da qual não me orgulho.

Se tudo o que eu disse ontem foi premeditado, como o último golpe dado antes do fim, o meu afastamento dos outros dias não foi. Não me envergonho por confessar que não soube lidar com a situação, que se tivesse sido mais racional e pensado melhor, teria aberto toda a história para ela, esperando que juntos encontrássemos uma saída.

No alto da minha falta de controle, preferi me fechar e somente lhe procurar para usar seu corpo, assim como se faz com uma prostituta barata.

— Meu erro foi não ter sabido lidar com a situação, só não duvide do que eu sinto por você – volto a reafirmar o meu amor, temendo que, ao fazer a mesma pergunta, a sua resposta seja diferente da minha.

— E você, ainda deixou vivo pelo menos um pouco do amor que sentia por mim?

Nunca fui um homem de sentir insegurança, mas dessa vez ela me pegou de jeito. Que ela sente tesão por mim já está mais que claro. É só que isso não é o suficiente. Assim como eu não me entregaria pela metade, não acho que sou capaz de aceitá-la de outra forma que não seja por completo.

— Nada mudou, Erick. Tudo o que eu senti esses dias foi medo. Medo por pensar que você já não me amasse mais – outra lágrima escorre pelo canto do seu rosto, mas minha princesa logo a seca, fazendo força para que outras não caiam. Se tem uma coisa que ela não se permite é fraquejar.

Mesmo ainda sendo tão jovem e tendo esse direito, Marina não se permite demonstrar fraqueza, ainda que às vezes seja impossível de controlar. — Quando você me expulsou, eu só pensei...

— Não, linda. Deixa isso pra lá, já passou – chego perto e lhe abraço apertado. — Estou aqui e estarei até quando você quiser que eu fique – afasto-me, mas não sem antes deixar um beijo em cada um dos seus olhos.

— Erick, quem é a pessoa que está nos ameaçando? Você disse que precisa terminar comigo, só me diga o nome.

— Patrícia – seus ombros caem em desânimo, mas seu rosto está longe demonstrar a surpresa que eu achei que teria.

Plano

Marina

— Como, quando? – meu choque não é nem pela surpresa de ter o dedo dela metido nisso, já que a mulher deu provas o suficiente de ser uma víbora. O que me surpreende mesmo é ela ter ido não longe quando o máximo que imaginei foi a cena que fez em meu quarto, no dia da recepção. — Ela esteve aqui em casa?

— Sim, pequena, no dia do seu aniversário. Você lá fora, se divertindo, e eu no escritório, trabalhando. Quando ela entrou, eu achei que fosse você, mas foi só levantar os olhos para perceber que não era.

— Como ela conseguiu entrar aqui?

— Isso eu não sei, quando fui questionar o jardineiro que ficou aquela noite, ele disse que uma mulher de óculos escuros e cabelos pretos chegou dizendo que tinha vindo buscar a filha – isso é bem a cara dela.

— E o que ela disse? – indago, mesmo tendo medo de pensar na resposta.

— Ela fez ameaças veladas contra você, mas o principal foi exigir que eu termine com você – diz, e vejo seu semblante mudar ao proferir as palavras.

— Ela não pode fazer isso, foi o que, um tipo de chantagem?

É óbvio que foi uma chantagem, e das serias, Erick não é do tipo que aceita que lhe digam o que fazer.

— O que Patrícia sabe sobre você para que tenha cogitado ceder à chantagem, querido? – seu rosto faz uma leve careta por ouvir a palavra "querido". Parece que a vaca traumatizou meu amor mais uma vez, mas nada que eu não consiga reverter.

— Não é sobre mim, pequena. Ela sabe coisas a respeito do passado dos seus pais, que eu não queria que você ficasse sabendo – explica, e isso sim é uma surpresa.

— O que Patrícia tem a ver com o passado dos meus pais? Se ela sabe de alguma coisa, significa que esteve nele? – deduzo, e ele confirma com um movimento de cabeça.

— Ela é prima da sua mãe – fala, e eu percebo que ele continua não querendo falar o teor da chantagem. — Escuta, amor, você tem certeza de que quer saber de tudo? Infelizmente, não é uma história muito bonita.

Quando ele diz isso, eu me pergunto se realmente vale a pena ficar sabendo de algo que pode de alguma forma mudar a visão que tenho do meu querido pai, que ponha em cheque até mesmo o amor que ele demonstrava sentir

por mim. Quanto a Cristina, não acho que haja alguma coisa sobre ela que vá me surpreender tanto, afinal, o que se pode esperar de uma mulher que deixa uma filha ainda tão pequena, assim como ela fez comigo?

— Me fala, Erick, eu prefiro saber a verdade a ficar a vida toda no escuro, à mercê dessa mulher.

Não sei o quão grave são as revelações que ele tem a fazer ou o quanto elas vão me afetar, mas acho que estou tomando a decisão certa. Antes de tudo, preciso saber com quem estou lidando.

— Tudo bem, Marina, só preciso que saiba que estou aqui, do seu lado – segura a minha mão e eu apenas balanço a cabeça, pois, apesar da turbulência pela qual estamos passando, confio nele e no seu amor por mim.

Durante alguns minutos que eu não sei calcular quantos foram, Erick me conta, de maneira detalhada, toda a conversa que teve com Patrícia. Quer dizer, *conversar* não parece ser a palavra adequada, não quando pelo que ele me diz, ela preferiu impor sua presença em um constante tom de ameaça.

Quando ele termina, simplesmente não consigo me mexer ou dizer qualquer coisa. É bizarro e cruel demais para que eu reaja de outra forma. De tudo o que ele me revelou, eu não sei dizer qual foi a pior parte.

Meu pai, como ele teve coragem de trair a minha mãe e manter Patrícia por todos esses anos?

E nem é o pior, ele foi tão fraco, que não só acreditou na mentira da megera, como chantageou e deu dinheiro para que Cristina sumisse e me deixasse.

Será que uma traição da esposa é motivo suficiente para que justifique que um pai obrigue uma mãe a deixar a filha?

Por outro lado, talvez Cristina não me amasse tanto assim, não quando depois de tantos anos e também da morte do papai ela não teve a decência de me procurar para, quem sabe, me falar a sua versão da história. No fim das contas, nada mudou, minha mãe realmente me abandonou. O motivo? Acho que viverei bem sem saber qual foi. Não é muito agradável saber que fui trocada por algumas notas de papel.

Deus! Minha cabeça vai explodir.

Forte, Marina, você é forte. Não chora, eles não merecem suas lágrimas.

Fico repetindo a frase como um mantra.

— Ei, olha pra mim, minha linda. Você está bem? – toca meu rosto com as duas mãos, me fazendo focar no seu rosto, que transmite uma genuína preocupação. — Sabe que não tem mal nenhum em chorar, não é? – ele me traz para os seus braços e isso é o estopim para que eu libere toda a carga que venho carregando nesses últimos dias.

Com sua mão fazendo cafuné na parte de trás da minha cabeça, tenho meu rosto enterrado no seu peito, enquanto, silenciosamente, molho sua camisa com as lágrimas que por muitos dias não me permiti derramar, à exceção de ontem, que foi o pior dia desse período de turbulência.

Depois de um tempo, eu finalmente paro de chorar, restando apenas os soluços, que meu amor tenta aplacar com o seu carinho na cabeça e beijinhos no meu ombro. Quando levanto a cabeça do seu peito e olho para o seu rosto, percebo que ele também deixou que alguns dos seus sentimentos guardados viessem à tona.

Silenciosamente e bem menos que eu, toco o seu rosto e percebo que ele está úmido. Nos seus olhos, tenho a resposta sem que seja preciso fazer a pergunta. Ele chorou por mim. Por me amar, compartilha junto a dor do meu sofrimento.

— Sinto muito, meu amor, eu não queria – coloco a mão na sua boca, impedindo que diga a bobagem que está pensando.

— Você não tem culpa de nada – beijo cada um dos olhos azuis que eu tanto amo. — Foi eu quem quis saber, lembra?

— Por isso não queria falar, me dói te ver assim, tão triste e decepcionada – estende a mão, e como tantas outras vezes, sei o que ele quer.

— Estou tão confusa, Erick, acho que preciso de um tempo pra digerir tudo isso – aconchego-me em cima das suas pernas, me sentindo protegida apenas por ter seus braços em torno da minha cintura. — Sobre a Cristina, nada mudou. Ela ainda é a estranha que me abandonou.

— Ela foi levada a isso, Marina – defende.

— Se fosse só por isso, ela já teria me procurado – dou meu ponto. — Também não acho que devo ficar remoendo isso, se nem sei onde ela está ou se ainda tá viva – me dói pensar nessa última opção, afinal, é a minha mãe.

— Tem razão, se um dia achar conveniente e quiser saber como a filha está, ela nos procura – diz, com praticidade, ao mesmo tempo em que, distraidamente, brinca com a corda do meu roupão.

— O que dói mesmo é perceber que papai não era exatamente a pessoa que eu achei que fosse – mal termino de falar e Erick vem em defesa do amigo.

— Mari, sei que João não foi nenhum santo, que foi fraco por se deixar enganar por Patrícia, mas, por favor, não ponha em dúvida o amor que ele sentia. Seu pai tinha verdadeira adoração por você, Marina. Não havia nada que ele não fizesse pra te ver feliz. Sabe disso?

— Claro que sei – admito, dando o braço a torcer.

Apesar de todos os defeitos, papai foi o melhor pai que uma garota sem mãe poderia ter, diante dessa sujeira toda que foi a vida dos três, a única certeza

que tenho é a de que ele me amava. Do seu jeito torto, acredito que até o fato de ele ter dado dinheiro para a Cristina ir embora foi na intenção de me proteger.

Não digo que não ficou uma mágoa e até mesmo uma rachadura, mas eu sei que vou superar. Só preciso ir visitar o seu túmulo, como sempre fiz e relembrar tudo o que vivemos quando ele era tudo o que eu tinha.

— Você vai passar por cima disso tudo, meu amor, os erros deles não têm nada a ver com você. A Patrícia pode até tentar, mas ela não vai trazer esses erros para perto da gente.

— Só de te ter ao meu lado, me sinto capaz de enfrentar qualquer obstáculo que se ponha no meu caminho – declaro, dando um beijo em seu pescoço como agradecimento.

— Sinto o mesmo, minha pequena – ele diz, ao passar as mãos por minhas coxas, que ficaram mais expostas depois que sentei no seu colo. — Sobre o nosso namoro.

— Já tá tudo certo, não é mesmo? Se ela te ameaçava com isso, e você já me contou tudo, não tem mais por que ela te chatear – digo, como se fosse a coisa mais simples do mundo. E é mesmo, ou será que não é?

— Não é tão simples assim – responde, como se tivesse lido meus pensamentos. — Não podemos subestimar essa mulher, lembra? Além disso, ela não ameaçou só abrir a boca. Patrícia disse com todas as letras que é capaz de fazer muito pior.

— Só não entendi uma coisa: o que ela ganha com tudo isso? O que eu fiz pra ela?

— Patrícia achava que teria chance de me conquistar, antes de assumirmos nosso namoro. Agora ela só quer se vingar, nos mantendo separados – diz, mas eu não acredito que seja só por vingança seu desejo de me separar do Erick.

— Essa mulher é no mínimo louca. E agora, vamos ficar nas mãos dela, à mercê das suas vontades?

— No momento, temos que ser cautelosos, até que eu encontre uma maneira de neutralizá-la. E isso só será possível se fizermos o que ela quer.

— E fazer o que ela quer, significa...

— Que nós vamos seguir seus planos, vamos terminar o nosso namoro. Pelo menos é isso que Patrícia vai pensar.

Ele fala com uma assustadora tranquilidade e eu já não entendo mais nada.

Cena

Erick

Atento e observando tudo à minha volta, torço para que tudo saia como o esperado. Hoje, no último dia do prazo estabelecido pela louca, faço exatamente o que ela exigiu.

Em frente ao escritório, onde o fim do dia deixa a rua ainda mais movimentada de pessoas que apressadamente se dirigem para as suas casas, fico me perguntando onde Patrícia está escondida. Doente do jeito que é, ela certamente não iria deixar de ver com os próprios olhos a cena que eu fiz questão que fosse aqui, em frente ao meu local de trabalho, onde curiosos verão e ajudarão a espalhar a notícia.

Isso sim será um prato cheio para a mídia e línguas maliciosas. Não ficarão dúvidas da veracidade dos nossos atos.

Alguns minutos depois, uma Marina arrasada e com uma expressão assassina, vem como um furacão em minha direção. No ato, pessoas que até então andavam apressadas e descontraídas, param para observar com curiosidade a iminente briga de um casal. Para eles, não um casal qualquer, e sim Marina e Erick, o casal que de repente passou a ser interessante para a mídia.

— Erick, me escuta – ela segura as lapelas do meu terno, como quem tenta me impedir de lhe virar as costas.

— O que você está fazendo aqui, Marina? – seguro suas mãos, afastando-as para longe do meu corpo. — Eu não te pedi para esperar em casa?

— Não pude esperar, você precisa me ouvir, querido – diz, tentando me provocar com esse tratamento.

— Aqui não. Vá para casa, por favor – peço, dando sinal para que o show comece.

— Não vou, me ouve, Erick – lágrimas começam a escorrer dos seus olhos e ela volta a colocar as mãos em cima do meu peito. A ideia aqui é que eu saia como o vilão de toda a cena.

— Tá vendo? Foi esse tipo de comportamento que me abriu os olhos para o erro que estava cometendo em me envolver com uma garota como você – mantenho o tom de voz alto o suficiente para que os curiosos e Patrícia – que está em algum lugar por aqui – escutem.

— Uma garota como eu? O que quer dizer com isso? – ela parece estar descontrolada e eu tenho que me esforçar para não cair na risada.

— Não me faça dizer o que eu não quero aqui meio da calçada, Marina.

Em casa nós conversaremos melhor – finjo virar-lhe as costas, só que ela me impede ao segurar meu braço.

— Não, agora você vai falar – é insistentemente irritante. — Que tipo de *garota* eu sou, Erick Estevan? – indaga, fazendo aspas com os dedos quando diz a palavra “garota”. — Anda, que tipo de garota eu sou?

— O tipo irritante e infantil, que não tem maturidade nem pra entender um pedido simples quanto esse – solto meu braço do seu agarre e continuo de maneira dura. – É por isso que não temos mais como continuar.

— Você não pode estar fazendo isso comigo – começa a chorar. — Não faz isso com a gente, meu amor.

— Acabou, Marina. Queria que fosse de outra forma – ela tenta se aproximar e eu dou dois passos para trás, como se não quisesse o seu toque. — Só que você não me deu alternativa.

— Você só queria me usar, cara, agora que se cansou está me descartando como um pedaço de lixo – dramatiza ainda mais a situação.

— Você sabe que não é isso, respeito muito a memória do seu pai. Eu só não te amo mais – dou o golpe final, ao mesmo tempo em que avisto Patrícia se esgueirando por trás de uma coluna que fica do outro lado da rua.

Aparentemente satisfeita, ela observa tudo com atenção e sem notar que eu lhe vi ali. Eu poderia muito bem ter feito isso de outra forma, só não fiz porque quanto maior a nossa cena, maior será o seu convencimento de que o término é real.

Não sei se sua mente doente cogita a ideia de que eu realmente não quero mais Marina, ou a de que estou falando isso da boca para fora, apenas porque fui obrigado. O que importa é que ela realmente acredite no que vê, que estou fazendo exatamente o que me chantageou a fazer.

Fazendo isso aqui, em frente ao escritório e onde não só meus colegas de trabalho, como qualquer outra pessoa possa nos ver, lhe deixará segura de que não estou tramando nada por trás.

— Já amou algum dia? – seus olhos estão tão magoados, que meu coração aperta dentro do peito.

Mais tarde preciso compensar minha linda por fazê-la ouvir esse tanto de bobagem.

— Provavelmente não – digo, friamente. — Desculpa se te fiz pensar de outra forma. Adeus, Marina – viro as costas, deixando-a sozinha e chorando.

Os curiosos que desde o início acompanham todo esse circo, agora lhe fitam, com pena.

Ao entrar no meu carro, vejo Patrícia sorrir satisfeita com o que viu e virar as costas, indo – pelo que presumo – para o seu próprio carro. De imediato,

mando uma mensagem para minha gata, que ainda está parada no mesmo lugar, recebendo palavras de carinho de algumas senhoras que presenciaram o suposto término do seu relacionamento.

Ao longe, vejo-a abrir a bolsa, pegar o celular e abrir seu lindo sorriso ao ler meu curto, porém sincero texto, que diz:

Parabéns, minha gata, você foi perfeita em tudo. Agora, limpe essas lágrimas de crocodilo que nós só temos motivos para comemorar.

Instintivamente, Marina leva as mãos ao rosto, terminando de secar as lágrimas que certamente não são de tristeza. Depois disso, ela se despede das senhoras com carinhosos abraços, para em seguida entrar no carro, que durante todo esse tempo teve Jorge como principal espectador, pois, seguindo minhas ordens, ele esteve de olho para que nada saísse do controle.

Depois do que ouvi da Patrícia, proteger Marina tem sido minha principal missão. Tenho ciência de que não posso passar a perna numa pessoa como ela, sem pensar em todas as possíveis consequências.

A partir de hoje, Marina só sairá de casa acompanhada, seja na companhia de Jorge com o carro ou de Ângela com sua moto. O importante é nunca deixar ela sozinha.

Depois de um tempo, meu celular vibra, e pelo visor percebo que é uma mensagem de Marina em resposta à minha anterior.

Te espero lá em casa, meu homem mau. Não vejo a hora de ser recompensada. Não se preocupe com nada, Jorge é esperto e se tiver alguém nos seguindo, ele vai dar um jeito de despistar.

Um beijo, onde você quiser que seja <3

Quando expliquei tudo o que estava acontecendo para minha namorada e contei meu plano, ela logo se animou, afinal, é melhor ficarmos juntos e escondidos por um tempo, do que separados e presos a uma chantagem.

Para que isso dê certo, basta que eu e ela tenhamos cuidado, pois não imagino o que Patrícia é capaz de fazer se descobrir que estamos lhe enganando, que ao contrário do que fizemos parecer, nosso namoro está mais firme do que nunca.



— Finalmente, Erick – ela pula nos meus braços assim que abro a porta usando a chave reserva. A outra eu lhe devolvi.

Quando pensamos em uma saída para o nosso impasse, decidimos que para que o rompimento ficasse mais verossímil, seria melhor se eu deixasse a mansão e voltasse para o meu apartamento, e foi exatamente isso que fizemos.

— Eu não via a hora de chegar, minha linda – beijo seu pescoço cheiroso e lhe carrego nos braços para o meu quarto, que agora eu chamo de nosso.

Chegando lá, sento na ponta da cama, com ela sobre as minhas pernas e digo, cheio de empolgação:

— E o Oscar de melhor atriz vai para...

— Marina! – ela bate palmas, exultante de alegria. — E das lágrimas, gostou?

— Você foi perfeita, minha gata – elogio. — Tenho certeza que agora ela deve estar se regozijando com a vitória.

— Será que Patrícia de alguma forma vai tentar se aproximar de você? – indaga, preocupada.

— Se aproximar em que sentido? – ela não pode estar com ciúme da louca.

— Dessa mesmo que passa pela sua cabeça – quando fala, toda rígida, eu tento e não consigo segurar o riso.

— Amo quando sente ciúmes, minha menina possessiva – aperto sua cintura, deixando-a melhor acomodada contra o meu sexo. — Tenho vontade sabe de quê?

— De se comportar?

— Não. De te comer todinha, até que não consiga se mexer ou até que entenda que só tenho olhos para você, minha gata – passo as mãos por baixo da sua blusa. — Meu pau e meu coração pulsam por você – agora é sua vez de rir.

— Mas, falando sério, toma cuidado com ela. Se na mente perturbada já achou que poderia te conquistar, nada a impede de fazer alguma coisa para te ter. Ainda mais agora que pensa ter eliminado uma concorrente.

— Pode deixar, princesa. Eu também não acredito que Patrícia esteja fazendo isso apenas por vingança. Ela tem outros interesses além desse.

— É claro que tem, amor. Será que não percebe? Ela está de olho em você – acusa, com convicção. — Acha mesmo que ela irá se contentar em perder a mordomia que teve ao lado de papai durante todos esses anos? Patrícia quer você e não vai medir esforços até conseguir isso – seus ombros caem pelo desânimo.

— É por isso mesmo que devemos ser cautelosos a partir de agora. Tenho medo de pensar no que ela pode fazer com você – confesso, ao tirar as mãos de

dentro da sua blusa e abraçá-la apertado. — Eu não sei o que seria de mim se te perdesse, pequena.

Revelo o medo que me consome lentamente. Resolver essa situação e garantir que estejamos bem e mais unidos do que nunca, em nada serviu para abrandar o meu temor, pelo contrário, ele a cada dia cresce mais. Agora, além dos pesadelos, tem o medo de sermos descobertos e das consequências que isso pode causar.

— Vai dar tudo certo, Erick – Marina assevera, ao beijar minha boca com carinho. — Quando ela descobrir tudo, nós já estaremos um passo à frente. Eu confio em você.

— Chega de falar em coisas ruins – pego a barra da sua blusa e ela levanta os braços para que eu possa tirá-la. — Que tal comemorarmos? Não esqueça que agora nosso tempo é contado.

A pior parte disso tudo é não poder dormir a acordar do lado da minha mulher. Ter que nos encontrar às escondidas.

— Nem me lembre disso – começa a desabotoar os botões minha camisa, já que o terno eu deixei dentro do carro. — Nem sei como vou dormir sem você – faz um biquinho, que eu logo desfaço com uma mordida leve.

— Não se preocupe com isso, todas as noites eu vou te ligar e garantir que tenha uma noite bem relaxada – pisco com malícia e ela entende o tipo de conversa que teremos.

— Eita! – se anima. — E agora, o que pretende fazer, meu homem?

— Isso – sem aviso, levanto com ela nos meus braços, lhe jogo em cima da cama, para em seguida cair por cima do seu corpo. — Se prepara para a nossa foda de comemoração, porque ela está prestes a começar, minha garota fogosa.

Por telefone

Marina

Depois de duas semanas, ainda não me acostumei a não ter Erick dormindo e acordando do meu lado.

Tudo aqui em casa me faz lembrar e conseqüentemente sentir a falta dele. Mas é de noite que os sentimentos ficam mais aflorados. É durante a noite que fico me virando de um lado para o outro até tarde, sem conseguir pregar os olhos, e quando finalmente consigo dormir, é porque meu corpo sucumbiu à exaustão.

Mesmo ele me ligando todos os dias e ficando comigo ao telefone durante várias horas, nem assim eu consigo deixar de lamentar a sua ausência.

Seguindo o combinado, tentamos ser discretos, nos vendo apenas quando a saudade já está apertada e quando julgamos ser menos arriscado.

A verdade é que não podemos botar tudo a perder, não quando Erick está na iminência de descobrir algum podre na vida da chantagista, que me nego a pensar que tenha meu sangue correndo nas veias.

Durante os dias, segui minha rotina, só que sempre acompanhada de alguém. Quando tenho que estar no estúdio, Jorge me leva e me busca, ao estar em casa, sempre tenho Ângela ou Maya como companhia. Minhas amigas sempre estão presentes para me consolar pelo termino do meu namoro. Nestas horas, eu me lamento por não poder contar a verdade para elas, mas é preferível fazer isso a deixar que mais alguém se envolva e corra algum tipo de risco. Já basta o Bruno estar envolvido até o pescoço. O diferencial é que esse sabe se cuidar, segundo palavras do próprio e do Erick.

Diferente do que queríamos, Erick e eu não podemos passar todas as noites juntos. Teve umas em que eu sorrateiramente passei no seu apartamento e outras em que ele, disfarçado de jardineiro, entrou pela garagem e veio para o meu quarto.

Não importa como, Erick e eu sempre damos um jeito de estarmos juntos. Seja na mesma cama ou por telefone, sozinha eu sei que não estou. Tem horas que a saudade da rotina aperta, mas no coração tem a alegria de saber que apesar de tudo, estamos bem e felizes. Há também a esperança de saber que um dia isso vai acabar, que como antes, poderemos nos amar sem ameaças ou barreiras de tempo e linhas telefônicas.

Hoje, a barreira da linha telefônica até que não seria tão mal. Ruim com ele... pior sem.

Pela centésima vez, olho para o visor do celular e nada. Já são 10h15 da noite e Erick não me ligou.

Sua falta de notícias me traz dois tipos de sensações. A mais egoísta, que é meu lado que não se aguenta de ansiedade por ouvir sua voz, e o lado mais responsável, que não deixa de se preocupar e perguntar se algo de ruim lhe aconteceu.

Cinco minutos depois, quando o telefone toca, eu nem me dou ao trabalho de olhar o visor e já atendo, dizendo:

— Amor, tudo bem? – preocupada, pergunto sem respirar.

— Ei, calma, pequena. Tá tudo bem, respira – como se suas palavras fossem um calmante, faço exatamente o que me pede e puxo uma longa respiração. — Isso, faça de novo – espera, e quando faço, ele continua: — Está melhor?

— Sim... Hoje você demorou e eu fiquei preocupada – admito.

— Perdão, linda – pede, com sua voz grossa e sempre segura que traz sentimentos diversos. Quando estamos num momento de intimidade, ouvi-lo só aumenta o meu tesão, e quando o assunto é sério, sua voz me traz sensação de paz e segurança. — Estive tão concentrado com as descobertas que eu e Bruno estamos fazendo, acabei perdendo a hora.

— É sobre a Patrícia? – indago, na esperança de essa situação estar próxima do fim.

— É, sim, linda. Ainda não são fatos concretos, mas estamos chegando lá – afirma, e sua animação termina por me contagiar.

— Ótima notícia, querido. Eu não suporto mais dormir longe de você – choramingo, quem sabe ele não venha até aqui.

— Eu também não, princesa – confessa. — Eu sinto falta do seu pequeno corpo colado ao meu, das manhãs em que fazíamos um amor gostoso antes de ir para o escritório; sinto falta até do cheiro do nosso quarto. Esse aqui, apesar de ter usado por muitos anos, parece o quarto de um estranho. Só melhora depois que você passa a noite aqui, é quando seu cheiro fica impregnado nos lençóis.

— O mesmo aqui, querido – digo, e já não ouço seu resmungar. Mais uma vez ele se curou do trauma que a palavra lhe causou.

— Queria estar aí.

— Então vem – chamo no ato, mesmo sabendo que as coisas não são tão simples. Mas não custa nada tentar.

— Sabe que não podemos, amor – dá a resposta esperada. — Se quiser, podemos improvisar.

— Improvisar? – indago, mesmo desconfiando das suas intenções.

— Sim, minha linda. Improvisar – através da linha, ouço a sua risada

maliciosa, e começo a imaginar a cara sacana que faz nesse momento. – Me diga, o que minha garota safada está vestindo?

— Quer a verdade ou que eu invente? – brinco com a situação. É típico dessas situações a invenção de uma realidade mais instigante.

— A verdade, sempre a verdade, meu bem. Até porque, você não precisa de muito pra me fazer sentir desejo.

— Vamos ver... Sabe aquela sua camiseta verde? – pergunto, ao olhar para o corpo preguiçosamente sentado e escorado na cabeceira aconchegante da nossa cama. — Então, não visto nada além dela. Sabe como são as coisas, não é, meu amor? Nesse dia abafado, eu prefiro não ter nada me prendendo, principalmente uma calcinha.

— Deve estar uma delícia, minha gata. Se eu estivesse aí, você estaria vestida com bem menos que isso – um arrepio sobe por minha pele, só por imaginar em que eu estaria vestida.

— E você, meu homem carente? Deixa eu adivinhar... está pelado?

— Quase isso, se você quiser e pedir com jeitinho, eu posso ficar pra você – diz, e eu rio com a sua falta de limites.

A melhor parte de namorar um homem mais velho e experiente é o fato de ele saber me introduzir nas mais devassas situações e depois dele, eu não imagino negando algo que deseje, ainda mais quando sei que não faria nada que eu não fosse gostar. Erick é o sonho de consumo de muitas mulheres. Homens do tipo que só se encontra nos livros de romance.

— Visto somente aquele moletom cinza. Lembra dele?

— Você sabe que sim – como não lembrar? O bendito moletom que o deixa mais gostoso do que já é, que marca as partes mais interessantes e deliciosas do seu corpo.

— Marina, eu já disse o quanto os seus seios são lindos? – suas perguntas nada inocentes estão começando a me deixar quente.

— Não tão especificamente. Mas, acho que as marcas que eles carregam deixam isso bem claro.

— Eu amo o fato de eles serem tão alvos e firmes. Do tamanho que cabem perfeitamente em minhas mãos. Minha boca saliva todas as vezes em que eu coloco os olhos neles. Fico com vontade de fodê-los com o meu pau e chupá-los com a minha boca.

— Não faz isso, Erick, não quando não pode vim me satisfazer – me lamento.

— Imagine que eu estou – o tom da sua voz já mudou e amo saber que as suas provocações não atingem somente a mim. — Quero que toque seus seios imaginando que são as minhas mãos que os tocam – obedecendo ao seu

comando, toco meu seio direito, ficando verdadeiramente excitada. Mais abaixo, minhas coxas se juntam, na tentativa de aliviar o desejo que começa a se acumular no meio das minhas pernas.

— Amor, eu preciso tanto de você – não posso deixar de pedir. — Preciso que preencha esse vazio que estou sentindo.

— Estar com você é tudo o que eu mais quero. Eu e meu pau estamos doidos de vontade de você, de querer aplacar essa dor que somente nós dois podemos curar.

— Sim... – ofego baixinho, e por um segundo pensando que jamais imaginei ser o tipo insaciável de mulher, das que sobem pelas paredes quando sentem falta do seu homem.

— O quão molhada você está neste momento, querida? – instintivamente, desço a mão para o meu sexo depilado. — Me fala, o quão precisada a minha mulher está?

— Molhada, muito molhada... – toco-me, ao gemer no seu ouvido.

— Você ainda vai me matar, Marina – fala, ofegante, e eu o imagino na mesma situação que eu.

— Eu quero gozar... – jogo o celular na cama quando, assustada, vejo meu quarto ser invadido.

— E você vai, gostosa – um Erick esbaforido, vestindo a mesma calça moletom que disse usar e uma camiseta preta, para na minha frente, e com os olhos famintos na minha boceta visivelmente à mostra.

— Meu Deus! Você é louco – ainda não sei definir qual o sentimento predominante, se é a surpresa ou alegria por tê-lo aqui.

— Louco por você, minha safada – tira a camisa e se deita em cima de mim. De imediato, desço as pernas, que até então estavam dobradas, e as abro amplamente para melhor acomodá-lo.

— Melhor? – duro feito uma pedra, meu namorado se ajeita entre minhas pernas e confessa. — Porque eu estou, só de sentir o seu cheiro... – beija a minha boca com desejo.

— Sim... Como você veio...? – tento perguntar, mas sua boca gananciosa não deixa a minha.

— Depois eu te falo. Agora, eu só quero te amar – abaixa a parte da frente do moletom e eu termino de tirar quando o arrasto com os pés até o seu tornozelo.

— Então vem!

Quando dou sinal verde, Erick sai de cima de mim, estende a mão, faz com que eu enrole as pernas na sua cintura e me leva para junto da pilastra que fica meio do quarto.

Quando me tem com as costas apoiadas no concreto, ele chega com o rosto perigosamente perto do meu e assevera:

— Dessa vez eu quero te comer assim, de pé, sustentando todo o peso do seu delicioso corpo e depois você vai me agradecer por tão prontamente ter vindo atender os seus desejos, madame.

— Posso saber que tipo de agradecimento meu homem tem em mente? – provoco ao seu pé de ouvido.

Com os olhos soltando faíscas, Erick chega bem perto da minha orelha, e o que ele me pede tem o poder de me deixar sem voz e mais vermelha do que uma pimenta malagueta.

Por trás

Erick

— Safada – invisto dentro da sua boceta apertada, que molha o meu pau com as evidências do seu desejo.

Enquanto eu meto do jeito que minha gostosa aprendeu a gostar, suas costas, que estão apoiadas contra a parede, recebem solavancos que a impulsionam para cima, para em seguida descer lentamente ao encontro do meu cacete. Com as pernas firmemente enroladas em volta da minha cintura e as unhas fincadas no meu ombro, minha gata deliciosa tem o quadril e a bunda agarrados por minhas mãos, enquanto eu meto sem sentido, ardente de desejo e de um tesão que nunca se esvai. Quanto mais eu fodo Marina, mais eu tenho vontade de fodê-la.

— Gostoso. Tão gostoso, Erick – com as costas na parede e os quadris cada vez mais longe dela, meu amor me proporciona a excitante e bela visão do meu pau entrando e saindo do seu sexo apertado e todo depilado, do jeito que eu gosto.

— Tá vendo? Isso aqui somos nós. E eu e meu pau possuindo o que nos pertence. A boceta que ninguém nunca vai ter ou tocar – falo, ofegante, sem parar de meter lentamente e vendo seu centro guloso me engolir com ganância. — Diz pra mim. Fala que é minha e que ninguém jamais te tocará além de mim – paro os movimentos quando estou profundamente dentro dela e olhando dentro dos olhos perdidos em sentimentos, imploro:

— Fala isso, por favor, amor. Eu preciso – uma agonia inexplicável toma o meu peito.

Pode parecer exagero pedir que me fale algo tão radical e definitivo, mas são sentimentos que não posso controlar. Depois de quase ter feito a besteira de perdê-la, toda a possessividade que mantenho sobre um duro controle rompeu as barreiras e agora corre solta. Em total sintonia e sabendo exatamente do que preciso, minha menina segura minha cabeça e contra a minha boca, respirando o mesmo ar que eu, diz:

— Só sua. Hoje, amanhã e para sempre – afirma, com convicção e emoção.

— Sim, sempre – digo, voltando a me mover de dentro para fora.

Sentindo que está perto de gozar, forço um pouco mais sua bunda e com as nossas pélvis grudadas uma na outra, sussurro no seu ouvido:

— Já tem a sua resposta, meu amor? — sopro, e o bate e volta continua.

Não quero que isso pareça uma tentativa de pressioná-la a fazer o que eu quero. Só insisto porque nesses últimos dias em que nosso sexo atingiu um patamar de maior intensidade e intimidade, ela demonstrou querer isso tanto quanto eu, sempre que ousava acariciar o seu lugar proibido e intocado.

Quando a transa fica mais intensa, meto pouco a pouco o dedo indicador na sua bunda e, tirando a primeira vez e que ficou tensa com a inesperada invasão, nas outras ela não só apreciou o carinho mais ousado, como também me auxiliou nas ações. Como esquecer da sua deliciosa bunda se abaixando contra o meu dedo, que depois de melados com o nosso próprio gozo, passaram a ser dois.

Então sim, depois dessas ousadias, eu não consigo pensar em nada que não seja comer a sua bunda que eu tanto amo. Se ela quer e eu também quero, só preciso fazer o certo para convencê-la de que não tem nada a temer, que depois da dor vem o prazer e que depois do prazer, vem o vício. Marina vai perceber que tanto quanto ama me dar a sua boceta, vai se deliciar em me deixar comer a sua bunda.

— Resposta de quê? — indaga, perdida, já que está mais concentrada nas socadas que meu cacete dá dentro na sua abertura flamejante. — Me faça gozar, amor... — leva a mão à boceta e começa a se acariciar.

— Vai me deixar comer a sua bunda? — pergunto, e de propósito, diminuo a velocidade das estocadas. A intenção aqui é retardar o máximo possível do nosso orgasmo. A experiência me ensinou que quanto mais intensos vierem, mais gostosos e proveitosos serão.

— Anal? — finalmente se acha na realidade, quando uma gota de suor escorre de sua têmpora para entre os seios, que se mostram deliciosamente vermelhos, em consequência das minhas mordidas e chupadas.

— É, amor. Anal, do tipo que eu meto o pau dentro do seu cuzinho e você geme de prazer e me xinga dos nomes mais obscenos a cada socada que eu der dentro dele — Marina fica vermelha e sei que é tanto de tesão quanto de vergonha da minha boca suja, coisa que ela já devia ter se acostumado, se não fosse um pouco tímida na hora do sexo.

— Vai fazer com jeitinho? — o biquinho que me mata se faz presente e eu mordo os seus lábios, os puxando para dentro da minha boca e com a língua aliviando a mordida. Já fizemos isso tantas vezes, que ela o faz de propósito, sabendo qual será a minha reação. — Ele é tão grande e grosso...

— Do tamanho exato para o seu prazer, minha gostosa, nada pra te machucar. Lembra-se dos meus dedos, de como você apreciou ser acariciada por eles? Então, você está mais que preparada, linda — digo, sabendo que ela

esperava ser convencida. Porque vontade de me dar sei que tem de sobra.

— Como você anda merecendo – diz, próxima ao meu ouvido, num tom safado, assim como ela é — conquistou o passe livre para a sua tão desejada bunda.

— Bundinha essa que você também quer me dar – ela não nega, apenas sorri, enigmática. — Por que você é uma puta safada. Eu te fiz assim, seu homem.

— Meu garanhão gostoso – volta a movimentar o quadril em cima do meu pau e eu decido que chegou a nossa hora.

— Você quer gozar, não é, safada? Então goza, porque estou junto de você – dou mais uma, duas... seis arremetidas duras e são elas o suficiente para que alcancemos o nosso pico de prazer.

Na medida em que sua boceta mela o meu cacete, alago seu sexo com a minha porra e não há nada que me deixe mais possessivo do que enchê-la com o meu esperma. Ver por suas pernas escorrerem a minha marca.

Acho que sensação melhor sentirei apenas quando esse esperma encontrar o caminho certo e eu preencher o seu ventre com a minha semente, e mesmo que com sua prevenção isso seja improvável no momento, esse pensamento me vem à mente, sempre que gozo dentro da sua boceta.

— Gostosa, muito gostosa... – ela convulsiona por todas as partes do meu corpo. São pernas enroladas na minha cintura, braços em volta do meu pescoço, e eu tenho todo o meu mundo nos braços.

— Nossa... Erick, isso foi... Uau – eu e ela respiramos aos tropeções e com pernas bambas pelo sexo e orgasmo intenso, me dirijo novamente para a nossa cama e ao chegar, lhe coloco carinhosamente sentada e vou até à cabeceira pegar três travesseiros.

Sob seu olhar ainda lânguido, posiciono os três no centro da cama, um em cima do outro, e quando acho que estão numa altura correta, peço:

— Amor, agora eu preciso que você deite de bruços e com o quadril em cima deles – aponto para os travesseiros bem posicionados. — Se estiver desconfortável, me avisa. Quietinha, que eu já volto – peço.

Em seguida, vou para o banheiro, pego o tubo de lubrificante e quando saio, a cena que me espera faz meu pau acordar como se não tivesse acabado de se esbaldar nessa delícia de corpo pecaminoso.

No meio da cama e do jeito que eu pedi, meu amor tem abdômen e quadril apoiados na pequena montanha de travesseiros e a bunda bem arrebitada, especialmente para os meus olhos.

Cheio de desejo, chego perto dela,airo o corpo sobre o seu e depois de

tirar os cabelos do seu pescoço, digo, bem perto da sua boquinha vermelha:

— Espero que aproveite, meu amor – distribuo beijos por seu pescoço, enquanto mais abaixo o meu pau cutuca as bandas da sua bunda.

— Sei que vou – assegura, toda ansiosa pelo desconhecido, quando pouco a pouco vou descendo beijos e chupões por suas costas. Ao chegar ao meu local desejado e já ouvindo sua respiração mais curta, dou mordidas em cada banda da sua bunda, para depois abri-la com as duas mãos.

Com os olhos queimando de tesão e a fim de deixá-la preparada, primeiro desço minha boca, passado a língua ao redor do seu ofício, para depois umedecê-lo o com os fluidos do nosso recente orgasmo.

— Tudo bem, amor? – enfio o dedo indicador e quando ela confirma com a cabeça, coloco o segundo dedo.

Com movimentos de entra e sai, fico estimulando a sua boceta e ela corresponde ao oferecer a sua bunda com entusiasmo. — Você é uma delícia, Marina, agora eu vou te comer do jeito que nós dois queremos, tudo bem?

— Agora – pede, mesmo sabendo a dor inicial que vai sofrer.

Tendo-a pronta e na mesma frequência que eu, volto a lambuzar seu orifício com os líquidos da sua boceta e o meu pau com boa quantidade de lubrificante.

— Perdão, amor, vai ficar tudo bem. Tão bem que você vai querer repetir, eu prometo – cuidadoso e segurando sua bunda bem aberta, começo a enfiar a cabeça robusta do meu pau, até que ela começa a se retraindo.

— Calma, linda – firmo seu quadril no lugar. — Para que dê certo, você tem que fazer movimentos de empurrar, tudo bem? – ela diz que sim e eu continuo. — Isso, fique bem relaxada – confiando e fazendo o que instruí, meu pau pouco a pouco vai entrando em sua bundinha e quando já está na metade, ela protesta em agonia:

— Ai, porra – olha para trás e em seus olhos vejo o brilho de lágrimas querendo se formar. — Sai, você vai me partir ao meio, caralho – protesta, me fazendo pausar a invasão e reacender o seu tesão com movimentos em seu clitóris inchado e hipersensível.

— Tudo bem, amor – agora ela geme e me xinga entre lágrimas. — Isso, tô quase lá – continuo enfiando até que esteja todo dentro do seu cuzinho apertado.

— Ai, meu Deus! – reclama, com a respiração entrecortada. — Pode se mexer, por favor? – depois de um tempo esperando que se acostume, ouço a sua pergunta.

— Tem certeza? Nós podemos...

— Faz isso logo, filho da puta – tenho vontade de rir do seu destempero.

Sem deixar de estimular sua boceta com os dedos, saio vagarosamente, até deixar apenas a cabeça. Depois de uma respiração e tendo a passagem facilitada pelo lubrificante, meto com tudo até a base e nesse momento, o grito que ela dá é capaz de ser ouvido em outro continente.

— Desgraçado – deixa seus braços, que estavam apoiados no cotovelo, caírem e somente a bunda continua firme, aberta e empinada para a minha invasão. — Você vai me partir ao meio – reclama, mas não deixa de trazer a bunda de encontro às minhas arremetidas.

— Quer que eu pare? – indago, para ter certeza, mesmo que seus gemidos – que não são de dor – digam a resposta.

— Não... Mais rápido – entro com um pouco mais de pressão em seu buraquinho, que de tão apertado, está a ponto de esfolar meu pau. — Isso, mais... mais – entro e saio, todo suado e em cima do seu corpo bem menor que o meu.

— Tá gostando de me dar esse cuzinho, não é, sua puta?

— Muito – suas costas brilham de umidade e eu, com cuidado para não machucá-la, puxo um punhado do seu cabelo, trazendo seu corpo para junto do meu.

Agora, com suas costas coladas no meu peito e com nós dois de joelhos no centro da cama, continuo as arremetidas do jeito que ela gosta, enquanto com uma mão aperto os bicos do seus seios e com a outra, meto dois dedos dentro da sua boceta alagada.

— Tá gostoso, não é? – cravo os dentes no seu pescoço alvo. — Me diga o que sente.

— Gostoso, muito gostoso – olha para trás e eu puxo sua língua macia para dentro da minha boca, sem nunca deixar de meter com o pau e lhe acariciar com as mãos.

— Olha só como somos bons juntos, minha gostosa, eu estou todo em você. Meu pau comendo o seu cuzinho como nós dois queríamos. Esses seios firmes que tenho verdadeira adoração – belisco com a força necessária e ela geme ruidosamente. — E essa boceta quente que é meu paraíso particular – com força e na mesma velocidade que o meu sexo, meto os dedos na sua boceta. — Goza pra mim, sua puta, quero que me mostre o quanto gosta de me dar essa boceta e esse cuzinho apertado.

— Desgraçado! Filho da puta! – leva a mão para trás da minha cabeça, puxando meu cabelo com força, quando aumento as socadas tanto na sua bunda quando na boceta.

Com a cabeça virada para trás e nossas línguas duelando, gozamos intensamente. Eu esporrando dentro do seu cuzinho e ela umedecendo a minha

mão com a prova do seu desejo.

Suados, ofegantes e sem forças, sinto quando os seus joelhos perdem as forças e de bruços e me levando junto, minha mulher tomba sobre a cama.

Por cima e ainda dentro dela, confesso, com o fôlego curto:

— Você ainda será a minha morte, menina – tiro o pau já meio amolecido do seu ânus, para depois sair das suas costas e me jogar do seu lado. Com um rosto que não esconde a exaustão de duas rodadas de sexo, ela sorri preguiçosamente e diz:

— Eu sei que você aguenta, tio – pisca, e eu acho graça da provocação que antes me irritava. — Meu traseiro tá tão dolorido, uma dor estranha e também gostosa – fico feliz com suas palavras. — Será que conseguirei andar amanhã?

— Se não conseguir, eu te carrego, Mari. Não se preocupe – brinco, tentando esconder a tristeza por não poder fazer isso, já que estamos vivendo como criminosos.

— E eu vou dizer o quê? “Oi, gente, não posso caminhar porque dei o cu”?

— Se preferir – ela mete um tapa seco no meu braço e eu não seguro o riso.

— Que bom que veio, querido – diz, bocejando. — Estava sentindo sua falta.

— Eu também, princesa. Não poderia dormir sem te ter – confesso. — Quando te liguei, já estava igual um louco, dando voltas de carro aqui por perto.

— Te amo por isso – declara, e eu recebo como se fosse música para os meus ouvidos.

— Só por isso? – sorrindo, ela confirma com a cabeça. — Vem, vou te dar um banho de banheira e cuidar desse seu rabinho delicioso.

— Agradeço – se aproxima e beija meu peito suado.

— E aí, gostou de fazer sexo anal?

— Apesar de estar meio doída, foi uma experiência maravilhosa. Uma coisa tão transgressora, e pecaminosa... Eu quero fazer de novo – pede, animada.

— Nós vamos, sua deliciosa – tiro os fios de cabelos suados da sua testa. — Muitas e muitas vezes – garanto. — Agora, deixa de ser preguiçosa e vem para o banho.

Pego minha pequena nos braços, e feliz, a carrego para dentro do banheiro.

Futuro

Marina

Deitada e com a cabeça descansando no peito forte do Erick, aceito o seu carinho feito com a ponta dos dedos no meu couro cabeludo. Mesmo caindo de sono, não me permito fechar os olhos; não posso e não quero perder o tempo que temos para ficarmos juntos. Depois de tudo o que aconteceu e de estarmos sendo obrigados a namorar escondidos, o nosso tempo juntos, que já era valorizado, passou a ser mais ainda.

Não quero pensar que daqui a pouco Erick vai levantar e ir para o seu apartamento, onde tanto eu quanto ele estaremos em camas separadas, sofrendo a ausência do outro.

Depois de experimentar o seu tão desejado sexo anal e de me ouvir dizer que tinha adorado a pecaminosa experiência, meu namorado com todo o cuidado me levou para o banho e depois de cuidar das minhas áreas doloridas, lavou-me por completo, para enfim tomar o seu banho e nos deitar sobre a convidativa cama de casal.

— Posso saber por onde andam os pensamentos da minha mulher? – indaga, e eu levanto a cabeça para fitar o seu belo rosto.

Acho que nunca vou me acostumar com a beleza desse homem. Não é uma beleza comum, longe disso. Erick tem um rosto forte, passando até mesmo arrogância, com seus frios olhos azuis e sua costumeira cara de mau. O que fascina não só a mim como também ao resto das suas admiradoras, é toda essa virilidade e a pose de macho alfa que fazem qualquer uma desejar ser protegida por ele.

— Nada demais, apenas pensando no quanto você é lindo, sexy, viril e gostoso.

— Gostosa e linda é você, mulher – segura minha mandíbula, e quando estou com o bico igual à boca de um peixe, ele dá um beijo nela e depois uma mordida no lábio inferior.

— Eu amo quando você me chama de minha mulher – admito.

— Você é minha mulher e eu sou o seu homem – afirma.

— Sim, meu homem perverso – lembro-me da forma pervertida como fodeu a minha bunda, das palavras sujas que nem eu sabia gostar tanto de ouvir. Não só ouvir, já que a cada dia eu fico mais desinibida e tão boca suja quanto ele.

— Seu homem perverso ainda vai foder muito esse seu cuzinho apertado, minha safada – chega meu corpo mais para perto e aperta minha bunda com gosto.

— E eu não irei reclamar – apesar da dor inicial que me deu a sensação de que seria partida em duas e de não saber se conseguirei caminhar amanhã, achei a experiência muito prazerosa e certamente terei vontade de fazer de novo.

É indescritível a sensação de pertencer a ele de todas as formas.

— Sei que não, até porque a sua bunda é o segundo lugar preferido do meu pau, só perde mesmo para sua boceta que é a nossa pequena amiguinha – ele fala e ri das próprias palavras.

— Você é um cachorro, safado – digo, olhando para o seu sorriso sacana.

— E você é minha putinha mais safada ainda – traz minha perna para cima do seu quadril.

Ainda bem que estou vestida com um pijama que consiste em uma blusa fina de alcinha e um shortinho curto de malha e ele com sua boxer branca, porque pelo rumo que esse papo está indo, se a passagem estivesse livre, já estaríamos indo para o terceiro *round* da noite.

— Achei que era a sua mulherzinha – com minha perna na sua cintura, o provoco, quando colo nossos sexos protegidos.

— E você é – diz, ainda com a mão na minha bunda. — Agora é minha mulherzinha, depois minha esposa e depois a mamãe dos meus bebês – a cada etapa dos seus planos, ele deixa um beijo em uma parte do meu rosto.

Com os olhos arregalados, não sei se acho engraçado o fato de ele ter falado tudo no diminutivo ou se pela descoberta desses planos. A única certeza que tenho é de que estou muito feliz. Viver todas essas fases da minha vida é tudo o que eu quero para o futuro, desde que seja com ele.

— Erick, você quer tudo isso, de verdade? – tenho que confirmar que não estou delirando aqui.

— É o que eu mais desejo, meu anjo – revela, sem titubear. — Quero casar com você, ter você oficialmente minha. Poder te dar uma aliança e chamar de minha esposa.

— Isso por acaso é um pedido? – minha boca grande tenta nos constranger.

— Ainda não, princesa. Mas muito em breve será – tenho vontade de pular de alegria. — É só que...

— Que foi, Erick? – vi que de repente ficou apreensivo.

— Você ainda é tão nova – analisa meu rosto com cuidado. — Tem apenas dezoito anos. Eu só não quero roubar a sua juventude...

— Não começa com isso, por favor – peço, por não suportar o rumo que

os seus pensamentos estão querendo tomar. — Sou eu quem deve escolher isso. Tire essa ideia da cabeça, amor. Não percebe que não está roubando coisa alguma? Que mesmo estando praticamente casada, eu ainda assim continuo com meus amigos, tendo minha independência e trabalhando com o que gosto?

— Eu sei, mas...

— Não tem mas nem meio mas, Erick – interrompo. — Quando você achar que é o momento, vai me fazer o pedido, e cabe a mim dar a resposta certa e julgar o que é melhor para nós dois – ao fim, beijo a sua boca.

— Quanto aos bebês? – desce os olhos para a minha barriga lisa.

— Você os quer?

— Muito, fico duro só de imaginar meu bebê aqui dentro – passa a mão por meu ventre. — Te ver com a barriga enorme, exibindo para o mundo o fruto do nosso amor.

— Pensamento mais besta esse seu – lhe repreendo.

— Você me faz muito possessivo, amor, e eu te garanto que antes de você, essa não era minha principal característica. Vai aguentar esse velho turrão no seu encalço? – debocha da nossa diferença de idade.

— Você sabe que não tem uma única veia velha, não sabe? – Erick, com o seu sorriso quente, apenas dá de ombros e continua passando a mão por minha perna, que descansa no seu quadril. — É mais fácil eu criar cabelos brancos por tentar espantar as suas fãs loucas – meu sorriso morre um pouco por lembrar que Patrícia é uma delas. Só Erick ainda não se deu conta disso. Essa suposta vingança é só uma desculpa por não ter ele.

— Admita, nós somos dois ciumentos e possessivos – morde meu pescoço, antes de lambe-lo até o ombro.

— Somos mesmo. Mas em minha defesa, eu digo que somente cuido bem do meu homem.

— E eu da minha mulherzinha gostosa, que não sabe o quanto chama atenção.

— Só quero chamar a sua – revelo, mesmo que não precise. — Quanto aos bebês...

— Não os quer? – volta o rosto, que já estava perto dos meus peitos, para o meu rosto.

— Claro que sim, no momento certo. Antes, tenho alguns objetivos a cumprir.

— Nisso eu tenho que concordar, antes dos filhos eu vou ser um pouco egoísta. Quero você só para mim, por um bom tempo – a mão esquerda continua acariciando a minha barriga. — Ainda vamos transar muito, antes de sermos interrompidos por choros de bebês.

— Esse é o plano – pisco.

— E como andam as coisas lá no estúdio, linda? – pergunta, e eu amo o fato de ele ser tão atencioso com tudo o que se refere a mim, nunca deixa de me perguntar sobre o meu trabalho. Quando morávamos juntos, tínhamos o costume de contar um para o outro como foi o dia de trabalho.

— Tá tudo ótimo, a Lua a cada dia me dá mais autonomia nas campanhas que fotografamos, e isso me deixa segura do trabalho que estou fazendo.

— Fico feliz por você, querida. Já pensou em montar o seu próprio estúdio?

— Você acha que devo? – indago, animada. Já tinha pensado na ideia, mas ouvi-lo propor significa demais para mim. Isso deixa claro que confia no meu potencial.

— Muito, amor, eu já vi seu trabalho e é muito bom – a mão que estava no meio já está na parte final da minha barriga e os dedos ultrapassaram o elástico do short. — Quando quiser, pode contar com minha ajuda.

— Eu sei – abraço a sua cintura, voltando a encostar nossos sexos, e prendendo sua mão no meio deles. — Vou ficar mais um pouco, conseguir mostrar melhor o meu trabalho e então me arriscar.

— Esse sim é um excelente plano, minha garota esperta – elogia e ameaça enfiar a mão dentro do meu pijama.

— Dorme aqui hoje? – faço o biquinho que sempre o desmonta. Vendo que ele não diz nada, continuo. — Eu não aguento mais isso, estou cansada de ficarmos nos esgueirando como dois criminosos.

— Tá acabando, eu prometo.

— Tem certeza?

— Tenho. Bruno e eu temos evidências de que ela anda envolvida com um escândalo de desvio de dinheiro em uma grande empresa. Antes, precisamos reunir todas as evidências e só então cercar Patrícia.

— Que bom, não vejo a hora de ter tudo como era antes – reclamo, e no meio do papo, o safado já tem a mão totalmente dentro do meu short. Como estou sem calcinha, ele tem total acesso, mas prefere ficar com a mão parada, como se nada estivesse acontecendo.

— O mesmo aqui – afirma, me fazendo olhar para onde sua mão se perde.

— Que foi? – na maior cara dura, pergunta. — Estou apenas deixando ela aquecida, aqui dentro está tão quentinho – abaixa a cabeça e morde a pontinha da minha orelha.

— Cachorro – digo, ao perceber que sua boca suja me pegou de vez.

— Cadela – devolve, insinuando o dedo médio entre os lábios da minha boceta.

— Não me diga que você está querendo transar de novo, Erick? – pergunto, e o sacana dá um sorriso de canto.

— Tudo bem, eu não digo. Mas eu tô querendo trepar, sim – meus olhos arregalam. Como pode ser tão insaciável assim? Já transamos duas vezes e nem faz uma hora que terminamos a última.

Quem estou querendo enganar, se eu também não negarei fogo, caso ele realmente queira fazer sexo pela terceira vez?

— Não tem que ir embora? – fico torcendo para que diga que não.

— Tenho, sim, mas não tô a fim de ir, assim como nós não vamos transar.

— Não vamos? – entrego que também queria.

— Não, Marina. Hoje eu judiei demais de você, capaz de acordar assada pela manhã – seu dedo já está num entra e sai cadenciado na minha boceta, que começa a ficar muito molhada.

— E essa mão? – espero que não entenda como uma reclamação, até porque meu quadril já está a todo vapor, se insinuando de encontro a seu dedo.

— Não transar não significa que não posso te fazer gozar – desce minha perna da sua cintura, olha para o seu pau que ostenta uma evidente ereção e eu entendo o que ele pretende.

— Tem razão – digo, ao receber a língua dentro da minha boca.

Mais abaixo, temos o meu pijama descido até o meio das pernas, e a sua cueca boxer abaixada o suficiente, enquanto nossas mãos trabalham, se masturbando mutuamente.

Nossa noite termina com nossos corpos exaustos, porém satisfeitos e com um sorriso no rosto, eu adormeço com a esperança de que tudo vai ficar bem e de que em breve terei o meu amor de volta em casa.

Pesadelo

Erick

— Amor – desperto, com a cabeça quase explodindo de dor, e como de costume, olho para a janela e vejo que o dia começa a amanhecer. Pela fresta da janela, percebo que amanheceu e está estranhamente nublado, considerando o clima quente do dia anterior.

— Cadê você? – ainda desnortado e meio dormindo, estico a mão até o lado em que Marina costuma dormir e o encontro frio e vazio.

— Vamos lá, atrás da garota fujona – trajando um moletom escuro, uma das peças que deixei no nosso closet antes de me mudar, levanto, calço meu chinelo de dedo e rapidamente desço as escadas.

— Marina? – chamo, depois de chegar à sala, que está em completo silêncio. Não lhe encontrando, parto para a cozinha e ainda não a vendo lá, volto e pela primeira vez noto que a porta de entrada está aberta. Lá de fora, entra um forte e sinistro vento, mais estranho ainda: é a chuva fina que cai e molha o gramado bem cuidado.

Sendo levado por uma estranha curiosidade, me dirijo até a porta e de lá meus olhos varrem todo o jardim que é castigado pela chuva, quando eles chegam à piscina, percebo que tem alguma coisa boiando dentro da água.

Sem me importar com a chuva me molhando, chego perto, vejo a água azul banhando-se de vermelho, e lá no meio existe um corpo flutuando, não um corpo desconhecido, parece ser a minha...

— Marina – meu estômago embrulha e meus olhos ardem, antes que eu pule dentro da água tingida de vermelho.

Com medo, viro seu corpo para cima e quando a vejo de olhos abertos e vidrados e com a boca num tom de roxo, meu coração se parte em mil pedaços e eu só consigo pensar:

Morta. A minha Marina está morta!

Abraço o seu corpo frio e em um choro barulhento e desesperado, começo a lhe sacudir, enquanto inutilmente imploro:

— Não faz isso comigo, Marina, acorda – balanço o seu corpo inerte. — Marina...

— Marina – meu grito cada vez mais alto se mistura com uma voz que ao longe chama o meu nome sem parar.

— Erick.

— Não. Volta, amor – meu choro vem cada vez mais sofrido e

desesperado. — Marina... — levanto a cabeça, deixando que a água que cai do céu molhe meu rosto, tanto quanto as lágrimas que escorrem.

— Erick — a voz doce, porém preocupada me chama cada vez mais alto. — Amor, vamos, abra os olhos — em meio ao sofrimento, sinto algo aquecer o meu rosto em meio ao frio. Não só o rosto, mas também o coração.

— Marina... — sussurro, entre soluços, ainda sem conseguir sair do pesadelo.

— Aqui — ouço uma voz falar baixinho ao meu ouvido e um pequeno e conhecido corpo em cima do meu. — Abra seus lindos olhos e olhe para mim. Eu estou aqui — com o corpo todo colado ao meu, sua cabeça se deita na curva do meu pescoço.

Chorando tão copiosamente quanto estava no pesadelo, abro os olhos e com alívio, vejo da janela o sol brilhar do lado de fora, levando para dentro do ambiente o calor que apagará as lembranças frias.

É também com alívio que eu aperto entre os meus braços o corpo quente e pulsante da minha namorada, não o frio e sem vida que vem me perseguindo há várias semanas nos meus piores pesadelos.

Por um tempo, fico apenas agarrado ao seu corpo, ouvido as ritmadas batidas do seu coração. Esse som que tem sido música para os meus ouvidos. Se pudesse, eu passava horas a fio, somente ouvindo o som da sua respiração e seu corpo todo em mim.

Quando os soluços já estão mais baixos e o choro quase parando, a minha pequena começa a fazer o que sempre tem feito e eu mais uma vez tento lhe dissuadir da ideia.

— Marina, não. Não quero que se sinta obrigada a...

— Eu quero, na verdade, eu desejo — começa pela minha boca e vai descendo beijos pelo meu peito. — Quero te fazer se sentir bem — revela.

— Acordar com o seu corpo sobre o meu já me fez bem, amor.

— Quero que se sinta melhor do que bem — sua língua deliciosa lambe o meu abdômen. — Que esqueça esses pesadelos horrorosos e pense apenas em mim.

— É tudo o que eu faço, Marina — trinco os dentes quando sua boca fica cada vez mais perto no meu sexo, que começa a ficar rijo. — Os pesadelos... são frutos... — me esforço para terminar a frase quando sua mãozinha abaixa o elástico da calça e começa a manipular o meu pau, que termina de endurecer entre os seus dedos. — Dos pesadelos...

— Esquece os pesadelos — faz movimentos de sobe e desce. — Estou aqui, com você. Está sentindo? — quando faz a pergunta, ela não espera a resposta antes da abocanhar a cabeça do meu pau. Esquecendo-me do terror

vivido por meus pensamentos, levanto o tronco e encontro os seus olhos me encarando cheios de malícia.

— Sinto... – minha voz sai ofegante quando pouco a pouco ela vai me engolindo.

Até onde consegue, Marina me engole, compensado o que falta com sua mão, que intercala movimento circulares e apertos na medida certa do meu prazer. — E como sinto...

Fora de mim, como só sua boquinha gulosa é capaz de deixar, passo a foder sua boca com movimentos de quadril. Aos engasgos e banhando o meu cumprimento com a sua saliva, Marina aceita as minhas investidas do jeitinho que lhe ensinei a fazer.

— Marina, chega, por favor... Eu vou gozar – ao me ouvir, ela aumenta a força das chupadas e eu acabo gozando dentro da sua boca, onde a gostosa prontamente engole a minha porra e sem nenhuma demonstração de incomodo, pelo contrário, me fitando com a cara mais safada do mundo, ela passa o dedo pelos lábios e queixo e como quem limpasse os resquícios de sêmen, coloca o dedo dentro da boca, chupando-o, sem desviar os olhos de mim.

Meu pau, que até agora estava morto pelo recém-orgasmo, já começa a se animar pela arte da minha garota safada.

— Você sabe mesmo como cuidar do seu homem, não é? – puxo seu corpo para cima, deito-a do meu lado e em seguida deito meio corpo em cima do seu. — Minha gostosa – beijo sua boca e com a língua, sinto o meu gosto através da sua.

— Gosto bom – brinco, quando solto seus lábios que estão totalmente vermelhos, depois de minutos correspondendo ao meu beijo faminto. — Me responde uma coisa?

— Claro – me encara, curiosa.

— Quando foi que a garotinha virgem que veio para minha cama como uma coelhinha assustada, se transformou nessa mulher safada? Amor, você é muito boa nisso, age como uma puta sem pudor. E sabe o melhor disso tudo? A nossa doce garota que se transforma na hora do sexo, é só minha. Foi eu quem fiz isso com você, não foi? – volto a deitar as costas no colchão e trago a sua perna para cima de mim.

— Não tinha como ser diferente, tendo um homem como você. E também, já fizemos tanto sexo que seria impossível não aprender algumas coisas. Mas que bom que eu te agrado.

— É mais que agradecer, pequena – digo, apertando a sua bunda coberta com um shortinho curto. — Você me enlouquece de todas as formas.

— A ideia é essa – a safada se insinua, ao se aconchegar melhor.

— Está tudo bem por aí? – olho para baixo e ela cora por entender ao que me refiro.

— Tudo bem – responde, sem jeito, mas eu sei que não está.

— Meu amor não vai se importar se eu for comprovar? – tenho seu rosto vermelho como um pimentão, quando lentamente, apenas para provocá-la, vou descendo as mãos até o elástico do seu shortinho pijama.

Ao encontrar a sua boceta completamente encharcada e quente, descanso a minha mão em cima, e louco para mimá-la, pergunto com carinho, depois de sentir seu sobressalto:

— É aqui que dói, gostosa? – compassadamente, meto dois dedos, fazendo em seguida movimento de entra e sai, enquanto com o dedo polegar acaricio seu clitóris saliente. — Tá melhor? – beijo seu biquinho manhoso e excitado.

— *Uhum* – geme em resposta, entre os beijos famintos que iniciamos.

— O que mais posso fazer para aplacar essa dor, safada? – tiro meus dedos de dentro do seu sexo e os chupo, sob o seu olhar de desejo incontido. Depois, coloco o minha língua para fora, e fazendo exatamente o que eu esperava, Marina a chupa e sem tocar os nossos lábios, ela repete o movimento até que eu, prestes a explodir de tesão, capturo a sua boca e dou o beijo que nós dois gostamos de dar, do tipo que não pode ser feito em público.

— Sentiu como é gostoso? – desejosa e estando deitados de lado, ela circula a perna no meu quadril e passa a esfregar a boceta contra minha perna, que está coberta pela calça.

— Ei, princesa. Calma – com a força necessária, seguro a sua coxa, parando assim os seus movimentos que estão me deixando num estado tão crítico quanto o dela. — Eu vou fazer você se sentir bem – afirmo, e ela beija meu peito.

Cheio de pressa, desço o seu short pelas pernas, libero a minha ereção e, deitados frente a frente, com a sua perna em cima da minha cintura, penetro-a até o fim, quando de sua boca escapam palavras que mais parecem gemidos.

— Ai, que delícia... – ofega e não fica parada. Seu quadril auxilia minha mão, que firmemente empurra o meu pau para dentro da sua boceta.

— Se sente melhor, amor? Era isso que você queria?

— *Uhum* – puxa meu cabelo para baixo e deixa nossas cabeças próximas uma da outra. Enquanto meto profundo, sua boca morde a minha orelha, sua mão esquerda puxa o meu cabelo e a outra livre passa as unhas por minhas costas, arranhando por cima das marcas antigas e ainda não cicatrizadas.

— Isso, porra. Mais forte, Erick – implora, e o som das nossas pélvis se batendo ressoa pelo quarto.

— Como você quiser, gostosa – atendo ao seu pedido e penetro-a profundamente.

— Ai... Acho que vou...

— Tão boa. Tão minha – soco com força, e estando prestes a me perder, peço:

— Vem comigo – sua boceta esfola o meu pau e ela murmura:

— Sempre... – Marina goza e eu vou logo em seguida, me derramando dentro do seu corpo exausto, porém bem comido.

— Uau – diz, meio grogue e sem forças.

— Cada dia melhor – completo, analisando a delícia que é essa mulher.

Depois do nosso costumeiro momento de recuperação, onde, suados de satisfação e com um sorriso no rosto, aguardamos a nossa respiração voltar ao normal, caímos cada um para um lado e com nossos rostos fitando o teto, digo:

— Bom dia, pequena – entrelaço nossos dedos e levo sua mão para a minha boca, nela deixando um beijo. — Perdão mais uma vez.

— Não tem o que perdoar, a única coisa que lamento é não poder estar do seu lado em todas as vezes que esses pesadelos aparecem – revela, com tristeza.

— Essas são as noites mais difíceis. Sabe o que é acordar desesperado e não te ter do meu lado para comprovar que foi apenas um sonho?

— Quando for assim, você pode me ligar, querido – viramos os rostos e, de mãos dadas, ficamos nos encarando.

— Não vai precisar, isso está acabando. Quando eu parar a Patrícia, esses pesadelos também passarão.

— Torço por isso, não suporto te ver sofrer.

— E eu amo a sua forma de me confortar – ela vira os olhos para cima em sinal de deboche.

— Será que você só pensa nisso?

— Com você, minha mulher gostosinha que sabe fazer o melhor boquete? – provoco, pois, apesar de estar mais safada do que nunca, seu rosto ainda cora como o de uma virgem. — Sim!

— Você não tem jeito – diz, entre risos. — Agora deixa eu tomar banho, porque hoje ainda tem trabalho – senta na cama e continua. — Você vai depois, se formos juntos, vamos nos atrasar.

— Eu vou – teimo.

— Não vai, não – ela nega, já na porta do banheiro.

— Vou, sim, e ainda lavarei todo o seu corpo, principalmente a bocetinha, e será com a língua.

Essas são minhas últimas palavras antes de sair correndo atrás dela.

Confidências

Marina

— Não acredito que teve coragem de fazer isso, Marina – uma Ângela abismada, em seu biquíni azul que combina com os seus olhos e seus cabelos negros, me questiona.

— Fiz – afirmo, sem jeito.

Depois de esconder por vários dias, não consegui levar adiante a mentira, não para Ângela, que me conhece mais do que qualquer um – tirando o Erick – e já estava começando a desconfiar desse término.

Se Erick me deu o Oscar pela atuação na cena do término do nosso namoro, pela atuação com minha amiga certamente me entregaria o troféu framboesa.

Depois de ter me visto tão triste pelas atitudes do meu namorado e de posteriormente ter recebido de mim a notícia de que Erick tinha acabado a nossa relação e saído de casa, Ângela se sentiu na obrigação de me consolar e passou a me visitar todos os dias.

Nas ocasiões, eu não sabia se ficava feliz pela sua lealdade ou se irritada por ter que mentir todos os dias para ela, que não merece isso de mim.

Depois dos primeiros dias em que eu realmente estava mais sentida por não ter Erick tão perto, passei a ficar cada dia mais à vontade e Ângela cada vez mais desconfiada das minhas reações. Não que ela tenha me perguntado isso diretamente, era mais como um olhar mais avaliativo. Ângela ficava me encarando com olhos de rapina e eu como uma mosca atraída pela luz, ficava doida para abrir toda a verdade.

Como deixar minha maior confidente de fora desse capítulo da minha história?

O fato de ter conseguido esconder por duas semanas não foi o suficiente para assegurar que o segredo continuaria.

Não depois da noite que tivemos na quinta e de ontem pela manhã.

Como explicar as marcas de chupadas em várias partes das minhas costas, as bochechas da minha bunda marcadas dos seus dedos, que me segurou com possessividade e, para piorar, o fato de eu estranhamente estar andando com as pernas meio abertas?

Dessa vez, ela não só perguntou de maneira direta o que já desconfiava, como também me deu bronca por ter mentido por tantos dias. A sua chateação só diminuiu quando eu revelei que fizemos isso apenas para não envolvê-la ou

colocá-la em perigo.

— Meu Deus! Nunca pensei – vejo que tenta procurar palavras. — E foi bom?

— Muito bom, tanto que não vejo a hora de fazer de novo – confesso, relembrando tanto a delícia quanto a intensidade do ato.

— Esse seu namorado te transformou numa safada, Marina – diz, com os olhos fechados e a cabeça erguida para o sol.

Como é sábado e o dia amanheceu quente, convidei Ângela para tomarmos sol e dar uns mergulhos na piscina. Só não lembrei que pelo meu corpo ainda teriam as marcas da noite agitada que Erick nos proporcionou.

— Juro que não consigo imaginar uma coisa dessas. Um pau cutucando um buraco tão pequeno e fechado – fala, sem rodeios e com sua boca suja de sempre. — Mas, confesso que tenho certa curiosidade – confia, ignorando o fato de eu estar sem jeito pelo assunto.

— E o Diego? Nunca mais falou dele – mudo de assunto do jeito que posso.

— Nem me fale o nome daquele idiota – pede, e de repente seu humor muda.

O idiota a quem ela se refere é um playboy, filho de amigos esnobes dos seus pais. Com vinte e três anos, o cara que eu vi poucas vezes teve um breve relacionamento com minha amiga. Foi com ele que Ângela perdeu a sua virgindade e a capacidade de acreditar no romantismo.

Pressionada por pai e mãe ambiciosos, que não sei até que ponto controlam as suas vontades, Ângela se relacionou por alguns meses com Diego, até que felizmente se livrou dele e em circunstâncias que ela não me fala qual foi.

Só sei que, de tanto tentar, ela conseguiu se livrar do namoro insosso e hoje é mais cínica do que uma pessoa da nossa idade deveria ser.

— Acabou mesmo? – tento tirar alguma coisa da pessoa que, quando quer, se fecha como uma ostra.

— Acabou e dessa vez em definitivo – deve ser mesmo, porque tem meses que não ouço falar o nome dele. — Graças a Deus – levanta a mão para o céu.

— Por que namorava ele? – sei que tem o dedo dos pais dela nisso, mas desconfio que tem algo a mais e que Ângela não quer me falar.

— Prefiro não falar disso, até porque não tem mais importância – pega o protetor e começa a lambuzar a pele branca novamente.

— Tudo bem – ajeito meus óculos de sol que estavam escorregando pelo nariz.

— Amiga, quem é que vem ali? – nós ficamos de olho quando de longe o portão automático da garagem começa a subir. — Quando eu cheguei, o Jorge estava aqui. Tá esperando alguém?

— Não estou. Que estranho – utilizando o carro que tem os vidros escuros, não consigo ver quem é a pessoa que Jorge carrega dentro do automóvel. Se é que tem alguém lá dentro, talvez ele tenha apenas levado o carro para fazer manutenção.

Quando as portas do motorista e carona se abrem, meu sorriso cresce por ver quem é a minha visita.

— Erick – sorrio de canto a canto.

— Que gato, meu Deus – Ângela exclama, mas eu estou tão concentrada no fato de tê-lo aqui, que nem presto atenção às suas palavras.

— Muito gostoso – minha boca fica seca por vê-lo vestido de maneira casual.

— Eu quero esse homem – Ângela enfatiza, e de olhos arregalados, olho para ela, que tem o rosto vidrado em meu namorado.

— Ângela? – chamo sua atenção e sou solenemente ignorada.

Devo ter um enorme ponto de interrogação na minha testa ou ela disse que quer o meu namorado?

Será que foi o sol?

— Não importa o que eu tenha que fazer, quem eu tenha que tirar do meu caminho, vou ter ele na minha cama ou eu não me chamo Ângela Albuquerque – finalmente me olha, e de mim seu olhar retorna para a garagem.

Fazendo o mesmo que minha amiga, olho na mesma direção é só então percebo que Erick não está sozinho. Do seu lado, caminha um alto e sério Bruno, vestindo um jeans escuro e camisa gola polo vermelha. Na sua mão, tem o que suponho ser um bastão de ferro que ele não ousa abrir, ao contrário disso, Bruno caminha compassadamente ao lado do meu namorado, que de modo tranquilo acompanha os seus passos.

— Ei, amor – levanto da espreguiçadeira e dou um selinho, assim que chegam do nosso lado. — Não estava te esperando.

— Eu percebi isso – responde, quando seus olhos varrem meu corpo de cima a baixo, se demorando na parte de baixo do meu biquíni vermelho, estilo fio dental. — Dormiu bem? – abaixa a cabeça e cheira o meu pescoço.

— Poderia ter dormido melhor – digo, com malícia, até que um pigarro chama a nossa atenção.

— Não sei se o casal apaixonado percebeu, mas tem mais pessoas aqui – Bruno, com seus óculos escuros estilo aviador, assevera com a voz grossa.

— Então você notou a minha presença? – com a voz sarcástica, Ângela

também se levanta e chega bem perto de um Bruno que segue sério.

— Essa voz...

— O que tem a minha voz, não gostou? – se insinua Ângela, que nem de longe lembra a que eu conheço. Ousada, a safada encosta nele e como quem tenta testar as reações, toca de leve no braço do cara.

Olho para os dois lado a lado, e de longe sinto o cheiro de desastre.

Isso simplesmente não tem como dar certo, de todos os homens no mundo, Bruno seria o último em uma lista de preferência a ser recomendo para Ângela. Seria como ver trens desgovernados se chocando em um terrível acidente. Onde somente restariam escombros para contar a história.

— Não tinha como não notar – não entendo sua afirmação e acho que ela também não. Em seguida, meus olhos veem ela afastar tanto a mão quanto o corpo de perto dele.

— O que quis dizer com isso? – indaga, sem jeito, de uma forma que ela raramente fica. Atrás de mim, Erick fica em silêncio, com os braços em volta da minha cintura e apenas observando tudo.

— Não importa, garota – responde, grosseiro.

— Devia pelo menos ser educado e falar isso olhando nos meus olhos.

Putaquepariu! Ângela não devia ter dito isso. Na hora em que ele ouve suas palavras, o rosto que já estava sério, fica mais sério ainda.

De modo brusco, ele se agiganta em cima dela, encosta os seus corpos de maneira firme e, um tanto grosseiro, avisa:

— Fica longe de mim, menina. Para o seu bem e para o meu, apenas se mantenha distante – vira-lhe as costas e sai em direção à casa, andando com seus costumeiros passos curtos. — Você vem, Erick? Não tenho o dia todo.

— Vou lá para o escritório, amor – beija os meus lábios, sem se importar com a presença de uma mortificada Ângela. — Vamos discutir a melhor maneira de resolver aquele assunto – diz, e parece não se importar com o fato da minha amiga já estar sabendo de tudo.

Esse fato me deixa esperançosa que tudo está chegando ao fim, se não estivesse, ele teria ficado incomodado por eu ter metido mais uma pessoa no assunto.

— Tudo bem – mando beijo e ele apressa os passos para alcançar o amigo.

— Porra! O que foi que aconteceu aqui? – dramática, ela se joga na espreguiçadeira e continua. — Esse homem é lindo e tenho a sensação de já tê-lo visto antes.

— Ângela...

— Pena não ter visto os olhos, qual será a cor deles? – eu sento de frente

para ela e fico sem saber o que dizer. O melhor seria não alimentar as suas loucuras.

— Escuta o que ele disse, fica longe – suplico pelo olhar. — Vai ser melhor pra vocês.

— Ele tem namorada? – lembro-me de Lua, que não é mais, mas tem esperança de voltar a ser.

— Tem, é a minha chefe, Lua – minto, e me sinto culpada por estar fazendo isso, mas, depois ter visto o estado em que Lua ficou depois do fora e de saber da história do Bruno através do Erick, não acho que minha amiga precise dele em sua vida. E também não acho que ele queira isso.

Ângela merece ser feliz, assim como eu estou sendo e Bruno não será o cara a fazer isso por ela.

— Que pena – diz, e no seu rosto não tem nada que acuse a sua real desistência. — Pra ela.

Quando eu penso que a paz está perto de chegar, Ângela vem com mais essa.

Trunfo

Erick

Dentro do escritório, que já não lembra a bagunça que eu mesmo fiz no dia em que a víbora veio me ameaçar, um Bruno mais sério do que o seu normal entra atrás de mim.

— Algum problema, Bruno? – indago, ao sentar atrás da mesa e ele a minha frente. — Parece tenso.

— Aquela voz, quem é aquela garota? – pergunta, agora com uma expressão enigmática no rosto.

Era só o que faltava. O Bruno começar algum tipo de fixação na chatinha. Seria uma receita infalível para o desastre e sendo ela a melhor amiga da minha mulher, me sinto no dever de tentar apagar essa fagulha. Tenho certeza de que não é isso que Marina quer para a sua Ângela.

— Bruno, essa moça... – procuro a melhor maneira de dizer, para não atijar ainda mais a curiosidade dele. — Fique longe, ela não é para você.

— E quem disse que eu quero alguma coisa com a garota? – nega com veemência. — Só me diz quem é ela.

— Ângela Albuquerque, dezenove anos, e melhor amiga da Marina, isso é tudo que você precisa saber.

— Albuquerque? – pergunta, de forma estranha.

— Isso, conhece a família dela?

— Não – nega. — A voz dela... – tira os óculos escuros, coloca sobre a mesa e continua: — Tenho a impressão de já ter ouvido antes, é como ouvir a voz de um anjo...

— Anjo? A menina é um demônio. Você só pode estar louco – interfiro na sua ilusão.

— Se você diz. Mas não precisa se preocupar, eu não quero nada com a menina – assegura, e eu espero que esteja sendo sincero. Bruno e Ângela seria problema demais para alguém conseguir suportar.

— Tudo bem – encerro o assunto. — Conseguiu aquela informação? – estou ansioso por um resultado.

— Claro que sim, até parece que você não me conhece – responde, todo cheio de si.

Bruno é o tipo de homem que, sem que seja preciso fazer qualquer tipo de ameaça, convence as pessoas a fazerem, e principalmente, dizerem tudo o que

ele precisa ouvir ou descobrir. Isso é um dom e não é à toa que ele está entre os melhores criminalistas do país.

— O que conseguiu?

— Ela está envolvida em um crime de apropriação indébita. Descobri que ela andava pegando casos por fora do escritório e em um desses casos, Patrícia se apropriou de uma grande soma de dinheiro do cliente.

— Como foi isso?

Nos próximos minutos, Bruno não só me dá todos os detalhes do delito cometido por Patrícia, como também entrega a ótima notícia de que convenceu a vítima a denunciá-la.

— Que ótima notícia, cara, finalmente temos um trunfo contra ela.

— Temos, sim. Já sabe o que vai fazer?

— O mesmo que ela: chantagem.

— Isso é perigoso, Erick. Você sabe do que a mulher é capaz – ele avisa.

— Eu sei que ela é perigosa, meu amigo, mas eu também posso ser – assevero. — Pra proteger a minha menina, sou capaz de qualquer coisa, até de ir contra a lei.

— Você sabe que um crime de apropriação indébita não seria o suficiente, não é? – Bruno questiona.

— Sei que não. Uma condenação, além de demorar, só vai deixá-la ainda mais sedenta por me ferrar. Eu vou ameaçar ela com essa informação, é isso.

— E será o suficiente?

— Creio que sim, agora que a mídia está do meu lado, ela não vai gostar nada de ter seu nome jogado na lama. Com pessoas do tipo dela, um escândalo em nível nacional seria muito pior do que uma condenação.

— Você tem razão. Vamos guardar as provas como trunfo, tudo o que Patrícia não quer é ter o nome jogado na lama.

— É claro que não. Como vai conseguir dar os seus golpes sem o nome de grande advogada que usa para se meter com os figurões?

— Bingo, meu amigo – digo, satisfeito.

— Vai procurá-la? É bom que faça isso, antes de ela descobrir que vocês nunca estiveram separados. Eu sinceramente não sei qual seria a sua reação.

— Em breve entrarei em contato. Não vejo a hora de voltar para casa. De dormir e acordar todos os dias ao lado da minha mulher.

— Eita, nojo – Bruno zomba. — Pra quando é o casamento?

— Ainda não sei, a verdade é que sonho com o dia em que vou colocar uma aliança no dedo dela.

— E o que está esperando para fazer exatamente isso?

— Não acha ela muito nova para esse tipo de compromisso?

— Não acho. Não sei se você percebeu, mas até a louca aparecer, vocês estavam vivendo uma vida de casados, e se estava dando certo, não vai ser um papel que irá dizer o contrário.

— Tem razão, confesso que não tinha pensado por esse ângulo.

Eu e Marina já estamos casados, só falta um papel para oficializar. A ideia de noivado e casamento me anima e eu tenho mais vontade de resolver a situação com a chantagista e depois tornar tudo oficial.

— Eu sei que não, você só pensa em estar dentro da sua branquinha.

— Olha lá como fala, filho da puta – reclamo. — Não chama de branquinha, pra você é Marina.

— Não está mais aqui quem falou, Tarzan.

— Agora que a parte chata acabou, vamos tomar uma cerveja? – chamo, um pouco mais aliviado e acreditando que enfim eu e minha garota teremos um pouco de paz.

— Por que você não admite que já está louco de saudade da sua mulher, porra? – diz, entre risos. Zombar da minha cara se tornou o esporte preferido do Bruno, o fato de eu ser seu chefe ele não leva em conta.

— É claro que estou, ficar muito tempo na sua companhia faz isso comigo – retruco.

— Tudo bem, só uma cerveja. Deus me livre ficar muito tempo perto da voz de anjo e personalidade do demônio.

— Não seja cínico, cara.

— Me diga, ela é tão bonita quanto a voz? Os cabelos são escuros ou claros?

— Ela é bonita, sim – me limito a essa informação. — Quanto ao resto, você vai ter que usar a sua imaginação.

— Você sabe que eu posso descobrir isso, não é mesmo?

Ele indaga, enigmático. Em todos os anos em que Bruno trabalha no escritório, ele com todo o seu mistério, não deixou claro o quanto consegue enxergar. Se às vezes tenho a impressão de que vive na total escuridão, em outras suspeito do contrário, que bem ou mal, meu amigo ainda é capaz de enxergar alguma coisa.

— Isso significa que...

— Nada, Erick. Não significa nada – como sempre acontece quando tento desvendá-lo, Bruno corta o assunto.

— Se me permite, antes de descer, eu preciso usar o banheiro – se levanta e vai na direção da porta.

— Tudo bem se eu ir na frente? – indago, e seguindo o som da minha voz, ele se volta e responde.

— Eu conheço o caminho – fala, irritado, antes de sumir pela porta.
— Filho da puta! – o som da minha voz ecoa pelo ambiente, antes de eu imitar meu amigo e sair do escritório.



— Posso saber por onde andam os pensamentos dessa princesa?
Sussurro no ouvido da minha gatinha, ao me agachar do lado da espreguiçadeira em que está tomando sol e analisar o seu delicioso corpo, que está quente pelo sol e veste um biquíni nada comportado.
A garota é o pecado em forma de mulher.
— Espero que esteja pensado em mim – deixo um beijo no seu ombro aquecido pelo sol das 10h.
— Pode apostar que estava – responde, ao se sentar, tirar os óculos do rosto e colocá-los em cima da cabeça.
— Boas notícias – fico em pé, sento do seu lado e puxo suas pernas para cima do meu colo.
— Sério? – minha menina se anima e abre um sorriso capaz de levar qualquer um a nocaute.
— Sim, eu e Bruno temos um trunfo contra Patrícia – revelo, com entusiasmo. – Então, pode ir esquentando o meu lado da nossa cama, porque em breve estarei de volta.
— Em breve quando? – quer saber, e eu imagino o quanto essa situação deve estar sendo difícil para ela. Se é para mim, que fui embora, imagine para minha gatinha, que tem que ficar sozinha e com as lembranças de nós dois preenchendo todos os cômodos da mansão.
— Vou marcar um encontro com ela para segunda-feira. Isso quer dizer que provavelmente amanhã será nossa última noite separados.
— Toma cuidado, meu amor – pede, preocupada.
— Pode deixar, por você, terei todo o cuidado do mundo – beijo sua boca, tentando desfazer sua expressão preocupada.
— Que trunfo é esse que vocês têm contra ela?
— Amor, prefiro que não saiba nada sobre isso, está bem? – a contragosto, ela balança a cabeça. — Quanto menos você souber, mais protegida estará. Eu prometo te contar depois que acabar, tudo bem?
— Eu confio em você – me abraça pelo pescoço e, toda manhosa, esconde o rosto no espaço entre meu pescoço e ombro.
— Linda – lhe ajeito melhor sobre as minhas pernas, lamentando o fato

de não estarmos sozinhos, apesar de que...

— Amor, a Ângela foi embora? – somente agora me dou conta de que Marina está sozinha na beira da piscina.

— Ela foi ao toalete.

— Aqui de fora? – indago, quando uma ideia se forma na minha cabeça.

— Não, o lá de dentro. E o Bruno, cadê? – me devolve a pergunta.

— No banheiro, o lá de dentro também – revelo, e ela me olha em surpresa.

— Puta que pariu – falamos juntos.

— Você acha que eles... – questiono.

— Seria uma péssima ideia – diz.

— Um desastre – reafirmo.

— A sorte é que Bruno não parece ter retribuído o interesse da Ângela.

— Verdade – não consigo dizer outra coisa. Não tenho ideia do motivo, mas Marina se preocupa demais com a amiga e eu prefiro não ser a pessoa a colocar coisas na sua cabeça, que já está cheia dos nossos próprios problemas.

Por enquanto, é melhor que não saiba que Bruno está mais interessado do que deixou transparecer. Só espero não ter dado tempo de dos dois perturbados se encontrarem no caminho do banheiro.

— Deixa eles pra lá – começo a beijar do seu ombro até a chegar ao canto da boca. — Vamos aproveitar, pois eu passei a noite sentindo a sua falta.

— Eu também, querido – mete a mãozinha por dentro da minha camiseta, começa a alisar as minhas costas de maneira provocativa e bem no meu pé do ouvido, propõe: — Sabe que essa história de banheiro me deu uma ideia: que tal se nós dois formos lá um pouquinho?

— Você não está pensando...

— Estou, sim, eu quero você e também quero privacidade. O banheiro daqui de fora seria perfeito.

— Muito pervertida – brinco, mas levanto com ela nos meus braços, e aproveitando que estamos sozinhos, enrolo suas pernas na minha cintura e os braços abraçam o meu pescoço.

— Tive um ótimo professor – pisca, com malícia, e eu me seguro para não apertar a sua bunda que já está marcada das nossas últimas transas.

— Teve, sim – abro a porta do banheiro que fica no canto direito do jardim e lhe coloco em cima da bancada de mármore branco.

— Lá vamos nós batizar mais um cômodo – digo. — Mais um pouco e teremos transado em todos os cantos dessa mansão, não é, minha delícia? – abro suas pernas e me interponho entre elas.

— Sim – ela responde, no momento em que puxo o laço que prende a

parte de baixo do seu biquíni.

Fúria

Patrícia

— Aqui está – o moleque que se acha um homem adulto joga um envelope pardo em cima da cama de um quarto de hotel que mais parece uma espelunca.

— São as fotos? – indago, e Mateus balança a cabeça antes de sentar do meu lado.

Cheio de expectativas, o menino patético espera que eu abra o conteúdo do envelope e seja eternamente agradecida pela informação que me traz. Assim como todos os outros, esse garoto é apenas mais um idiota disposto a fazer de tudo para me agradar.

Depois de ver minha primeira interação com a idiota da Marina, ele veio atrás de mim como um cachorrinho assustado, mas não assustado o suficiente para frear a sua curiosidade. Dali e imaginando que de alguma forma poderia me ser útil – já que estava na companhia da garota – levei o moleque para minha casa e depois de um boquete bem feito, já o tinha em minhas mãos, disposto a fazer tudo o que eu pedi.

Agora que o conheço um pouco melhor, já entendi que seu alvo nunca foi a vadiazinha da Marina, pela sua forma de falar – que não é muito, devo confessar – seu alvo em toda essa história é a tal Ângela, melhor amiga e quase um cão de guarda da Marina. Sem que precisasse revelar muito, entendi que Mateus tem uma estranha fixação pela prima e quer de alguma forma se beneficiar dos meus planos.

— Posso saber o que você ganha com isso? – balanço o envelope diante dos seus olhos.

— Além do óbvio? – seus olhos medem meu corpo de cima a baixo e sua mão começa a alisar minha perna, que a abertura da camisola de seda deixou desnuda.

— Sim, além do óbvio – coloco minha mão em cima da sua, parando seus planos. Ele não pode estar achando que vou fazer o sacrifício de transar com ele, quando tenho coisas mais importantes para fazer. Se o sexo fosse pelo menos bom...

— Acho que isso é assunto meu, apenas saiba que a amizade daquelas duas não me interessa em nada. Prefiro que a Marina use seu tempo para solucionar seus próprios problemas do que o tenha de sobra para se preocupar com Ângela.

— Entendi, mas isso também não me importa – corto o discurso cansativo. — Vamos ver o que temos aqui – sob o seu olhar cheio de expectativas, abro o lacre do envelope e pela textura do papel que meus dedos tocam, suponho que o conteúdo tirado lá de dentro seja fotos.

Tendo-as em mãos, eu custo a acreditar no que meus olhos veem.

Foto atrás de foto, vejo imagens de Erick rondando a mansão da vadia tarde da noite, o carro dele saindo de madrugada pelo portão da garagem e até o carro do filho da puta do Bruno aparece nas malditas fotos.

Não fazendo questão de conter a minha fúria, destruo todas as fotos, rasgando uma a uma até que fiquem em pedacinhos, viro para o moleque e pergunto:

— Como você conseguiu isso? – aponto para os pedaços de papel espalhados pelo quarto. — Essas imagens são recentes?

— Todas dessa semana – confirma o quanto fui idiota.

— Você acha que eles estão...

— Não está óbvio?

— Desgraçados! – viro o corpo para trás, pego uma almofada. — Eu vou acabar com aqueles dois – soco furiosamente o pedaço de pano recheado com penas, como se estivesse socando os dois ordinários metidos a espertos.

— Você precisa se acalmar – ouvir a voz do moleque me dizer o que fazer aumenta ainda mais a minha raiva.

— Cala a boca – grito em sua direção. — Quer saber, dá o fora daqui – vou até a porta e a deixo escancarada, mas o idiota só sabe ficar me olhando com cara de assustado. — Fora – grito mais alto e ele finalmente se mexe.

— Me liga quando estiver mais calma – Mateus sai e eu bato a porta com força.

— Vocês não têm ideia da besteira que fizeram – falo sozinha, andando de um lado para o outro. — Vão pagar muito caro por ter tentado me passar para trás.

— Principalmente você, sua vadiazinha dos infernos – falo para o travesseiro, imaginando que seja o rosto odioso da garota. — O Erick vai ser meu, só meu.

Eu devia ter imaginado que isso iria acontecer.

Como eu fui burra!

Tudo por culpa da filha da Cristina, eu estava tão perto, sei que estava. O Erick estava sozinho, sofrendo a morte do amigo, precisando de um ombro amigo que o consolasse pela perda. Eu ia ajudar, juro que ia. Estava tudo planejado na minha mente.

Se não fosse a vagabunda mirim, à essa hora o Erick já teria até me

pedindo em casamento, tenho certeza. Estaríamos os dois tocando o escritório e felizes, muito felizes.

Mas também, como eu iria imaginar que ele iria se interessar por uma garota tão sem graça como a filha da Cristina? Uma mocinha sem sal, com sua eterna cara de cachorro sem dono. No mínimo usa da fragilidade para prender o meu homem, e como ele é um idiota de coração mole, deve estar do lado dela por pena.

— É, Erick, você não está me dando outra opção – digo, não conseguindo ficar parada. — Se você não consegue fazer isso, eu vou ter que me livrar dela pra nós.

Sorriso, satisfeita por pensar que nem tudo está perdido. Se nesse momento ela está com Erick, rindo da minha cara, é bom que aproveite bastante, porque essa alegria está perto de acabar.

Não importa como ou onde eu tenha que chegar, esses dois não vão ficar juntos, isso eu garanto.

— É isso, Patrícia, você vai se livrar da garota. Você não queria fazer isso, foram eles que pediram. Eu juro que foi.

— E você, meu caro – pego um recorte de revista que contém a sua foto, beijo o pedaço de papel e afirmo: — Vai ser meu ou não vai ser de mais ninguém.

Depois do que os dois aprontaram, guardo a foto dentro de uma gaveta, troco de roupa rapidamente e de dentro da gaveta pego o que preciso, antes de sair do quarto.

Oficial

Marina

— Bom dia – minha voz soa abafada, talvez por minha boca estar contra os travesseiros. — Vejo que alguém acordou animado – digo, ao sentir seu corpo quente pairar sobre o meu e quando sua boca começa a descer beijos desde o meu pescoço e ir deslizando pelas costas. No processo, Erick vai abaixando pouco a pouco o pano fino que cobre a minha nudez.

— Do seu lado eu sempre acordo animado e você sabe disso, minha garota safada – afirma, ao dar uma mordida bem perto de onde ficam as minhas costelas, depois, ele continua descendo o pano, até que consiga desnudar a minha bunda. Ao fazer isso, Erick fica em silêncio, apenas me observando com atenção.

— Algum problema, querido? – indago, preocupada.

— Amor, não acha que tá na hora de nós pegarmos um pouco mais leve? – seu dedo alisa alguns pontos da minha pele, e pelo que parece, seus olhos só agora repararam nas costas que acabou de beijar.

— Onde você está querendo chegar com essa conversa, Erick? – viro meu rosto para trás, na intenção de enxergar melhor o seu rosto, pois o corpo morto de preguiça e ainda lânguido pelas atividades da noite anterior, permanece deitado de bruços.

— Se você estivesse vendo o que eu vejo, iria entender, querida. Suas costas e bunda... – ele começa e já sei o fim da frase.

— Não vem com esse papo de novo – repreendo. — E daí que no meu corpo tem algumas marcas? Suas costas também têm marcas das minhas unhas, mas e daí? Isso é o que nós somos, meu amor, e você não pode refrear.

— É que... – fica por um momento apreensivo. — Eu fico doente só de pensar que de alguma forma possa estar te machucando. Sei que você sente prazer, quer dizer, que nós dois sentimos prazer com o tipo de sexo que estamos fazendo, mas...

Quando ele vai começar a dissertar os seus temores, viro com a barriga para cima, oportunidade em que seus olhos vão direto para as duas marcas que sua boca deixou nela, e já não tenho certeza se deveria ter feito isso. Como não quero dar tempo para que pense demais, coloco a mão na sua boca e digo:

— Não tem um "mas", Erick, já disse que não sou uma boneca, que a qualquer momento vai se quebrar. Elas parecem piores do que são, mas é por que sou branca demais e esse é o único problema aqui.

— Tem ideia do que as pessoas pensarão ao verem isso aqui? – pensativo, alisa as marcas na minha barriga.

— Ninguém vai ver, assim como não vão ver os arranhões nas suas costas – digo, ao acariciar a sua barba por fazer, que ele aprendeu a deixar, depois de eu ter confessado gostar dela assim. — E se ver, vou falar que meu namorado faz o sexo mais delicioso do mundo, que as mesmas marcas que eu tenho, ele também carrega na pele.

— Você tem mesmo dezoito anos? – paira o corpo sobre o meu e sua boca beija o meu pescoço. — É muito madura sabia?

— São dezoito anos, mas a mentalidade tenta acompanhar a seriedade do meu homem.

— Não fala assim – pede, e a mão fica despreocupadamente em cima do meu peito.

— O que foi que eu falei? – indago, sem entender onde foi que me perdi.

— Meu homem – responde, e já sei que a neura passou e o modo safado foi ativado. — Quando diz isso, fico com vontade de te comer todinha. Minha mulher!

— E eu fico com vontade de me dar para você, quando me chama de sua mulher.

— Você quer, ou acha que ainda é muito cedo para isso? – pergunta, e percebo certa insegurança na sua voz.

Eu já não sou a mulher dele? Pelo menos foi isso que acabou de afirmar.

— Isso o quê? Você está bem? – pergunto. — Desde a hora em que abriu esses lindos olhos azuis está agindo e falando coisas estranhas.

Ele não responde, mas vira o corpo para a beira da cama, estende o braço, abre a primeira gaveta do criado mudo branco e de lá tira alguma coisa que eu não tenho ideia do que seja.

— Tô bem, só um pouco nervoso – revela, deixando claro que tem algo importante para dizer.

Nesse momento, meu coração dispara e eu não sei se estou preparada. Depois da turbulência pela qual a nossa relação passou, ando meio cabreira sempre que ele tem alguma coisa séria para dizer.

— Posso só ir ao banheiro antes? – peço.

Além de a minha bexiga estar cheia, não quero ter outra conversa – além da que os nossos corpos costumam ter na maioria das manhãs – com os olhos cheios de remela e com mau hálito matinal.

— Claro, querida – afirma, ao dar um selinho na minha boca e ainda com o objeto na mão esquerda, levantar-se e dizer: — Também preciso usar o banheiro. E também quero que tenha privacidade – afirma, e veste sua calça

jeans que estava jogada no chão, já que a cueca provavelmente ficou pelo meio do caminho até aqui.

— Tá bom – digo, e ele dá uma piscadela antes de tentar passar pela porta fechada.

— Meu amor? Tudo bem? – chego do seu lado, me esforçando para segurar o riso e checando a sua testa, que acabou de dar um beijo na porta.

— Sim – diz, todo sem jeito e desconcertado, uma característica que ele nunca demonstrou ter, porque de fato não tem. — Até mais, linda. Nos encontramos aqui?

— Sim – confirmo. – Vai poder passar o dia aqui comigo?

Hoje é domingo e tudo que eu quero é passá-lo ao lado do meu namorado. Sem preocupação e nada para fazer. Apenas curtindo a preguiça e namorando.

Não sei nem descrever o susto e a alegria sentida quando, lá pelas 03h da manhã, Erick se deitou do seu lado da cama. Segundo ele, esse é o melhor horário de aparecer por aqui, já que é a hora de menor movimentação e consequentemente levanta menos suspeita.

Sei que ele tem muito medo do que possa acontecer caso a víbora nos descubra e talvez por isso não o pressiono – tanto – quando quero que ele passe a noite em casa, coisa que acontece todos os dias.

— É claro, amor, mas nós vamos ter que ficar trancados aqui e só poderei sair de madrugada, assim como cheguei hoje.

— Amei esse castigo – digo, ele abre um sorriso, me dá outro beijinho e sai do quarto.

Com pressa, entro no banheiro e faço o que tenho que fazer.

— Meu Deus! Você está pavorosa, Marina – digo a mim mesma, em frente ao espelho.

Erick

— Como você é burro, Erick – repreendo a mim mesmo na frente do espelho, depois de ter feito minha higiene básica matinal. — Passando vergonha na frente da sua garota – digo em voz alta, ao pegar o objeto brilhante de dentro do bolso traseiro das calças.

Depois da conversa em que o Bruno abriu os meus olhos para a situação em que Marina e eu já vivemos, não me aguentei, e horas depois, estava na mesma loja em que comprei o anel de compromisso, comprando outro anel, só que dessa vez, um anel de noivado.

Com o brilhante bem na frente das minhas vistas, fico me perguntando se vou fazer a coisa certa. Se não estarei sendo precipitado demais.

Bem, a resposta eu só vou saber se for lá e perguntar a ela.

Bruno tem razão em tudo que disse. Marina e eu vivemos como marido e mulher desde o início do namoro.

A fase em que cada um mora para um lado, dormindo juntos por algumas vezes, só veio agora e foi somente porque fomos induzidos a isso. Se não fosse por Patrícia nos ameaçando, eu e ela não teríamos tido e sensação de um namoro convencional.

Meu amigo também teve razão quando me alertou que o medo de fazer a proposta é ilegítimo. Minha garota, apesar da idade, tem plenas condições de entender exatamente o que um noivado e um casamento implicam. E também, não é como se fôssemos casar amanhã mesmo. Na minha cabeça, o noivado é apenas o primeiro passo de uma caminhada rumo ao destino final, resumido em tê-la oficialmente minha.

A aliança no seu dedo é como tornar ainda mais definitivo o nosso relacionamento, é deixar que todos saibam que ela tem dono, assim como eu também tenho, sim, pois, da mesma forma que fiz com o anel de compromisso, estou disposto a usar a minha aliança. Não tenho a intenção nenhuma de tentar passar a ideia de que estou livre, quando a realidade não poderia ser mais diferente.

— Vamos lá, cara – digo em voz alta, tendo decidido que o tempo de ser cagão acabou. — Ela já deve estar preocupada com a demora.

Depois de me convencer que estou tomando a decisão certa, saio do quarto e rezo para que Marina me dê a resposta que eu espero obter.

Ao entrar novamente dentro do nosso quarto, encontro Marina sentada no sofá de dois assentos, que fica na lateral direita do quarto e com seu vestidinho florido e de alças, ela abaixa o celular que até então encarava com total concentração e me fita, esperando eu falar alguma coisa.

— Atrapalho? – aponto para o celular.

— Não, só estava lendo meu livro enquanto você não vinha – afirma, me fazendo lembrar do quanto ela gosta de ler. Os romances são sua paixão e minha garota é adepta aos livros digitais, pois, segundo seu entendimento, são práticos e mais leves.

— Marina... – me ajoelho na sua frente, apoiando as mãos em cima do seu colo. — Eu não sei como fazer isso sem parecer um completo idiota – estou tão nervoso que minha voz sai enguiçada.

— Estou ficando preocupada, amor. Você está tremendo? – preocupada, meu anjo passa a mão pelo meu rosto.

Estou, sim!

— Se a situação fosse outra, faria tudo do jeito que você merece –

começo a me justificar. — É só que... Não posso mais esperar e não posso fazer do jeito grandioso que gostaria e que você merece – confesso a verdade.

Eu sei que poderia esperar e aguentar mais uns dias até fazer isso da maneira que ela merece. Mas, a empolgação de saber que estamos prestes a ter a nossa liberdade de volta foi tanta, que não aguentei, quando dei por mim já estava na joalheria, assim como estou aqui, de joelhos e sem saber ao certo o que dizer.

— Erick, você não vai... – começa e se emocionar e coloca a mão na boca para disfarçar o fato.

É, meu amor, é exatamente isso que passa pela sua cabeça.

— Vou, sim – abaixo a sua mão esquerda e abro a direita, que até então estava fechada em cima do seu colo. — Eu amo você mais que tudo nessa vida, por isso queria saber... — Sim! — ... casa comigo?

Falamos ao mesmo tempo, e com os olhos marejados, Marina olha para o anel que ostenta uma brilhante pedra de diamante, pedra essa que tem dentro dela o formato de dois corações entrelaçados, assim como eu quero que seja a nossa vida daqui em diante.

Noivos

Marina

— Desculpa – peço, entre risos e lágrimas.

Sim, pareço uma doida ao fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Mas, como me segurar quando tenho o homem da minha vida de joelhos e me pedindo para ser sua esposa?

Acho que estou até me comportando bem; poderia ser pior, eu poderia estar agindo como a maluca que finjo não ser e sair correndo pela casa, contando para todos os funcionários que eu, Marina Junqueira, fui pedida em casamento.

— Pelo quê? – pergunta meu noivo – que delícia falar essa palavra – ao me tirar do meu devaneio e me fitar com um olhar curioso.

Ele deve estar me achando uma maluca. Não julgo se estiver, eu também acharia estranho ver alguém rir e chorar ao mesmo tempo.

— Não pareço uma doida?

— Parece, sim, mas é a minha doidinha – diz, sendo fofo. — Posso?

— Deve – estico a mão e ele coloca a aliança, beijando meu dedo em seguida.

— Por essas lágrimas, posso supor que gostou dela? – indaga, olhando para o anel de diamante enfeitando o meu dedo.

— Eu amei, de verdade, querido – fico babando e pensando em como Erick me conhece bem, escolheu uma aliança que é a minha cara, nem menos nem mais e sim a que eu provavelmente escolheria se tivesse ido junto.

— Que bom, porque dessa vez eu não tive a ajuda da chatinha – revela, ao se levantar, correr até o criado e da gaveta tirar alguma coisa.

— Agora sim – volta, ostentando uma aliança de prata no dedo. — Noivos.

Parado na minha frente, meu amor me estende a mão e a eu pego, sem pensar em mais nada que não seja esse momento especial.

Vendo de perto o rosto tão amado por mim, entendo que tudo valeu a pena. Se para chegarmos até aqui foi preciso andarmos por caminhos tortuosos, garanto que viveria tudo outra vez. Tudo o que me trouxe para esse dia, nesse quarto e com ele, que em breve vai ser oficialmente meu.

Meu esposo, o amor para toda a vida.

— Noivos – enlaço o seu pescoço, e ao circular a minha cintura em um abraço possessivo, Erick me beija – um beijo calmo e cheio de significado, onde tenta transmitir sentimentos que no momento a boca não pode falar.

— Amo você – depois de um tempo, ele finalmente diz: — Amo – beija meu pescoço — você – viaja por todo o meu rosto e finaliza: — minha vida.

Essa última parte Erick diz olhando dentro dos meus olhos, e eu não consigo fazer ou dizer nada além de beijá-lo novamente.

Dessa vez é diferente do seu, meu beijo foi mais faminto, daqueles que fazem a gente perder o rumo de casa. O tipo que faz a calcinha molhar, caso você esteja vestindo uma, e que traz uma repentina vontade de ficar e de deixar alguém nu.

O bom dele é que afeta o meu homem na mesma medida em que me afeta, pois quando dou por mim, Erick já tirou o meu vestido e calcinha e em segundos me vejo de volta à cama e com meu noivinho mandando ver.

Da primeira vez, optamos pelo amor gostoso, em homenagem ao nosso noivado e da segunda, fodemos do jeito que eu e o diabo gosta, o tipo de transa em que se ouve palavrões ao invés de declarações, e tapas e arranhões ao invés de beijos e afagos.

Tanto no amor lento e cheio de sentimentos, quanto no sexo cru e frenético, o prazer que eu e Erick sentimos é o mesmo, a diferença é que eu amo e aceito ele, ao passo que meu preocupado noivo, apesar de amar, tenta se abster de fazê-lo, por medo de julgamentos errôneos.

Apesar de não concordar, tento entender o seu temor pelas interpretações erradas que as marcas do nosso sexo podem resultar, mas, por outro lado, eu entendo e tento colocar na sua cabeça que não tem nada de errado conosco, que o que acontece no nosso quarto não é e nem nunca será pauta para julgamentos, até porque a nossa diferença de idade já é assunto suficiente para que algumas mentes preconceituosas nos virem a cara.

O que eu quero é o Erick de agora, que se dá e me dá prazer do jeito que apreciamos, sem se preocupar se pode ou não me machucar quando as coisas ficam quentes demais, afinal, ele sabe que confio nele o suficiente para fazê-lo parar quando achar que está me dando mais do que eu posso aguentar.

— Mais, Erick. Mais forte – minhas mãos se agarram ao pano fino da cama como um bote salva vidas, enquanto meus joelhos lutam para sustentar o peso de todo o meu corpo e as investidas bruscas do meu noivo. Em pé e segurando o meu quadril com possessividade, ele faz como eu peço, e espalma a mão na minha bunda com maior intensidade do que tinha dado do outro lado.

— É assim que você gosta, não é? – investe, agora alisando as bochechas ardidas e marcadas da minha bunda. — Muito safada, essa minha mulher.

— Erick, acho que eu vou... – interrompo o que estava prestes a dizer, pois, me conhecendo como conhece, ele sabe exatamente o que eu quero e leva a mão até o meu clitóris e o estimula em sincronia com suas estocadas que estão

cada vez mais profundas e cadenciadas.

— Você vai, sim... — diz, com a respiração curta. — Goza pra mim, minha gostosa — pede, ainda metendo, e como se seu comando de voz também comandasse o meu corpo, gozo, chamando por seu nome como quem reza um mantra.

Me sentindo exausta, meu corpo desaba sobre o colchão, e sustentando o peso do seu corpo pelos braços, Erick ainda me penetra algumas vezes, até que se libera dentro de mim.

Com os corpos inutilizáveis e com dificuldade para respirar, tombamos sobre a cama e assim ficamos, até sentirmos a adrenalina pós-foda baixar.

Depois de um tempo, ouço a cama se balançar e já sei que Erick está pronto para outra.

— Amor — chama, ao beijar a parte alta das minhas costas.

— *Humm* — ainda me sentindo languida, isso é tudo que consigo murmurar.

— Não foi assim que imaginei esse momento — sorrindo, ele sussurra no meu pé do ouvido, enquanto dá leves mordidas pelo meu pescoço suado. — Mas confesso que está sendo mais delicioso do que se tivéssemos planejado uma festa

— Eu não mudaria nada. Foi perfeito do nosso jeito, além disso, tudo o que precisamos para que torne o momento perfeito é estarmos felizes e convictos do que queremos e somos para o outro — afirmo, e sua boca insiste em distribuir beijos, que do meu ombro passam novamente pelo pescoço até chegar ao lóbulo da minha orelha.

— Muito sensata a minha garota — Erick me elogia, sem deixar por um segundo de me tocar.

É assim que somos nos momentos em que estamos juntos. Se antes éramos carinhosos um com o outro, nas últimas semanas e inconscientemente, estamos agindo como se nunca tivéssemos o suficiente, como se precisássemos reafirmar e lembrar o porquê de não conseguirmos ficar separados.

Seja nos toques sexuais, seja nos mais inocentes, o que nos importa é estarmos sentindo um ao outro. Então, para mim não importa a forma como o pedido foi feito, pelo contrário, ele representou com perfeição o que somos.

— Eu não poderia ter planejado melhor essa manhã. Prefiro transar a ser obrigada a dividir o nosso momento em uma festa em que parte das pessoas viriam para nos julgar e sair falando mal — confesso. — Só acrescentaria um passeio, o nosso primeiro como futuros Senhor e Senhora Estevan — minha boca grande não se absteve de completar o raciocínio com o infeliz comentário.

Percebendo que falei o que não devia, viro-me e deito de barriga para cima, quem sabe assim eu não o distraio do rumo que os seus pensamentos

podem tomar.

— E posso saber onde a senhorita minha noiva gostaria de ir para comemorar? – Erick questiona, com a cabeça apoiada em uma mão e o rosto pairando sobre o meu enquanto a outra mão faz movimentos circulares em volta do meu umbigo.

É, pelo jeito meu plano não deu muito certo.

— No nosso lugar – digo, e ele sabe que me refiro ao parque onde foi o nosso fim e recomeço.

Por tudo o que aconteceu lá, o lugar acabou se tornando o nosso refúgio, onde podemos estar conectados com a natureza. Se de dia ele é movimentado, à noite e no cantinho onde somente nós dois temos acesso, podemos ter nossa privacidade e a paz que buscamos, longe da realidade de uma cidade movimentada.

— Bom, talvez eu possa dar um jeito de irmos para lá. Nós só precisamos ser discretos – diz.

— Não é muito arriscado? – indago, preocupada.

— É, sim, mas se tivermos cuidado, vai dar tudo certo – explica. — Vamos sair com o motorista pela rua de trás do condomínio, só por precaução.

— Tudo bem. Estou tão animada – levanto da cama num pulo e saio perguntando: — Vamos tomar banho?

— Nesse banho vai rolar um agradecimento especial? – ele pisca com malícia, ao descer os olhos por todo o meu corpo nu, o olhando como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Isso você só vai saber se vier descobrir – devolvo a piscada e entro no banheiro, mas não sem antes escutar sua reposta:

— Não precisa chamar duas vezes, gostosa.

Erick

A fim de sermos discretos, Marina e eu saímos com Jorge de motorista e por um caminho diferente, mas nenhum desses cuidados me tira a sensação de estar sendo observado. Paranoico, fico todo o caminho olhando para trás e pela janela verificando se não estamos sendo seguidos.

É claro que não estamos, temos sido discretos, então não tem como Patrícia ter descoberto alguma coisa, e se tudo der certo, amanhã mesmo ela terá uma surpresinha.

Finalmente vamos nos livrar da chantagista e viveremos em paz, assim como vivíamos antes.

— Eu estou tão feliz – Marina interrompe meu devaneio, ao deitar a

cabeça no meu ombro.

— Eu também, pequena – olho para os nossos dedos entrelaçados e continuo: — Hoje nada vai estragar o nosso dia, e em breve não precisaremos mais ficar namorando em segredo, como dois criminosos que se escondem da polícia.

— Eu sei, confio em você – afirma.

Quando chegamos, já perto da hora do almoço, preparamos um cantinho perto da árvore que ela batizou como nossa, arrumamos a toalha e lá colocamos a comida que Maya ajudou a preparar. Depois de almoçarmos e descansarmos um pouco, minha noiva e eu dividimos a tarde entre banhos de cachoeira e caminhadas de mãos dadas pelo parque, que não está tão movimentado, talvez por ser um dia de domingo.

Com orgulho, Marina sustenta o seu brilhante, assim como eu uso a aliança que faz par com ele.

No fim do dia, quando já está escurecendo e o lugar está praticamente vazio, chamo Jorge e ele logo chega com o carro.

— Está feliz? – indago, enquanto com o braço em volta da sua cintura, nos dirigimos para perto do veículo.

— Exausta, mas feliz – sorri entre um bocejo.

— É pra isso que eu vivo, amor – afirmo, beijando a sua testa. — Pra te ver feliz – assevero, e já estamos próximos ao carro quando de repente nossa conversa descontraída é interrompida por uma odiosa voz:

— Ora, se não é o casalzinho feliz – nós dois nos voltamos para trás, e entre a escuridão que começa a cair sobre o parque, vejo a conhecida peruca negra e os enormes óculos que cobrem o seu rosto.

— Patrícia? – digo, e ao meu lado sinto minha garota se encolher.

— Eu mesma, vocês acharam mesmo que iriam me enganar?

Não durma

Erick

"Vocês acharam mesmo que iriam me enganar?"

O tom sombrio da sua voz gela meus ossos e eu passo a observar com atenção todos os seus movimentos. Pelo meu canto de visão, reparo poucas pessoas transitando tranquilamente, ao se dirigirem para suas casas, e mais à frente, Jorge se encontra dentro do carro de vidros escuros. Esperto como é, eu espero que ele perceba a movimentação estranha a nossa volta e que não faça nada ou que tenha o bom senso de agir apenas se necessário.

— Aqui não, Patrícia. Vá embora, por favor, amanhã eu te procuro. Nós precisamos conversar – tento falar com tranquilidade, ao passo que do meu lado, Marina permanece quieta, com sua mão agora unida à minha.

— Não vou, o tempo de me fazer de idiota acabou, Erick Estevan – afirma. — Não sei o que disse para essa idiota, mas isso não vai ficar assim, você e todo aquele escritório serão meus – diz, ao começar a caminhar na nossa direção. — E essa vadia mirim que vá para o inferno.

— Pare aí mesmo, Patrícia. Não chega perto dela – empurro o corpo da minha pequena para trás do meu e prossigo: — Acabou pra você. Eu sei do seu envolvimento no crime de apropriação indébita no caso dos Ferraz, então é o seguinte: ou você se afasta de nós ou eu mesmo vou à imprensa e a polícia para contar do seu pequeno deslize – ameaço, e seu rosto começa a se contorcer em fúria. — Acho que você não gostaria de se ver envolvida num escândalo desse tamanho, não é mesmo? – termino.

Essa conversa era para ter sido de outra forma, longe o suficiente para que essa mulher não tivesse a oportunidade de colocar os olhos em cima da Marina.

— Isso não vai ficar assim, não vai. Nada está saindo como eu planejei, querido. Eu ia me livrar dela e nós dois seríamos felizes, mas você teve que estragar tudo. Se deixou sujar pela mediocridade dessa menina e agora está aí, me ameaçando – desnorteada, ela começa a dar passos para trás, ficando cada vez mais distante de nós – quando viro de costas para checar se minha noiva está bem, ainda sou capaz de ouvi-la repetir por incontáveis vezes:

Não vai ficar assim.

Não vai.

Um pouco à frente, Jorge abaixa os vidros negros do carro e eu vejo seu rosto mais tranquilo por tudo ter acabado bem.

— Acabou, meu amor – limpo suas lágrimas que agora escorrem. — Pobrezinha – beijo seus olhos. — Está tudo bem, agora poderemos ter paz.

— Eu te amo, Erick – seus olhos me fitam com pesar, coisa que não consigo entender. Era para ela estar feliz, nós finalmente estamos livres. — Jamais se esqueça disso – fica na ponta dos pés e deixa um beijo no canto da minha boca, e eu sinto o gosto salgado de uma grossa lágrima que escorre do seu olho até os meus lábios.

De uma hora para outra, como um filme em câmera lenta sendo rodado na minha frente, meus olhos avistam Jorge abrir a porta, sair de dentro do carro e Marina se afastar e desviar os olhos para algo que acontece atrás de mim.

Quando vou me virar para entender o que aconteceu para ter chamado a atenção tanto de Marina quanto de Jorge, minha mulher abre os braços e joga o corpo na frente do meu.

— Erick, não – são suas últimas palavras, antes que seu corpo dê um impacto para trás. No impulso, lhe seguro e só então consigo entender o que aconteceu.

— Meu Deus, não. Não faz isso comigo – suplico. — Marina, meu anjo, o que foi que você fez? – amparando-a pelos braços, vou me abaixando até que meus joelhos estejam sobre a grama verde e que tenha a sua cabeça e parte do tronco apoiados nas minhas pernas.

Rapidamente um alvoroço se instaura a nossa volta, as poucas pessoas que ainda transitam se dividem entre correr assustadas pelo tiro e ajudar Jorge a conter a miserável que, querendo me atingir, acabou acertando meu amor, que na tentativa de me proteger acabou sendo ferida.

Dentro da minha cabeça, uma batalha está travada; um lado quer ir até a infeliz – que já está sendo contida por dois homens, enquanto Jorge faz uma ligação que eu suponho ser para a polícia – e torcer seu pescoço com as minhas próprias mãos, e o outro que não consegue se mover, por medo do que pode acontecer caso se afaste um centímetro sequer para longe da minha mulher.

Levando segundos para entender tudo o que acontece a minha volta, abaixo a cabeça e ver seu rosto, seu corpo e ouvir suas palavras, me faz perceber que nunca houve outra escolha, que minha prioridade sempre foi e sempre será ela.

— Erick... – sussurra, e sua voz sai tão fraca que não deixa dúvidas do

quanto se esforça para se manter consciente.

Não durma, princesa.

Resista, mantenha esses lindos olhos abertos.

— Não faça esforço, meu amor – suplico, quando tenho coragem para descer olhos mais para baixo e vejo uma enorme mancha de sangue começar a se acumular bem próximo do seu peito. No ato, minha garganta ameaça se fechar e meus olhos se enchem de lágrimas.

O nó na garganta, o embrulho no estômago e as lágrimas que não hesitam em cair são sinais claros do meu desespero.

Desespero por entender a gravidade do seu estado e por medo do futuro, um futuro que nem sequer ousar pensar.

— Vai ficar tudo bem, temos uma vida inteira para conversar – digo para ela e para mim mesmo.

Com as mãos trêmulas e tentando não fazer movimentos bruscos, grito para alguns curiosos que começam a se acumular a nossa volta.

— A ambulância, porra! Alguém, por favor, chama uma ambulância... – falo mais baixo e não consigo segurar a emoção quando ouço minha preciosa gemer em agonia e seu rosto ficar cada vez mais sem vida. — A minha mulher, ela...

Não tenho coragem de terminar a frase, porque o pensamento que passou por minha cabeça é cruel demais para ser externado.

— ... aqui mesmo, tem uma moça, ela foi baleada e parece ser grave. Depressa.

Sem tirar os olhos da Marina, que apesar de me fitar, parece não estar conseguindo focar em mim, ouço o barulho da sirene de polícia. Provavelmente vieram prender a ordinária.

— Cadê a porra dessa ambulância, caralho? – olho em volta, irritado pela polícia ter chegado antes do socorro. — Aguenta firme, meu amor – peço, ao fazer carinho no seu rosto pálido. — Vai ficar tudo bem, prometo – ela ainda tenta abrir um sorriso, mas falha miseravelmente. — E você sabe que costumo cumprir com as minhas promessas.

— Erick, o meu tempo está acabando... – diz, num fio de voz, e tenho vontade de tapar os ouvidos com as mãos apenas para não ouvir a frase tão definitiva saindo da sua boca, já ressecada e sem vida. — Você precisa prometer...

— Não fala nada, amor – imploro, com a voz embargada pelas lágrimas.

— Promete que vai ser feliz, que quando eu partir você vai refazer a sua vida? – faz força para formar as frases.

— Prometo que nós vamos ser felizes – respondo, enfático. — Você vai

ficar boa e nós vamos nos casar e um dia ter nossos bebês, lembra? Você prometeu, linda – tento sorrir para ela.

— Eu fui muito feliz com você, do jeito que um dia sonhei e achei que não seria possível realizar – afirma, com a voz quase sumindo e os olhos mais baixos. — Eu sempre vou te amar, de onde estiver, estarei olhando você. Te amo...

Essas são suas últimas palavras antes de perder a consciência.

— Não, Marina – imploro, desesperado. — Não faz isso, olha pra mim. Eu não vou deixar você ir, nunca!

Cuidadosamente, desço meu corpo sobre o seu, até sentir minha camiseta ensopar com o sangue pegajoso e quente, e selo os nossos lábios pela última vez.

Quando ao longe finalmente consigo ouvir o som da sirene, ainda tenho forças para rezar. Para pedir a quem quer esteja nós olhando, que faça um milagre, que não me tire o que me é mais precioso nesta vida. Não a minha Marina, tão jovem e cheia de vida, ela não merece ter sua vida interrompida tão cedo e de maneira tão covarde.

Enquanto os paramédicos fazem o trabalho, caminho de um lado para o outro, ouvindo-os cochichar palavras tão desanimadoras sobre seu estado, que nessa hora eu me pergunto se não seria melhor se eu fosse surdo. Nada de animador sai de suas bocas. Segundo eles, os sinais vitais da minha menina estão fracos e o fato de estar perdendo muito sangue agrava ainda mais a situação.

— Alguém me diz alguma coisa, por favor – me aproximo quando a colocam dentro da ambulância.

— O senhor é o noivo?

— Eu mesmo – digo para a paramédica, e seu olhar não consegue esconder a pena que sente, tanto da Marina quanto de mim, que não escondo meu desespero e agonia.

Ao vê-la se dirigir para dentro da ambulância, que já tem Marina em uma maca, com uma máscara de oxigênio no rosto e expressão tão serena, que mais parece estar dormindo do que gravemente ferida, lhe sigo na intensão de acompanhá-la até o hospital, mas sou prontamente barrado pela mesma.

— O senhor não pode vir conosco – avisa.

— Não me peça isso – suplico.

— É para o bem dela – explica com paciência e eu concordo, resignado e sabendo que precisarei do Jorge. Ele está entrando novamente dentro do carro, isso depois de ter despachado a desgraçada para a polícia.

— Ela vai ficar bem? – pergunto para a paramédica sentada na frente da Marina e preparando algum tipo de aparelho que eu não sei e nem quero imaginar o que significa.

Com pesar e sabendo exatamente o estado da minha noiva, ela se limita a dizer:

— Eu não posso te dar essa informação...

Continua falando os motivos de não poder me dar um diagnóstico, mas eu já não lhe ouço. A minha mente se fecha novamente, me levando de encontro a fé que há tanto tempo foi esquecida. Fé num Deus que por tanto tempo ignorei, mas lembro de ser misericordioso, um Deus que não vai levar minha menina, cheia de saúde, vitalidade, com tantas coisas a viver e tantos sonhos para realizar.

Resista

Erick

Vejo o mundo girar lentamente ao meu redor, e sinto como se minha cabeça estivesse prestes a explodir pela dor insuportável e a náusea que me embrulha o estômago desde a hora em que pisei meus pés nesse ambiente frio e insípido. Às pressas, Marina foi levada para a sala de cirurgia, onde os médicos estão fazendo de tudo para salvar a sua vida.

Depois de ter sido impedido de vir junto com ela na ambulância, fiquei sabendo o motivo e agradei aos céus por não ter feito cena, já que, assim que cheguei ao hospital, fui informado de que precisariam de espaço para tentarem reanimá-la e eu certamente não teria estômago para presenciar essa cena.

Com um Jorge tão preocupado quanto eu, não foi necessário pedir para que pisasse o pé no acelerador, e felizmente chegamos segundos antes da ambulância, tempo suficiente para que eu assinasse todos os papéis que autorizavam a cirurgia da minha garota. Situação que não precisaria estar passando, se ela não tivesse feito o que fez. Sim, a minha mulher levou um tiro no peito e foi por mim. Ela entrou na frente de uma bala para me proteger, quando o certo seria eu ter feito isso por ela.

E mais uma vez eu falhei.

Falhei na promessa que fiz ao meu amigo, quando prometi cuidar e protegê-la, falhei com comigo mesmo e principalmente com ela, que não questionou, apenas decidiu confiar quando da minha boca saiu a promessa de que iria resolver a situação da melhor maneira possível.

No fim das contas, eu não só subestimei a capacidade da Patrícia em fazer maldade, como coloquei a minha mulher em cima de uma cama de hospital, e se alguma coisa der errado e o pior acontecer, eu não só terei de conviver com a dor pelo resto dos meus dias, como também com a culpa, uma culpa que mereço carregar, simplesmente por não merecer a fé depositada em mim.

Foi por mim, foi por amor Marina que levou um tiro tão próximo ao coração.

Meu amor, por que você fez isso? Não era para ser assim. Era eu quem devia estar no seu lugar... Eu não posso perder você. Por favor, se realmente existe um Deus aí em cima olhando por nós, não a tire de mim. Eu não vou suportar.

Isso não pode acontecer, rogo, chorando em silêncio, enquanto Bruno

numa rara demonstração de carinho, tenta com gestos tímidos e palavras de apoio me consolar da forma que pode. Do outro lado, só que mais distante, do jeito que ela é, Ângela tem os olhos vermelhos e a expressão abatida, pelo tanto que se desesperou depois de eu ter lhe avisado o que aconteceu. Pela minha dor, imagino o que ela deve estar sentindo em ver a sua melhor amiga nessa situação. Eu diria que são mais que isso, elas são como irmãs, uma relação bonita de se ver, apesar de serem tão diferentes.

Olhando em volta, vejo Maya, Lua e alguns dos empregados da casa, que a respeitam e tratam com tanto carinho e cuidado. Em suas expressões, posso ver o pesar, a tristeza e até a raiva de quem foi capaz de feri-la tão gravemente.

— Vocês são os amigos da senhorita Marina Junqueira? – uma voz grave e preocupada pergunta, depois de olhar o nome na prancheta que suponho ter os dados da Marina e informações referentes ao seu estado de saúde. Ao ouvir a sua voz, levanto a cabeça que até então estava baixa e encarando o piso, enquanto minha mente não deixou de trabalhar e implorar por um milagre. O estado em que minha noiva ficou e a expressão que agora vejo no rosto e na voz do médico que primeiro a atendeu, não deixa dúvida da gravidade do seu estado.

Quando balanço a cabeça em reação à sua pergunta e todos param para ouvi-lo com atenção, ele continua:

— Estamos fazendo o possível para que... – se interrompe no meio da frase. — Mas receio ser melhor irem se preparando, caso...

— Cala a boca – grito, ao levantar-me do banco e dar um soco com todas as minhas forças na parede mais próxima. — Não, isso não pode estar acontecendo, você não sabe o que diz – a adrenalina corre por minhas veias, e eu sinto Bruno do meu lado, tentando conter a minha fúria.

Isso não está acontecendo com a minha Marina. Ela não pode estar me deixando dessa forma. Nós temos tantos planos.

— Não! Ela não vai fazer isso, Bruno - em estado de negação, seguro o rosto do meu amigo. Ele tem que acreditar em mim. — Marina me ama, você sabe disso. Não vai me deixar sozinho, é ele quem está mentindo, não é? – ele me abraça, penalizado, e eu não contenho o choro que já estava controlado.

— É claro que sim – Bruno me consola, ao interromper o nosso abraço e segurar o meu rosto com as duas mãos. — Acredite na força da sua mulher, ela vai resistir e voltar para você.

— Vai resistir. Vai resistir – saio de perto de todo mundo, caminhando de um lado para o outro, ao passo que na minha cabeça um mantra se repete:

Resista, Marina.

Resista.

Resista.

Sem que eu esteja esperando, Ângela para ao meu lado, e quando me viro em sua direção, me dou conta do quanto estou sendo egoísta. Ela está sofrendo tanto quanto eu. A garota só precisa do apoio da pessoa que sabe exatamente o que ela está sentindo.

Quando já não consigo conviver com os sentimentos que vejo nos seus olhos, estendo os braços, e chorando, ela me abraça apertado.

— Ela tem que ficar bem, Erick – funga contra a minha camisa.

— Marina vai sobreviver. Eu sei que vai – tento dar forças para ela quando nem eu mesmo tenho.

Por uns instantes, continuamos abraçados, até que uma movimentação estranha se inicia e do meu campo de visão vejo uma enfermeira sussurrar algo no ouvido do doutor e seu semblante mudar da água para o vinho. Se antes era pesar, o que vejo agora é um total espanto. No ato, desvencilho-me do abraço de Ângela, aponto para o médico que eu nem tinha percebido que ainda estava aqui e juntos nos aproximamos dele. Ao me ver na sua frente, tenho coragem de fazer a pergunta:

— Doutor – chamo, e tenho a sua atenção. — A minha noiva, ela...

— Sua noiva é uma lutadora, ela está voltando – se limita a dizer, antes de sair às pressas para a sala de cirurgia.

Ela está voltando, a minha Marina está voltando para mim. Minha pequena guerreira sabe que ainda não é a sua hora.

— Ouviram isso, pessoal? – pela primeira vez eu consigo falar e enxergar de verdade todas as pessoas que estão aqui, seja orando, chorando ou apenas prestando solidariedade, o importante é que todos que antes choravam agora têm em seus rostos a inconfundível expressão de esperança. Todos nós agarrados a esse pequeno fio de esperança, de saber que ela ainda tem uma chance. — Minha menina bonita é uma guerreira – digo, cheio de orgulho.

Quieta em um canto, Ângela, que agora chora de alegria, se vira para buscar água no bebedouro e ao acompanhar os seus passos, vejo Bruno ir atrás dela. Um gesto estranho que não tenho tempo para pensar agora.

Nas horas que se seguem, os amigos do colégio que vieram dar apoio, os funcionários da mansão que agiram como só alguém da família agiria e Lua, que também sentiu muito o que aconteceu com a amiga e funcionária, essas pessoas vão pouco a pouco indo embora, sob o pedido de que sejam avisados, caso haja alguma mudança no quadro de saúde da Marina.

Aqui no hospital continua apenas os mais próximos, os que não conseguem arredar o pé lugar. Ângela e Maya não me surpreendem, já que as três são tão unidas. Bruno, por outro lado, apesar da nossa recente proximidade e

de ser agora o meu melhor amigo, teve atitudes que eu não esperava.

O Bruno que eu julgo conhecer jamais demonstraria tamanha preocupação, solidariedade e afeto. Com ele, tive uma boa surpresa e me serviu como um tapa na cara, me mostrando que não importam os defeitos, são nessas horas que os verdadeiros amigos mostram as caras e depois do que presenciei, já não consigo olhá-lo com olhos de crítica. Se ele é quem é e age da forma que age, é porque certamente tem seus motivos.

Nesse período de tempo em que o médico responsável apareceu uma única vez para avisar que as próximas horas pós-cirurgia seriam cruciais para a recuperação da Marina, ainda recebi a ligação dos meus pais, que mesmo não sendo tão próximos – já que moram em outro estado – conhecem Marina quase há tanto tempo quanto eu e sabem da sua importância na minha vida, ainda mais agora que estamos juntos e noivos. Informação que mamãe não gostou nada de saber, pois para ela é o fim do mundo não ter lhe incluído nos meus planos. Minha senhora só se acalmou quando expliquei que não foi nada planejado com maior antecedência e que somente hoje, ou ontem, considerando o fato de estarmos em plena madrugada, que eu fiz o pedido oficial.

— Erick Estevan – me levanto de imediato da cadeira em que estava sentado, ao ouvir a voz do médico de Marina me chamar. — O senhor tem alguns minutos para visitar a sua noiva. Milagrosamente, a cirurgia foi um sucesso e ela já foi encaminhada para o centro de terapia semi-intensiva.

— Antes você precisa saber de uma coisa – diz, apreensivo.

— Fala, Doutor, o que aconteceu? – começo a me desesperar novamente.

— A moça entrou em coma – sinto meus ombros caírem e meu coração parar de bater quando ele termina de falar.

— Caralho, isso só pode ser uma brincadeira – Bruno e Ângela já estão ao meu lado, e quando olho para seus rostos, vejo olhares de tristeza e pesar.

— O senhor precisar se acalmar, na gravidade do caso dela, com a cirurgia e os remédios que tomou, isso é comum. A mente e o corpo dela só precisam de descanso.

— Tem ideia do quanto isso pode demorar, Doutor?

— Infelizmente não, pode levar um dia, semanas ou até meses. Cada organismo reage de uma forma, e como a sua noiva é jovem e demonstrou uma garra fora do comum, nós da equipe médica acreditamos e torcemos para que ela volte a si o mais rápido possível.

— Tudo bem... – digo, porque sei que apesar de tudo, ele não sabe por quanto tempo ela vai ter que ficar aqui e nem o quanto terei que viver sem a sua presença. — Eu só... preciso ver a minha mulher.

Viro as costas e vou ao encontro do meu amor.

Por você

Erick

— É por aqui, Erick – Ângela me acompanha ao centro de terapia intensiva onde minha Marina se recupera, e eu sei que apesar de tudo indicar que correu tudo certo, seu estado ainda inspira muitos cuidados, uma vez que a cirurgia para a retirada da bala que se alojou próxima ao coração, foi bastante delicada. Um tiro que levou por mim, uma trágica e definitiva prova de amor, que se pudesse eu teria evitado.

— Tudo vai terminar bem, não é? – indaga uma Ângela menos abatida, como se precisasse que fiquem afirmando o tempo todo, para que só assim consiga acreditar que é real, que a amiga dela em breve vai voltar para nós.

— Vai, sim, querida. Tenha certeza disso – afirmo, e ela assente com um balançar de cabeça.

— Você pode entrar primeiro, tenho certeza de que ela vai ficar feliz em te ver. De ouvir a sua voz – afirma, e suas palavras me deixam exultante de alegria, talvez por saber que a minha presença possa de alguma forma ajudá-la a se recuperar mais rápido.

Quando entro no quarto, primeiro lavo as minhas mãos com álcool em gel e depois de fazer os procedimentos de praxe, finalmente meus olhos a procuram. Tão pequeno e deitado em cima de uma cama está o corpo inerte do meu amor. Ela tem a expressão serena e tão quieta, que quase dá a impressão de não estar respirando. O alívio vem quando, de maneira quase imperceptível, vejo seu peito em movimentos de subir e descer e o bipe dos aparelhos que estão ligados ao seu corpo.

— Oi, meu amor – me aproximo e dou um beijo no seu rosto pálido e ainda ligado a alguns fios. — Estou aqui e não vou sair do seu lado até te ver em pé, e quando juntos, iremos embora desse lugar que eu tenho certeza que você não gosta.

Falo, mas a minhas vistas já estão turvas e a minha garganta fechada. Me parte o coração vê-la aqui, imóvel e debilitada. Logo ela, tão cheia de vida.

Quando uma única lágrima começa a escorrer pelo meu rosto, eu juro a mim mesmo que custe o que custar, Patrícia vai pagar muito caro. Ela não vai sair impune dessa, isso eu mesmo vou garantir.

— Sabe que eu não vejo a hora de ter esses seus lindos olhos me encarando? – volto a conversar com ela, deixando a raiva para depois, para quando estiver recuperada o suficiente e eu possa pensar em outra coisa. — Eu

preciso que você faça isso, por mim. Sei que gosta muito de dormir – um sorriso triste paira nos meus lábios quando me lembro dessa sua característica. — Mas seus amigos estão ansiosos para ver e falar com você. Meu amor, você tem que abrir os olhos para mim, ficar mais linda do que já é, e ir mostrar para eles o quanto é forte – olho para uma cadeira encostada na parede, vou até ela e a trago para junto da cama.

— Pronto, princesa. Assim está melhor – seguro na sua mão imóvel, que ainda tem o meu anel enfeitando o seu dedo anelar, assim como alguns fios que a monitoram. — Se você quer descansar mais um pouco, eu não vou insistir. Desde que não demore muito e desde volte para mim, o mais rápido que puder.

Ela não voltou.

Passaram-se duas semanas, tempo em que eu, dia após dia, acordava com a esperança renovada de que ela finalmente abriria os olhos e me encararia com todo o amor e paixão, e os terminava com a frustração de não ver nada disso acontecer. Os aparelhos já não estão mais ligados e seu rosto tem a mesma aparência linda de sempre. É como se ela estivesse em algum lugar muito melhor e sem vontade ou forças para voltar para mim.

— Por onde você anda, meu amor? – numa manhã de sábado, assim como tem acontecido todos os dias e desde que eu deixei o escritório aos cuidados de Bruno, estou sentado na cadeira ao lado da sua cama e sussurrando ao seu pé de ouvido. — Sei que prometi esperar, mas você não acha que já descansou o suficiente? – seguro a sua mão e, emocionado, faço o que desde o dia da sua cirurgia não tenho me permitido fazer. Hoje, no décimo quinto dia sem ela, eu me permito desabar e choro.

Choro de frustração e medo. O temor de não tê-la de volta, de não mais poder ouvir o som da sua voz e nem a beleza do seu sorriso. Como ter fé, se nem os médicos sabem explicar ao certo os motivos de ela ainda não ter voltado a si?

— Meu amor, você não pode fazer isso comigo – imploro, ao deitar a minha cabeça em cima da sua barriga e deixar que as lágrimas caiam. — Você não pode me deixar, eu não sei viver sem você, Marina. Vem pra mim, meu amor...

Peço mais uma vez, quando de repente, como se de algum lugar estivesse me ouvindo, Marina aperta levemente a minha mão, me fazendo ouvir um som que me faz levantar a cabeça de imediato.

— Amor? – vejo seus cílios se mexerem e a percebo se esforçar para abrir os olhos.

Marina

Deitada sobre a grama verde de um campo cheio de lindos girassóis, tenho meu rosto levantado para o céu, enquanto um lindo sol de outono beija a minha pele.

— Deus! Eu estou no paraíso e não quero sair daqui nunca mais. E se isso for um sonho, só peço que não me acordem jamais.

— Marina? – ouço uma voz me chamar, e me sento rapidamente, quando reconheço a quem ela pertence.

Tão doce e tão amada.

— Papai? Eu não acredito, papai – vou lhe encontrar pelo caminho de girassóis, lhe dando um saudoso abraço assim que o alcanço.

— Como eu senti saudades, não me deixe nunca mais – peço, não conseguindo me desvencilhar dos seus braços.

— Amor, você tem que voltar, as coisas não podem ser assim – ele diz, soltando os meus braços da sua cintura.

— Não fala isso, papai – peço.

Como me pedir uma coisa dessas, logo agora que o encontrei e estamos nesse paraíso?

O que mais eu poderia querer?

— Tem certeza de que não está esquecendo-se de nada ou de alguém? – como se lesse os meus pensamentos, papai pergunta.

Confusa e parando para pensar com mais calma, me dou conta de que falta alguém. O essencial, a minha pessoa preferida nessa e em qualquer outra vida.

Erick!

— O Erick, onde está o meu namorado, papai? – de repente, já não me sinto tão plenamente feliz, o sol que brilha já não é capaz de aquecer o frio que gelou o meu coração. — Por que ele não está aqui?

— Por isso, minha criança – termina de dizer, e diante dos meus olhos, uma imagem nítida começa a se apresentar.

Pelo que parece ser um quarto de hospital, vejo meu corpo deitado e imóvel em cima de uma cama, enquanto um mais magro e abatido Erick chora, com a cabeça deitada sobre a minha barriga.

— Ele precisa de mim – o entendimento cai sobre a minha cabeça e me dou conta do que papai estava falando.

É esse o motivo pelo qual eu não posso ficar no campo de girassóis.

Ficar com papai aqui é o mesmo que abandonar Erick sozinho e sofrendo, assim como faz agora, nesse quarto de hospital.

Não, de jeito nenhum, meu Erick precisa que eu retorne.

Mas, e o meu pai?

— Precisa, minha filha, um erro meu não pode castigar um amor como o de vocês dessa forma – afirma, quando segura as minhas duas mãos, e me olhando nos olhos, pede:

— Me perdoa, princesa. Foi pelos meus erros que você acabou em cima dessa cama – ele olha com pesar a cena que se desenvolve a nossa frente.

— Não há o que perdoar. O senhor é meu pai e eu te amo. Nada nunca vai mudar isso – lhe abraço novamente, lembrando-me do quanto sinto saudade do seu carinho.

— Você tem muito que viver. Vai ser muito feliz e eu estarei aqui, olhando por vocês, pois sei que um dia nos encontraremos novamente – meus olhos ficam marejados com as suas palavras.

— Eu amo você, lembre-se disso sempre que a saudade apertar – declara, fazendo – pela última vez – um carinho no meu rosto e em seguida, deixando um beijo na minha testa. — Agora, volte – diz, e assim como veio, seu João desaparece, restando apenas eu e uma voz que não para de me chamar, como se estivesse aos poucos me puxando desse lugar bonito e tranquilo.

— Isso, meu amor. Abra os olhos, eu estou aqui, te esperando.

Mesmo sentindo náuseas e uma tremenda dor de cabeça pelo esforço em abrir os olhos, a voz e o calor da sua mão sobre a minha é um alento. É ela quem me faz lutar contra a escuridão que tomou o lugar do paraíso.

— Erick... – estranhando a minha própria voz, consigo balbuciar o seu nome, ainda que tenha falhando em despertar por completo.

— Estou aqui, pequena, e não vou a lugar algum – fala baixinho no meu ouvido, e eu sinto todo o meu corpo voltar à vida. Agora, o que mais quero é abrir os olhos e ver o seu tão amado rosto. — Só preciso que tenha calma e, quando estiver pronta, abra os olhos bonitos para mim, você pode fazer isso? – indaga, e em resposta, aperto levemente a sua mão.

Sem saber ao certo quanto tempo se passou, eu finalmente consigo voltar a mim, e quando desperto, um incomodo clarão invade o meu campo de visão, fazendo a terrível dor de cabeça e a incomoda dor no peito ficarem mais intensas.

De repente, depois de mexer de leve a cabeça para o lado, sinto qualquer dor ou incomodo sumirem pouco a pouco, quando encaro o rosto do meu amor, que está banhado pelas lágrimas e enfeitado com um imenso sorriso.

— Minha princesa – como uma criança, Erick volta a deitar a cabeça em cima do meu abdômen e chora, o que imagino ser um choro de alívio e de alegria e eu, ainda debilitada, consigo com custo levantar o braço e deixar que

meus dedos acariciem sua cabeça, num gesto de carinho e consolo que sei estar precisando. — Eu te amo tanto – levanta a cabeça, distribuindo beijos por todo o meu rosto, pescoço e todos os lugares onde consegue alcançar.

— E-eu também... – me esforço para dizer em palavras os sentimentos que transbordam do meu coração. Um coração que está batendo por ele e que não se arrepende nem por um segundo da atitude que teve, quando a intenção era não deixar que nada de ruim lhe acontecesse.

Como se só agora se desse conta de algo, Erick dá um pulo da cadeira, seca as lágrimas e vai correndo até a porta. Após colocar a cabeça para fora do quarto, meu amor grita a plenos pulmões:

— Enfermeira! Uma enfermeira! A minha noiva acordou!

De volta

Erick

— Com calma, amor – digo, quando sete dias depois de sair do coma, Marina finalmente recebe alta e agora eu a tenho em meus braços, lhe levando para o nosso quarto.

— Não seja exagerado – diz, irritada. Talvez o meu excesso de cuidado esteja fazendo isso com o seu humor. — Não é como se eu fosse me desintegrar apenas por mexer meus dedos dos pés – afirma, não perdendo o tom de ironia nem mesmo numa situação como essa.

Se fosse diferente, não seria a Marina que eu conheço e amo.

— Me deixa cuidar de você, por favor – peço, e ela olha nos meus olhos, entendendo que é uma coisa que eu preciso fazer.

De alguma forma, tenho que lhe compensar por tudo o que fez por mim, preciso tirar pelo menos um pouco do peso que me abate os ombros. Não uma carga de culpa que ela ou alguém esteja colocando, longe disso, é um peso que eu mesmo me imponho.

— Erick, você tem que entender que nada do que aconteceu foi culpa sua – inicia a mesma conversa que tem tido comigo desde o dia em que abriu os olhos. — Eu fiz o que fiz e não me arrependo de nada. Não poderia simplesmente ver uma bala vindo em sua direção e não fazer nada. Aquilo foi o instinto do momento e eu tenho certeza de que você faria o mesmo que eu, se estivesse na mesma situação.

— Não há nada que eu não faria por você – afirmo, colocando-a sentada com o corpo apoiado na cabeceira estofada da cama de casal.

— Então esse assunto está encerrado. De uma vez por todas – assevera. — E a Patrícia?

— Está presa, o Bruno está cuidando do caso e me garantiu que vai fazer de tudo para que ela passe uns bons anos vendo o sol nascer quadrado – aviso.

Durante essa última semana em que Marina permaneceu no hospital, pois, segundo ordens médicas, teria que ficar em observação, eu finalmente pude acertar as minhas contas com a ordinária que teve a infeliz ideia de atravessar o meu caminho.

Escondendo o fato de Marina, dois dias depois de ela ter finalmente despertado do coma, eu fui ao presídio ver a cara da mulher que fez isso conosco. Como o coração cheio de ódio, tinha a intensão de cuspir na cara dela o

tamanho do meu desprezo e falar sobre o meu desejo de vê-la apodrecer dentro de uma cela.

Mas, quando me vi frente a frente com ela, percebi que não valia a pena gastar saliva desejando nada de ruim em sua vida, simplesmente porque ela mesma se encarregou disso. Na minha frente, totalmente despida da vaidade exagerada que sempre teve, eu vi uma mulher completamente descompensada, que não parava de repetir o quanto seria poderosa e feliz quando eu e ela nos casássemos.

Nos poucos minutos em que me obriguei a permanecer na sua presença, quase cheguei a sentir pena de uma mulher que tinha tudo para seguir bem na vida, mas preferiu não só acabar com a sua vida, como também a minha e da minha mulher. A compaixão que comecei a sentir se esvaiu no exato momento em que Patrícia abriu a boca para desejar a morte da rival – sim, é dessa forma que ela se refere a Marina.

Na hora, foi preciso que Bruno e os guardas que estavam do lado de fora da sala a invadissem, antes que eu mesmo fosse preso por esganá-la. No fim, saí com o aviso para que ela se esqueça da nossa existência, ou a prisão será o menor dos seus castigos.

Desde então, não dediquei um pensamento sequer para a infeliz. O caso eu deixei nas mãos de Bruno – o mais competente advogado criminalista do país – que me garantiu que os crimes cometidos não ficarão impunes e que ela passará muitos anos presa.

— Que alívio, não quero mais ouvir falar dessa mulher – afirma, e no seu rosto não vejo o ódio que outra pessoa demonstraria, caso estivesse vivendo a mesma situação. Diferente da maioria, minha linda é agradecida demais para perder tempo com quem não merece um segundo dos seus pensamentos.

— E não vai, querida – sento ao seu lado e digo: — Acabou. Somos só eu e você e que ninguém se atreva a tentar nos separar novamente.

— Até porque não vai conseguir, não é mesmo? – Marina faz graça com a situação, que é até engraçada, se formos parar para pensar que nem em situações extremas, como foi a da chantagem, nós conseguimos ficar separados.

— Nem se tentarem com muito afinho.

— Não quer chegar mais perto? – indaga, ao me encarar abertamente.

— Marina, nós já conversamos sobre isso – lembro, sabendo que vamos iniciar mais uma vez o dilema dos últimos dias.

— Já mesmo, inclusive, eu acabei de te falar que não sou de vidro – rebate, num misto de irritação e frustração.

Se ela soubesse o quanto eu também estou sofrendo.

Nos últimos três dias, eu posso dizer que a situação entre Marina e eu

está tensa. A frustração sexual já alcançou níveis insuportáveis e não sei o que fazer para conter o seu e muito menos o meu desejo de fazer amor. Não sei se foi pelo risco que corremos de nunca mais estarmos juntos ou se foi o tédio de ficar dias a fio em um quarto de hospital, quando claramente ela já estava bem o suficiente para receber alta, mas a verdade é que o tesão vem nos consumindo em fogo brando, hora após hora.

Tirando os horários em que a chatinha, a Maya, o Bruno e os outros colegas da Marina estavam no quarto de visitas, o restante do tempo em que estivemos a sós foi uma verdadeira tortura.

Marina, depois de uma primeira investida em que foi repelida por mim – que estava preocupado demais com o seu ferimento para arriscar uma rapidinha em cima do colchão do hospital – não deu mais nenhum indício de que queria transar. Pelo menos não abertamente, ela fez coisa muito pior ao me tentar, até conseguir derrubar a minha convicção de só voltar a comê-la depois que estivesse cem por cento recuperada.

Safada com só ela sabe ser, minha gostosinha passou a me torturar da maneira mais cruel que existe. Quando não ficava me encarando com um olhar esfomeado e cheio de luxúria, daqueles que pedem sem palavras para que eu a pegue com força, do jeito que nos faça delirar de prazer, ela arrumava um jeito de deixar partes bem particulares do seu corpo delicioso à mostra. Quando isso acontecia, eu tinha que pedir licença e ir ao banheiro fazer o serviço com as próprias mãos. Ou era isso ou ter um severo caso de bolas azuis.

A pior situação aconteceu no nosso último dia no hospital, que terminou com o constrangedor flagrante da enfermeira que entrou no quarto sem aviso prévio e bem na hora em que Marina – depois de finalmente conseguir me seduzir – estava com a língua dentro da minha boca e com a mão dentro da minha calça, isso enquanto dividíamos a mesma cama, que claramente não foi feita para duas pessoas deitarem. A pobre coitada ficou tão vermelha que na mesma hora virou de costas e se dirigiu para a porta, saindo sem dar uma única palavra.

Se no início ficou mais sem graça do que a pobre da enfermeira, a safada da minha noiva logo se recuperou e arrumou um jeito de continuarmos com a tortura.

Ela quer me dar a boceta de qualquer jeito e eu quero comer a sua boceta, boca e bunda, mais do que quero o ar para respirar, o problema é que entre as nossas vontades existem o meu senso e cuidado, que nesse momento gostaria que não fossem tão exacerbados, beirando a paranoia.

— Eu sei o que falou e entendi em todas elas – afirmo, de olho em sua

perna que o vestido vermelho de alça deixou à mostra. Mais acima, seus mamilos estão pontudos, doidos para receber atenção. É impressionante como, mesmo tendo perdido bons cinco quilos, a minha mulher continua linda e altamente desejável aos meus olhos, a prova disso é o zíper da minha calça querendo estourar só pela visão do seu decote, um pedaço de perna desnuda e essa sua insistência por fazermos sexo. — Eu sei que você também quer – desvia os olhos direto para o meu colo.

— Tô querendo a partir do momento que você voltou a querer também – explico, ainda mantendo uma distância segura do seu corpo e os dedos quase furando a palma da minha mão de tanto que eu os aperto. É isso ou pegar minha gata de jeito, antes de termos essa conversa, que no meu ponto de vista é mais que necessária.

Diferente do dia em que fizemos a pazes, dessa vez o sexo não vai vir antes da conversa. Até porque, depois que começar...

— Então... por que ainda estamos vestidos? Não sei no que você me transformou, Erick. Mas eu sinto tanta saudade de você – diz, abrindo os sentimentos. — É um sentimento estranho, como se essa conexão fosse vital para mim, entende? Ficar longe de você e do seu corpo é como faltar algo essencial.

— Eu sinto exatamente o mesmo que você, amor – pego a sua mão e coloco em cima do meu coração, que bate frenético. — Tá ouvindo esse som?

Questiono, e ela balança a cabeça em afirmação.

— Tem ideia do medo que tive de não ouvir o seu coração fazendo o mesmo? De nunca mais ouvir o meu bater tão forte como bate agora por você?

— Erick, eu...

— É por isso o meu cuidado, que às vezes pode até passar dos limites – desço nossas mãos, com os dedos ainda entrelaçados aos dela. — Eu também sinto muita saudade de estar em você, de sentir o cheiro do seu corpo, de me perder e me encontrar dentro de você, meu amor. É só que a minha vontade de ter ver bem é maior que a de satisfazer os meus desejos sexuais.

— Sei da culpa que carrega por eu ter tomado o tiro no seu lugar, mas eu já disse que não precisa se sentir assim. Já acabou, querido. Aquela mulher não vai mais nos incomodar.

— Eu sei, o problema é...

— Olha para mim – pede, ao afastar o corpo da cabeceira da cama e se aproximar de mim. Do meu lado e fazendo o mesmo que eu, Marina pega a minha mão, coloca em cima do seu peito, do mesmo lado em que foi atingida e diz: — Tá vendo? Continua a bater. Eu estou aqui, meu amor. Voltei por você, pelo nosso amor.

Quando ela termina, as barreiras do medo e preocupação que foram erguidas dia após dia, a cada hora passada dentro daquele quarto, caíram de uma única vez. Agora, com o olhar intenso sobre o seu, a me fitar cheia de expectativas, deixo que meu corpo e meu coração façam o que nós dois queremos.

Com a mão em seu peito, levo-a para o outro lado, e quando pouco a pouco enfio os dedos por dentro do seu decote, a outra puxa sua cabeça para perto da minha, e sussurrando no seu ouvido, peço:

— Tira a roupa – mordo o lóbulo e ordeno: — Fique nua para mim. Agora!

Matando a saudade

Marina

— Tira a roupa, fique nua para mim. Agora!

As palavras, finalmente ditas ao meu pé do ouvido e de um modo tão intenso, me fazem arrepiar até a ponta do dedo. O inferno da abstinência chegará ao fim e já vai tarde.

Às vezes, chego a me perguntar se tem alguma coisa de errado comigo, talvez eu seja uma ninfomaníaca que ainda não foi diagnosticada. Porque não é possível esse tesão que vem me consumindo, quando eu ainda estava no hospital e me recuperando de uma quase morte; sim, porque segundo as palavras dos médicos, foi exatamente isso o que aconteceu comigo. Para eles, o fato de eu ter sobrevivido à cirurgia tão crítica e ter despertado sem sequelas de um coma de tantos dias foi um milagre.

Mal sabe eles que esse milagre está aqui, na minha frente, em toda a sua glória e gostosura, me pedindo para tirar a roupa como quem pede para alguém ir comprar pão na padaria.

Mas a minha preocupação não é essa...

— Eu vou, sim, mas... – início, sem saber bem o que dizer, só que a vergonha vai ser passada no débito.

— O que foi, amor, não quer mais transar? Se for isso, tudo bem. Eu acho mesmo que você precisa se recuperar mais um pouco, antes de voltarmos à programação normal, se é que você me entende – diz, e com um olhar saliente, me joga uma piscadela com esses olhos azuis que me deixam subindo pelas paredes toda vez que...

Foco, Marina! Foco na missão, porra!

— Não é isso, eu quero muito transar e é justamente esse o problema. Não acha que tem algo estranho com a gente?

— Você está me deixando confuso, amor, que problema nós dois poderíamos ter? – indaga, e seu rosto transparece toda a confusão dos seus pensamentos.

— Não é estranho essa vontade louca de trepar, tipo, três dias depois de sair de um coma? Pelo amor de Deus, estávamos em um quarto de hospital e tudo o que eu conseguia pensar era no quanto seria gostoso se você pulasse em cima daquela cama e me comesse até que fossemos pego por algum desavisado que entrasse sem bater.

— Nossa, parece um filme pornô, fiquei ainda mais duro com a revelação

dessa sua fantasia – diz, e eu olho para suas calças jeans e ali tem a evidência de que não está mentindo em suas palavras. — Vamos, conte-me mais das suas fantasias, minha gata insaciável. Depois que eu gozar, te conto as minhas, que são dez vezes mais indecentes, e aí você goza também – propõe, não levando a sério o meu papo.

Erick pensa que eu não sei que ele está fazendo isso apenas para evitar me tocar mais intimamente. De alguma forma, ele não consegue se livrar da culpa pelo que me aconteceu. E se o seu cuidado já era exagerado, agora está mais sufocante, mas nada que eu não consiga dar um jeito.

— É sério, Erick. E se for uma doença ou algo do tipo?

— Você tem vontade de dar para outro além de mim? – questiona, e penso nunca ter ouvido coisa mais absurda em toda a minha vida.

— Que pergunta idiota é essa? – agora eu estou indignada. — É óbvio que não e você deveria saber disso.

— Ei, não precisa ficar irritadinha, só perguntei para que você perceba que não tem nada de errado com você e nem comigo, se esse seu tesão é voltado apenas para mim.

— Não?

— De maneira nenhuma, pessoas que têm compulsão sexual geralmente não se atêm a um só parceiro, e quem dita quem ou quando vai acontecer é o corpo, que guia a mente – ele me dá uma breve explicação.

— Então, se não tem nenhum problema comigo, quer dizer que eu sou...

— Uma safada – sim, era essa a palavra. — A minha deliciosa noiva apenas sente saudades do corpo do seu homem – ele diz, e me traz para cima das suas pernas e eu aproveito para enlaçar a sua cintura.

— Não mais que você, não é? – deixo meu tronco mais ereto e parece que atingi o meu intento, já que os seus olhos esfomeados vão direto para o meu decote. — Sua pobre noiva deitada naquela cama de hospital e o senhor tendo ereções que, se brincar, até as enfermeiras notaram – brinco, pois gosto de levá-lo ao limite.

Não é como se eu estivesse mal de verdade. Meus últimos dias no hospital foram apenas por precaução, e como disse o próprio médico, dias antes de a minha mente resolver cooperar, o meu corpo já estava curado. O procedimento de cicatrização do ferimento foi um sucesso, sendo o coma a única razão de eu ter sido obrigada a permanecer tanto tempo de molho naquele quarto de visitas.

— Coitada da minha bebê – ele zomba e faz um biquinho com a boca, claramente me imitando. — Tão inocente, não é mesmo? Inocente quando com os olhos praticamente implorava para ser comida por mim, inocente quando

dispensou a enfermeira e me pediu para lhe dar banho, só porque queria estar mais próxima de mim. E, principalmente, inocente quando no auge de uma madrugada começou a falar...

— Eu, falando? Mas eu não sou de falar durante o sono, ou falo? — pergunto a ele, que agora tem o rosto bem próximo ao meu, me fitando como se quisesse ler a minha alma.

Esse seu olhar me chama atenção para coisas que não podem ser ignoradas, como o fato de o seu pau duro estar cutucando meu sexo enquanto estou sentada exatamente em cima dele, e muito menos o fato de a minha calcinha estar pingando e a boceta latejando de tesão. Essa conversa toda tá me deixando louca de desejo.

— Não fala, a menos, é claro, que você esteja no meio de um sonho erótico.

— Como é? Eu não tive nenhum sonho erótico — pelo menos não que eu me lembre.

— Isso foi no mesmo dia em que a enfermeira quase nos pegou em flagrante — ele se refere ao dia do quase e não ao que realmente fomos pegos com a mão naquilo e aquilo na mão. — E se me deixei seduzir, foi porque já estava no meu limite depois de ouvir tantas sacanagens saindo dessa boquinha linda.

— Que vergonha — tento levar as mãos ao rosto, mas ele me impede, ao colocá-las novamente em volta do seu pescoço. — O que foi que eu disse?

— Não prefere que eu te mostre, minha deliciosa? — pergunta, e sua boca passa a beijar o meu pescoço enquanto suas mãos começam a subir o meu vestido.

— Você me pediu pra ficar nua para você — ofego quando a sua boca começa a me castigar com lambidas e mordidas deliciosas, que me trazem umas sensações, como se esses carinhos fossem feitos na minha boceta.

— E você demorou demais pra fazer, então deixa que eu mesmo faço isso. Pra tirar a sua roupa levo meio segundo, é uma atividade que eu gosto muito de fazer — ele afirma, quando levanto os braços e ele tira meu vestido pela cabeça.

— Meu Deus! — murmura, ao ver a minha lingerie de renda branca, composta por uma calcinha fio dental e um sutiã meia taça, usado para deixar meus peitos mais desejáveis aos seus olhos, um ótimo truque, já que ele tem verdadeira adoração por eles.

— Gostou do presente? — questiono, e assim como ele fez, tiro a sua camisa e a jogo em um canto qualquer. — Coloquei especialmente para você —

não vou revelar que tive a coragem de pedir para que Ângela passasse aqui casa e colocasse o conjunto dentro da minha bolsa.

— Do presente e principalmente do que vem dentro da embalagem. Hoje eu vou te comer todinha, meu amor – com a voz rouca de tanto tesão, abre o fecho frontal do meu sutiã e depois me joga com cuidado em cima da cama. Em seguida e cheio de pressa, Erick tira a minha calcinha e me deixa do jeito que queria.

A fim de me matar do coração, meu amor leva o pedaço de pano até o nariz, e antes de jogá-la longe, diz:

— Gostosa! Você é tão deliciosa e cheirosa, que eu tenho de me segurar para não te dar o tipo de sexo que nós dois precisamos – fala, no mesmo instante em que tira sua calça e cueca. — Senti tanta saudade...

Com os olhos em brasa, se joga de joelhos aos pés da cama e de lá puxa as minhas pernas para o seu ombro. Com pressa e sem fazer cerimônia, ele abocanha o meu sexo carente da sua atenção.

— Nossa... Como eu senti falta disso – sensível pela espera, levanto um pouco o tronco e seguro a parte de trás da sua cabeça a ponto de gozar, não só por sentir uma boca me chupando com avidez, enquanto a sua língua me invade com a perícia de um homem que sabe o que está fazendo, como também pela falta que o seu toque me fez durante esse período de abstinência.

— Não mais do que eu senti de comer a sua boceta com a minha boca – me olha quando levanta o rosto por um momento e tenho que me segurar para não gozar, ao ver a sua boca e nariz úmidos dos meus fluidos. — A iguaria mais saborosa que eu já provei – volta com o ataque, só que dessa vez mais frenético. Ele me come com uma fome que me deixa além de envaidecida por despertar tamanho desejo em um homem como ele, também me torna incapaz de segurar o orgasmo que se aproxima.

— Eu preciso, eu vou... – começo, apenas para me frustrar, já que abruptamente sua boca deixa o meu sexo e de imediato ele volta a ajeitar meu corpo sobre a cama.

— Não vai, não, minha gostosa – se deita em cima do meu corpo, e se acomoda entre as minhas pernas, abertas amplamente para lhe receber. — Você vai gozar com o meu pau te comendo gostoso – avisa, ao pincelar a ponta grossa e robusta em cima do meu centro pulsante.

— Está esperando o que, um pedido formal para meter? – decido levá-lo além do limite, para que nem pense em me tratar como uma boneca prestes a se quebrar por causa de um movimento mais brusco.

— Você não devia ter dito isso, menina.

— Por quê? O Senhor *Tenho Medo de Meter Com Força* vai fazer o quê, vai passar a transar com as luzes apagadas?

Relembrando

Erick

— Não diga que eu não te avisei, sua safada – uma adrenalina começa a fluir pelo meu corpo, me fazendo mandar para o inferno todo o lance do cuidado. Marina obviamente está mais que sarada, para não ter medo do perigo e estar me provocando dessa forma.

Mal sabe ela que está provocando uma fera adormecida e faminta. E um homem que quase viu a sua razão de respirar lhe deixar de maneira tão repentina não pode ser considerado como o mais paciente e nem o mais controlado.

— Dê o seu melhor, meu garanhão, ou seria o seu pior? – provoca, se esfregando contra o meu pau.

— Aí é você quem escolhe, minha gata – digo, e sem aviso, meto o pau até o fim, fazendo-a ofegar pelo prazer de finalmente se ver cheia de mim.

— Satisfeita? Não era você quem queria meu pau nessa bocetinha quente? Então toma, minha gostosa – faço um bate e volta gostoso, indo até o fim para depois tirar lentamente e voltar a socar de uma vez só.

— Isso, mais rápido, mais forte. Caralho! – xinga, com dificuldade quando, mudando de posição, fico de joelho sobre a cama e seguro as suas pernas em volta da minha cintura. — Isso, amor – nessa posição, a penetração é ainda mais profunda e eu estou me segurando para não gozar antes dela.

— Ainda não, gata selvagem – recolho as suas mãos, que estavam prestes a ir até as minhas costas e arranhá-las até que a sua marca fique gravada nelas. — Só quando disser que pode – aviso, tão ou mais ensandecido que ela, metendo com força, levando nossos corpos a se baterem e os pés da cama a rangerem contra o chão. — Agora é a sua vez, vem – seguro a sua cintura e a coloco em cima das minhas pernas. — Dê seu pior, garota sacana.

Marina

Com os olhos escuros pela intensidade do desejo, Erick me pede e eu começo a minha busca frenética para o alívio e saciedade que me aguarda. Como sei que ele ama os meus peitos, seguro um deles, que está carente dos seus beijos, e o levo até a sua boca que o abocanha cheia de gula e passa a chupá-lo de maneira dolorosa, assim como faz com a minha boceta.

Quando o sinto todo dentro de mim, começo a cavalgá-lo com força, entrando e saindo, sem que ele nunca deixe de chupar os bicos intumescidos dos

meus seios.

— Isso, minha putinha, senta em cima da cacete do seu homem, do jeitinho que você estava sonhando – fala, quando puxa meu lábio inferior, para depois chupar a minha língua, assim como o seu pau suga a minha boceta. — Hoje você não vai dormir, gostosa da porra. Vai me pagar muito caro pelas provocações feitas da porra do hospital, por todas as vezes em que, depois de ter me atiçado, foi dormir um sono tranquilo, enquanto eu tive que me virar com os dedos dentro de um ínfimo banheiro, assim como fazem os moleques.

— Promessas, promessas... – ofego, e já suada e com o fôlego curto, mudo o ritmo das penetrações, indo a um ritmo lento e cadenciado apenas para deixá-lo ainda mais louco.

— Promessa você vai ver quando pela manhã estiver com a boceta assada e andando de perna aberta – indecente, ele diz isso aos sussurros, me fazendo pular mais alto, quando sinto seu dedo indicador sondando a minha porta de saída.

Deus! Só de lembrar o dia em que finalmente permiti que ele me pegasse por trás, já sinto uma vontade insana de fazer de novo. Me parece uma coisa tão vil e degradante, mas ao mesmo tempo tão íntimo e delicioso.

— O que foi, meu amor? – eu paro de me mover ao sentir seu dedo começar a me invadir centímetro por centímetro. Agora me sinto cheia de todas as formas possíveis. — Não posso tocar aqui? – apesar de perguntar, já tem meio dedo dentro do meu ânus. — Hoje eu quero comer a sua bunda novamente. Vai me deixar fazer isso?

— Vou – admito, porque é exatamente o que eu quero que ele faça. — Quero muito – confesso.

— Mas isso vai ficar para depois, agora eu preciso que você se mova – eu começo a sentar devagar, tanto em cima do seu pau quanto em cima do seu dedo. — Já imaginou ser comida na frente e atrás ao mesmo tempo? – faz a pergunta estranha, sem parar de auxiliar no bate e volta.

— Eu não quero...

— Nada disso, minha linda. Nenhum outro homem vai tocar no que é meu. Nunca! – avisa, todo possessivo. — Isso não quer dizer que não podemos usar alguns brinquedinhos – pisca o olho azul que enfeita o seu belo rosto suado. — Vamos deixar isso pra depois, agora eu quero que goze.

— *Humm* – murmuro em concordância, pois já estou no meu limite.

— Mais um pouco e meu pau vai sair daqui esfolado de tanto meter – chupa o meu pescoço com avidez. — E como eu disse, temos uma noite inteira pela frente. Se segura, minha Amazona – segura minha cintura com maior firmeza e começa ele mesmo a me levantar, com força e rapidez. Logo, sinto seu

pau inchar e me trazer para a borda junto com ele.

— Isso, vai... — ele goza antes de mim e sentir seu esperma me preenchendo e ver o rosto contorcido de prazer é o suficiente para que eu chegue ao orgasmo logo em seguida. Dessa vez, foi tão intenso que não foi preciso nenhum tipo de estímulo para que eu chegasse lá.

Com Erick me segurando em seus braços, sou apenas uma massa mole e sem utilidade que o agarra, trêmula, como um bote salva-vidas. Tendo nossos corpos ainda unidos, ele me deita novamente de costas na cama e de maneira preguiçosa, ainda fica mais um tempo entrando e saindo, enquanto me beija em igual medida. No beijo em que usa a língua com maestria, meu homem transmite todo o amor e desejo que nos une.

— Nossa! — ainda com a respiração tão ofegante quanto a minha, Erick se deita ao meu lado e completa: — Finalmente!

Ele fala, e fica imóvel do meu lado, calado e apenas encarando o teto. Eu, como não sei o que se passa na sua cabeça, também fico na minha e deixo que tenha o seu momento. Sei que assim como eu, que tirando o susto do tiro, não estava acordada para sentir ou fazer alguma coisa, ele passou por maus bocados, estando acordado e tendo que me ver entre a vida e a morte. Eu me coloco no seu lugar, pois não sei o que faria se a situação fosse inversa, se eu estivesse com a pessoa que é tudo na minha prestes a me deixar sozinha.

Incapaz de me segurar, arrasto a minha mão para o seu lado e lá entrelaço os nossos dedos. Quero que ele saiba que, seja onde estiverem os seus pensamentos, perceba que está tudo bem, que sou eu quem está aqui do seu lado; a sua mulher.

Surpreso com o meu gesto, meu amor vira o rosto em minha direção e o que vejo são olhos angustiados, brilhantes pelas lágrimas que ele está lutando para não deixar cair.

— Amor, por que você está... — no ato, ele vem para perto de mim e deita a cabeça um pouco abaixo do meu seio.

— Eu tive tanto medo, por um momento eu pensei, pensei... — nessa hora ele não suporta a pressão e deixa que as lágrimas rolem. Em silêncio, eu o consolo, fazendo um leve cafuné no seu couro cabeludo.

— Nunca mais faça uma coisa dessas comigo, Marina — exige, depois de um tempo, ao levantar a cabeça e me fitar de perto. — Eu não posso mais viver sem você e espero sinceramente que saiba conviver com isso. Você é o amor que eu quero para a vida inteira.

— Foi por você que eu voltei — de repente me vem à memória o encontro com papai.

— Foi?

— Foi, sim, eu estava em um lugar tão bonito, Erick. Um campo florido de girassóis, e aí o papai apareceu – começo a contar e ele me ouve com atenção. — Quando o vi, fiquei tão feliz que só queira abraçá-lo e nunca mais soltar. Eu estava em paz, até que ele me mostrou você sofrendo ao lado da minha cama, e estava tão abatido. Na hora não pensei em nada a não ser em voltar para você e curar a sua tristeza. Pra dizer que não irei a lugar algum, não sem você, meu amor.

— E eu vou te recompensar pelo resto das nossas vidas, princesa – afirma, não demonstrando estranheza pelo que acabei de contar. — Te fazendo feliz e te dando muitas alegrias – diz, e seus olhos fitam pela primeira vez tão de perto a pequena cicatriz vermelha que o projétil deixou. No ato, ele abaixa a cabeça e deixa um beijo carinhoso.

— Tenho vontade de ir até a cadeia e torcer o pescoço daquela vagabunda – revela, enquanto passa o dedo indicador na pequena marca avermelhada.

— Esquece essa mulher, Erick. Ela vai ser condenada e pegar por seus crimes. Não cabe a nós fazermos justiça com as próprias mãos. O que nos cabe de agora em diante é sermos felizes, como se essa mancha nunca tivesse existido.

— É claro que você tem razão – afirma, para depois pegar uma perna minha e a colocar sobre o seu quadril. — Como sempre.

— Sim, como sempre – eu brinco, e ele sorri, descontraído, deixando as lágrimas e angústias de fora da equação.

— Sim, como sempre – se atém em concordar, enquanto gira o anel de noivado que está mais folgado pelo pouco peso que perdi. — Marina, se importa se deixarmos o banho para mais tarde? Eu quero sentir meu cheiro, o seu cheiro e o nosso, impregnado no seu corpo por mais um tempo.

— De maneira alguma, é até bom, já que vamos nos sujar de novo em breve.

— Safada! – dá um apertão na minha bunda. — Minha noiva, além de ser linda, é uma devassa.

— Tudo para agradar o meu noivinho – provoco.

— Por falar em noivado, nós temos muito que acertar, como, por exemplo, o que você acha de fazermos uma festa para oficializar o nosso compromisso, agora que não temos mais o que esconder?

Ele pergunta, e eu fico surpresa com a proposta. Confesso não ter parado para pensar nisso. Noivado, morar juntos, casamento... Marina delirando, assim como fez quando ganhou Floquinho e já saiu atribuindo a paternidade ao Erick...

— Amor, está viajando?

— Não, estava aqui pensando nos nossos filhos.

— Mas já?

— Os filhos que já temos, Floquinho e Thor.

Termino de falar, olho para Erick, ele me olha de volta e caímos na gargalhada pela lembrança de coisas que parecem tão distantes, cenas que nos remetem ao início de tudo, o começo de uma longa, porém gratificante e feliz jornada.

Caindo a ficha

Erick

Conhecendo a minha gata do jeito que conheço, fiz a proposta de oficializarmos nosso noivado perante toda a sociedade e ela entendeu que seria bom se fizéssemos uma recepção mais simples e íntima. Com a imprensa interessada nos nossos passos e em tudo o que acontece na nossa vida como casal, o anúncio do noivado foi visto com estranheza, já que o nosso término, além de ter caído na boca do povo, gerou muitos comentários. O que não poderia ser de outra forma, uma vez que a cena do término foi propositalmente presenciada por várias pessoas.

Como justificativa e a fim de preservar ao máximo a nossa intimidade, deixamos de fora a chantagem feita por Patrícia e atribuímos o nosso término a uma briga boba e que depois de conversarmos decidimos dar mais uma chance ao nosso amor. Quanto ao tiro que meu amor levou, dei um jeito de fazer parecer que foi uma fatalidade, que Marina estava no lugar errado, no momento errado.

Duas semanas depois da sua volta, minha menina me disse sim em frente a dezenas de pessoas, no jardim da mansão, onde ela, com a ajuda de Ângela, organizou detalhe por detalhe. Visto como um conto de fadas pelo mais cético dos homens, o nosso amor deu mais um passo em direção ao para sempre, quando, apoiado sobre um dos joelhos, voltei a pedi-la que fosse a minha esposa.

A noite, que estava bonita – mas não tão bonita quanto a minha princesa, que vestiu um longo vermelho com uma fenda sexy, onde deixava boa parte da sua perna esquerda à mostra a cada passo que ela dava – teve como ponto alto a estranha animosidade entre Bruno e Ângela, que até onde eu sei nunca se falaram mais do que os cumprimentos necessários para uma boa educação e ainda assim pareciam não suportar estar no mesmo ambiente que o outro. Quando perguntados por mim e por Marina qual era o problema deles, ambos tiveram a mesma reação de sair emburrados da festa, dizendo que não tinha nada de errado acontecendo, que o clima pesado entre eles era apenas impressão nossa.

— Por onde essa mente brilhante tem andado? – minha garota esfrega as pernas macias nas minhas, se espreguiçando como uma gata manhosa e eu, como não sou santo, puxo o lençol fino que a cobre, deixando seu corpo nu para a alegria dos meus olhos.

— Tava lembrando da noite do nosso noivado, em como tudo saiu perfeito, menos, é claro, o clima estranho entre a sua melhor amiga e o meu.

— Eu tô louca de curiosidade para saber o que aconteceu entre aqueles dois – ela confessa, aconchegando a cabeça no meu ombro, uma das coisas que eu mais senti falta e mais tenho gostado de fazer desde que, dois dias depois da sua saída do hospital – tempo suficiente para trancar o meu apartamento – voltei para a mansão e para o nosso quarto, lugar de onde não devia ter saído. — Amor, você acha que eles...

— Não acho que eles estejam transando, parece mais um caso de antipatia mútua – falo para tranquilizá-la. A mim, parece mesmo é tesão reprimido por ambas as partes, apesar de o Bruno jamais admitir isso.

— Eu acho bom ser só isso mesmo. Ângela tem problemas demais e o Bruno viria só pra acabar de foder com tudo.

— Qual é o mistério que ronda a vida dessa chatinha? – pergunto, fazendo os olhos da minha menina me lançarem adagas de reprovação. Mas fazer o que, se o apelido pegou?

— No mínimo, tem pais controladores. O resto ela não diz a ninguém. Ângela nega, mas eu sei que esconde alguma coisa e eu vou descobrir o que é.

— Acredito em você – digo, porque sei que ela é muito obstinada, ainda mais se a intenção for ajudar a amiga problemática. — E não se preocupe com uma possível aproximação entre eles, o Bruno sairá do país. Acho que só vai esperar o nosso casamento acontecer.

— Nossa, bom saber que Bruno Pires ainda tem um coração e vai esperar o casamento do amigo antes de fugir para as colinas – fala, com um sorriso no rosto, deixando claro o tom de brincadeira.

É claro que ela acha, e com razão, que ele é sério e duro demais com as coisas e pessoas que o rodeiam. Mas ela também não tem dúvidas da lealdade que tem para com os poucos amigos que cultiva. Deixei claro para Marina o carinho que todos lhe dedicaram quando ainda estava desacordada.

— Não fugiria nem se quisesse – digo, fazendo carinho na sua barriga lisa. — Já que foi convidado para ser o meu padrinho – revelo, não querendo imaginar o climão que isso vai gerar.

— Espero que eles não se matem – minha gata completa o meu pensamento.

— Ou se matam ou se comem de uma vez.

— Ainda bem que o cara vai sair do país. Imagina a sinuca de bico se acontecesse alguma coisa entre eles? Minha melhor amiga e a Lua brigando pelo mesmo homem.

— Eu teria pena dos seus ouvidos – sorrio, porque não tenho outra coisa a fazer. Só posso imaginar que seria uma boa briga, mas se pudesse apostar, diria que Ângela levaria a melhor nessa. Bruno nega, mas não esconde o quanto ficou

impressionado com a garota, isso tudo sem vê-la fisicamente.

— Tem algum motivo para ele sair do Brasil assim, tão de repente?

— Vai fazer uma especialização na Itália. Só não soube me dizer quanto tempo vai durar ou quando pretende voltar – explico, deixando de revelar minha suspeita de que ele vai fazer mais do que uma especialização.

— Quem não vai ficar feliz com a notícia é a Lua.

— Difícil acreditar que ela ainda esteja a fim de um cara que se relacionou por pouco tempo e lhe deu um pé na bunda sem a menor pena.

— Cala a boquinha, você não entende nada da cabeça feminina. Também me deu um pé na bunda e, no entanto, aqui estamos nós, prestes a nos casarmos.

— Nosso caso foi diferente e você sabe disso – me defendo. — E quanto ao pé na sua bunda, quero deixar claro que só tem uma coisa que eu meto nela, e não é exatamente um pé. Ou será que já se esqueceu de ontem à noite?

Gosto de lhe provocar com isso, porque não entendo qual a sua vergonha por nós dois gostarmos de sexo anal.

Com o rosto vermelho, Marina o esconde no meu peito e torna a dizer:

— Quando foi que começamos a falar de sexo mesmo? – belisca a minha barriga, e não me causa nada além de cócegas.

— Sabe como é, né? Não posso deixar uma oportunidade passar.

— Tô vendo, mas dessa vez o senhor vai deixar passar – afirma, ao pegar um pequeno despertador em cima do criado e ver as horas. — Nós já passamos tempo demais em cima dessa cama e eu ainda tenho que passar no estúdio.

— Ah, pelo amor de Deus, em plena tarde de sábado? – como um bebê, me agarro com braços e pernas em seu pequeno corpo, não deixando que se mova. — Vai, amor... Só mais uma transadinha? – ela nega. — No chuveiro, enquanto lavo seu corpo com as mãos e embaixo te como com o pau? – insisto, e ela pensa por uns segundos e logo me dá a resposta:

— Tá bom, você ven... – ela nem termina de falar e eu já lhe tenho em meus braços e carregando para debaixo do chuveiro.



— Pequena, e sobre o assunto do estúdio? – já estou vestido e satisfeito – não poderia estar de outra forma, depois da rapidinha vespertina embaixo da água – lhe observando terminar a maquiagem. — Você tem certeza de que quer fazer isso? Se quiser, posso ir dando entrada na papelada.

O assunto ao qual eu me refiro é a proposta que Lua fez para a minha noiva. Segundo suas palavras, Marina se mostrou essencial para o estúdio,

inclusive na captação de clientela, e por isso achou mais do que justo convidá-la para ser sua sócia na empresa que está ficando cada dia mais renomada e conhecida. Para ela, a proposta também é vantajosa, já que com o capital que iremos investir, a expansão e quiçá a abertura de uma nova filial será mais viável.

— Claro, amor. Como eu te disse, o fato de eu ser tão jovem e nova no mercado talvez fosse um empecilho para eu crescer nesse meio, e já que eu e Lua nos entendemos tão bem...

— Linda – faço o elogio à sua beleza quando a vejo pronta. — E inteligente – agora elogio a sua mente brilhante e preparada para os desafios que a vida lhe impuser. — Pode deixar que o seu super advogado cuidará da parte chata.

— E modesto também – ela vem até onde estou e me dá um beijo leve. — Agora, vamos descer, querido. Hoje o dia vai ser corrido, de lá eu vou pedir para o Jorge me levar até a *Maison Buffet*, eu e a Ângela vamos ver o cardápio da festa do nosso casamento – avisa. — Você também vai, não é? – indaga, ao pegar a sua bolsa em cima do sofá lateral.

Sim, vamos nos casar em breve.

Diferente da intenção inicial, que era ter um longo noivado e só depois pensar em casamento, Marina e eu conversamos e decidimos que não tem por que esperar tanto tempo se temos certeza do que queremos.

Se o nosso amor já não fosse motivo suficiente para tomarmos tal decisão, a experiência pela qual passamos certamente é. O medo de perdê-la me fez entender que há razão para temores, que o nosso amor está aí para ser vivido e que seja de maneira plena.

— Eu vou, sim, e já que não terei a sua companhia, vou malhar um pouco e assim que estiver a caminho você me avisa, tudo bem?

— Tá ok.

Nós descemos as escadas de mãos dadas e quando a levo até a porta, Marina vem na intenção de me dar outro selinho, mas para o seu azar, sou mais rápido e abocanho sua boca em um beijo de língua, longe desse sem graça que ela gosta de dar em momentos de pressa.

— Agora sim eu terei uma ótima tarde – ela me olha, atordoada, e ainda dá um tropeço no batente da porta, tanto pelo beijo quanto pelo tapa que acerto na sua bundinha redonda — Gostosa.

Dando uma de esnobe, a minha gata não diz nada, segue o seu caminho, mas não sem antes voltar a cabeça para trás, medir o meu corpo – que não veste nada além de uma calça moletom – e me mandar um beijinho por cima do ombro. Depois ela se dirige para a garagem com um balançar de quadril mais

acentuado, me deixando com o pau mais duro do que uma rocha.

E agora, como vou puxar peso nesse estado? Meu cacete é capaz de furar o chão antes que eu comece o aquecimento. Não é como se eu não pudesse dar um jeito nesse grande – sim, grande, até porque aqui embaixo não tem nada de pequeno – problema.

Me recuso a me aliviar no chuveiro, assim como fazia dentro do banheiro do hospital, não quando tenho uma mulher tão gostosa e tão insaciável quanto eu. A mulher que dentro de poucos meses se tornará a minha esposa.

Esposa...

— Caralho! – olhando-me no espelho que cobre toda a parede da academia, é que finalmente a minha ficha cai, como se agora estivesse ciente do importante passo que estou prestes a dar. — Eu vou me casar. Erick Estevan vai casar!

Passado

Marina

Deus, eu vou casar e é com o Erick, o meu Erick. O amor de toda uma vida.

Não deixo de me emocionar, quando dias depois de fazer a escolha do cardápio que será servido na recepção, me vejo refletida no enorme espelho do ateliê, refletindo o belíssimo vestido de noiva feito por Honória Braga, a estilista das estrelas, e feito exclusivamente para mim.

— Como você está linda, minha amiga – uma Ângela emocionada e com olhos brilhantes me fita. — Parece uma princesa. Tenho certeza que tio Erick vai enfartar antes do sim.

— Mais algumas provas e ele estará pronto, minha querida. Você vai ser a noiva mais bela que essa cidade vai ver esse ano – elogia a mulher de meia-idade e talentosa com as suas agulhas e linhas.

Com a mente viajando para o tão esperado dia, que rapidamente se aproxima, fico por um bom tempo me olhando e alisando o tecido do vestido que molda meu corpo, até que algo chama a minha atenção.

Do lado de fora da porta de vidro, uma mulher de cabelos escuros e aparentando seus quarenta anos me observa e tem os olhos cheios de lágrimas. Do seu lado, tem dois menininhos de cabelos lisos e castanhos e que parecem ignorar o estado em que a mãe se encontra, já que discutem de maneira ferrenha por alguma bobeira qualquer, que só na mente das crianças é uma coisa grande.

Incomodada com as crianças brigando e a mãe dura como uma pedra me olhando e sem ao menos piscar os olhos, não penso antes de descer do caixote que Honória me colocou, e sob os olhos especulativos da costureira e minha amiga – que param de falar quando presenciam o meu movimento – vou até a porta e confronto a senhora que tanto me encara, como se quisesse me falar alguma coisa.

— Algum problema, senhora? – indago, e quando lhe encaro mais de perto, penso que teria sido melhor se não tivesse vindo até aqui.

— Cristina? – é claro que é ela, apesar de mais velha, a mulher continua a mesma das poucas fotos antigas que até alguns anos atrás enfeitavam a sala da mansão, e mesmo sem elas eu seria capaz de reconhecer a pessoa que tem vários traços parecidos com os meus.

— Minha filha? – com a mão trêmula, ela a sobe até a altura do meu rosto, voltando a abaixá-la quando me esquivo.

— Não me chame de filha – peço, e assim como ela, eu tremo da cabeça aos pés, tendo que me segurar na porta antes que as minhas pernas me deixem na mão.

— Desculpa – pede com a voz embargada, mas o que me chama a atenção é fato de os dois garotinhos terem parado de discutir e agora me olharem com curiosidade. — Eu soube do que aconteceu, você está bem?

— Estou ótima, mas não graças à sua prima – acuso. — Eu posso saber o que a senhora está fazendo aqui, depois de tantos anos de abandono? – limpo uma lágrima solitária que insiste em cair.

— Nós precisamos conversar, minha filha – pede.

— Não temos nada para conversar, senhora. Teve tantos anos para fazer isso, e agora, no momento mais importante da minha vida, você resolve dar as caras? – desabafo, não conseguindo conter minhas palavras.

Mas como poderia, se não posso nem ao menos olhar para os rostos das crianças que tiveram tudo o que eu nunca tive: o amor de uma mãe?

— Não faz isso, Marina. Eu sei que minhas ações não têm perdão. Eu fui fraca por não lutar pra ficar com você e também ambiciosa, quando decidi aceitar o dinheiro que o João me deu para sair do país...

— Aí, deixa eu adivinhar: em um mundo maravilhoso, onde não existia uma criança para abandonar, você acabou encontrando um príncipe encantado e até teve dois filhinhos – aponto para eles, e me dou conta do quanto estou sendo cruel, eles são apenas crianças que não têm culpa dos erros da mãe, assim como eu não tive culpa dos erros dos meus pais.

— Se pode me ouvir, será que pode me perdoar? – pede, e eu não consigo acreditar no que estou ouvindo.

— Não, eu não posso fazer isso, pelo menos não agora e talvez nunca – com os olhos marejados, me volto para dentro da loja, mas antes faço uma única pergunta:

— Cristina – a mulher que permanece parada no mesmo lugar, levanta a cabeça e, esperançosa, espera pelo que tenho a dizer. — Como eles se chamam?

— Victor e Artur, seus irmãos.

— Tudo bem – entro de vez, deixando meu corpo cair em cima da primeira cadeira que vejo pela frente.

— O que foi, Marina? – preocupada, Ângela se agacha à minha frente. — Suas mãos estão geladas e você está tremendo.

— A Cristina, aquela mulher... era a minha mãe – ela me olha com olhos de surpresa. — Mas não quero falar sobre isso agora, eu só preciso ir pra casa – levanto-me novamente e peço: — Me ajuda a tirar ele.

De imediato, ela se levanta e me ajuda a abrir os milhares de botões

perolados que tem na parte de trás da vestimenta.

— Tem certeza que está tudo bem, querida? – sem saber de nada, senhora Honória indaga, certamente por perceber a mudança no meu estado de espírito.

— Sim, obrigada por perguntar – agradeço, com as mãos ainda trêmulas, coisa que não passa batido por Ângela, que pergunta:

— Não é melhor que eu ligue para o Erick vir te buscar? Você não tá legal – afirma, quando finalmente consegue me livrar do vestido.

— Não – digo, categórica. — Ele ainda está no escritório e eu não quero atrapalhá-lo – falo, sabendo que não posso sair correndo para ele a cada acontecimento fora da rota, que venha atrapalhar o meu dia.

Mesmo que seja essa a minha vontade.

— Vamos com o motorista. Quando chegar em casa eu aviso a ele. Tudo o que preciso no momento é ficar sozinha.

Sozinha para pensar em tudo o que aconteceu agora há pouco e quem sabe liberar a frustração e a dor que comprime o meu peito.

Erick

— E aí, amigão, você sabe por onde anda a mamãe de vocês? – me sinto tão ridículo por dizer uma coisa dessas, mas fazer o que se a conveniência faz isso com as pessoas? E quando digo que ela trata os animaizinhos como seus filhos, é porque ela realmente os vê dessa forma. Para Marina, Floco e Thor não passam de duas crianças que não precisam de nada além do amor e cuidado da mãe e, como ela é a mãe, eu fui intitulado como pai.

Meu Deus! Eu, pai de dois animais.

— Ele não viu e pelo visto nem você, não é? – solto as orelhas do meu amigo e dedico um pouco de atenção à peludinha, que agora passa a pequena cabeça na minha perna. — Então tá legal, cuidem da casa, que papa... quer dizer, o grande Erick, vai encontrar a fujona.

Deixando-os para trás, subo as escadas, me perguntando se devo me preocupar. Já são quase 07h da noite, e ela nem voltou da prova do vestido e nem atende o celular. Jorge não está na garagem com o carro, então eu imagino que ele ainda não a trouxe para casa.

Então, por que não consigo falar com ela?

— Calma, Erick – digo a mim mesmo, enquanto subo, tirando o terno e afrouxando o nó da gravata. — Sua mulher deve estar entretida com o vestido e não teve tempo de atender – digo para me tranquilizar, talvez eu esteja paranoico demais, depois de quase perdê-la.

Ao abrir a porta do nosso quarto, me deparo com a penumbra e um

soluçar baixinho ecoar pelo ambiente.

Marina! Mas o quê...

Quando me aproximo, ligando apenas a luz do abajur para não assustá-la, o que vejo deixa o meu coração apertado e com uma vontade de matar a pessoa que fez isso com meu amor. Ela acordou tão feliz em ter tantos compromissos do nosso casamento a cumprir.

— Ei, o que houve, princesa? – tirando o sapato, me deito atrás dela e abraço a sua cintura, enquanto ela, sem se mexer, continua chorando bem baixinho.

— Só me abraça, por favor – pede, ao levar a sua mão até a minha e entrelaçar os nossos dedos. Respeitando a sua vontade – mesmo estando preocupado por vê-la chorando assim – faço o que me pede e apenas lhe abraço.

— A Cristina apareceu lá no ateliê – depois de um tempo e já sem chorar, ela finalmente fala e o motivo me deixa bastante surpreso.

— Cristina, a sua mãe?

— Ela mesma – se limita a dizer, ao se virar de frente para mim.

— E o que essa mulher queria depois de tantos anos sem dar notícias? – indago, chateado, pois, apesar de não gostar de injustiças e ser contra julgamentos precipitados, na minha cabeça o que ela fez não tem justificativa.

— Foi isso que eu questionei. Ela disse estar arrependida e me pediu perdão, mas eu a tratei tão mal que agora estou me sentindo confusa, sem saber se fiz a coisa certa. O que eu faço, amor?

— Acho que você precisa de um tempo, pequena. Se agiu da maneira como agiu, foi porque teve os seus motivos, e se ela realmente quer o seu perdão ou qualquer outra coisa, vai ter que respeitar o seu tempo. Afinal, ela não devia esperar outra reação sua, não depois de tudo que soube – deixo minha opinião e espero estar fazendo a coisa certa.

Não serei eu a incentivar algum tipo de perdão ou aproximação forçada, se nem mesmo concordo com o que ela fez.

Não ouvi a sua versão dos fatos, mas parece que a Patrícia não mentiu quando o assunto foi a motivação para o abandono da Marina.

— Sabia que tenho dois irmãos e que eles são gêmeos? – agora ela abre um sorriso e seus olhos brilham apenas por mencioná-los. — Eles são gêmeos e se chamam Artur e Victor, tão lindos.

— Assim como a irmã mais velha – beijo o canto da sua boca e continuo. — Amor, se puder, esquece esse assunto por enquanto. Dê tempo ao tempo e quando estiver pronta, se um dia estiver, você a procura e tenta uma outra conversa.

— É por isso que eu te amo, sabia? – se aconchega ainda mais nos meus

braços. — E desculpa por não ter ligado e avisado. Eu só precisava ficar sozinha e pensar um pouco, você me entende?

— Claro, amor. Eu só fiquei preocupado com a falta de notícia, mas já que está tudo bem, vamos deixar esse assunto de lado, futura senhora Estevan.

— Esse nome me soa bem – afirma, e começa a abrir os botões da minha camisa social. — Só mais três meses e você será tão meu quanto é humanamente possível – ela abre as bandas da minha blusa e deixa um beijo no meu peito.

— Três meses... – digo, sentindo que as coisas estão começando a ficar duras, e digo isso no sentido literal da palavra.

— Por falar em três meses, a Ângela teve uma ideia para os nossos últimos quinze dias de solteiros e eu acho que você não vai gostar.

— Tinha que ser a porra da Chatinha. Vamos, me fala que ideia é essa que eu vou odiar. Sim, odiar, pois sei que quando você diz que não vou gostar de algo, o meu sentimento vai muito além de um simples "não gostar".

Frustrado

Erick

— Mas que porra! – erro pela terceira vez a mesma frase que estou digitando no computador.

Uma semana.

Sete dias.

Faltam apenas sete dias para que esse inferno chegue ao fim.

— Que mau humor é esse, meu caro? – sem bater na porta, como sempre, e pisando tão leve que cada entrada sem avisar é um susto diferente, Bruno invade a sala e presencia mais uma vez a minha frustração. — Ainda sem transar?

— Sim, e toda vez que me lembro disso tenho vontade de torcer o pescoço da intrometida da Ângela.

Há pouco mais de dois meses, quando Marina me falou da ideia absurda de passar os últimos quinze dias que antecedem o casamento na casa da Ângela, porque segundo a própria, isso tornaria tanto a nossa experiência como marido e mulher quanto a nossa noite de núpcias ainda mais prazerosa e especial, eu fiquei tão puto que preferi nem tocar mais no assunto. Pelo contrário, eu e Marina começamos a trepar como dois coelhos, o negócio ficou tão intenso que eu até esqueci do plano idiota. Até achei que ela também tivesse esquecido, mas a safada estava tão insaciável, justamente por não ter esquecido, estava apenas aproveitando antes da separação.

Há sete dias quase tive um infarto, ao chegar em casa e encontrar suas malas prontas no meio da sala. Nesse dia, nós dois discutimos e ela bateu o pé, me dizendo que depois eu iria agradecer.

Eu não tive outra saída a não ser deixá-la ir, mas não sem antes – em cima do sofá, já que estava com tanta pressa de se livrar de mim – lhe mostrar o que ela estaria perdendo e meus motivos de acreditar que não conseguiria aguentar por muito tempo.

Mas, o tempo mostrou que quem estava enganado era eu. Ela não só aguentou, como tem um cão de guarda a sua volta e toda vez que eu apareço na residência dos Albuquerque para ver a minha noiva, sempre estamos sobre os olhos atentos do filhote de megera, que parece adivinhar todas as vezes em que o clima está esquentando.

A garota sempre aparece para interromper.

De toda essa situação insuportável, pelo menos não tive o desprazer de

esbarrar com o primo, que depois da prisão da Patrícia e de ela ter entregado que foi ele quem disse do namoro falso, o covarde fugiu de casa e ainda não teve coragem de aparecer para arcar com as consequências dos seus atos.

— Quer dizer que o grande Erick Estevan está comendo poeira por causa de uma garotinha? – ele tateia a cadeira e se senta, mais uma vez sem convite.

— Garotinha? Bem se vê que você não conhece a Ângela, aquela ali é o próprio demônio.

— Isso eu já percebi, tão quente, quer dizer, tão insuportável... – diz isso com um sorriso enigmático que não me passa batido.

— Que cara é essa, Bruno...?

— Nem começa com os seus delírios. O assunto aqui é você com a sua bunda mole. Pelo menos tentou furar a defesa da general empata foda?

— O que você acha? Não foi por falta de tentativa, meu caro. No entanto, hoje tem sete dias que eu não transo com ninguém além da minha mão. Ângela é a minha definição perfeita para demônio de saia.

— Poxa, mais uma semana na seca? Boa sorte – diz, ao levantar e ir na direção da porta.

— Queria alguma coisa?

— Não, só te provocar mesmo, já que ontem à noite bati uma boceta bem gostosa.

— Vai se danar, porra – atiro um grampeador em sua direção, mas ele é rápido o suficiente e o mesmo se quebra contra a porta fechada.

Chatinha dos infernos, será que não faz nada além de empatar os meus planos?

Pensando bem e sendo justo, até que ela não é de todo mal. É Ângela, com a sua força e companhia, que tem ajudado Marina a esquecer do desconcertante encontro que teve com a mãe há pouco mais de dois meses.

Depois do encontro entre elas, eu como noivo e maior interessado no bem-estar da minha garota, fui atrás de saber mais da vida da Cristina e descobri coisas bem interessantes.

Para começar, não existe nada de romântico na história do abandono e tal qual a louca falou, Cristina, apesar de ameaçada por João, trocou a companhia da filha por dinheiro.

Jovem e ambiciosa, a mulher partiu para Portugal e pouco tempo depois se casou com um português. Um empresário bem sucedido e que foi capaz de satisfazer suas ambições. Depois de tentar vários tratamentos e não conseguir realizar o desejo de ser mãe novamente, Cristina desistiu da ideia, até que oito anos atrás conseguiu engravidar e dar à luz os gêmeos que hoje têm sete anos de idade.

Apesar de ser feliz e realizada, não conseguiu esquecer a filha, tanto que, com a ajuda do marido, acompanhou a vida da Marina pelos últimos seis anos, o que não apaga o erro de nunca ter tentado entrar em contato e só fazendo isso depois da merda que a prima fez.

E como eu sei disso tudo?

A própria me contou, quando – desconfiado das suas intenções – busquei seu contato e marquei um almoço em um restaurante perto do escritório. Na ocasião, lhe aconselhei a dar um tempo para a filha e para não forçar a barra. Expliquei que quando estiver preparada, a própria Marina vai entrar em contato, nem que seja por causa dos dois irmãos que tanto lhe chamaram a atenção.

No mesmo dia, contei para a minha noiva a respeito do tal almoço e fora a chateação por eu ter feito sem avisá-la, Marina levou numa boa e até concordou com o meu conselho para que a mãe se mantenha longe.

Desde então, Marina, com a sua fiel escudeira, não tem outra preocupação além de ajeitar os detalhes do nosso casamento. É por isso que digo que Ângela é noventa e nove por cento demônio e um por cento anjo. Eu até poderia me apegar nesse um por cento, mas a saudade da minha mulher é quem está no comando e como não sou de passar vontade e muito menos de desistir do que quero, levanto-me da cadeira e, dando o expediente por encerrado um pouco antes do normal, saio do escritório e vou diretamente para a casa da megera.

Às 06h da tarde, dentro do carro e parado em frente ao portão do inimigo, vejo as duas chegarem com as mãos cheias de sacola. Sem perda de tempo, saio do veículo e quando a linda me vê, ela entrega as suas sacolas para Ângela e se joga nos meus braços, enlaçando os braços no meu pescoço e as pernas na minha cintura.

— Você veio, amor, pensei que dormiria sem te ver.

— Nunca – vou beijar a sua boca, mas já no início abro os olhos e vejo o cão de guarda nos observando com a mão na cintura.

Eu tenho que presenciar o dia em que ela for casar, porque se Marina não fizer a mesma sacanagem que ela está fazendo com a gente, eu juro que eu mesmo faço.

— Eu não vou conseguir fazer isso tendo a Chatinha nos vigiando com esses olhos de rapina. Faça alguma coisa, por favor – peço, ela solta braços e pernas, vai até a general e conversa alguma coisa – baixo o suficiente para que eu não possa ouvir – e logo em seguida e de cara amarrada, vejo Ângela atravessar o portão, nos deixando sozinhos.

Finalmente.

— Enfim, sós – enlaço sua cintura, e quando vou beijá-la, Marina coloca a mão sobre a minha boca e declara:

— Não pense que o fato da Ângela ter nos deixado sozinhos é um indício de que você vai conseguir entrar na minha calcinha, pois não é.

— Sério? – indago, já sentindo a minha empolgação cair pela metade.

— Não mesmo. Eu prometi isso pra ela – avisa. — Pense em como vai ser gostoso, meu amor. Nós dois, depois de tantos dias de tesão acumulado, matando toda a vontade na noite de núpcias.

— Diz isso para o meu pau – pego a sua mão e a coloco em cima da minha ereção, que aumentou de tamanho no exato momento em que entrou em contato com o seu corpo. — É ele quem não entende – como se o local estivesse pegando fogo – e está mesmo – Marina tira a mão, não a deixando nem tempo o suficiente para fazer um agrado.

— Se comporta – a aprendiz de megera bate o pé, cheia de convicção.

— Vou me comportar, só que dentro do carro – digo, e antes que ela perceba, já estamos na parte de trás e com seu corpo bem acomodado em cima do meu colo.

— Você não tem jeito, não é? – reclama, agora sem muita firmeza, quando levanto a barra do seu vestido longo, até tê-lo enrolado até a altura da cintura.

Marina não tem ideia do quanto me fascina vê-la usar vestidos e acho que seria capaz de comprar dezenas deles só para ter mais da bela visão.

— Não tem mal algum em dar uns amassos dentro do carro, coisa que não faço desde a adolescência – revelo. — Aí vai mais uma experiência nova, minha gata.

Segurando na parte de trás da sua cabeça, saqueio a boca gostosa num beijo faminto que há muito estava a fim de fazer, e do beijo a coisa toda saiu do controle. Do beijo eu desci as alças do seu vestido e chupei os seus seios que claramente estão carentes por atenção. Dos seios, decidi fazê-la gozar com os dedos e assim como eu lhe dei prazer, minha safada também me deu, quando desceu a minha calça e me chupou até engolir, literalmente, cada gota da minha sanidade.

Longe de me sentir saciado e com os vidros do carro já embaçados, estou a ponto de tirar a sua calcinha, mas sou impedido por ela, que diz:

— O foi que conversamos? – sai do meu colo, se ajustando e arrumando o vestido. — Sem sexo.

— O que fizemos aqui não deixa de ser sexo – afirmo, me referindo ao fato de nós dois termos gozado com masturbação e sexo oral.

— Não fizemos, não, isso aqui foi apenas um aperitivo do que nos espera daqui a uma semana.

Quando diz isso, é como se tivemos um insight simultâneo e no mesmo

instante, paramos o que estamos fazendo, nós olhamos com intensidade e é Marina quem primeiro fala:

— Sete dias para o passo mais importante da minha vida até aqui.

— Sete dias para a decisão mais acertada que tomei – completo, trazendo na memória a minha melhor escolha, o dia em que joguei para o alto todos os receios, preconceitos com idade e medo de julgamentos, o dia em que sem saber, disse sim para o seu amor e para a felicidade que nos foi guardada

O grande dia

Erick

— Puta que pariu – com força, arranco a gravata do meu pescoço. Será que esqueci como se faz um simples nó de gravata, coisa que faço há anos?

— Calma, meu filho. Me dá isso aqui, deixa que eu te ajudo – meu pai vem em meu socorro ao pegar o pedaço de tecido e fazer em segundos o que tenho tentado há alguns minutos. — Você está nervoso e eu sei exatamente como é sentir isso.

— Sabe?

— Como você acha que eu fiquei no dia do meu casamento com a sua mãe? – antes que termine de falar, já tenho a minha gravata no lugar certo, fazendo conjunto com o meu terno.

Finalmente chegou o grande dia e não poderia estar mais feliz, além de estar prestes a me casar com a minha pequena, ainda tenho o prazer de ter a minha família do meu lado. Eles chegaram há dois dias e se instalaram aqui na mansão, que tem quartos de sobra. A melhor parte de tê-los por perto, além de matar a saudade, é poder me distrair da saudade que tenho da Marina, que cumprindo com a sua palavra, não me deu mais que um beijinho.

Ainda bem que o casamento acontece só uma vez, pois não sei se aguentaria passar por isso novamente, principalmente essa última semana que ela andou tão atarefada na preparação dos meus últimos detalhes.

Mas enfim, hoje acaba a tortura e eu terei a minha mulher de volta e com um novo status: o de minha esposa.

— Me admira o senhor ainda lembrar disso – brinco com o senhor de sessenta e oito anos, mas que a idade em nada combina com a sua lucidez e vivacidade.

— Me respeita, garoto – diz, e eu sorrio por pensar que só mesmo o meu pai para me chamar de garoto. — Agora, falando sério, filho.

— Sou todo ouvidos – sabendo não ter como estar mais preparado do que já estou, dou uma última olhada para o espelho e me viro para o meu velho, pois sei que seja lá o que tenha para dizer, será algo que eu preciso e devo ouvir.

— Faça o possível e o impossível para fazer a sua mulher feliz, Erick – aconselha, olhando nos meus olhos e com a mão meu ombro. — Marina é uma menina muito especial, e se Deus lhe concedeu a graça de tê-la como sua companheira, faça de tudo para preservar esse amor.

— Farei, papai. Aquela garota é toda a minha vida e a partir de hoje,

viverei para fazê-la a mulher mais feliz, assim como ela me faz, a cada sorriso que me presenteia.

— Eu não esperaria nada menos de você, meu filho – me abraça, dá batidinhas nas minhas costas e quando se afasta, segura meu rosto com ambas as mãos e fala: — Seja feliz.

— Eu vou ser, seu Lauro. Na verdade, já sou e serei mais ainda, quando ver a minha Marina andando em minha direção, tendo Deus, amigos e quem quiser ver como testemunhas da nossa união.

— Assim que se fala. Agora deixa de papo, já está pronto? Lembre-se que quem costuma chegar atrasada é a noiva.

Marina

— Que aflição – reclamo mais uma vez, dentro da tenda que fica a alguns metros do local da cerimônia.

Comigo estão a minha sogra, Carmem, e Ângela, a minha madrinha e melhor amiga, que não estão nem um pouco contentes com o meu nervosismo e ansiedade.

— Você lembra que o noivo entra primeiro, não é?

— Claro que lembro – afirmo, estalando os dedos em sinal óbvio de nervosismo.

Eu planejei e sonhei tanto com esse dia que agora que chegou, temo estar sonhando ou que algo dê errado.

— Então, só fique calma que já está quase na hora – ela diz ao abrir uma fresta no tecido da tenda e espiar a movimentação dos convidados chegando.

Como não tinha nenhum sonho particular ou preferência por alguma igreja em especial, Erick e eu decidimos que a cerimônia de casamento seria na praia e por volta das 05h da tarde.

Hoje vejo que não poderíamos ter feito melhor escolha, já que o sol laranja do fim de tarde dá um clima mágico ao local. Simples, porém elegante, a decoração escolhida é basicamente constituída por médios vasos de flores, que acompanham o tapete branco até a pequena tenda onde o padre irá realizar a cerimônia e que tem o mar de águas verdes e límpidas como pano de fundo. Nas laterais do corredor de flores, foram colocadas cento e cinquenta cadeiras para os convidados, que acabaram sendo em maior quantidade do que imaginávamos. O importante é que deu tudo certo e eu não poderia estar mais feliz com o resultado, apesar do nervosismo.

— Como você está linda minha, querida – minha sogra se vira para mim e, toda emocionada, finaliza: — Meu filho tem muita sorte em ter conquistado

uma moça como você, tão linda e que o ama na mesma intensidade com que ele te ama.

Ouvir suas palavras é um alívio para mim, pois, de todos os preconceitos e falta de aceitação que o nosso relacionamento poderia ter, os seus pais, ainda que à distância, era uma preocupação que vez ou outra passava por minha cabeça. Se quando souberam, disseram apoiar o nosso namoro, eu não sabia como seria quando nos vissem pessoalmente, o que é uma realidade bem diferente de quando só se sabe, mas não presencia. Com a graça de Deus, ao nos ver pela primeira vez há alguns dias, quando chegaram para o casamento, meus sogros deixaram mais do que claro não só não serem contra, como também o fato de estarem satisfeitos por estarmos dando esse passo importante.

— Obrigada, por tudo – digo, e ela me presenteia com um abraço.

— O que é isso, querida. Vamos parar que eu não quero borrar as nossas maquiagens e nem amassar o seu vestido – avisa, ao olhá-lo com olhos de encanto, o mesmo encanto com o que eu mesma o olho, desde o dia em que Honória me mostrou o desenho com o modelo que tinha imaginado para mim.

De alças e no modelo princesa, que começa acinturado e vai abrindo na parte da saia, o vestido liso é todo trabalhado em renda francesa e finalizado com uma pequena calda. Num estilo mais simples e delicado, assim como a minha maquiagem de tons claros, preferi deixar os meus cabelos soltos e enfeitados por leves ondas, onde uma tiara de flores dá o toque final, em uma noiva que se casa ao fim de um dia de verão, tendo o verde límpido do mar como pano de fundo e o som das águas se quebrando contra as pedras, como trilha sonora.

— Tem razão, nada de choro, e obrigada por estarem aqui – abraço e elas me retribuem com sorrisos sinceros, os melhores que eu poderia querer ao meu lado neste momento.

Em outra situação, quem deveria estar presente aqui comigo era a minha mãe, mas, na situação em que nos encontramos, não seria apropriado forçar uma aproximação, já que as poucas vezes em que aceitei me encontrar com ela não foram suficientes para tamanha intimidade. Por outro lado, esse laço que se estreitou com os gêmeos me trouxe a sensação de ter uma família além do Erick.

O triste disso tudo, tanto para mim quanto para eles, é saber que em breve terão de voltar para Portugal, mas a Cristina prometeu trazê-los para me visitar sempre que for possível.

— Tá quase na hora – dessa vez, é minha sogra quem espia a movimentação. — Eu já vou, pois seu noivo está prestes a entrar.

Dito isso, ela sai e ficamos eu e a Ângela, que com seu longo vestido lilás, é certamente a madrinha mais linda que uma noiva poderia ter, uma madrinha nada satisfeita com o padrinho escolhido. Mas, que eu posso fazer se

Erick escolheu o Bruno como o seu padrinho?

— Tudo bem? – ela chega perto de mim e segura as minhas mãos. — Suas mãos estão trêmulas e geladas – se preocupa.

— Isso sem contar o frio na barriga, mas eu tenho certeza que quando ver o Erick no altar, me esperando, todo o nervosismo vai passar.

— Tô muito feliz por você, sabe disso, não é?

— Sei, sim, obrigada por tudo – vou abraçá-la e sou impedida.

— Nada de lágrimas e abraços. Vamos guardar eles para depois. Agora, você tem que estar linda – afirma, ao ajeitar as mechas onduladas do meu cabelo.

Alguns minutos depois, vejo Ângela entrando pelo corredor de braços dados com Bruno, e respirando fundo, saio da tenda, caminho os poucos metros e quando o instrumental começa a tocar a marcha nupcial, eu, sozinha e com um buquê de girassóis nas mãos, começo a caminhada na direção do meu noivo.

Como imaginava, no momento em que o vejo, tão lindo no seu terno escuro e me esperando, todo o nervosismo e apreensão caem por terra, restando somente a plenitude do amor e a vontade de chegar até ele e vê-lo segurar a minha mão.

Depois de percorrer o que pareceu ser um longo caminho, finalmente me vejo frente a frente com o meu amor, e por alguns instantes ficamos nos encarando com olhares de amor e encantamento, até que ele, ainda de mãos dadas comigo, se aproxima do meu ouvido e sussurrando, diz:

— Você está linda neste vestido, meu amor, e eu não vejo a hora de tirá-lo do seu corpo – elogia e emenda com uma sacanagem.

Se não fosse assim, não seria o Erick.

Sob os olhares curiosos dos convidados e do padre, ainda estamos no nosso momento, até que com um pigarro o ele nos interrompe:

— Senhores, podemos começar?

— Sim – dizemos juntos e entre risadas discretas, somos presenteados com um olhar impaciente pelo religioso.

Como um borrão, todo o sermão passa, onde eu só tenho consciência da minha mão unida a do meu amor e na minha cabeça passando um filme de tudo o que passamos para chegarmos até aqui, dos percalços no meio do caminho, da luta diária para construirmos uma relação sólida, mas principalmente, da fé que depositamos no nosso amor. Isso tudo foi o que nos trouxe ao dia de hoje, o dia em que, perante Deus, concretizarmos a nossa união.

— Senhorita – a voz do padre me traz para o presente, onde ele e Erick me fitam. — É de livre e espontânea...

— Sim! – mal termino de dizer e me jogo nos braços do meu marido, que ao me envolver com braços e lábios famintos, apaga quase por completo a noção

do que acontece a nossa volta, sendo possível ainda ouvir o som de palmas e um pouco mais baixa e demonstrando cansaço, a voz do padre dizer:

— Sendo assim, eu vos declaro marido e mulher.

Na frente de todos e sem o menor pudor, meu marido devora a minha boca, o que não inibe o sacerdote de terminar o protocolo.

— O noivo pode... é.... Ah, deixa pra lá.

— Beijar a esposa – completa Erick, ao pegar a minha mão esquerda e beijar a aliança de ouro que acabou de colocar. — E esse marido não vê a hora de estar a sós com a mulherzinha dele – sussurra, discreto, antes de me beijar novamente, sob o som de aplausos, assobios e pétalas de flores jogadas nas nossas cabeças.

Fugidinha

Marina

— Será que ainda vai demorar muito, esposa? – Erick pergunta, ao me abraça por trás.

Estamos no jardim da nossa casa, que foi totalmente transformado para a recepção do nosso casamento e em nada lembra o seu visual original. No início, pensamos em alugar um espaço próprio para festas de casamento, mas aí pensamos melhor e decidimos que o nosso jardim, que é tão amplo, não poderia ser desperdiçado dessa forma. No fim, o lugar ficou tão lindo quanto ou mais do que ficaria se tivéssemos alugado outro espaço.

Para mim, a maior felicidade é ver como os decoradores conseguiram trazer para cá a mesma ideia da cerimônia, imprimindo a noite de verão um clima descontraído e informal, enfeitado pela pista espelhada que foi montada e pelas flores naturais que arrematam a decoração. Já para o meu maridinho, os sentimentos são um pouco menos ortodoxos. Para ele, fazer a recepção aqui é sinônimo de poder fugir no meio da festa, e é isso que ele tem tentado desde a hora que chegamos. E olha que nem tem tanto tempo assim.

— Calma, marido. A noite está apenas começando – no meio da pista, me viro para ficar de frente para ele, e quando uma batida começa a tocar, começo e me mexer e peço: — Vamos, dança comigo, ou será que não sabe?

— Não me provoca, meu amor – enlaça a minha cintura com mais firmeza. — Vou te mostrar que sou um exímio dançarino e será você a pedir arrego.

Sussurra no meu ouvido, fazendo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem de prazer, o que me faz perceber que estou tão ansiosa quanto ele para escapar dos convidados e ter nosso momento a sós.

— Então me mostra, meu esposo gostoso – com as mãos na sua nuca, começo a passar as unhas curtas por toda ela.

De repente, me dá uma pesada vontade de testar os seus limites.

— Foi você quem pediu – diz, ao começar a se mexer ao som da balada sensual.

Sem desviarmos os olhares que trocam promessas e falam de paixão incontida, ficamos no nosso mundo e sendo observados pelos convidados, que ainda não tiveram a iniciativa de entrar na pista.

— Eu já disse que você é linda e que está ainda mais linda com essa roupa? – ele volta a me virar de costas e assim fica, com as mãos em volta da

minha cintura, me presenteando com o calor do seu corpo. — Fico com vontade de lambar a sua barriga até chegar aos seus seios, que estão lindos nesse pedaço de pano brilhoso.

O pedaço de pano brilhoso é um cropped cor champanhe, que deixa parte da minha barriga de fora e fazendo conjunto com uma esvoaçante saia longa. A saia que tem uma fenda do lado direito e que vem aberta até a altura da coxa, é toda transparente, deixando totalmente amostra o shortinho branco que uso por baixo.

E se eu achava que tinha feito a escolha certa, o olhar de desejo do meu marido ao me ver somente confirmou o acerto.

— Também tô com vontade de lambar – digo, e espero não acabar com a festa que mal começou. — E não é a sua barriga.

— Safada – me puxa mais para perto, me deixando com a bunda quase na altura do seu pau, isso graças aos saltos altíssimos que uso. — Olha o sorriso dessas pessoas, tão inocentes. Mal sabe eles das sacanagens que os pombinhos estão falando, principalmente a noivinha – fala baixinho, ao propositalmente rebolar a parte baixa do seu corpo contra o meu. Se antes eu já estava subindo pelas paredes, agora que o sinto endurecer por baixo do seu short branco, estou quase em combustão.

— Faz isso de novo – peço, sem pensar, e no mesmo momento em que outra música começa. — Quero sentir.

Para nossa sorte ou tortura, a balada agitada parece ter animado a galera e rapidamente a pista lota de corpos saltitantes, o que transforma eu e meu homem em apenas mais um casal no meio dela.

— Providencial – sussurra, para que eu possa ouvir, já que o DJ aumentou o som de maneira considerável. — Só não goza, meu amor – assopra e eu tenho vontade de chorar.

Isso tudo deve ser consequência dos planos da Ângela. Tanta frustração e desejo reprimido finalmente cobra seu preço, e se ela tem razão, a recompensa por tamanho sacrifício já começou. Porque se o fogo que sentimos no meio dessa pista for um indício de como vai ser a nossa noite de núpcias, eu garanto que ela vai ser muito quente.

— Só se você prometer que também não vai – provoco, e mesmo de saltos altíssimos, fico na ponta dos dedos e na altura da sua ereção, me esfrego contra a sua dureza. Só espero estar disfarçando ou que todos estejam distraídos o suficiente para que não possam presenciar o nosso sexo a seco.

— Te garanto que não, minha mulher – me viro novamente, e olhando nos meus olhos, aproxima a boca na minha e quase a tocando, diz: — Isso eu vou fazer dentro da sua boceta.

Depois de me deixar ofegante com sua afirmação, Erick começa a dançar, quer dizer, não dançar de verdade. O que ele faz é me castigar pela abstinência que nos impus.

No ritmo, meu marido executa passos que nos deixam com os sexos colados e quando isso acontece, ele faz questão de se apertar ainda mais contra mim, me deixando mais molhada do que tenho coragem de admitir.

— Eu não aguento mais – digo, sem fôlego, quando a quinta música acaba, e quando termino a minha terceira taça de champanhe. — Eu preciso transar – confesso, sem vergonha nenhuma de admitir a minha frustração.

— Você está bêbada? – pega minha taça vazia e coloca em uma bandeja, assim que o garçom passa por nós. — Não beba mais, quero você sóbria para mais tarde – avisa, sem deixar de lamber uma gota da bebida que começa a escorrer pelo canto da minha boca.

— Bêbada não, é só tesão mesmo – digo. — O que está acontecendo comigo?

— Frustração, a mesma que eu senti nestas duas semanas por sua culpa e da diaba – revela, me fazendo rir do apelido.

— Pensa que hoje vai acabar, e se for como ela diz, nós vamos botar pra foder.

— Literalmente – ele sorri, e segurando a minha mão, me leva para fora da pista. — Precisamos respirar um pouco.

— Acho que devíamos ter dispensando os funcionários – assevero. — Já bastou no dia que você... Você...

— Comi sua bundinha – a boca suja completa, sem o menor constrangimento. — E não se preocupe em passar vergonha com os seus gritos, pois o seu marido já pensou em tudo.

— Sério?

— Seríssimo – ele me leva até o banquinho mais afastado do jardim, senta e depois me ajeita em cima do seu colo. — Depois da festa, todos estarão dispensados para irem para suas casinhas e nós dois começaremos a nossa própria festa.

— Será que vai demorar muito pra eles cansarem e irem embora? – nos voltamos para a pista e vemos a galera, principalmente os meus amigos, pularem sem demonstrar nenhum cansaço ou vontade de encerrar a noite.

Se brincar, vão amanhecer o dia dançando.

— Não tá parecendo – fala, e sua mão começa a subir por minha coxa nua. — Deixa eles para lá. Quer namorar um pouco?

— Mais que um pouco, eu quero você em mim – confesso, tendo certeza de que a bebida ingerida me deixou com a língua solta.

— E eu respiro por estar em você, meu amor. Em todas as partes de você – confessa, ao beijar o meu colo e subir para o meu pescoço. — Eu te amo, minha esposa.

— Eu te amo, marido – devolvo, quando sua boca encontra a minha em um beijo cheio de sentimentos.

No início, usamos apenas os lábios em um beijo cheio de ternura e amor, depois, ele captura a minha língua e com uma dança cadenciada e sensual, o beijo fala de paixão e erotismo, a promessa da vida que nos aguarda a partir de hoje.

— Humm – gemo dentro da sua boca.

— Será que irão perceber se dermos uma fugidinha de leve? – questiona, quando sem fôlego e totalmente excitados, ele separa os nossos lábios. — A gente dá uma rapidinha e volta.

— Acho que não – aproveito que foi ele quem propôs e lhe estendo a mão.

— Vamos – estamos decididos e a ponto de fugir para o nosso quarto, até que somos interrompidos por vozes inesperadas:

— Aí estão vocês – Ângela vem de braços dados com a minha sogra. — Eu não disse que eles tinham fugido?! Sorte a nossa não estarem trepando.

— Ângela! – repreendo, roxa de vergonha.

Desse jeito a sogrinha vai ficar pensando que somos tarados.

— Vem, querida, tá na hora do buquê e depois tem o bolo – minha sogra vai falando o cronograma, me fazendo ter vontade de chorar de frustração.

— Vai, amor, faz essas porras e volta para mim – dá um selinho na minha boca e fala. — Foda-se festa e convidados, logo estaremos fugindo, só eu e você.

— Combinado – beijo sua boca, antes de ser puxada pelas mulheres.

Infelizmente, o rapidinho demora duas longas e torturantes horas. Primeiro é o buquê, que cai mãos de Ângela quando a coitada nem está na fila para pegar, e acho que se pudesse, o jogaria no lixo. Depois vem o corte do bolo e fotos, onde tenho que sorrir o tempo todo. Fico tanto tempo com os dentes à mostra que agora a minha mandíbula dói.

Nesse tempo, Erick se reveza entre sorrir para fotos sempre que é solicitado e conversar com os amigos, principalmente com Bruno, o padrinho que à essa altura já se arrependeu de ter aceitado o convite. Acho que ele não imaginava que teria de ficar tão próximo da madrinha, que parece lhe retribuir o mesmo ranço.

De toda a minha insistência, a única coisa que Ângela me disse foi que tiveram um encontro nada agradável dentro do banheiro. Isso no dia em que eles apareceram de surpresa e nos encontraram à beira da piscina.

Agora, morta de frustração e vendo que a festa está longe de acabar, saio em busca do meu amor, que provavelmente fugiu para um lugar mais calmo e me espera com ansiedade.

— Voltei, marido – o encontro sentado do mesmo banquinho de horas atrás.

— Já não era sem tempo – me puxa para as suas pernas e me tasca um beijo de tirar o fôlego.

— Me tira daqui... – murmuro, me deliciando com a sua mão em cima do meu peito.

— Agora – meu amor entrelaça os nossos dedos e saímos correndo para a porta dos fundos da mansão.

Começo feliz

Marina

— É para dar sorte – ao alcançarmos a porta do nosso quarto, Erick me pega em seus braços e a abre com um leve chute.

— Isso é bobagem... – com medo de cair de bunda no chão, começo a explicar, mas logo tenho a minha atenção atraída pela visão do nosso canto.

Com a luz baixa, o ambiente não poderia ser mais romântico e propício para uma noite de núpcias. Numa mesinha de centro, colocaram um balde de gelo e de champanhe e ao lado, algumas frutas, como uvas e pedaços de morango.

Está tudo tão lindo, mas o que me chama atenção é a nossa cama, que foi forrada com um lençol de seda todo branco e sobre ela foram depositadas pétalas de rosas vermelhas, que perfumam todo o quarto. O clima criado aqui é tão sensual, que se eu já não estivesse nele, teria ficado agora.

— Quem foi o responsável por isso, amor? – quando ele me coloca no chão, me aproximo da cama, passo os dedos em algumas pétalas macias e só então vejo a camisola sexy, quase da mesma cor do lençol e que até então eu não tinha notado aqui em cima.

— Não sei, e seja quem for, eu só tenho a agradecer – diz, e seus olhos acompanham quando pego a camisola curtíssima e toda trabalhada em seda e renda. Se a minha bunda não ficar de fora e meus peitos pulando para fora, será um milagre. Mas talvez a ideia seja essa, levando-se em conta o jeito que meu marido olha para ela.

— Não vai ler o bilhete? – olha para a cama, e antes que eu me poupe da vergonha, ele passa na minha frente e pega o papel.

— Ei, isso é para mim – com a mão na cintura, faço a minha reclamação.

— Acho que é para nós, minha linda – afirma, e com sorriso estampado, começa a ler em voz alta:

Esperamos que curtam a noite e transem bastante. Não esperamos mais do que isso do casal mais apaixonado do planeta.

Com carinho, Ângela e Maya.

— Eu adoro essas duas – balança o bilhete enquanto fala. — Se um dia critiquei, não me lembro – diz, na maior cara dura.

— Ângela que o diga – devolvo, ao finalmente descer dos saltos altos e

dar um descanso para os meus pobres e sofridos pés.

— Quer um tempo? – olha para minha mão que segura a lingerie com firmeza.

— Quero, sim – preciso mesmo escovar os dentes, arrumar o cabelo e vestir essa indecência que Erick parece ter aprovado. — Só me diz que não pretende fugir para a festa enquanto eu estiver no banheiro – brinco.

É claro que não vai fazer isso, não o homem que quis tanto quanto eu que a festa terminasse. A festa acabou para nós dois, os outros, inclusive as responsáveis por tudo isso aqui, certamente ficarão por mais algumas horas e eu não tenho dúvidas de que faremos amor ao som de uma música eletrônica qualquer.

— Nem morto, amor. Desse quarto eu só saio para o aeroporto, para dar continuidade à nossa lua de mel – avisa, e eu não tenho tempo de perguntar mais uma vez para onde iremos, afinal, já fiz e ele disse que o destino da nossa viagem é uma surpresa.

Erick

— Tenho certeza de que você vai ser a minha morte, mulher – digo, de boca seca, ao ver a gostosa parar bem na minha frente, que assim como ela, decidi me preparar. Preparo que consiste em fazer uma rápida higiene pessoal no meu antigo quarto, voltar para o nosso, tirar a blusa e o short branco e deitar, vestindo somente a minha boxer da mesma cor.

— Você também não está nada mal – a safada, que veste uma indecente camisola branca e que deixa pouco à imaginação, manja o meu pau sem o menor pudor.

De igual modo, eu bebo da sua beleza, que mais me lembra um anjo do pecado com essa seda branca, onde as rendas cobrem partes estratégicas, mas não cobrem por inteiro a sua pequena calcinha. Nesse momento, eu estou tão excitado que será um milagre se eu não gozar na primeira arremetida.

— Vem cá, vem – chamo, e me sento com as pernas abertas na beirada da cama. – Quero você.

Trazendo o seu perfume e o corpo exuberante, minha mulher para entre as minhas pernas e eu penso que finalmente a tortura acabou, que hoje não tem quem me impeça de amar a minha gostosa.

— Quero tanto, que você vai ter que me perdoar por fazer isso – seguro a parte de cima da sua camisola e a rasgo de fora a fora, deixando somente com a calcinha fio dental clara, que em nada ajuda a esconder a evidência do seu desejo.

— Não poderia ter me pedido pra tirar, seu homem das cavernas? – pergunta, sem estar brava realmente.

— Poderia, mas tenho certeza que as meninas vão me perdoar por isso, afinal, ela era um empecilho entre mim e eles – abocanho seu seio esquerdo, enquanto com a mão belisco o outro mamilo excitado. — E muito menos isso – solto seu seio e desço a mão até levá-la para dentro da sua calcinha.

— Tão molhadinha, meu amor quer gozar? – meto dois dedos dentro do seu sexo pulsante, fazendo movimentos de entra e sai, enquanto o meu está tão duro que beira a dor. — Quer que eu acabe com esse vazio de dias que deve estar sentindo?

— Sim, eu já não suporto mais – abre mais as pernas, permitindo que meus dedos a penetrem com maior profundidade. — Nunca mais quero ficar tanto tempo sem isso – confessa entre gemidos, ao tomar a iniciativa de um dos beijos quentes que já demos, e enquanto ela me fode com a língua, eu a fodo com os dedos.

— Goza pra mim... – peço, com a boca na sua. — Isso, minha putinha, rebola, vai – incentivo e sem largar a minha boca, minha mulher senta sob o meu dedo, até que entre gemidos abafados pelos meus lábios, ela goza em cima deles e nesse momento eu não resisto a levá-los à sua boca, induzindo-a a chupá-los e sentir o seu próprio gosto.

— Tá sentindo o quanto você é gostosa? – ela me encara com intensidade, chupando os meus dedos como quem chupa o mais doce pirulito. — Vem, quero experimentar – exijo, ao segurar os cabelos da sua nuca e trazer a boca deliciosa para dentro da minha.

Enquanto eu como a boca da minha delícia com sofreguidão, ela desce a mãozinha pelo meu abdômen e, assim como eu fiz, começa a me masturbar por dentro da cueca.

— Fica em pé, querido – pede, e eu obedeço de prontidão. Quando o faço, ela se ajoelha na minha frente, desce a Calvin Klein por minhas pernas e quando tem meu pau duro e pulsante bem na frente do seu rosto, a gostosa o segura com as duas mãos macias e o chupa do jeito que gosta de fazer. Primeiro passa a língua na cabeça e depois o engole até onde consegue. E o que sua boca não dá conta, ela compensa com a mão, que faz delirantes movimentos e se reveza entre leves apertos e um vai e vem cadenciado.

Se no início eu a deixo comandar os movimentos, depois que o meu último resquício de controle se esvai, pego a sua cabeça, parando os seus movimentos e eu mesmo começo a meter.

— Isso, porra – tiro e vou até que seus olhos estejam cheios de lágrimas. — Engole, sua safada – meto, e quando sinto que estou prestes a esporrar dentro

da sua boca, saio e lhe estendo a mão. — Vem aqui, eu quero fazer isso dentro da minha bocetinha.

— Me come – pede, linda além do limite, com uma enorme mancha na frente da calcinha e a boca avermelhada dos meus beijos e de me levar quase até o talo.

— Agora – deito-a de costas no centro da cama, e sem deixar de lhe encarar, tiro a última peça que me impede de vê-la por inteira. — Como eu senti falta da minha bocetinha – abaixo até seu sexo, assopro, fazendo com que os pelinhos claros dos seus braços se arrepiem e deixo um beijo na parte de cima da sua pélvis. — E desse cheiro.

— Nem me lembre... – fala, com a voz rouca pelo tesão.

— Abre bem as pernas – Marina faz o que peço e me enfio entre elas, tomando cuidado para não sufocá-la com o meu peso. — Ainda está tomando o anticoncepcional?

— Sim – fico feliz por poder senti-la mais uma vez, sem nada entre nós.

— Minha esposa – observando todas as emoções que passam por seu rosto, começo a meter até que fique completamente dentro dela.

— Meu marido... – ofega, ao me sentir sair, para depois penetrá-la com rapidez. — Dessa vez eu quero com força.

— Assim? – soco com brutalidade, fazendo com que nossos quadris se batam e ela solte um gritinho de contentamento.

— Mais fundo – pede, seguro a sua coxa e ela entende o meu pedido ao enlaçar as pernas na minha cintura. Dessa forma e fazendo do jeito que minha gata gosta, a penetração fica mais profunda.

Não sei quanto tempo se passa, só sei que nos minutos seguintes, Marina e eu colocamos para fora toda a frustração de duas semanas sem fazer sexo. Fazemos o sexo no sentido mais puro da palavra, uma transa que nada tem a ver com amor, é puro tesão em forma de uma foda épica.

Depois de comê-la na tradicional papai e mamãe e ainda sem permitir que nenhum de nós dois encontre alívio, ainda experimentamos novas e loucas posições. No fim, depois de gozar e de me fazer pensar que não aguenta mais nada antes de algum descanso; a minha esposa, cheia de fogo, ainda me atíça para o sexo anal, e como eu não sou de deixar oportunidades passarem, dou a ela o que nós dois gostamos.

Quando paramos no meio da madrugada e com o som bem menos barulhento, estamos em frangalhos e com corpos e cabelos pingando de suor, que não temos forças nem para um banho.

É só depois de um cochilo e um banho revigorante que temos a chance de nos amar.

Dessa vez, com calma e olhando nos olhos um do outro, Marina e eu fazemos o nosso primeiro amor como marido e mulher.

— Eu te amo – de mãos dadas e lânguidos, declaro as palavras que são poucas para descrever a grandeza do que eu realmente sinto. — Muito! E isso é definitivo.

— Pra sempre, Marina e Erick – com um sorriso no rosto, meu amor cai novamente no sono e eu lhe trago para os meus braços, lugar onde sempre quero tê-la.



Com o sol alto batendo no meu rosto, desperto e encontro o lado da Marina vazio, e no momento em vou me levantar para procurá-la, ouço a sua voz encher o ambiente.

— Tô aqui na varanda, querido – vou até lá e a encontro observando o nosso jardim, que apesar de vazio, ainda ostenta a decoração da festa.

— Tudo bem? – abraço-a por trás e encosto a cabeça no seu ombro.

— Não poderia estar mais feliz. Só estava pensando na nossa história.

— Você sempre soube, não é?

— Acho que sim. Mesmo na época que parecia errado amar você, eu tinha a esperança de que o tempo se encarregaria de eliminar todas as barreiras, até que te fizesse enxergar que o meu amor era real e não é errado amar como nos amamos. Nunca foi.

— E conseguiu, amor. No dia em que eu decidi assumir os meus verdadeiros sentimentos, eu não quis outra coisa além de te fazer feliz, assim como você me faz pelo simples fato de existir. Obrigado!

— Pra sempre – afirma, emocionada, ao entrelaçar os nossos dedos.

— Pra sempre – confirmo, tendo a brisa suave que acaricia os nossos rostos e o sol da manhã que beija nossa pele, como testemunha de um amor que vai além da compreensão.

Um amor que tinha tudo para dar errado, mas que enfrentou e venceu todos os obstáculos que se interpuseram no meio do caminho, isso porque decidimos lutar por ele e abraçar o tão aguardado final feliz.

Quer dizer, começo feliz, pois o nosso caminho rumo ao para sempre está apenas começando.

— E então, minha esposa, não quer descer e tomar o primeiro café como a senhora Estevan? – pergunto, ao dar uma leve mordida no seu pescoço, para

depois lamber o local que prontamente ficou avermelhado.

— Só se for agora – fala, e se encolhe entre os meus braços, quando o balançar das árvores traz um vento mais forte. — Pra falar a verdade, eu estou tão varada de fome, que seria capaz de comer um bolo inteiro.

— Imagino que seria mesmo – viro-a de frente para mim. — Depois das atividades intensas e suadas dessa madrugada.

— Não vem me dizer que você não está faminto.

— Estou, com certeza – afirmo, alisando a sua cintura, que está coberta pelo robe de cetim lilás e tendo por baixo somente um conjunto de calcinha e sutiã. — Mas eu garanto que tem outra fome bem mais intensa e urgente – encosto minha ereção matinal na altura da sua barriga.

— Avisa pra sua outra fome que ela vai ter de esperar um pouquinho, pois a sua mulher aqui, apesar de querer matar a outra fome, precisa recuperar as energias e comer antes de ser comida.

— Então vamos logo – chamo, para depois soltar a sua cintura e entrelaçar os nossos dedos. — Estou doido para receber a minha sobremesa – pisco para os seus seios, querendo provocá-la. — Espera aqui, só um minutinho — peço, e me mando para dentro do banheiro.

Depois de rapidamente lavar o rosto e escovar os dentes, saio do banheiro e encontro a minha mulher sentada na ponta da cama, apenas me esperando para descermos juntos.

— Vamos? – estendo a mão e Marina a segura.

— Espera um pouco – ela dá uma leve puxada no meu braço, assim que dou o primeiro passo para fora do quarto. — Você vai descer assim? – aponta para o meu corpo e só então percebo que não visto nada além da cueca boxer preta.

Para sempre

Marina

— Para com isso – aos risos, descemos as escadas, com ele me abraçando por trás e atacando o meu pescoço com dentes afiados. — Daqui a pouco arranca um pedaço – brinco com a sua mania de estar sempre com a boca em algum canto do meu pescoço.

— Poxa, achei que a minha mulherzinha gostasse das minhas mordidas de amor – ele encena uma voz dramática, enquanto passamos pela sala e nos direcionamos para a cozinha.

Com um caminhar desastrado pela forma com estamos atracados, não consigo dar dois passos sem tropeçar nos seus pés.

— Você sabe muito bem o quanto eu gosto do seu lado vampiro.

Deve ser por isso que ele também gosta, já que não consigo esconder o quanto ter sua boca em mim me excita além do limite.

— Só acho que os nossos funcionários não pensam da mesma maneira. Já pensou proporcionar um filme pornô ao vivo?

— Tá exagerando, amor – parando no meio do caminho entre a sala e a cozinha, Erick me encosta na parede e se posiciona a minha frente, com o corpo tão colado quanto pode ao meu.

— Não tô não – seguro a sua cintura e, me apertando ainda mais contra ele, continuo: – Olha só para o seu estado, todo duro só por encostar na minha bunda por alguns minutos.

— Não é apenas uma bunda – falando com a boca em próxima a minha, meu marido leva as mãos até o meu bumbum e o aperta com gosto. — É a da minha gostosa e que eu sinto um tesão enorme por comer ela.

— Continuando – encerro o assunto, pois o papo já está ficando quente demais para uma manhã de domingo e para uma barriga vazia. — Se não controlarmos os nossos carinhos, expulsaremos todos dessa casa e você sabe que de um beijo para estarmos trepando em cima do sofá, não leva nem cinco minutos.

— Pensando por esse lado – concorda, mas não deixa de apertar com gosto o seu mais novo paraíso particular. Foi assim que ele intitulou, depois de ter conseguido o que queria e de ter se assegurado que eu gostei o suficiente para querer repetir. — O problema é que eu não tenho culpa de ter a esposa mais gostosa do mundo e de não me controlar quando estou lado dela – faz cara de inocente e beija o canto da minha boca.

— Por isso mesmo precisamos pegar mais leve na demonstração de afeto em público.

Enquanto digo isso, eu – de forma patética – estou na ponta dos pés, tentando me esfregar na sua ereção.

Misericórdia! Parece que a ideia da Ângela de nos separarmos por duas semanas, saiu melhor do que o esperado. É isso ou eu estou no cio.

— Já basta eu ter que fazer a caminhada da vergonha, toda vez que solto uns berros – revelo, e ele não deixa de sorrir da minha reação.

Como um homem experiente e que deve ter vivido as mais loucas experiências – que eu prefiro nem imaginar – Erick se diverte e não entende o porquê de eu ficar tão envergonhada pela possibilidade de as pessoas da casa nos ouvirem. Isso depois de eu explicar que, para mim, eles não são simples funcionários; são amigos que me viram crescer e me tornar a mulher que sou hoje.

Como meu maridinho é um devasso e descarado, toda vez que ouve minha explicação, apenas sorri e diz que eles sabem que a menina deles cresceu, se tornou adulta e que ao invés de se divertir com bonecas, agora passa as horas livres transando.

— Eles já ouviram o suficiente para saber que você faz sexo, amor, e nós já falamos sobre isso – diz, enquanto sua mão traça um caminho que sai do bumbum e vai até a altura do meu seio. — Mas já que não podemos transar amordaçados, o que acha de mantermos o meu apartamento?

— Me parece um ótimo plano – digo, animada e surpresa por não ter pensado nessa ideia.

— Não é como se fôssemos sair de casa todas as vezes que quisermos transar, até porque isso acontece com bastante frequência.

Talvez por perceber que estamos a alguns minutos tendo essa conversa em pé e que ela pode ir longe, Erick se afasta do meu corpo, segura a minha mão e me puxa para o sofá. Chegando lá, senta-se no canto esquerdo, para depois me ajeitar em cima de suas pernas. Agora mais confortáveis e sem deixar de trocar o carinho dos recém-casados, meu amor continua o que estava dizendo:

— O que podemos fazer é fugir para lá quando as coisas esquentarem demais – revela o seu plano.

— Mas sempre esquentar demais – faço a minha objeção, pois, entre nós, não existe isso de sexo morno.

Em uma realidade em que o fogo fica mais brando e o sexo menos intenso depois que a novidade de início de namoro passa, Erick e eu fomos na contramão, já que diferente do que acontece normalmente, o nosso tesão pelo outro só aumentou.

Parece que quanto mais o tempo passa, nos sentimos mais à vontade com os nossos desejos e desinibidos com o tipo de sexo e prazer que queremos proporcionar ao outro.

— Não tenha dúvidas disso, amor – fala, ao desatar o nó do meu robe e começar a alisar a minha barriga de um canto a outro, enquanto conversamos. — Mas tem uma ocasião em que você uiva como uma loba, e acho que nessas horas nem dez mordanças seriam capazes de abafar os seus sons.

— Eita, fiquei curiosa – revelo, e me arrependo assim que ele sussurra no meu ouvido o que me assanha a ponto de perder o controle.

Sem jeito e sem saber o motivo para isso, concordo com o que diz, porque se tem uma coisa que me deixa ensandecida, é quando nós dois fazemos sexo anal. O meu homem faz o negócio de uma forma tão deliciosa, que eu morro de vergonha de admitir em voz alta o quanto eu gosto da prática.

— Tem ideia do quanto fica linda assim, toda sem jeito por me ouvir te falar o quanto sente prazer ao dar a bunda?

— Cala a boca – enfio a cabeça entre o seu ombro e pescoço, tendo a certeza de que do meu rosto está subindo vapores de fumaça, pelo tanto que está quente.

— Calo, sim, mas que é verdade, isso é – vai subindo a mão macia pela minha costela e eu já estou toda arrepiada com todo esse papo de sexo que estamos tendo.

— Tem algo planejado para o dia de hoje?

Pergunto, pois, além de ser o nosso primeiro como marido e mulher, também é o último antes da nossa viagem de Lua de mel. Viagem essa que tem destino incerto para mim e até as malas foi ele quem fez. Só não sei se fez isso sozinho ou se tem dedo de duas traidoras, que parecem ter virado suas cúmplices em tudo que apronta.

— O que acha de batizarmos o meu apartamento mais tarde? – indaga. — Sabe aquele plano de fugirmos para ele quando tudo ficar intenso demais? – balanço a cabeça em confirmação. — Pois, é. Acho que esse momento chegou mais rápido do que imaginávamos.

— Mas a casa não vai estar vazia hoje? – lembro de ele ter dito que dispensou todos os funcionários e que teríamos a mansão só para a gente.

— Está, sim, mas é melhor prevenir. Ou quer correr o risco de sermos ouvidos? – o safado usa o meu constrangimento contra mim.

— De jeito nenhum, vamos para o nosso refúgio do pecado – brinco, e ele cai na risada.

— E sobre os planos, quero tentar uma coisa que vai te deixar tão ou mais tímida do que o sexo anal, mas que vai amar fazer, assim como gostou de

dar... – termina a frase no meu ouvido.

— E estamos esperando o quê para irmos? – pergunto, não tendo vergonha de deixar evidente a minha ansiedade em experimentar isso que ele tem em mente. Pois de uma coisa eu tenho certeza: vindo do Erick, a novidade não vai ser nada menos do que deliciosa e quente como o fogo do inferno.

— O café da manhã. Já que a senhorita fugiu do quarto, alegando estar faminta e não era pelo meu corpo.

Como se quisesse atestar as minhas palavras, assim que Erick termina de falar, meu estômago faz um barulho terrível, o que é motivo o suficiente para ele me tirar das suas pernas e me chamar para a cozinha.

— Vem, vamos primeiro matar essa fome e depois pensamos na outra – meu amor segura a minha mão e me leva para a cozinha.

— Oi, Maya – surpresa, cumprimento-a assim que entramos no amplo e moderno cômodo. — Achei que estaria em casa descansando – ela com certeza ficou a noite toda dançando.

— Vou agorinha – avisa. — Vim só preparar algo para os pombinhos.

— Pronto – termina de despejar o suco dentro de uma bonita jarra que está em cima do balcão e onde tem uma infinidade de delícias para o nosso café da manhã.

— Obrigada, amiga – agradeço, e sinto orgulho por ter conseguido construir uma amizade tão bacana com ela.

— Nada mais que o meu trabalho. E como estão os pombinhos nesse primeiro dia de casados?

— Com fome – Erick se mete, e eu dou uma cotovelada na sua barriga.

— Imagino que sim – rebate, com malícia. — Bom, deixa eu ir que estou exausta. Tenha uma boa viagem, Mari. Te vejo na volta – manda beijo e se manda pela porta dos fundos.

— Aposto que ela sabe para onde irei viajar – jogo verde, ao me sentar em cima da banqueta e pagar o copo com suco que Erick serviu para mim.

— Isso é você quem está dizendo – responde, enigmático. — No momento, a única coisa que posso revelar é que a senhora minha esposa terá um memorável primeiro dia de casada.

De repente, depois que ele faz essa promessa, começo a ter pressa e devorar tudo o que vejo pela frente, somente para chegar na parte em que ele vai cumpri-la.



— Você é muito bobo, meu amor – em seus braços novamente, balanço as pernas de um lado para o outro.

— Bem-vinda ao seu segundo lar, princesa – Erick termina de dizer e me coloca em pé no centro da sala.

Isso, duas horas depois de termos levantado, tomado um café delicioso e um banho tanto revigorante quanto quente.

Por um tempo, eu fico analisando o apartamento que aprendi a ver como especial, a partir do momento em que ele se tornou o nosso esconderijo contra a Patrícia. Foi aqui que muitas vezes nos escondemos para nos amar e continuará sendo aqui o refúgio para os dias ou noites mais intensas.

— Sabe o que eu estava pensando? – meu amor vem e me abraça por trás, não deixando de cheirar o meu pescoço, que tem o perfume doce que ele tanto adora.

— Não, me diz o que passa por essa sua mente mirabolante.

— Nada demais, tô só imaginando nós dois daqui a alguns anos, fugindo para esse apartamento para podermos transar. Pois, em casa não será possível sem sermos interrompidos pelas pestinhas dos nossos filhos – o que ele diz me surpreende tanto, que acabo me desvencilhando do seu agarre e me virando para poder olhar o seu rosto.

— Sério que você teve esse pensamento? – pergunto, toda derretida.

— Muito sério, por quê? Foi bobo demais? – indaga, inseguro, e eu não entendo o motivo, uma vez que já deixei bem claro o meu desejo de um dia ser a mãe dos seus filhos.

— Não foi bobo, querido – seguro o seu rosto e deixo um beijo leve na sua boca. — Foi muito fofo, por isso o motivo da minha surpresa e também porque depois que você falou, eu consegui visualizar perfeitamente a cena.

— Quero que saiba que no tempo certo – se interrompe, ao colocar a mão sobre a minha barriga — eu vou ser o homem mais feliz dessa terra, por ter o fruto do nosso amor crescendo dentro da sua barriga.

— E eu vou ser a mulher mais feliz, por te dar esse presente.

Neste momento, meu Erick me abraça bem apertado e quando se afasta, segura o meu rosto e, olhando dentro dos meus olhos, diz:

— Eu amo você – me pega nos braços e me leva para o seu quarto.

— E eu te adoro e preciso de você, mais do que preciso do ar para respirar – com o peito tão cheio de amor, que às vezes eu tenho a impressão que vai explodir pela enormidade dos meus sentimentos, beijo todos os lados do seu pescoço, enquanto ele, de maneira apressada, me leva para a cama.

— Até que chegue a hora, nós vamos treinar muito, não é, meu amor? – me deixa sentada no fim da cama king size. — O que acha de começarmos

agora?

Erick se agacha na altura do meu rosto e sem esperar pela resposta óbvia, me beija com carinho e ao terminar, afaga o meu rosto e diz. — Só um minuto que eu vou à sala buscar uma coisa.

Incapaz de falar, o vejo virar as costas e passar pela porta.

Erick

— Aqui está, o nosso kit foda do século – volto e deixo a bolsa pequena e quadrada em cima do seu colo.

— Tenho até medo de perguntar o que você anda aprontando e o que tem aqui dentro, meu amor – minha mulher pega a bolsinha com receio e eu acho graça da sua reação.

— Deixa que eu te mostro, minha linda – pego a bolsinha da sua mão, abro o zíper e primeiro tiro o tubo de lubrificante.

No ato, ela tem reações distintas e que me deixa ainda mais excitado. Primeiro vem a expressão envergonhada de sempre e junto dela a excitação que os seus pelos arrepiados não conseguem esconder.

— É, amor. Não podíamos deixar o seu tipo de sexo prefiro de fora da nossa comemoração de um dia de casados.

— O meu? E quanto ao seu tipo de sexo preferido?

— O que eu mais quero é estar em todas as partes de vocês. Ter tudo da minha mulher, até tê-la cheia de mim, cheia a ponto de não restar nada em seu corpo que eu não esteja tocando.

— Isso eu acho que não... – Marina já tem a voz ofegante, quando eu retiro segundo objeto de dentro da bolsa.

De imediato, os olhos da minha esposa crescem e ela fica toda tímida, do jeito que eu imaginava.

Marina

Um vibrador.

Meu marido saca de dentro da bolsa um vibrador de tamanho médio e que imita perfeitamente um pau de verdade.

Sob o seu olhar especulativo, eu não sei se fico surpresa por não ter visto um pessoalmente – apesar de uma vez ter insinuado o contrário – ou se pelo fato de ele estar pretendendo usar a coisa comigo.

— Amor, eu ... – vou dizer alguma idiotice qualquer, mas felizmente sou impedida quando ele coloca a mão em cima dos meus lábios e fala:

— Só relaxa, linda – coloca os objetos sobre a cama e começa a abrir o botão da minha camisa. — Lembra quando eu disse que ia gostar de me dar a sua bunda? – confirmo com a cabeça. — Pois é. Dessa vez não vai ser diferente e eu te garanto que vai ser umas das experiências mais prazerosas que você vai ter na vida sexual. Tanto que vai querer fazer de novo e de novo... – fala ao meu ouvido, ao mesmo tempo em que tira a minha blusa e eu já nem lembro mais da apreensão inicial.

— Eu quero...

— Eu sei que quer, esposa – pega a minha mão, me levanta da cama e em seguida tira restante da minha roupa. Quando me tem nua, Erick continua: — Você é como eu, gosta de sexo, de experimentar o novo. De dar e receber prazer.

— É você quem me encoraja – como ele fez antes, desço as mãos até o cós do seu jeans e desajeitadamente abro o botão e desço o zíper.

— Tão linda – elogia, ao passar a mão pelo meu corpo desnudo. — Eu quero você, Marina.

Mal termina de falar e então não leva mais do que alguns segundos para terminar de tirar a própria roupa e me deitar em cima da cama.

As horas que se seguem realmente são as mais intensas da minha vida sexual. Famintos um do outro, como só duas semanas separadas podem estar, Erick e eu nos empenhamos em compensar todo o distanciamento que nos foi imposto.

Como o prometido, Erick me apresenta o tipo de sexo mais depravado e quente que uma pessoa como eu poderia experimentar, e posso garantir que não só vale a pena, como também já estou ansiosa para repetir.

Com toda a sua perícia sexual e a safadeza que lhe é característica, meu amor me prepara da melhor maneira que pode, até conseguir me comer com o pênis e o vibrador ao mesmo tempo. Enquanto está deitado e me tem por cima, Erick pouco a pouco penetra o meu ânus com o pênis de borracha e na frente faz o mesmo, ao foder a minha boceta com o seu pau. Ao fazer isso, me sinto estranhamente mais próxima dele, como se não existisse mais nada que não o pertencesse em meu corpo e alma.

Meu marido passa vários minutos me comendo pela frente e por trás, e quando já pingando de suor eu acho que me deixará gozar, ele faz questão de desacelerar as metidas frenéticas tanto do pênis quanto do vibrador. Isso quando não está me levando à loucura, ao inverter as coisas e comer a minha bunda e na boceta enfiando o cacete de plástico.

No fim do dia, estamos exaustos e precisamos de um bom banho e depois de fazermos exatamente isso, caímos em um necessário e delicioso sono.

Sono do qual eu só agora consigo despertar, depois de sentir a barba por

fazer do meu esposo fazer cócegas nas minhas costas.

— Ei, acorda, preguiçosa – continua a descer os beijos, até chegar aos furinhos gêmeos que enfeitam o início da minha bunda. — Já está escurecendo, sabia?

Ao ouvi-lo, me viro de frente e vejo pelo relógio que já são 18h30 da tarde.

— Céus! Como o dia passou rápido – volto a jogar a cabeça contra o colchão.

— Passou mesmo. Só não sei se passamos a maior parte dele dormindo ou trepando.

— Acho que meu corpo dolorido tem a resposta, meu amor.

— Oh, meu Deus! – paira a parte superior do corpo contra o meu e continua: — Eu judiei do meu bebê, foi? – fala com a voz mais mansa, beijando em cima dos meus olhos, depois e ponta do meu nariz e por fim o canto da minha boca.

— Nada que eu não tenha gostado, muito – pisco, cheia de ousadia.

— Que bom saber que eu proporcionei um dia à altura da minha gata. Mas pode ir se acostumando, porque hoje foi só o primeiro de longos vinte dias.

— Estou tão ansiosa para saber o nosso destino.

— Amanhã você vai saber, linda – senta e começa a recolher as nossas roupas. — Só posso te garantir que seremos muito felizes lá.

— Só eu e você – me levanto e me sento às suas costas, para depois encostar a cabeça no seu ombro. — Juntos.

— Para sempre – completa, ao segurar a minha mão e beijar a minha bonita aliança de ouro.

Epílogo

Marina

Dois anos depois...

— Chegaram – cheia de empolgação, pulo do sofá onde eu e Erick estamos sentados e vou abrir a porta para as minhas amigas. Elas vieram para uma pequena comemoração pelo aniversário de dois anos de casamento.

Dois anos em que permaneceram o amor, a paixão e o companheirismo que sempre foram a nossa base. Anos em que tivemos a confirmação do quão verdadeiro e permanente é o nosso amor.

— Como você está linda – Ângela me abraça apertado, e eu fico emocionada por tê-la de volta à cidade, depois de longos meses afastada. — Nunca mais faça isso.

— Não, querida, dessa vez eu vim pra ficar – sinto-me aliviada por ouvi-la e por saber que terei a minha fiel escudeira de volta.

— E você, anda tão sumida – abraço uma Maya, que nem de longe lembra a mesma de dois anos atrás. — Você acredita que essa traidora me trocou pelo *MamaMia*? – falo, divertida. Elas sabem o quanto eu fiquei feliz quando minha amiga conseguiu uma vaga no restaurante mais badalado da cidade e hoje é considerada uma das chefes mais renomadas do local.

— Para de drama. Sempre que posso venho te visitar – elas terminam de entrar e concluo que não falta mais ninguém.

Aqui tem os poucos e necessários amigos para um simples jantar comemorativo, além, é claro, dos meus pequenos Floquinho de Neve e Thor, que sapecas como sempre, correm pela casa, derrubando tudo o que veem pela frente.

— Esqueceu com quem está falando, Ângela? Se não fizesse drama, nem seria a Marina que conhecemos.

O comentário de Maya arranca risada de todos, inclusive do meu marido, que até então estava entretido com o seu celular.

— Olá, meninas – Erick se levanta e cumprimenta cada uma com um beijo no rosto. — Ainda bem que chegaram, a amiga de vocês já estava se corroendo de ansiedade.

— Claro, não queria viajar sem antes vê-las – lhe lanço uma piscadela e as duas entendem que precisamos ter o nosso típico papo de mulherzinha, onde se fala de coisas que os ouvidos masculinos não teriam paciência para ouvir.

— Itália de novo? – é Ângela quem pergunta.

— Fazer o que, se a minha mulher gostou tanto da nossa Lua de mel e quer repeti-la todos os anos? – Erick vem por trás e enlaça a minha cintura, enquanto entrega o meu fascínio pelo país.

Está aí uma coisa que nem o decorrer dos anos consegue mudar. Não muito deferente da fase de namoro, Erick e eu ainda vivemos em uma eterna Lua de mel, inclusive na parte de não conseguirmos estar no mesmo ambiente e sem a necessidade de nos tocar.

— Não vou negar, pois todo mundo aqui sabe que é verdade – encosto minha cabeça no seu peito, enquanto as meninas sentam-se no sofá.

Pela terceira vez e daqui a dois dias, Erick e eu estaremos partindo para a Itália, mais precisamente para Veneza, um dos lugares mais lindos que eu já tive o prazer de conhecer. Gostei tanto da nossa primeira Lua de mel, que decidimos repeti-la todos os anos seguintes. A cada novo aniversário de casamento, lá estamos nós dentro de uma balsa e atravessando a ponte dos suspiros, visitando os principais pontos turísticos e experimentando as melhores comidas. Em cada uma dessas viagens, eu e meu amor dividimos os nossos dias em duas partes, e se durante manhã e tarde usamos as horas para turistar, as noites e madrugadas nós utilizamos para fazer amor e qualquer outra coisa que envolva nós dois nus e atracados um ao outro.

De toda forma, as viagens para a Itália se transformaram em uma coisa só nossa como casal e creio que não tem época do ano em que eu fique mais animada do que os dias que antecedem a viagem para o nosso paraíso particular.

— E a Lua, não vem? – sento-me na poltrona posicionada em frente ao sofá, enquanto meu marido serve bebidas para as meninas.

— Talvez só mais tarde, para curtir a piscina com a gente – respondo a pergunta de Maya, que apesar de nenhuma das duas terem criado um laço mais forte com a minha sócia, estranham quando não aparece, já que estão acostumadas a vê-la por aqui na maioria dos eventos que eu e Erick oferecemos. — O estúdio está bombando, meninas, e justamente hoje ela tinha uma reunião para fechar uma nova campanha.

— E a senhorita aqui, dando uma festinha? – Maya brinca.

— Lua sabe que esse período é muito importante para mim – explico. — Então nem foi surpresa o meu aviso de que estaria de férias.

— Que compreensiva, não é? – Ângela comenta, sem fazer questão de esconder o tom de ironia na voz.

A verdade é que existe certa animosidade entre as duas desde a primeira vez em que se viram e eu não quero nem imaginar os motivos para isso. Os da Ângela eu até suspeito – apesar de não querer – mas a resistência da Lua para com a minha amiga é uma coisa que não consigo entender, porque simplesmente

ela não tem motivos para isso.

— Vamos deixar esse assunto para depois – mudo a conversa e logo fico em pé. — Vem, meninas, vamos lá pra cima que o almoço ainda vai demorar um pouquinho.

As duas pegam as suas bolsas e antes de sair, me viro para o meu amor, que está digitando novamente no celular, e pergunto:

— Algum problema, querido? – minha voz tira a sua atenção do que estava fazendo e ele se limita a dizer:

— Não. É só uma visita surpresa vindo por aí.

— Visita surpresa? Mas que tipo de surpresa?

— Do tipo que tem muito tempo que não vemos essa pessoa. Mas acho que você vai gostar.

— Espero que sim – digo somente, pois mesmo estando me corroendo de curiosidade, não vou perguntar, porque sei que Erick não vai me contar. — Vou lá para cima com as meninas. Vai ficar tudo bem?

— Claro, minha linda, quando o almoço estiver pronto eu mando alguém chamar vocês – fala, e quando vou lhe dar um selinho de despedida, ele abocanha a minha boca em um longo e delicioso beijo, só terminando quando as garotas protestam, sem paciência.

Como eu disse, por aqui nada mudou.

— E aí, comprou as peças que te eu falei? – Maya indaga, assim que nós entramos no meu quarto e elas vão logo mexendo na infinidade de peças que mais cedo joguei sobre a cama e não tive tempo de terminar de separar as que vão para a Itália.

— Comprei, mas será que é realmente preciso isso tudo? – digo, e as duas me lançam olhares exasperados.

— É óbvio que é preciso, Marina. Pelo amor de Deus, tem vinte anos e não quarenta – Ângela fala, no momento em que começa a revirar as roupas em cima da cama. – Tem que apimentar essa relação, se é que isso é possível.

— Ah, amiga. Se você soubesse...

— Até parece que não conhecemos vocês dois – Maya se junta a Ângela na busca pelas peças indecentes. — Mas com um homem como o seu marido, não custa nada deixar a chama tão acesa o quanto for possível.

Minha amiga, que é um pouco mais velha do que eu e Ângela, fala e apesar de estar me fazendo de difícil, eu sei que elas têm razão. Além de ser mais velho, meu marido é um homem que chama atenção e vive cheio de belas mulheres à sua volta, então, apesar de saber que não tenho motivos para me preocupar e de saber que nossa paixão anda tão acesa quanto no início do namoro, concordo que devo usar meus truques para mantê-lo da forma como

está e se para isso for preciso me encher de mais lingerie do que posso usar, então eu vou fazer.

Me vendo assim, fazendo charme para mostrar simples peças de roupas, elas nem imaginam o antro de devassidão em que eu e meu marido transformamos o apartamento dele. Como o planejado no nosso primeiro dia de casados, o apartamento ficou e nós o usamos com mais frequência do que imaginávamos no início. Se o vibrador fez meu rosto arder de vergonha, os vários que vieram depois já não foram capazes de me tirar esse tipo de reação. O que restou foi apenas a excitação e a curiosidade de experimentar cada coisa vinda do *sexshop* que ele deve ter se tornado cliente.

Quanto às lingerie que deixam pouco à imaginação, não vou dizer para elas que as peças são o que de mais leve vou tentar, Erick já me fez perder a timidez há muito tempo.

Sim, ele fez isso, o que não significa não ter a mesma timidez em relação a outras pessoas.

— Podem parar que elas não estão aí – aviso, vou até um cantinho escondido do nosso closet e de lá tiro uma sacola preta e a jogo próximo de onde elas estão.

— O que é isso? – Maya pendura uma peça no dedo e as duas ficam de risadinha sacana. — Esse pedacinho de renda é mesmo uma calcinha?

— Pergunte a Ângela, foi ela quem trouxe a revista.

— Foi mesmo, e você deveria me agradecer – fala, convencida. — Tenho certeza que essa terceira Lua de mel vai ser bem divertida.

— Isso e se o Erick sobreviver a ela.

Ao dizer a última frase, olhamos de uma para a outra e caímos em uma risada sem motivos aparentes, rimos apenas por estarmos felizes.

Ao olhar para tudo o que me aconteceu nesses últimos anos, percebo que realmente tenho motivos para sorrir, me alegrar porque a vida sorriu para mim. Aos vinte anos, eu consegui me estabelecer na minha carreira de fotógrafa, casei com o homem que amo e tenho as melhores amigas que uma garota poderia querer.

Então, sim, hoje eu tenho motivos para me sentir a mulher mais feliz do mundo.

— Olha isso, Maya – agora é Ângela quem pega outra peça. — Imagina os peitões dela dentro disso? Eu aposto que o Erick não volta vivo e você?

— Já chega, acabou a palhaçada – vou tentar tomar, mas ela é mais rápida e pula por cima da cama e vai parar do outro lado do cômodo. — Vem aqui, sua peste.

Tendo como trilha a risada gostosa de Maya, Ângela e eu corremos como

duas crianças.

— Me dá isso aqui, Ângela – peço, entre risos. — Ficou tantos meses fora da cidade e voltou para me atormentar, foi?

Digo da boca para fora, pois só eu sei o quanto essa maluca que tanto me irrita quanto me faz rir, fez falta. Tudo o que sei é que estava em busca de um sonho, uma paixão que, segundo as suas palavras, eu só vou descobrir quando ele se concretizar por completo. A mim, só resta esperar e torcer para que a minha irmã de alma encontre a paz e a felicidade que tanto busca.

— Fala isso, mas sabe que me ama, senhora Marina Estevan – tenta mais uma vez escapar, mas sou mais rápida e agarro o sutiã que está na sua mão.

— Amo, sim, agora me devolve isso aqui. As duas já se divertiram demais às minhas custas. – Solta, peste.

— Para de ser chata, casou ontem e já perdeu o senso de humor? – ela puxa uma alça para um lado e eu puxo para o outro.

A palhaça da Maya não faz nada além de se divertir e nosso embate continua, até que uma coisa muito estranha acontece. De repente, o quarto começa a girar e até as forças para me mexer eu perco.

— Marina, o que foi? – vejo Ângela jogar a peça no chão e de maneira preocupada, abraçar a minha cintura. — Você está pálida.

— Traz ela pra cama, Angel – com a visão turva, vejo Maya empurrar todas as roupas para o canto, e quando me dou conta, já estou sem os meus sapatos e deitada contra o colchão.

— Chama o Erick – é Ângela quem dá a sugestão.

— Não, por favor. Estou bem, foi só uma tontura – afirmo. — Não quero preocupá-lo à toa.

Tenho certeza de que o meu marido iria pirar caso soubesse desse mal-estar repentino. É assim que ele tem agido desde o dia em que tomei um tiro e fiquei entre a vida e a morte. Para ele, não importa o que seja, se uma simples dor de cabeça ou algo mais sério, a preocupação vai ser sempre a mesma.

— Tudo bem – Ângela levanta e vai para a janela. — Vamos abrir isso aqui para você respirar melhor.

— Amor – ouço uma batida na porta e uma voz ressoar pelo quarto. — Tô entrando.

Putá que pariu!

Erick

— Tudo bem por aqui? – adentro o meu quarto e as meninas me olham assustadas e com uma expressão estranha no rosto. Mas a adiante, vejo minha

mulher deitada e uma sensação nada boa começa a comprimir o meu peito.

— Linda, o que houve? – sento ao seu lado e vejo seu rosto mais pálido do que uma folha de papel em branco.

— Não foi nada, só um leve mal-estar – Marina tenta amenizar a situação, mas eu já estou doente de preocupação.

Ela não tem ideia do quanto a iminência de perdê-la me afeta, ou talvez até tenha, já que tenta esconder coisas como essa. Isso tudo para não me preocupar, mas mal sabe ela que tudo me assusta, até mesmo uma respiração mais alterada.

E quem pode me culpar? Como julgar uma pessoa que alcançou a felicidade plena, pelo medo de um dia perdê-la de forma tão repentina, assim como já quase aconteceu?

Viver esse amor e o meu casamento com Marina é como ter a certeza de que a vida entrou nos trilhos e que aconteça o que acontecer, eu nunca deixarei de agradecer pela benção de ter encontrado a minha pessoa. A minha doce e amada Marina.

— Não diga isso, você não está bem – afirmo, enquanto acaricio o seu rosto. — Vamos ver um médico, faça isso. Por mim?

— Tudo bem, querido – diz, a contragosto. — Mas tenho certeza de que não é nada demais.

— Isso é o médico quem vai dizer, princesa – deixo um beijinho nos seus lábios. — Ângela, liga para o Doutor Roger, por favor – peço. — O contato está naquela mesinha ali.

— Tudo bem.

— Ainda sente alguma coisa? – analiso seu corpo, enquanto as amigas dela tentam falar com o médico.

— Foi só uma tontura mesmo. Vai ser essa a resposta do Doutor Roger.

— Mari...

— O almoço vai ser aqui mesmo? – da porta, a voz que não ouço há quase dois anos interrompe a minha fala.

— Bruno, redescobriu o caminho de casa?

Do seu jeito que não muda, vejo Bruno dar alguns passos e parar próximo de onde eu e minha esposa estamos.

— Não precisa chorar, meu amigo. Eu sei que você estava com saudades, mas eu estou de volta e vim em definitivo.

Apesar de estar zombando da minha cara, ele sabe que o seu mau humor e entrada repentina fizeram falta.

— Que bom, porque aquele escritório não é o mesmo sem você – revelo, e me volto para a minha linda. — Tudo bem? – ela confirma com um aceno de

cabeça.

— Tudo bem com você, Marina? – indaga, pois só agora se deu conta da situação.

— Claro que sim, Bruno. Foi só uma tontura – responde. — E seja bem-vindo de volta.

— Obrigado.

— Ele já está a caminho, Erick – Ângela se limita a dizer, e depois fica muda e tensa, assim como o meu amigo ficou.

O que há de errado com esses dois? Passaram-se dois anos, porra. Ainda é como se não pudessem ficar no mesmo ambiente que o outro. Eu só não sei se querem se matar ou transar.

— Tudo bem, Ângela? – ele cumprimenta.

— Ótimo – a chatinha responde, mordaz. — Fica bem, amiga, Doutor Roger chega em cinco minutos e eu tenho certeza que estará tudo bem com você. Eu espero muito que ela esteja certa.



— Calma, cara – a voz do Bruno está me irritando e ainda assim eu não paro de gastar o chão da sala, ao andar de um lado para o outro.

Já passou da 01h da tarde, e o que era pra ser um almoço comemorativo, passou a ser uma verdadeira tortura, pois, ao invés de estar comemorando alguma coisa, estou ouvindo Bruno me pedir para ficar calmo. Mas como ficar calmo, enquanto a minha mulher, que me expulsou do quarto e preferiu ficar com as amigas, está lá há vários minutos sendo examinada?

— Não me peça pra ficar calmo – aviso. — Quando for a sua mulher, a gente volta a ter essa conversa.

— Presta atenção, acho que estão descendo. Os passos denunciam e Bruno aponta na direção da escada, ainda que não esteja olhando para o mesmo local. Descem três pessoas e nenhuma delas é a minha mulher.

— Me falem, cadê a minha mulher? Por que ela não está com você?

— Calma, meu rapaz – o homem mais velho repete a frase odiosa. Volto meu olhar para Ângela e ela me tranquiliza.

— Está tudo ótimo com Marina – a chatinha afirma, com um sorriso no rosto, o mesmo sorriso que Maya tem. — Ela só pediu que você suba por um instante.

Ângela mal termina de falar e eu já estou subindo as escadas de dois em

dois degraus.

Ao entrar no quarto, minha menina está sentada e chorando como um bebê.

— Meu Deus! – corro para perto e pergunto, preocupado: — O que está acontecendo com você, princesa? Me fala o que eu posso fazer para... – paro de falar quando ela coloca as mãozinhas em cima da minha boca.

— É um choro de alegria, meu amor. Só de alegria.

— Alegria? Desculpa, mas eu não...

— Nós vamos ter um filho, Erick. Eu estou grávida.

— Como? – no ato, me levanto da cama e viro-lhe as costas.

Um filho.

Eu e o meu amor vamos ter um bebê.

Pai, vou ser pai. Porra!

— Eu pensei que você quisesse, já tínhamos até parado de fazer sexo protegido – me viro em sua direção e a voz e expressão triste me fazem entender que passei a impressão errada.

Você é um burro, Erick!

— Eu quero, princesa – sento ao seu lado e lhe abraço bem apertado. — Perdão se a surpresa me faz passar os sinais errados – seguro seu rosto e o beijo por todos os lados. — Hoje você me fez o homem mais feliz do mundo.

— De verdade? – limpa as lágrimas e me abre o mais lindo dos sorrisos.

— É claro, princesa, nós já estávamos tentando, não é?

— Sim, só não pensei que seria tão rápido.

— Pra você ver como sou bom no que faço – lhe provoco. — Só mirei e acertei em cheio. O importante é que o garotão do papai já está aqui dentro – toco em sua barriga, que ainda não dá nenhum sinal da recente gestação.

— Não se esqueça que pode ser uma garotinha.

— Não me importa, meu amor – com cuidado, empurro seu tronco e ela termina deitada como estava antes. — O que vale é que o nosso filho já está aqui dentro – levanto a sua blusa e começo a distribuir beijos por todos os lados da sua barriga.

— A nossa sementinha, ele deve ser tão pequeno ainda, querido.

— Sim, mas o papai já ama muito, não é, meu amor? – converso com o bebê, que há poucos minutos não sabia da existência e que já tenho um amor incondicional.

— Eu tenho certeza de que vai ser um excelente pai – diz, emocionada.

Ao ouvir sua declaração, subo o meu corpo e quando tenho meu rosto bem próximo do seu, declaro:

— E você vai ser uma excelente mãe, assim como é uma excelente

esposa – digo. — Eu te amo, hoje ainda mais por me dar esse presente e tornar a nossa felicidade completa.

— Pra sempre – afirma.

— Eu, você, nosso amor e a família que construiremos.

O dia em que era para comemorarmos o aniversário do nosso segundo ano de casamento, fica marcado como um dos dias mais especiais, não só para mim e minha mulher, mas também para os nossos amigos que ficam felizes por estarem presentes na dupla comemoração.

E como o planejado, dois dias depois estamos viajando para a Itália e lá curtimos a nossa novidade, mas não tão intensamente como das outras vezes, pois, devido ao estado da Marina, preferimos deixar as nossas aventuras sexuais para depois do nascimento do bebê. Quer dizer, eu decido; Marina passa toda a gravidez me testando e tentando me induzir a fazer o sexo selvagem que costumávamos fazer. Como não sou de pedra, acabo sucumbindo por algumas vezes, mas não o suficiente para que possa de alguma forma prejudicar o nosso filho.

Oito meses depois, e com bem menos trabalho e sexo selvagem, nasce o nosso pequeno e saudável João Guilherme.

Em um ambiente rodeado pelos amigos mais próximos, inclusive pela mãe e irmãos da minha pequena, o nosso menino vem para coroar a nossa felicidade e para ser a prova viva de que quando o amor bate à porta e é de verdade, como o meu e o da sua mãe, não adianta fugir, como eu tentei, ele sempre voltará para uma segunda chance. A oportunidade de reparar os erros e agarrar o que a vida tem para oferecer.

A recompensa? Essa eu tenho aqui, dentro dos meus braços e perto do meu coração.

— Papai te ama muito, pequeno – minha linda nos olha da porta do nosso quarto e tem o sorriso mais lindo do mundo. Sorriso que me deixa um pouco mais apaixonado a cada vez que o lança em minha direção.

Fim

A quem chegou aqui, obrigado. Espero que tenha gostado e se gostou, não se esqueça de deixar a sua avaliação e indicar para um amigo.

Contatos da autora

Facebook: <https://www.facebook.com/anne.autora>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/JoaneSilvaS>

Instagram: https://www.instagram.com/estante_da_anne/